



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

O Pivô na Redação da TVI

Luís Filipe Fernandes Varela de Almeida

**Relatório de Estágio Submetido como Requisito Parcial para a
Obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo**

Orientadora: Professora Doutora Maria José Mata
Professora Adjunta

Coorientador: Professor Dr. Daniel Cruzeiro
Professor Adjunto Convidado

Outubro de 2017

“Enquanto não alcances, não descanses.

De nenhum fruto queiras só metade”

Miguel Torga

“Ratings don't last. Good journalism does”

Dan Rather

*“Our job is only to hold up the mirror - to tell and
show the public what has happened”*

Walter Cronkite

Às mulheres fortes!

Que as conheçamos,

Que com elas estejamos.

Que a elas brindemos,

Que as estimemos,

Que delas cuidemos...

A ti, minha mãe, por tudo.

Declaração

Declaro que este trabalho é da minha autoria, sendo uma das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. É um trabalho original, que nunca foi apresentado a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau acadêmico ou qualquer outra habilitação.

Mais atesto que todas as citações estão devidamente identificadas, tendo ainda consciência que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Outubro de 2017

O candidato,

Luís Varela de Almeida

Resumo

A presente investigação expõe as atividades desenvolvidas durante um estágio realizado na editoria de Sociedade, na redação da TVI – Televisão Independente. Ao mesmo tempo, traz um olhar teórico, conceptual e analítico sobre o pivô, no geral e, em particular, sobre o pivô na redação da TVI.

Dado que os estudos sobre o pivô de informação são escassos, considerámos a pertinência deste tema e traçou-se uma estratégia para um estudo de caso, em que optámos por analisar determinados aspetos da atuação do pivô na apresentação dos noticiários, em situações diferentes.

Apesar deste relatório de estágio apresentar uma descrição das atividades desenvolvidas, não é esse o único objetivo. Trazemos uma reflexão crítica ao próprio estágio, mas também ao comportamento e ação dos pivôs na redação e na apresentação dos seus noticiários, através de um exercício de investigação que procura perceber como é que os pivôs atuam em diferentes cenários.

Palavras-Chave: Pivô; Jornalismo Televisivo; Jornalismo; Televisão; Redação; Noticiário.

Abstract

The following investigation exposes the activities developed during an internship in the society section, at the newsroom of TVI – Independent Television. At the same time, it brings a theoretical, conceptual and analytic look over the anchor, in general, and, in particular, over the anchor on TVI's newsroom.

Taking into account that the studies about the news anchor are scarce, we've considered the relevance of this theme and designed/build a strategy for a case study, in which we opted to analyze specific aspects of the anchor's behavior in the presentation of the news, in different situations/occasions.

Although this internship report presents a description of the activities developed, it is not its sole purpose. We bring a critical reflection to the internship itself, but also to the behavior and action of the anchors at the newsroom and in the presentation of their news, through an exercise of investigation that pursues the understanding of how the anchors act in different scenarios.

Keywords: Anchor; Broadcast Journalism; Journalism; Television; Television News; Newsroom; News Broadcast.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, o meu mais profundo agradecimento à minha orientadora Professora Doutora Maria José Mata, por toda a disponibilidade e paciência. Pela inteligência, ajuda, conselhos e, acima de tudo, pelo pragmatismo que me inculuiu e pelo contributo inestimável a este trabalho.

Ao meu coorientador, Dr. Daniel Cruzeiro, pelo contributo e pela visão conferida nas matérias abordadas ao longo do trabalho. O jornalismo televisivo precisa de si.

À TVI, a menina dos meus olhos, a casa que eu vi crescer e que diariamente me deu lições e tanto me faz sonhar. A todos os profissionais da TVI que me ensinaram tanto, mas tanto. Aos meus editores Ana Candeias, Francisco Prates e José Carlos Araújo. Obrigado por confiarem no estagiário. Particularmente, ao Zé Carlos pela aposta no miúdo que sempre sonhou ali trabalhar, por teres permitido que crescesse, pela experiência que me proporcionaste, pelos ensinamentos que me transmitiste, mas, mais do que isso, por me inspirares a fazer mais e melhor, todos os dias.

A todos os pivôs da TVI: em especial ao José Alberto Carvalho, à Ana Sofia Cardoso, à Judite Sousa, ao José Carlos Araújo e, ainda, ao diretor de informação da TVI, Sérgio Figueiredo, pelas entrevistas que me concederam.

Aos colegas estagiários, pela partilha e pelo ambiente de trabalho que, sem vocês, não era o mesmo. Carolina “Jean Paul Gaultier”, despacito?

À Carolina, pelo incentivo, pelas conversas, pelas brincadeiras e pela amizade que trouxemos de Coimbra até à capital.

À melhor professora do mundo e arredores, como a apelidávamos nas aulas, Professora Ana Cristina Moreira, pelo contributo linguístico conferido a este trabalho. E porque, sem saber, a minha ida para jornalismo teve a sua influência num ano tão fulcral da minha vida.

Agora, aos mais próximos, àqueles que todos os dias aqui estão, ao meu lado, nos maus e nos bons momentos:

À Marta e Vanessa, por serem as irmãs de uma vida. Por serem a prova viva de que a amizade pura é uma dádiva da vida e uma das melhores coisas que temos. Gosto tanto de vocês e outro tanto vos admiro e estimo.

À Catarina, pela alegria e humor. Pelo teu apoio incondicional ao longo desta etapa. Por, permanentemente, acreditares em mim. Envelhece comigo, o melhor ainda está por vir.

Ao João Pedro, meu irmão, por te admirar todos os dias na tua força de vontade, pelo teu alcançar de objetivos a cada dia que passa. Pelo orgulho em mim que não demonstras, mas que está aí, todos os dias, nas minhas vitórias. E eu, que apesar de tanta discórdia à mesa contigo, tenho orgulho em ti e de ti gosto.

À Fatinha, minha madrinha, por seres a família que não escolhi. Por seres um elemento fundamental da minha vida. Pelo apoio imprescindível ao longo destes dois anos, pelo incentivo e pela força. O teu pirata de água doce tornou-se mestre.

Por fim, ao início de tudo e à primeira de todas as pessoas, aquela que, sem ela (o ela tinha que cá estar), nada disto seria possível. O que dizer, não é, minha Mãe? Desculpa-me as falhas e o desequilíbrio. Obrigado por seres a principal peça do puzzle da minha vida, por seres o meu farol e a luz que me guia todos os dias, todas as horas e todos os minutos. Por me deixares voar e planar, mas estares sempre lá e incondicionalmente para me pões os pés na Terra, por me dizeres nos momentos certos “ok, recolhe as asas, por agora”. Por seres a mulher e pessoa mais forte que eu já conheci, por seres a pessoa que mais admiro, por continuares a ser a menina do Zé Alberto e não o desiludires e, com isso, servires de exemplo a todos na seriedade e retidão de um percurso de vida, do qual tu e todos nós nos podemos orgulhar. Não haverá nunca palavras que expressem o mais puro dos agradecimentos por tudo o que já fizeste por mim e pelo João, não haverá nunca atitudes nossas que se equiparem àquilo que já fizeste por nós, sabe-se lá como, sabe-se lá com que esforço. Não saberemos nunca, não faremos nunca ideia. Mas há uma coisa da qual temos a certeza: o que hoje somos, a ti o devemos; o que hoje mostramos, a ti o devemos; o que amanhã seremos, a ti o fomos buscar. Serás sempre o nosso maior legado. Não és eterna porque ninguém o é, mas ficará para sempre escrito nas linhas do Universo a enormíssima pessoa e alma que és e que, acima de tudo, minha Mãe, um obrigado nunca chegará.

Sou grato ao Universo. Hoje e todos os dias.

Índice

Declaração	III
Resumo	IV
Abstract	V
Agradecimentos	VI
Introdução	1
Capítulo I – TVI: A História e o Estágio	4
1.1.TVI: Televisão Independente – de 1993 a 2017	5
1.2.Atividades realizadas em estágio na editoria de Sociedade	13
1.2.1.Visão geral e rotinas de trabalho	13
1.2.2.Trabalhos realizados	14
1.2.3.Balanço e acompanhamento na redação.....	26
Capítulo II - O pivô de informação	30
2.1.O aparecimento e a influência da televisão.....	31
2.2.O impacto da televisão na sociedade	34
2.3.A informação televisiva: o noticiário.....	36
2.4.Abordagem histórica à função do pivô	44
2.4.1.Características e exigências.....	48
Capítulo III – O pivô na redação da TVI	65
3.1.O pivô na informação da TVI.....	66
3.2. As caras dos principais espaços de informação da TVI e da TVI24 – Jornal da Uma, Jornal das 8 e 25ª Hora	73
3.3.Os pivôs em ação: Especial Fátima <i>versus</i> emissão regular em estúdio, em Lisboa.....	94
3.3.1.Locais.....	94
3.3.2.A régie	94
3.3.3.No exterior: Especial Fátima 2017	96
3.4.Discussão de resultados	135
Considerações finais	136
Bibliografia.....	139
ANEXOS.....	141
Anexo nº1 Reportagens mencionadas ao longo do trabalho	143
Cf. CD apenso a este trabalho para os textos destas e outras reportagens efetuadas durante o estágio.....	143
Anexo nº2.....	144
Anexo nº 3.....	152

Anexo nº 4.....	166
Anexo nº 5.....	185
Anexo nº 6.....	206
Anexo nº 7.....	229

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Organograma da hierarquia da redação da TVI.	10
Tabela 2 - Modelo de qualidades necessárias para o pivô, segundo Alejandro Losada.	52
Tabela 3 - Mapa sociográfico dos pivôs da TVI e TVI24.	70
Tabela 4 - Análise do Jornal da Uma de 12-05-17.....	101
Tabela 5 - Análise do Jornal das 8 de 12-05-17.....	106
Tabela 6 – Análise do Jornal da Uma de 13-05-17.....	112
Tabela 7 - Análise do Jornal da Uma de 29-07-17.....	122
Tabela 8 - Análise do Jornal das 8 de 29-07-17.....	126
Tabela 9 - Análise do Jornal da Uma de 30-07-17.....	131

Índice de Figuras

Figura 1 - Nova linha gráfica da TVI.....	12
Figura 3 - Captura de ecrã dos momentos iniciais do plano televisivo com Judite Sousa e uma vítima mortal.....	84
Figura 4 - Captura de ecrã do momento em que Judite Sousa direciona a cabeça e a mão para o cadáver, agora mais próxima da fita de segurança.....	85
Figura 5 - Captura do momento em que o repórter de imagem foca o plano apenas no corpo.	85
Figura 6 - Captura de ecrã do segundo plano do repórter de imagem, apenas com o corpo. ...	86
Figura 7 - Captura de ecrã do momento em que Judite Sousa entrevista uma familiar - a nora - da vítima mortal.	86
Figura 8 - Captura de ecrã do último momento da reportagem, onde Judite Sousa se coloca ao lado de um carro destruído, em cima de um reboque. A jornalista assina a peça nesta situação.	87
Figura 10 - Captura de ecrã que ilustra a multidão presente na primeira noite da visita do Papa Francisco a Fátima. Primeiro plano da emissão do Jornal das 8 de 12-05-17	96
Figura 11 - Captura de ecrã de Cristina Reyna de sorriso aberto no final do Jornal da Uma de 12-05-17	101
Figura 12 - Captura de ecrã dos momentos iniciais da entrevista a Cristina Ferreira e Fátima Lopes, que denota o tom informal e bem-disposto já referido. Jornal das 8 de 12-05-17.	110
Figura 13 - Captura de ecrã que ilustra que o olhar de Cristina Reyna está acima da lente da câmara. Jornal da Uma de 13-05-17	113
Figura 14 - Panorâmica do novo estúdio da TVI	120
Figura 15 - Uma das novas valências do estúdio: ecrã gigante de 2x2 metros.	121
Figura 16 - Captura de ecrã da 21ª Hora do dia 20-02-2017.	121
Figura 17 - Captura de ecrã que mostra um claro sorriso da pivô. Jornal da Uma de 29-07-17.	123
Figura 18 - Captura de ecrã do momento em que Judite Sousa sorri depois de fazer um aparte a uma reportagem. Jornal das 8 de 29-07-17.	127
Figura 19 - Captura de ecrã com a pivô Cristina Reyna e o cenário atrás da mesma. Jornal da Uma de 30-07-17.....	132
Figura 9 - Texto final da deliberação da ERC sobre as queixas relativas à reportagem de Judite Sousa, emitida no Jornal das 8 de 16-06-17	229

Introdução

O jornalismo tem mudado ao longo do tempo, com as inovações tecnológicas, principalmente nas últimas duas décadas. O jornalismo televisivo tem, obviamente, acompanhado essa mudança. Ainda assim, é notório que uma das mais velhas invenções do jornalismo televisivo da história moderna ainda se mantém, a par da sua importância na transmissão da informação: o pivô.

Ao longo do tempo, observamos que a qualidade de imagem está melhor, os meios para a captação de elementos audiovisuais também e, o pivô, mantém-se como uma figura tradicional deste ramo do jornalismo. Mudam as tendências e evoluíram as técnicas e suportes para dar a notícia. E continuam, as estações de televisão, na busca incessante pela *persona* de alguém, que reúna um conjunto de características que, como iremos demonstrar ao longo do trabalho, nem sempre são fáceis de definir, para além de um dos elementos mais fundamentais do jornalismo: a credibilidade. Características que se baseiam na voz, na aparência, na empatia, na capacidade de cativar as pessoas, no percurso.

O trabalho dos pivôs poderá influenciar de sobremaneira os espetadores, uma vez que são os apresentadores que nos entregam a informação, várias vezes ao dia, todos os dias. Tanto assim é que “eles [os pivôs] podem ser membros da nossa família, [dado que] as suas caras são-nos tão familiares” (Goldberg & Goldberg, 1990, p. 9)¹. As gerações mais velhas, por exemplo, poderão dizer que cresceram a ver determinado pivô porque se identificam mais com ele.

Em tempos idos, os noticiários televisivos eram mais curtos, mas também tinham outra importância, na medida em que a televisão era a novidade. Era assumido, aliás, que “os noticiários eram um recurso democrático que responsabilizaria os governos pelas suas ações e fornecia aos cidadãos a informação necessária, de que eles precisavam para serem participantes ativos no processo político” (Baym, 2009, p. 5). Não faz parte do âmbito deste trabalho perceber se ainda assim é, contudo, o pivô sempre foi a cara dessa responsabilização de que nos fala Geoffrey Baym. São os pivôs que, normalmente, questionam as personalidades mais importantes da atualidade,

¹ Todas as traduções realizadas ao longo deste trabalho são da nossa inteira responsabilidade.

sejam elas do mundo político ou de outros ramos da sociedade. E, quando algo corre mal, por darem a cara, os pivôs são os primeiros a serem criticados.

Numa outra perspetiva, alguns pivôs ascendem a um estatuto de celebridade e a ordenados de milhares de euros (nos Estados Unidos de milhões de dólares) e são, por vezes, notícia. Os pivôs são admirados, mas também são olhados de lado por membros da comunidade jornalística. Todavia, notoriedade e mediatismo significam poder? Será que a generalidade das pessoas faz ideia de qual é, verdadeiramente, o papel do pivô num noticiário? Qual a relevância do pivô numa redação? Este trabalho ambiciona contribuir para uma resposta a estas perguntas.

Motiva-nos, na realização deste trabalho, a escassez de estudos em Portugal sobre a importância e o papel dos pivôs nas redações e, até, nas comunidades e sociedade em geral. Perceber, de facto, quem é que são e porque é que o são. Que características têm os pivôs que outros jornalistas não têm?

O presente relatório tem por base o estágio realizado na editoria de Sociedade, na redação da TVI, entre 1 de fevereiro e 30 de julho de 2017. No âmbito desse estágio, houve oportunidade de desenvolver as mais variadas tarefas jornalísticas, descritas adiante, mas também de recolher alguns dados que nos permitiram desenvolver um estudo de caso sobre os pivôs. Para esse estudo, as metodologias de investigação utilizadas foram as entrevistas que alguns pivôs nos concederam e observação de campo.

O relatório divide-se em três capítulos: o primeiro capítulo é dedicado ao estágio desenvolvido na redação da TVI, onde desenvolvemos a evolução da TVI desde o seu nascimento até aos dias de hoje e faz-se um breve enquadramento de algumas dinâmicas da redação. Ainda no primeiro capítulo, é feita uma descrição das rotinas de trabalho, bem como uma visão geral sobre o estágio. Mais à frente, são enquadrados e abordados os trabalhos desenvolvidos, ao mesmo tempo que se oferece uma reflexão crítica sobre os mesmos. Finalmente, é dado um balanço sobre o trabalho realizado e sobre o acompanhamento tido na redação da TVI.

No segundo capítulo, onde se aborda a função do pivô, olhamos para o aparecimento e impacto da televisão na sociedade, enquadrada num contexto histórico e de evolução ao longo dos tempos. Após esta fase de enquadramento e contexto, discorreremos sobre a informação televisiva, nomeadamente sobre o noticiário, numa

perspetiva atual, mas ao mesmo tempo, numa perspetiva de contextualização. De seguida, e porque é a figura principal de um noticiário televisivo, abordamos de forma direta e concreta o pivô. Começamos, claro está, com uma abordagem histórica à função. Terminamos este segundo capítulo com uma abordagem às características e exigências feitas aos pivôs.

O terceiro e último capítulo é dedicado ao estudo da função do pivô na redação da TVI. Começa-se por uma abordagem ao pivô na informação da TVI e, logo no início, oferecemos um mapa sociográfico dos apresentadores dos noticiários, mas também dos programas informativos da TVI24, onde se faz um breve levantamento de dados sobre o perfil dos pivôs, recorrendo, ainda, a entrevistas a quatro pivôs e ao diretor de informação.

Retratamos, com base na observação de campo da atuação dos pivôs nos noticiários, dois momentos distintos: uma emissão especial e outra num dia normal – que nos dará uma perceção do papel do pivô e das suas rotinas. São analisados os aspetos formais do alinhamento do jornal, os aspetos de atuação editorial do pivô, e ainda, os elementos de interação no discurso ou na gestualidade do pivô, no Jornal da Uma de 12 de maio, Jornal das 8 de 12 de maio, Jornal da uma de 13 de maio (respeitantes à emissão feita a partir de Fátima) e no Jornal da Uma de 29 de julho, Jornal das 8 de 29 de julho e Jornal da Uma de 30 de julho (respeitantes à emissão regular em estúdio).

Este estudo ambiciona ser um contributo para o jornalismo português, concretamente no estudo do pivô e para a escassez de estudos e referências bibliográficas sobre esta matéria, em Portugal.

Ao mesmo tempo, é nosso desejo que este trabalho possa contribuir para abrir portas a novas investigações sobre a função do pivô.

Capítulo I – TVI: A História e o Estágio

1.1. TVI: Televisão Independente – de 1993 a 2017

A TVI é, provavelmente, a estação de televisão mais popular do país. Os principais anos de viragem do mais popular canal de televisão são em 2000 e 2011. Vejamos, portanto, como tudo começou.

Surgiu na década de 90, tal como a SIC. As emissões começam no dia 20 de fevereiro de 1993, apenas 4 meses depois do primeiro canal privado português. A TVI nasce com uma ligação muito forte à Igreja Católica, com a designação “Quatro”, através de acionistas como a Universidade Católica Portuguesa, Rádio Renascença, Santuário de Fátima e Companhia de Jesus. O início desta estação foi bastante conturbado, visto que, sendo o quarto canal a surgir, tinha que se afirmar perante os restantes. As fracas audiências e as receitas publicitárias dos primeiros anos originaram uma necessidade de reformulação da TVI.

“Cinco anos depois, ocupando o último lugar de audiências entre as três estações generalistas, a TVI conhecerá, sucessivamente, três novas estruturas acionistas: a dos grupos Cisneros (venezuelano), Sonae e Lusomundo, por um breve período, até 1997; a do grupo Média Capital, até 2005; e a do grupo espanhol Prisa, que adquiriu nesta data, por 640 milhões de euros, 96% das ações da Média Capital” (Gomes, 2012, p. 87).

É precisamente em 1997 que um novo percurso se começa a estradar para a TVI, com a entrada de José Eduardo Moniz, antigo chefe de redação e diretor-geral da RTP, ainda pelas mãos da Sonae. Assume as funções de diretor-geral da TVI até Agosto de 2009. É também em 97 que Miguel Pais do Amaral, presidente da Média Capital, adquire parte da TVI. Deixamos de ter o canal “Quatro” para passarmos a ter a TVI. Ora, ao mesmo tempo, inicia-se uma forte reestruturação interna, na informação e na programação, que produz resultados, aumentando significativamente a sua audiência. Chegamos a 1999 e a Média Capital, grupo fundado em 1992 na área da imprensa e que chegou a deter o jornal *Independente*, torna-se a “dona” da TVI, por maioria de mais de 90% do capital. Podemos dizer que é aqui que a história da TVI verdadeiramente começa.

Em 2000, dá-se o ponto de viragem em absoluto na TVI e até na televisão portuguesa, com a estreia do *reality show* e fenómeno *Big Brother*. O conceito: 12 pessoas fechadas numa casa, durante 4 meses, sem privacidade e vigiadas 24 horas por

dia, sem contacto algum com o exterior e com um prémio final de 100 mil euros. O programa, apresentado por Teresa Guilherme, tem valores absurdos, à data, em termos de audiência, com números superiores a 1 milhão e 800 mil espetadores, com tendência para aumentar nas galas em direto. A TVI fica à frente da SIC, a outra estação privada e rival direta nas audiências, por mais de 13 pontos percentuais, facto inédito, como aponta uma notícia do Público, de outubro de 2000². Emídio Rangel, um dos fundadores da SIC e ex-diretor de informação e de programação da SIC, rejeitou o formato por não concordar com a filosofia do mesmo.

Para além do *Big Brother*, José Eduardo Moniz apostava fortemente na ficção nacional e na “tabloidização do principal jornal televisivo, o Jornal Nacional”, como refere Adelino Gomes (2012, p. 87). As apostas deram frutos e, em 2005, a TVI torna-se líder absoluta de audiências. Esse paradigma ainda não mudou. Onze anos depois, a TVI continua líder³. O caso Casa Pia foi uma oportunidade fulcral e decisiva para a TVI se tornar, à época, numa televisão “justiceira”: “jornalismo empenhado na condenação dos ricos e poderosos (...) e que não hesita em dar ampla divulgação pública a acusações anónimas e sem provas das mais altas figuras (...)” (Gomes, 2012, p. 88).

Atualmente, a TVI pertence aos espanhóis do grupo Prisa – detém, entre muitos outros jornais, revistas e rádios, o diário El País – mas está em processo de venda para os franceses da Altice, por 440 milhões de euros. A venda da Média Capital, por ser um projeto sustentável que até tem aumentado os lucros, é vista como uma parte importante e fundamental para reduzir o passivo da Prisa, que se situa em centenas de milhões de euros. O seu principal ativo, a TVI, tem uma cobertura média diária de quase 5 milhões de espetadores, dos quais mais de 3 milhões são em horário nobre⁴. Outros ativos importantes são a líder Rádio Comercial e a M80; a maior produtora audiovisual da Península Ibérica, a Plural; e no digital, algumas plataformas *online* com destaque para o Maisfutebol e TVI Player.

² *O efeito Big Brother*, de Sofia Rodrigues. Uma reportagem feita um mês depois da estreia do fenómeno televisivo. Disponível em: <https://www.publico.pt/2000/10/26/jornal/o-efeito-big-brother-150458> [Acedido a 10-09-17]

³ *TVI lidera audiências há 133 meses*, sem autor. Dados de setembro de 2017, disponíveis em: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/televisao/tvi-lidera-audiencias-ha-133-meses> [Acedido a 10-09-17]

⁴ *Meo fica com a TVI. Perceba o negócio*, de Alexandra Machado. Valores de audiência referidos neste guia completo para se perceber o que está em causa na venda da TVI. Disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/media/detalhe/meo-fica-com-tvi-perceba-o-negocio> [Acedido a 10-09-17]

Feita esta espécie de parêntesis sobre a venda da TVI, recuperamos o percurso do canal. De acordo com um estudo da ERC e do ISCTE, citado por Adelino Gomes, a TVI conta com o público “mais feminino, mais intergeracional (maior proximidade entre as diferentes faixas etárias) e o que inclui menor percentagem de indivíduos com formação superior (mais de 12 anos de escolaridade)”, estando em primeiro lugar as telenovelas com um peso de 63,9%. (Rebelo, 2008 em Gomes, 2012, pp. 74-75).

Manuela Moura Guedes foi, durante alguns anos, a principal cara da informação da TVI, para além de ter sido subdiretora de informação. Moura Guedes adotou um estilo diferente dos outros pivôs, mais efusivo, com pivôs mais longos e com um tom muito mais inquisitivo ao governo da altura. É afastada em 2005⁵, regressando depois em 2008 para apresentar um novo formato, o Jornal Nacional de Sexta. A estreia, segundo dados da Marktest⁶, teve uma audiência com mais de 3 milhões e 460 mil espetadores. O jornal termina em agosto de 2009, devido a pressões governamentais, alegadamente lideradas pelo Primeiro-ministro da altura, José Sócrates.

As audiências na informação estavam a cair, a Prisa nomeia uma nova administradora, Rosa Culell e, em 2011, tudo volta a mudar numa das maiores transferências da televisão portuguesa, em informação: José Alberto Carvalho e Judite Sousa deixam a RTP, respetivamente como diretor e diretora-adjunta de informação da estação pública, e vão para a TVI. Assumem os mesmos cargos⁷ no canal privado e o Jornal Nacional muda de nome para Jornal das 8. A 31 de dezembro de 2014, José Alberto Carvalho deixa o cargo de diretor de informação e passa a ser, exclusivamente, pivô. A 1 de janeiro de 2015, Sérgio Figueiredo, ex-diretor do Diário Económico e fora do jornalismo há 8 anos (era o presidente da Fundação EDP), assume a direção, cargo que mantém.

Atualmente, a TVI conta com três únicos espaços de informação: Diário da Manhã, Jornal da Uma e Jornal das 8, cuja caracterização é dada nas páginas seguintes.

Em 2009 nasce a TVI24, que foi de enorme importância no que diz respeito ao alargamento da informação com a chancela da TVI. Não há notícias feitas exclusivamente para os noticiários da TVI24, uma vez que a redação é só uma. O que

⁵ Os motivos não são claros atribuindo-se o seu afastamento, tal como em 2010, a pressões governamentais lideradas por José Sócrates.

⁶ Dados disponíveis em: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~10a4.aspx>

⁷ Judite Sousa torna-se diretora-adjunta da TVI, a par de António Prata.

muda é a equipa, sendo que há duas secções que trabalham muito mais com a TVI24: o *online* e o *digital desk*, que acompanham toda a atualidade ao minuto.

A TVI24 nasce numa conjuntura nada favorável. A SIC Notícias há muito que é líder de informação no cabo e a RTP também já tinha um canal de informação, agora com o nome de RTP3.

Devido, precisamente, às fracas audiências no geral, José Alberto Carvalho realiza, em 2012, uma forte reestruturação, com a eliminação das madrugadas, de vários programas, criação de outros e novos nomes para alguns. Atualmente, o diretor ou coordenador do canal informativo é o jornalista e pivô Pedro Pinto. Os principais rostos de apresentação são Ana Sofia Cardoso, Lurdes Baeta, Pedro Carvalhas, Conceição Queiroz e Marcos Pinto.

Durante o estágio, a TVI24 apostou também num novo formato para as manhãs. Ao invés do clássico noticiário hora a hora e o programa em que os telespetadores ligam para darem opinião sobre atualidade, o Discurso Direto que era emitido às 11h00, a direção apostou num formato que intercala as componentes referidas. Há um pivô que dá as notícias do dia e as de última hora e, num sofá, está outro pivô que recebe dois ou três convidados para falarem sobre dois ou três assuntos que a redação escolhe em reunião de preparação, com algum destaque para a segurança, desporto e, às quintas-feiras, para o cinema, numa promoção e discussão das estreias da semana, que conta com a participação dos apresentadores do magazine Cinebox⁸, Vítor Moura e Maria João Rosa.

O desporto assume um lugar quase central na grelha da TVI24. Mais Transferências, Mais Bastidores, Futebol+, Prolongamento e MaisFutebol são os principais programas e que têm bastante sucesso junto da audiência. Para além disso, muitos dos comentadores residentes destes programas participam nos vários noticiários da TVI24, bem como do Jornal das 8 da TVI. A 21^a Hora e a 25^a Hora, para além do futebol, são os programas mais vistos do cabo em horário nobre⁹.

⁸ Emitido aos sábados, num horário não definido concretamente, mas sempre entre as 10h00 e as 11h00.

⁹ *TVI lidera audiências há 133 meses*, sem autor. Dados de setembro de 2017, disponíveis em: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/televisao/tvi-lidera-audiencias-ha-133-meses> [Acedido a 10-09-17]

A redação é composta pelas editorias/secções de Sociedade, Política, Internacional, Economia (estas três últimas juntas numa só secção apelidada dentro da redação como “geringonça”), *Digital Desk*, *Online* e, não sendo editorias, mas porque estão na redação junto dessas, Cinebox, Agenda, Produção, edição de imagem, grafismo e direção. A Sociedade é a editoria com mais jornalistas e conta com três editores: Ana Candeias, José Carlos Araújo e Francisco Prates. Trata os mais variados temas, como saúde, educação, crime, segurança, gastronomia e cultura.

Os turnos de trabalho são das 9h00 às 17h00, das 10h00 às 18h00, das 14h00 às 21h00 e das 18h00 à 01h00. A primeira equipa a chegar à redação é a do Diário da Manhã, por volta das 4h30.

A encabeçar a informação da TVI está o diretor Sérgio Figueiredo. No organograma, na página seguinte, é possível perceber a hierarquia da redação da TVI.

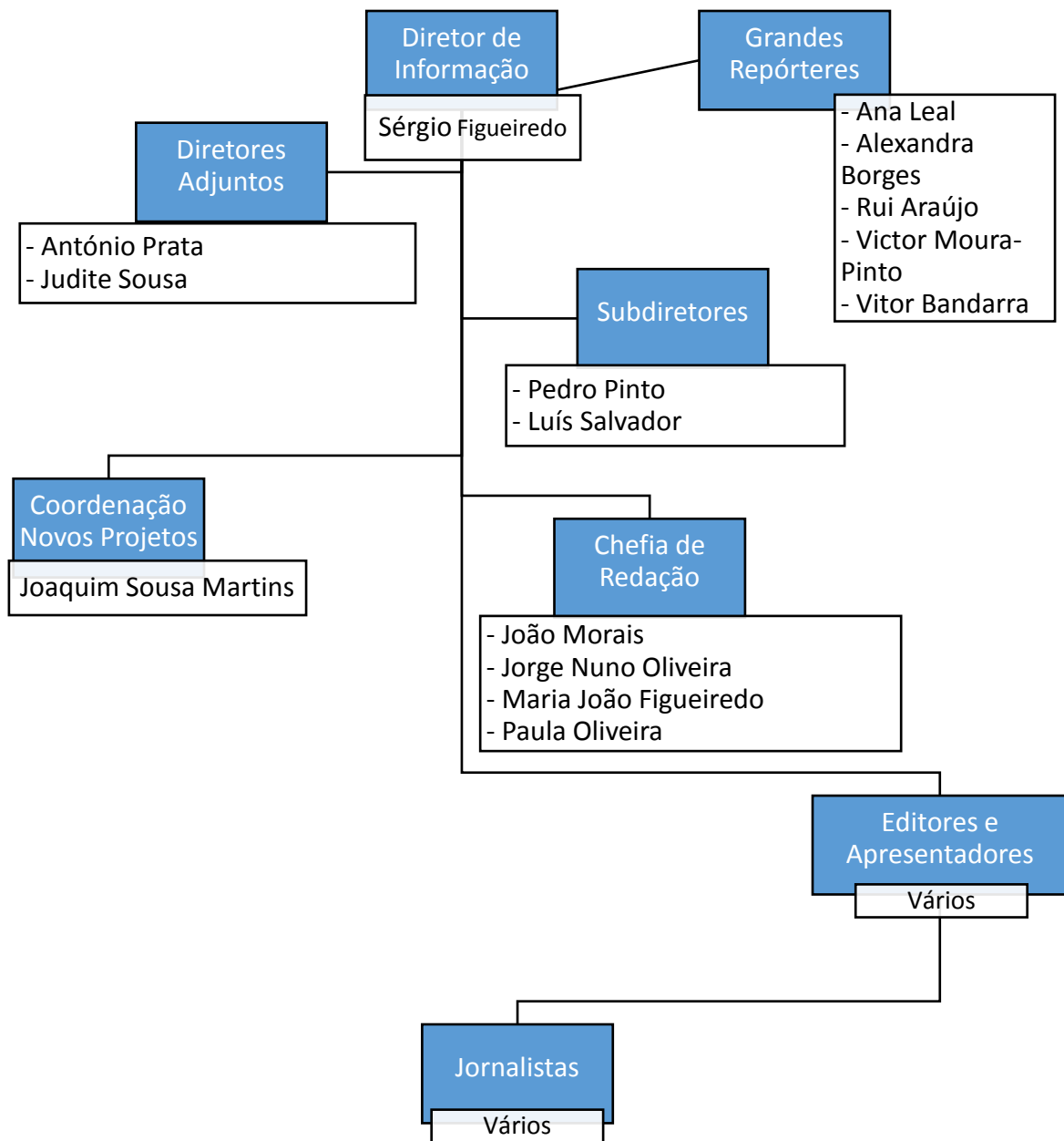


Tabela 1 - Organograma da hierarquia da redação da TVI.

Para além do descrito na página anterior, é importante realçar alguns aspetos para um melhor entendimento da organização da redação. Os grandes repórteres respondem diretamente ao diretor de informação, daí a disposição escolhida no organograma, sendo que não têm qualquer função de chefia. Pedro Pinto, pivô e subdiretor de informação, é o coordenador da TVI24. Para além da chefia de redação, João Morais, Jorge Nuno Oliveira e Maria João Figueiredo são editores do Jornal das 8. Jorge Nuno Oliveira é o responsável pela informação ao fim-de-semana. Paula Oliveira assume ainda as funções de diretora editorial do universo Media Capital Digital.

A velha “Quatro” foi acrescentando mais-valias ao seu universo, como é possível verificar na figura 1 da página seguinte. Em 2010, é lançada a TVI Internacional, um canal que pretende chegar às comunidades lusófonas espalhadas pelo mundo; em 2012, a TVI Ficção, em que é exibida toda a ficção nacional feita pela TVI; já em outubro de 2015, são lançados mais dois canais: TVI Reality e TVI África. O primeiro exhibe, 24 horas por dia e em direto, as imagens do *reality show* que a TVI estiver a transmitir. O segundo é um canal generalista para Angola e Moçambique que, para além dos espaços informativos Jornal da Uma e Jornal das 8, exhibe outros conteúdos em simultâneo com Portugal. Também em 2015, mas no início desse ano, é lançado o TVI Player, uma plataforma digital que permite visualizar toda a programação do universo TVI em direto ou *on demand*, em qualquer altura, lugar e dispositivo.

Em fevereiro deste ano, no âmbito do 24º aniversário, a linha gráfica da TVI, a redação e os estúdios de informação mudaram drasticamente e tive oportunidade de presenciar o lançamento da nova imagem e a estreia do novo estúdio. O canal mudou de logotipo, deixando de ter o famoso “i” e a placa a dizer “tvi”. Agora, apenas diz TVI e tem uma nova disposição de cores, conforme se vê na figura seguinte.



Figura 1 - Nova linha gráfica da TVI

Uma última referência para o facto da redação da TVI ser maioritariamente feminina, o que contrasta de forma brutal com o que era a prática habitual nas redações até há pouco tempo. Certo que nenhum dos três canais teve uma diretora de informação e que os cargos de chefia, na sociedade em geral, continuam quase exclusivo dos homens. Ainda assim, a TVI é administrada por uma mulher, desde 2011, a administradora-delegada Rosa Cullel,

1.2. Atividades realizadas em estágio na editoria de Sociedade

1.2.1. Visão geral e rotinas de trabalho

O estágio na redação da TVI, na editoria de Sociedade, começou a 1 de fevereiro de 2016 e teve o seu término a 31 de julho do mesmo ano. Como já referi, os turnos de trabalho são das 9h00 às 17h00, das 10h00 às 18h00, das 14h00 às 21h00 e das 18h00 à 01h00. Não posso afirmar que tinha um horário certo. Trabalhei mais de oito, nove, dez, onze, doze e, num caso, catorze horas por dia (reabertura da discoteca Luanda). Não faço esta afirmação no sentido de me queixar, antes pelo contrário. Todavia, começava o meu dia de trabalho sempre entre as 9h00 e as 10h00, raramente depois. A hora de saída é que variava, daí que não consiga fazer uma generalização. Em finais de março, início de abril, comecei a sair muito frequentemente depois de ter feito nove horas de trabalho. Os motivos: havia trabalho perto da minha hora de sair e, umas vezes, os editores perguntavam-me se não me importava de ter mais trabalho ou porque não havia mais ninguém disponível ou porque as tarefas surgiam perto da minha hora de saída – amiúde, quando ia perguntar se já não precisavam mais de mim. Outro motivo pela hora tardia de saída era o facto de me marcarem reportagens durante a tarde e chegar à suposta hora de saída à redação. Ora, se tinha que fazer uma reportagem para o Jornal das 8, não poderia sair sem que a mesma ficasse concluída. Ressalvo, no entanto, que essa situação não se aplica aos jornalistas. Claro que muitas vezes chegavam depois da hora de saída e concluíam as reportagens, mas com frequência, passavam essas reportagens a colegas porque já não estava no horário deles. Além disso, os próprios editores têm em conta a hora de entrada e saída dos jornalistas, quando marcam as reportagens. Aliás, na maior parte das vezes, as reportagens (“saídas” na gíria da redação) eram marcadas no próprio dia. Eram poucas aquelas em que o jornalista já sabia, por exemplo no dia anterior, que teria de ir a algum evento.

Quanto aos fins-de-semana, não era usual que fosse chamado a trabalhar nesse período. Notoriamente mais calmo, com uma redação quase vazia, as peças nesses dois dias eram marcadas de antemão, de acordo com os jornalistas que estivessem de serviço. No meu primeiro mês de trabalho, numa sexta-feira, perguntei ao meu editor, José Carlos Araújo, se era preciso ir trabalhar no dia a seguir. O mesmo disse que sim e

desperdicei dois dias, visto que não havia trabalho para mim, mesmo depois de me ter apresentado ao editor de fim de semana, Jorge Nuno Oliveira.

Por fim, as folgas não eram fixas, nem me diziam para não ir trabalhar naquele dia porque era o meu descanso semanal. Contudo, sempre que precisei de faltar, nunca me foi negada a autorização para o fazer. Inclusive, por motivos pessoais, tive que me ausentar do país por duas vezes: quatro dias em março e outros quatro em junho. Quando precisei de o fazer, tendo dito que compensaria as horas assim que chegasse, foi-me dito pelo meu editor, José Carlos Araújo, que eu já compensava essas horas com o meu trabalho diário e com as horas a mais que eu trabalhava.

1.2.2. Trabalhos realizados

A primeira saída em reportagem, sozinho, verificou-se no segundo dia: um incêndio no bar “Meio Metro”, numa das praias da Costa da Caparica.

Por ser o segundo dia, fiquei admirado por me enviarem para o terreno sem qualquer experiência. O editor José Carlos Araújo transmitiu-me as informações que tinha, sugeriu que contactasse os bombeiros e que entrevistasse possíveis testemunhas do ocorrido no local. Durante a viagem, contactei os bombeiros e a GNR para obter mais informações. Quando cheguei ao local, os bombeiros ainda estavam no local em fase de rescaldo e já havia elementos da Polícia Judiciária a investigar o sucedido.

Em primeiro lugar, observei tudo em redor. Considero que seja fundamental observar o que está a acontecer e quem está presente, mais ainda não tendo experiência de terreno. Feita essa observação, dirigi-me ao epicentro do local, onde se encontravam as forças de segurança. Um elemento da polícia marítima, que me viu com o microfone da TVI na mão, cumprimentou-me e pediu-me a carteira profissional de jornalista para poder passar. Obviamente, não possuo esse documento, pelo que lhe expliquei que era estagiário da TVI, mas não pedi, nem insisti, que me deixasse passar, uma vez que não tenho o referido título profissional. Optei por esperar pelo meu colega e repórter de imagem, José Brinco, que tem a carteira profissional e pensei que se ele apresentasse a dele, tudo estaria resolvido. Assim foi.

Mais perto dos destroços, voltei a observar o que se passava, enquanto o meu colega captava algumas imagens. O dono do bar escondeu-se das câmaras da TVI,

suponho eu por não querer falar connosco. Abordei, de seguida, algumas pessoas. A maior parte delas não quis falar. Contudo, deparei-me com um familiar do dono do bar que aceitou em prestar declarações.

O José Brinco, repórter de imagem, desde o início que se mostrou prestável e zeloso, dando alguns conselhos, sem nunca impor a sua forma de ver as coisas, pois, afinal, o “jornalista” era eu. Chegado à redação, o editor, José Carlos Araújo, perguntou o que tinha acontecido, como tinha corrido e informou-me que deveria passar as informações e a peça à jornalista Maria Viegas, pois seria ela a escrevê-la.

A seguir a esta primeira saída e até ao final do estágio realizei mais de 50 peças¹⁰ informativas, isto sem contar com *offs*, pequenas entrevistas a determinada pessoa/personalidade para um jornalista com uma peça em mãos, legendagem de peças e pedidos de informações e contactos. Ainda assim, o mês de fevereiro não pode ser considerado como produtivo, dado que, em termos temporais, estive na redação sem trabalho durante cerca de 3 semanas, apenas com duas ou três saídas. Percebi que todo o trabalho que havia, estava a ser distribuído a outros jornalistas e a uma colega estagiária, que já lá estava desde dezembro de 2016. No entanto, fui perguntando se precisavam de alguma coisa ou se havia algum trabalho para fazer. Os vários editores de sociedade, Ana Candeias, Francisco Prates e José Carlos Araújo, foram respondendo o mesmo: “assim que houver, chamamos-te”. Noto, no entanto, o desconforto do José Carlos Araújo. Disse-me diretamente que era injusto para mim, que não fazia sentido chegar à redação e não fazer nada e, quando chegava a hora de saída, as 17h00, e eu perguntava se precisavam mais de mim, José Carlos Araújo pediu-me desculpa por não ter tido trabalho.

Por vontade própria, e porque não queria estar parado, pedi para acompanhar jornalistas em diretos e reportagens, e fiz igualmente o acompanhamento do Jornal da Uma e do Jornal das 8, atrás das câmaras e na régie. Desta forma, conseguia obter uma visão mais alargada sobre o que se passa nos bastidores e que, por conseguinte, os espetadores não sabem.

¹⁰ No entanto, anexo a este trabalho estão 43 dessas reportagens. Pivôs e textos das peças realizadas, disponíveis no CD apenso a este trabalho.

Ainda neste primeiro mês, a 17 de fevereiro, destaco a cobertura¹¹ que efetuei sobre a entrega de novas viaturas da marca *BMW* à PSP, na sede nacional, e com a presença da Ministra da Administração Interna. Uma vez que a saída implicava a realização de perguntas a um membro do Governo, a preparação teria que ser ainda maior. Não quero com isto afirmar que se tem mais ou menos preparação que uma entrevista a um anónimo; no entanto, por se tratar de um ministro e por se tratar da primeira aparição pública da tutela das polícias, depois do roubo de armas *Glock* da sede nacional da PSP, a responsabilidade era maior. Como tal, a minha preparação consistiu em ler as notícias que a TVI já tinha emitido nos jornais e outras de outros órgãos de comunicação social. Tomei esta iniciativa mais por segurança do que por outro motivo. Isto porque era um assunto sobre o qual eu estava bastante informado, uma vez que acompanho diariamente a atualidade informativa e tinha seguido este assunto desde o início devido ao meu gosto pelos temas da criminalidade, segurança e justiça. Elenquei algumas perguntas chave que achei relevantes, não só pelo assunto das armas, mas também pela entrega das 32 viaturas *BMW*. O editor, José Carlos Araújo, concordou com as minhas perguntas antes da minha saída da TVI. A saber:

- Se havia suspeitas de tráfico internacional de armas, porque é que a Polícia Judiciária não estava a investigar o caso?

- Em que moldes foram apreendidas estas armas, em Espanha? Os suspeitos que foram detidos disseram alguma coisa de relevante?

- Não é normal desaparecerem 50 pistolas da direção nacional da polícia, o que falhou na vigilância?

- Porque é que estas armas não estavam distribuídas aos agentes, mas sim guardadas?

- Em março do ano passado, 1250 viaturas do parque automóvel da PSP estavam em reparação, 30 % do total. Há esquadras sem uma única viatura, em que os agentes têm que andar a pé e utilizarem a viatura própria para responderem às ocorrências. 32 *BMW* resolvem a questão, senhora ministra?

¹¹ Declarações da ministra da administração interna sobre o roubo de armas da PSP, no Jornal das 8 de 17 de fevereiro, aos 12'40": <http://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/58a76bbf0cf222228e5bd984>

Além destas perguntas, um jornalista pediu-me para questionar a Ministra da Administração Interna sobre uma esquadra da PSP, junto ao Palácio da Justiça, que tem amianto. Os polícias já se queixaram várias vezes e a Quercus já estava envolvida no caso e disse que não estavam a respeitar a lei, no que diz respeito às regras de proteção e isolamento. Como tal, importava perceber até quando iam lá ficar os agentes, de que forma os iam ajudar, porque é que estava a demorar tanto tempo até que houvesse uma intervenção do Ministério da Administração Interna. Ora, questionar um membro do governo com outros jornalistas, com os agentes do Corpo de Segurança Pessoal que protegem as entidades importantes e com os assessores, para quem nunca o tinha feito, é intimidante. Apesar de haver uma espécie de acordo não oficial entre jornalistas em que cada um faz uma pergunta, pelo menos, a confusão muitas vezes instala-se. As perguntas foram sendo feitas, até que um jornalista da CMTV começou a questionar a Ministra sobre um microfone que tinha sido roubado. O tom do jornalista não era o normal, quase que exaltado, mas Constança Urbano de Sousa lá foi respondendo. Nesse momento, queria fazer a questão sobre o amianto, começo a falar e a assessora agarra na ministra por um braço e simplesmente leva-a com brusquidão. Os agentes do Corpo de Segurança Pessoal colocaram-se à nossa frente para impedir a passagem e percebemos, logicamente, que já não havia mais entrevista.

Chegado à redação, foi-me pedido que seleccionasse o mais importante do que a Ministra tinha dito apenas sobre o roubo das armas. Assim o fiz e o “vivo” foi adicionado a uma peça que já tinha sido feita para o Jornal da Uma, sobre esse roubo de armas. Ou seja, toda a parte da entrega de novas viaturas não foi para o ar. Apenas as declarações da Ministra sobre o roubo de armas.

Dando um pequeno salto cronológico, apenas porque estamos a falar de entrevistas a membros do governo, a 5 de maio tive oportunidade de entrevistar o Primeiro-ministro, no âmbito do nono aniversário da Unidade Especial de Polícia da PSP, cuja cerimónia foi presidida precisamente por António Costa. Um dos meus editores, Francisco Prates, marcou-me a reportagem e disse que teria de falar com um dos editores de Política, o Paulo Almoester, antes de sair. Assim o fiz. Almoester perguntou-me, talvez para me testar, qual era o assunto mais relevante politicamente para questionar o Primeiro-ministro. Eu respondi que era o facto de Rui Moreira, presidente da Câmara Municipal do Porto, ter recusado o apoio do Partido Socialista para as

eleições autárquicas nessa mesma manhã. O editor anuiu, mas acrescentou que António Costa não iria querer responder a essa questão, com a justificação de que estaria no aniversário da Unidade Especial de Polícia como Primeiro-ministro e não como Secretário-geral do PS, logicamente. De seguida, perguntou-me o que eu sabia sobre o caso do jogo virtual *Baleia Azul*, um jogo que levou vários adolescentes a atentarem contra à própria vida, resultando, nalguns casos, no suicídio. Expliquei, portanto, o que sabia. Paulo Almoester pediu-me que questionasse o Primeiro-ministro acerca desse assunto. Analiso, aqui, uma clara diferença: com a Ministra da Administração Interna, fui eu que sugeri as questões, fruto daquilo que eu sabia, do que achei pertinente questionar e que posteriormente foram aceites; com o Primeiro-ministro, apesar de também estar por dentro da atualidade, as mesmas foram-me pedidas pelo editor de Política.

Para além do acima descrito, a reportagem propriamente dita sobre o aniversário da Unidade Especial de Polícia não chegou a ser realizada, uma vez que o repórter de imagem que me acompanhou já não queria trabalhar mais porque a sua hora de saída da TVI já tinha chegado. Ora, a Unidade Especial de Polícia iria realizar alguns simulacros, que nós não captámos. Isto obrigou-me a ligar ao meu editor, José Carlos Araújo, porque é a ele que tenho que reportar o que se passa no terreno. Ele falou com o chefe dos repórteres de imagem, que por sua vez ligou ao colega que estava comigo para perceber e tentar resolver a situação. Acontece que entre estas hesitações e telefonemas, a PSP foi realizando os exercícios. Conclusão: acabei por sugerir ao editor e apresentador do programa SOS 24, Miguel Fernandes, da TVI24, programa que se dedica aos temas da segurança, criminalidade e terrorismo, se queria que eu escrevesse um *off*. A sugestão foi imediatamente aceite¹².

Voltando à cronologia, foi também em fevereiro, e após a denúncia da *Amnistia Internacional* em Portugal de que os reclusos não têm acesso a cuidados de saúde, que são torturados, humilhados e espancados pelos guardas prisionais e pelo GISP – Grupo de Intervenção e Segurança Prisional – que, por minha sugestão ao editor e consequente aprovação, comecei a investigar esta questão. Com efeito, apurei que havia várias denúncias de alegadas agressões do GISP a reclusos, no Estabelecimento Prisional da

¹² Off sobre o aniversário da Unidade Especial de Polícia, aos 16': <http://tviplayer.iol.pt/programa/sos-24/57d4aabe0cf2d382b7e983b8/video/590ce5da0cf2004cbd402f15>

Carregueira em Sintra, em outubro de 2016. Inclusive, apurei que havia um inquérito a correr termos no Departamento de Investigação e Ação Penal do Ministério Público de Sintra. Após requerimento à procuradora titular do processo, escrito por mim, mas enviado pela jornalista responsável por acompanhar os temas e processos judiciais, Cláudia Rosenbusch, com um pedido específico para que “Luís Almeida, estagiário na redação da TVI” pudesse consultar o processo, obtivemos uma resposta positiva: o requerimento foi diferido e, de forma autónoma, mas com o aval e em representação da TVI, desloquei-me ao tribunal de Sintra, onde procedi à consulta do processo. A partir daqui, foram tomadas mais diligências jornalísticas, no sentido de obter mais informações e de tentar consultar as imagens de videovigilância da noite das alegadas agressões. Aquando da consulta do processo, a procuradora titular do referido ordenou que o CD que continha as imagens da prisão da Carregueira fosse desentranhado (bem como outros elementos processuais) ou seja, nem eu, nem a jornalista Cláudia Rosenbusch poderíamos consultar esse CD. Ora, sabendo que a televisão trabalha com imagens, e estando lá a informação da Adjunta da Direção para a Área de Execução de Penas e Jurídica da Direção Geral dos Serviços Prisionais que visionou essas imagens e afirmou que “são passíveis de acarretar (...) responsabilidade disciplinar para os elementos do GISP envolvidos e (...) [por isso] somos em propor a remessa destes autos ao Serviço de auditoria e Inspeção [do Ministério da Justiça, que tutela os serviços prisionais] para melhor avaliação e adoção de medidas pertinentes”, o objetivo era visionar essas imagens. Ou seja, a própria diretora adjunta para execução de penas estava a afirmar que havia motivos para instaurar processos disciplinares a alguns agentes.

Através de requerimentos, incluindo recursos hierárquicos, tentou-se essa consulta, que foi sempre negada, com base de que poderia contender com a reserva e intimidade da vida privada dos envolvidos (algo que não se entendeu, pois havia fotografias e nomes dos reclusos no processo a que tive acesso). Fi-lo sempre com a supervisão dos editores e, ainda, da jornalista responsável pelos temas judiciais; sublinho que todos os passos que dei nesta matéria, não os dei sem o conhecimento prévio e consequente aprovação dos editores. A possível reportagem não teve mais avanços, uma vez que sem as imagens e sem os testemunhos das partes envolvidas, incluindo um advogado de um recluso que se recusou a falar comigo sobre o sucedido,

não era possível obter um rigoroso trabalho jornalístico. A única hipótese restante seria aguardar pelo envio do processo a julgamento e requerer ao juiz a consulta dos mesmos. Ora, à data do término do estágio o processo ainda se encontra na 2ª Secção do Departamento de Investigação e Ação Penal do Ministério Público de Sintra. O aval do editor para que eu pudesse avançar com a investigação foi dado a 22 de fevereiro.

Faço, ainda, uma breve nota sobre esta experiência, que durou quase tanto como o estágio. É de constatar a óbvia burocratização da Justiça e a demora na resposta a pedidos tão simples, como a consulta de um processo que não está em segredo de justiça e que é prevista por lei. Do ponto de vista pessoal, a confiança que me foi depositada foi correspondida e penso não a ter dececionado. Para isso, considero que o facto de ir informando os editores dos meus passos, dos e-mails, das sugestões, foi fundamental, dado que perceberam o que eu queria fazer, como e porquê. Aliás, a jornalista Cláudia Rosenbusch sugeriu que me dedicasse aos temas judiciais, dado o conhecimento que já tinha sobre o funcionamento do sistema judicial. Senti, por outro lado, vários entraves. Se nós tivéssemos tido acesso as imagens de videovigilância, não seria eu a entrevistar os reclusos em causa, caso essa autorização fosse concedida. Não tendo carteira profissional de jornalista, há condicionalismos. Isso mesmo foi-me dito pela editora Ana Candeias. Depois, o facto de não ter fontes no meio judicial que pudessem ajudar ou facultar alguma informação dificultou em grande medida a realização da peça. Considero, no entanto, dada a relevância do tema, que deveriam ter dado seguimento à realização da reportagem.

Quero destacar a reabertura da discoteca Luanda, a 26 de março, em Lisboa, exatamente uma semana depois do homicídio que ocorreu nas imediações daquele espaço. Juntamente com o repórter de imagem, acompanhei durante a madrugada, e em exclusivo, essa reabertura e relatei a fiscalização surpresa que elementos da PSP e ASAE realizaram¹³. Foi uma experiência completamente diferente, na medida em que trabalhei num horário noturno, até às 4h30, e que pude testemunhar alguma tensão, entre clientes da discoteca, proprietários da mesma e elementos da polícia, e saber lidar com ela. Foi também uma mais-valia, no sentido de me ter ajudado a aprender a esperar, a avaliar as situações e de não me precipitar. Ou seja, avaliar o porquê das

¹³ Reportagem disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/sociedade/psp-e-asaefiscalizaram-a-discoteca-luanda/58d82d2f0cf2981e367ad1af>

forças de segurança terem feito aquela operação surpresa, tentar perceber como seriam os comportamentos dos presentes e não me precipitar em tentar obter declarações.

A 24 de fevereiro, foi-me pedido pelo Miguel Fernandes, pivô e editor do SOS 24, na TVI 24, em concordância com os editores de Sociedade, que eu fosse fazer uma reportagem em contexto de ação real no dia a seguir, 25 de fevereiro, um sábado. Este tipo de reportagem, o maior ativo deste programa, consiste em acompanhar as diversas forças de segurança em operações reais que estejam a desenvolver. O objetivo é mostrar e perceber como é o trabalho das polícias, nas mais diversas dimensões. Teria que acompanhar a Brigada de Proteção Ambiental da Polícia de Segurança Pública, que estava a investigar um alegado tráfico de animais exóticos, tais como as araras ou catatuas. As autoridades tinham informação de que havia um indivíduo na zona de Loures que estaria a incorrer na prática desse crime. Ora, chegados ao local, uma pequena feira, deparamo-nos com um senhor idoso a vender rolas, canários e periquitos. Depois dos dois elementos da PSP terem questionado e pedido alguma documentação ao senhor, chegou-se à conclusão que não havia nenhuma ilegalidade. Aliás, o suposto suspeito até tinha o cartão de feirante emitido pelo Ministério da Economia. O único documento que lhe faltava era um certificado do mesmo ministério a atestar de que poderia estar a vender aqueles animais e alguns produtos. A PSP teria que comunicar ao Ministério da Economia aquele facto, que depois atuaria conforme o previsto na lei.

Quando, na segunda-feira seguinte me encontrei com o Miguel Fernandes, já depois de ter visto as imagens, relatei o sucedido e disse que, a meu ver, não havia conteúdo passível de reportagem, uma vez que nada do que inicialmente se pensava, era verdade. Acontece, porém, que o apresentador do SOS 24 não concordou e ficou algo incomodado com o facto de eu não ter entrevistado o tal feirante. Questionou-me porque é que não o fiz, alegando que o facto de estar tudo bem não é motivo para a reportagem não ser feita. Como eu não estava por dentro das decisões editoriais do programa, respondi que não o fiz, pois não tive indicações nesse sentido.

Realço um direto, por ser isso mesmo, um direto, ocorrido a 6 de abril. Estava fora, no restaurante Alma, no Chiado, em Lisboa, noutra reportagem – a nova tendência dos chefs em apostarem em sobremesas salgadas – e o editor, José Carlos Araújo, solicitou-me, através de um telefonema, que fosse com urgência entrevistar o

presidente da Câmara Municipal de Lisboa, a propósito dos parquímetros que foram arrancados do chão, em Carnide, e que o jornalista João Marinheiro me iria ligar para me situar no acontecimento, dado ser ele o autor da peça que seria emitida nessa noite no Jornal das 8 sobre esta matéria. O jornalista assim o fez, perguntou-me se eu sabia o que estava em causa, ao que respondi que sim e fiz um resumo do que sabia. De seguida, sugeriu algumas questões importantes, nomeadamente a incoerência de dois comunicados da Câmara Municipal de Lisboa. O jornalista enviou-me a informação por e-mail, que fui lendo no caminho até à sede da Carris, em Linda-a-Velha, local onde se encontrava o autarca. As perguntas que eu efetuei ao presidente da Câmara foram com base nessas informações e nas recomendações do João Marinheiro, mas não foram previamente aprovadas ou vistas por alguém. Não dispúnhamos do equipamento que permite o direto, o *Teradek*¹⁴, pelo que foi enviado um estafeta da TVI à sede Carris com esse aparelho.

Por ser estagiário, pensei que fosse apenas fazer a entrevista e que, o jornalista que estava a fazer peça, o João Marinheiro, iria receber essas imagens em tempo real e que selecionaria os “vivos”. Acontece que a entrevista foi mesmo em direto, para o bloco das 18h, na TVI24¹⁵. Eu não apareci, nem a pivô me apresentou no local, mas as perguntas foram feitas em direto para o referido bloco noticioso. Foi um momento muito positivo e bastante esclarecedor do que é estar em direto. Como não fui avisado previamente de que iria estar em direto, só soube quando o repórter de imagem me deu o auricular e ouço um dos elementos da produção a falar comigo e que iria entrar no ar em segundos, o nervosismo não foi muito. Foi avassalador, no entanto, quando pelo auricular comecei a ouvir a pivô a lançar a entrevista e sabia que, a partir dali, tudo o que eu dissesse/perguntasse estaria a ser visto por milhares de pessoas. Houve, aliás, um momento caricato quando o repórter de imagem da RTP1 quis acabar com a entrevista porque as câmaras estavam em contraluz, mas não sabia que a TVI estava em direto. Estava precisamente a questionar Fernando Medina, o presidente da Câmara

¹⁴ Aparelho utilizado pelas estações de televisão para os diretos, composto por três (uma por cada operadora) ou seis (duas por cada operadora) pen's 4G de internet, das operadoras Meo, Nos e Vodafone. O aparelho fica acoplado na parte de trás da câmara.

¹⁵ Declarações em direto e toda a situação descrita, disponível a partir dos 20'30" até aos 27'18", em: <http://tviplayer.iol.pt/programa/noticias/53c6b3613004dc006243c401/video/58e67b200cf2004cbd3f8397>

Municipal de Lisboa, quando um colega da RTP avançou para essa interrupção, o que me obrigou a repetir quatro vezes seguidas, como se estivesse a gaguejar ou a hesitar, o início da pergunta. Finalmente, percebeu que estava em direto, perguntou-me isso mesmo, eu respondi “sim” e lá coloquei a questão. Quando cheguei à redação, os editores José Carlos Araújo e Francisco Prates felicitaram-me pela forma como lidei com a situação, pelas perguntas efetuadas e o jornalista João Marinheiro, por volta das 22h, enviou-me uma mensagem a agradecer pela ajuda e a dar os parabéns também pela minha prestação.

Por outro lado e estando na editoria de Sociedade, temas como a segurança, tribunais, meteorologia, cultura, moda, gastronomia, saúde, entre outros, estão incluídos nas reportagens que realizei. Quero dar ênfase à gastronomia, uma vez que foram algumas as reportagens que fiz subordinadas a esse tema (5), nomeadamente as de maior duração, uma com quase 6 minutos e outra com 11 minutos, enquadrando-se, esta última, como uma pequena e média reportagem. Na primeira, fomos perceber o que era ou o que poderia ser uma sobremesa¹⁶, numa altura em que ingredientes salgados estão a ser introduzidos num momento doce. Ou seja, ingredientes normalmente associados a pratos salgados, como tinta de choco, batatas, algas, bacon, especiarias ou espargos são, nos casos demonstrados, aplicados em sobremesas. O objetivo foi demonstrar o porquê de isso acontecer, em três sobremesas de alguns dos mais conceituados chefs de pastelaria portugueses

Na de maior duração, acompanhei durante três dias, em julho, o Chef João Rodrigues, do Restaurante Feitoria, em Lisboa, galardoado com uma Estrela Michelin desde 2011 e que apresenta um conceito diferente do habitual: o menu Matéria, que é uma aproximação da alta cozinha à origem do produto e das coisas e consiste num produto, um prato¹⁷. O objetivo foi perceber a relevância e o porquê desse conceito, a sustentabilidade aplicada ao trabalho gastronómico e a aproximação e interação do chef com a origem dos vários produtos. Ambas as reportagens foram sugeridas por mim e

¹⁶ O que é uma sobremesa?, disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/sociedade/o-que-e-uma-sobremesa-salgada/5920a99f0cf2004cbd40abb5>

¹⁷ A matéria como origem das coisas, no Restaurante Feitoria, disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/sociedade/chef-premiado-leva-origem-dos-produtos-a-gastronomia/59a311c10cf21d6c5360f886#/>

foi-me dada total liberdade para definir as histórias. Os editores só no final é que leram os textos para fazerem correções e darem autorização para avançar com a edição.

Não consigo precisar quando é que os editores começaram a ter uma maior confiança no meu trabalho, mas o momento crucial talvez tenha sido a seguir à reportagem sobre as sobremesas salgadas, que foi exibida a 20 de maio. Antes dessa altura, já tinha sentido que essa confiança, principalmente com o editor e pivô José Carlos Araújo, que foi apostando em mim ao longo do tempo, era considerável pela questão do direto já referida e também pelo aval em poder investigar as alegadas agressões já referidas. Foi uma confiança ganha ao longo do tempo, certamente porque perceberam que queria trabalhar a sério e aprender. Mas, como dizia, essa reportagem provou que o estagiário era capaz de sugerir um tema, apurá-lo e aprofundá-lo com total autonomia. O José Carlos Araújo foi o editor que mais mostrou apreciação sobre o meu trabalho, elogiando muitas das peças efetuadas por mim, mas acima de tudo estas duas, e fazendo críticas bastante construtivas. Essas estavam relacionadas, quase sempre, com o facto de escrever muito para uma peça de televisão e querer mostrar muitos detalhes. Havia coisas que não era preciso mostrar ou descrever e havia possibilidade de dizer aquilo que eu tinha escrito com menos palavras, tal como ele me demonstrou várias vezes. Os outros editores, Ana Candeias e Francisco Prates, também o faziam, mas muito menos. Aliás, a Ana Candeias foi sempre muito pragmática comigo e batalhou, no início do meu estágio, para adaptar a minha escrita à televisão.

Por outro lado, atribuir reportagens de 11 minutos a um estagiário não deixa de ser estranho. Foi com surpresa que recebi a aceitação desse tempo, mas devemos ter alguns dados em conta: o acompanhamento do chef João Rodrigues foi feito durante três dias inteiros, o que resultou em mais de 5 horas de filmagem no total. Reduzir esse tempo a 11 minutos, ainda que por um estagiário, não parece tão descabido. Além do mais, já tinha provado que conseguia construir uma história com algum tempo e autonomia, não só através da concetualização das histórias, mas também da escrita, através da reportagem sobre as sobremesas. Talvez, por isso, me tenham autorizado a avançar com esse tempo.

Quanto às notícias de última hora e todo o esforço conjunto de redação que é feito, passei por essa situação, aquando da queda de uma aeronave num hipermercado, em Tires, no dia 17 de abril. Prontamente, um dos editores de Sociedade, o José Carlos

Araújo, e que neste dia era também o editor do Jornal da Uma, incumbiu os jornalistas com as mais variadas tarefas. Fiquei responsável pela recolha de imagens nas redes sociais e que serviram para os diretos e para as peças informativas. Na manhã do dia seguinte, dia 18 de abril, e antes de se saber o resultado das audiências, foi enviado um e-mail interno pelo mesmo editor, sobre a emissão, a todos os envolvidos no bloco noticioso, com conhecimento à direção de informação a agradecer individualmente a cada jornalista, repórter e editor de imagem que participou nesse acontecimento.

Assinalo, também, acima de tudo pela situação de miséria com que me deparei, a reportagem que realizei com os moradores do bairro da Torre, em Camarate, com quase 6 minutos de duração, a 17 de junho. Um bairro clandestino com condições deploráveis, com toneladas de lixo amontoado e, de forma clara, a prejudicar a saúde dos que lá vivem. Não possui água potável, nem eletricidade e, no inverno, um homem morreu devido ao frio. A reportagem foi feita no âmbito de uma denúncia e de uma ação de limpeza por uma organização não-governamental e as várias entidades envolvidas atiram as culpas umas às outras, numa espécie de pingue-pongue¹⁸.

Finalmente, no âmbito do grande incêndio de Pedrógão Grande, em meados de junho, que devastou o interior do país, causando 65 mortos e dezenas de feridos, e em que surgiram muitas críticas à atuação do Governo e da Proteção Civil, chegou-me uma denúncia via Facebook, a 23 de junho, sobre uma família que esteve rodeada pelas chamas durante largas horas, numa das freguesias mais afetadas. Antes de sugerir esta reportagem aos editores, averigui junto dos familiares, via telefone, se, de facto, era como me tinham dito. Não só confirmaram, como ainda me deram mais detalhes, nomeadamente a atitude do operador de emergência que lhes disse, ao telefone, que a casa deles não era a única a arder. Quando expus os factos aos editores, autorizaram que fizesse então a reportagem junto da família Barbosa.¹⁹

Avançando para uma outra dimensão do meu estágio, acompanhei, por vontade própria e sugestão minha aos editores, uma estagiária que já lá estava desde dezembro,

¹⁸ Bairro da Torre: 200 pessoas sem água, luz ou saneamento, às portas de Lisboa, disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/sociedade/bairro-da-torre-200-pessoas-sem-agua-luz-ou-saneamento-as-portas-de-lisboa/594583f40cf2202a65415fff>

¹⁹ Pedrógão: família Barbosa sobreviveu ao fogo sem ajuda de ninguém. Disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/sociedade/pedrogao-familia-barbosa-sobreviveu-ao-fogo-sem-ajuda-de-ninguem/594d69a80cf2202a65418655>

à inauguração de uma exposição no Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT) a 7 de fevereiro. Quando chegámos à redação, o editor José Carlos Araújo pediu que simulasse a peça, ou seja, escrever tudo como se fosse eu a fazer a reportagem. Escrevi, então, *pivô* e *off* e gravei-o. O editor disse que deveria ter mais entoação e que deveria falar mais devagar. Quanto ao texto escrito, frases mais curtas, simplificar o discurso e ir diretamente ao assunto.

A 21 de fevereiro, acompanhei a cobertura da presença da Ministra da Justiça, Francisca Van Dunem e da Procuradora Geral da República, Joana Marques Vidal, numa conferência no ISCTE sobre o lançamento do livro “40 Anos de políticas de Justiça em Portugal”, com a jornalista Filipa Calado. E, ainda, numa outra situação a 24 de fevereiro, aquando do interrogatório a Henrique Granadeiro, ex-chairman da Portugal Telecom, no Departamento Central de Ação e Investigação Penal (DCIAP), no âmbito da Operação Marquês e das suspeitas de corrupção que sobre ele caem, pedi para acompanhar a jornalista Cláudia Rosenbusch que realizou vários diretos ao longo da noite. Vi, de perto, a interação desta jornalista com as suas fontes, nomeadamente quando quis confirmar se o interrogatório a Henrique Granadeiro ainda estava a decorrer. A Cláudia Rosenbusch é a jornalista que trata os temas judiciais (é licenciada em Direito e não em jornalismo) e, portanto, a sua preparação é exímia, na medida em que, nos diretos que eu acompanhei no terreno, conseguiu elencar toda a informação sobre a Operação Marquês sem recorrer a nenhum documento.

Muito honestamente, a aprendizagem obtida destes acompanhamentos foi pouca. Aliás, no caso referido com a jornalista Filipa Calado, a mesma perguntou-me várias vezes quem era a entidade A, B ou C, presente no evento.

1.2.3. Balanço e acompanhamento na redação

Lanço agora um olhar sobre a relação estabelecida com os profissionais da TVI. Neste sentido, não tenho qualquer crítica negativa a apontar, antes pelo contrário. Desde o primeiro até ao último dia, foi-me dada toda a ajuda por mim solicitada em diversos momentos, sendo certo que nunca tive qualquer problema em questionar fosse quem fosse sobre determinada matéria ou dificuldade que surgia. A autonomia não se pode confundir com a vontade de aprender com aqueles que estão na profissão há

muitos anos. Aliás, apesar de haver alguns profissionais que olham para o estagiário como “mais um”, outros houve que ofereciam ajuda e conselhos, aquando da revisão dos textos e em todo o processo de construção de uma reportagem.

A esmagadora maioria dos repórteres de imagem deu conselhos, mas também me conferiu responsabilidade e autonomia na tomada de decisões no terreno. Apesar de referirem o facto de sermos, na ação, uma equipa, “isso tens que ser tu a decidir” ou “o jornalista és tu” foram algumas das frases que me foram ditas. De facto, essa responsabilidade foi fundamental para ganhar um novo olhar sobre o trabalho que estava a desenvolver e, não menos importante, ganhar confiança profissional, autonomia e independência.

Contudo, e talvez a relação mais importante de referir, seja aquela que mantive com os editores de Sociedade, José Carlos Araújo, Ana Candeias e Francisco Prates. Com eles, a aprendizagem foi constante e as dificuldades rapidamente foram ultrapassadas. Mas foi o primeiro que começou a apostar e a confiar nas minhas capacidades de trabalho. No que toca à construção dos textos, nenhuma peça ia para o ar sem que o texto fosse revisto por um dos editores. As alterações eram efetuadas ao mesmo tempo que me justificavam e explicavam o porquê. Por outro lado, as modificações foram sempre no estilo e na construção do texto e nunca em matérias de facto e de conteúdo informativo, o que demonstra a total liberdade na produção jornalística.

Ademais, com o passar do tempo e com a constante avaliação que fazem do trabalho de quem chefiam, a confiança profissional pode aumentar, chegando a delegar decisões, nomeadamente quando me foi pedido para ver umas imagens e tomar a decisão se essas imagens iam para o ar ou não, se acrescentavam algo mais à peça já construída por um jornalista. Em causa, um incêndio ocorrido na Grande Lisboa numa pequena zona rural. A jornalista que fez a reportagem deixou umas notas ao editor a dizer que havia mais imagens para visionar, inclusive de espetadores que as enviaram para a redação da TVI. Foi-me pedido pelo editor, no dia a seguir, para decidir se essas imagens acrescentavam algo mais à peça que já estava feita, no sentido de a atualizar. O editor não viu essas imagens e eu disse que não acrescentavam mais informação e que, portanto, não seria necessário atualizar a reportagem.

No entanto, é relevante acrescentar que, por diversos motivos, como a falta de tempo, por exemplo, nem sempre os editores estavam disponíveis para nos ensinar

como funcionava determinada ferramenta, como o *software* de edição ou a mais importante de todas: o sistema *inews*²⁰. A propósito disso, recordo quando me pediram para legendar uma peça, mas ainda não me tinham ensinado como fazê-lo, pelo que tive que dizer isso mesmo. De imediato, passaram essa tarefa a outra pessoa e, por vontade própria, pedi a um jornalista que me mostrasse como fazê-lo para que, num próximo pedido, eu estivesse pronto. O que, de facto, veio a acontecer inúmeras vezes.

As maiores dificuldades sentidas enquanto estagiário na redação da TVI prendem-se com o acima referido: pedirem-nos tarefas que, naquele momento, ainda não sabíamos realizá-las. No entanto, não seria justo se não mencionasse que sempre que precisei de ajuda, sempre que tive dúvidas, nunca me foi negado o esclarecimento e auxílio necessários. Mesmo quando os editores não o podiam fazer, reencaminhavam-me para alguém que pudesse.

Depois, o tempo das reportagens. Pessoalmente, esta foi a maior dificuldade que senti: condensar informação num máximo de dois minutos. A adaptação a essa realidade demorou e, sempre que pude argumentar com o editor, no sentido de pedir mais tempo, fi-lo. Umas vezes, deram-me mais tempo, outras saí derrotado. Obviamente que só o fazia quando achava que era relevante fazê-lo, tendo em vista a clareza da informação que queria passar.

E porque das dificuldades ultrapassadas nasce a aprendizagem, esta foi contínua e ininterrupta. É uma realidade completamente diferente daquela que se vive nas aulas. O que se aprende na faculdade é uma ferramenta inabalável, logicamente. Contudo, chegados a uma redação, a quantidade de informação que há para assimilar é avassaladora. No próprio processo jornalístico, a escrita de televisão tem as suas vicissitudes, que a diferem da escrita dos jornais ou para a rádio. Essa é, desde logo, a maior transformação, até porque cada jornalista e cada editor tem a sua forma de escrever.

Por outro lado, os estagiários não podem dar voz às peças. Ora, estando numa televisão, essa é uma das ferramentas que se deveria treinar e aperfeiçoar. Por isso, é de louvar a atitude do José Carlos Araújo que me pediu várias vezes para ler os *offs* para, depois de os ouvir, me dar a opinião dele e conselhos.

²⁰ Sistema de gestão de informação para redações televisivas, onde se escrevem os textos, os pivôs e se fazem os alinhamentos de todos os jornais, entre muitas outras funções.

Uma última palavra para o ambiente vivido e para as relações pessoais dentro da redação. Excluindo os fins de semana, em que as peças eram atribuídas pelo editor de desses dois dias, Jorge Nuno Oliveira (a reportagem sobre o Bairro da torre, em Camarate, por exemplo), as ordens de trabalho foram-me sempre dadas pelos meus editores da secção de sociedade ou por outros editores, em casos raros. Abro uma exceção para relatar uma peça que me foi pedida pelo pivô José Alberto Carvalho, às 19h30, no dia 25 de maio, para fechar o jornal desse dia, às 21h30, sobre a inteligência artificial da Google que, pela primeira vez, tinha ganhado a um humano, e logo ao campeão mundial, no jogo de estratégia chinês milenar “Go”. Em tempo recorde, consegui que um representante da Associação Portuguesa de Jogadores de Go viesse à TVI para uma entrevista, que já depois de editada, foi alocada no sistema a 10 minutos do jornal terminar²¹.

De resto, o ambiente é profissional, mas acolhedor e amigável e, tirando algumas exceções – de jornalistas que me disseram diretamente que não gostam, nem têm tempo, para estagiários, – todos se mostraram prontos para me ajudar, naquela que foi a experiência e um sonho de uma vida.

²¹Computador da Google vence o melhor jogador do mundo. Disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/tecnologia/computador-da-google-vence-o-melhor-jogador-do-mundo/592738080cf2b1e529f1d2d3>

Capítulo II - O pivô de informação

2.1. O aparecimento e a influência da televisão

Antes da televisão, a rádio. Antes do pivô, o locutor. No que toca à informação, e tal como no resto do mundo, até ao aparecimento dos noticiários televisivos, as notícias eram ouvidas na rádio e lidas nos jornais. Antes de uma definição e concretização da função do pivô, é preciso explicar e demonstrar qual o percurso do meio televisivo até ao nascimento do *anchor*. Os desenvolvimentos tecnológicos começaram no século XIX, com a descoberta e aperfeiçoamento do cabo catódico, mas só a partir das décadas 20 e 30 é que se começaram a dar os primeiros passos para aquela que viria a ser conhecida como a “caixa que mudou o mundo” (Wolton, 2000, p. 5). Nos Estados Unidos, a CBS – Columbia Broadcast System – é fundada em 1927 e, em Inglaterra, a BBC – British Broadcasting Corporation – é fundada em 1932, tornando-se na primeira televisão europeia. Em Portugal, a RTP nasce em 1957.

As pessoas, que ainda não sabiam o que era o ato de ver televisão – tal realidade ainda não existia – começam a habituar-se a essa ideia. De ter um televisor, um objeto ao qual passam dar atenção, estando numa posição de destaque na casa das pessoas. Começa a surgir uma nova forma de olhar e ver o mundo, através de um ecrã. A televisão convida-nos a entrar no seu mundo; através da imagem, somos interpelados de uma forma nunca antes vista, fazendo-nos viajar (Mateus, 2012) e criando, ainda, uma espécie de barulho mediático. Umberto Eco (1985, p. 34 *apud* Mateus, 2012, p. 236) vai ao encontro desta ideia da mediatização, referindo que a nova forma de ver televisão “é o sinal triunfante do acesso direto, egocêntrico e mágico. Vós sois nós, vós podeis fazer parte do espetáculo. O mundo de que a televisão é a relação entre nós e vós. O resto é silêncio”. Na verdade, a televisão conseguiu essa capacidade de chegar a tudo e todos.

Foi nos Estados Unidos que assistimos ao surgimento dos primeiros *talk-shows*²² e noticiários²³. Não será arriscado afirmar que a cultura da televisão começou na América. É claro, portanto, que o resto do mundo seguiu o exemplo das *big three* (CBS,

²² O *The Tonight Show*, que ainda hoje é transmitido, muitas vezes líder de audiências no seu segmento, surge na NBC, em 1954.

²³ O primeiro noticiário é criado pela NBC, em 1938, e transmitido em direto. Contudo, a primeira emissão regular de um noticiário dá-se em 1948, na CBS, *CBS Television News*, apresentado por Douglas Edwards. O noticiário mudou para o atual nome, *CBS Evening News*, em 1962, com a entrada do mais reconhecido pivô: Walter Cronkite, que lá permaneceu até à sua reforma, em 1988 (26 anos). (Meltzer, 2010).

Columbia Broadcast System; NBC, National Broadcasting Company; e ABC, American Broadcasting Company), não só no entretenimento, como no jornalismo televisivo. É importante, também, realçar o ano de 1980, quando o primeiro canal de notícias 24 horas por dia surge pelas mãos de Ted Turner, a CNN – Cable News Network. Apesar de mais à frente se abordar a questão, não convém esquecer que foram os americanos os inventores do pivô, através do surgimento do *anchorman*.²⁴

Em Portugal, a RTP começou a dar os primeiros passos em setembro de 1956, com a primeira emissão regular e oficial a ter início a 7 de Março de 1957 (Teves, 2007), num contexto de ditadura. Por esse motivo, e até à transição democrática, a RTP não era mais do que “o principal porta-voz da política totalitária dos dois ditadores do Estado Novo” (Cádima, 1999, p. 31) ou, nas palavras de Eduardo Cintra Torres (2011, pp. 48-49) um “megafone do regime salazarista-marcelista” com uma “visão pastoral”. Apesar da data de 1957, só em 1968 é que a emissão se dá a para todo o país²⁵. Também nos finais dos anos 60, concretamente em 1969, surge o Zip-Zip, um programa apresentado por três ícones da comunicação: Carlos Cruz, Fialho Gouveia e Raul Solnado. Este *talk-show* de variedades era em direto. Por isso, mas não só, Eduardo Cintra Torres (2011, p. 50) considera-o “uma pequena revolução comunicacional”. A seguir ao 25 de abril de 1974, e conseqüente nacionalização, observa-se uma acentuação do entretenimento. Seguindo a ordem lógica de décadas, também proposta por Vasco Hogan Teves em *RTP 50 anos de história: 1957-2007*, chegamos aos anos 70 e ao vigésimo aniversário, em 1977, com dois marcos: a primeira emissão de uma telenovela e o primeiro concurso televisivo. Respetivamente, a brasileira Gabriela, de Jorge Amado, e A Visita da Cornélia. Em 1980, assiste-se à estreia da primeira telenovela portuguesa, Vila Faia, e, talvez mais importante, começa a emissão a cores. No que toca à telenovela, estamos perante a primeira incursão na ficção nacional, a seguir ao monopólio das telenovelas brasileiras²⁶.

²⁴ De acordo com Mike Conway, em *The Origins of Television News in America: the Visualizers of CBS in the 1940's*, a primeira vez que foi usado o termo *anchor man*, terá sido para descrever John Cameron Swayze, o apresentador de um concurso televisivo, *Who Said That?*, em 1948. Artigo da autoria de Mike Conway, professor na Universidade do Indiana, nos EUA. Investigação disponível em: <http://newsinfo.iu.edu/news-archive/23212.html> [Acedido a 15-07-2017].

²⁵ Também em 1968 surge a RTP2.

²⁶ A SIC apostou em novelas brasileiras durante quase toda a sua existência. Nasce em 1992, mas só em 2001, para fazer frente à TVI, é que aposta na ficção nacional com *Ganância*, ainda que de forma tímida. Na verdade, e apesar da SIC ter investido gradualmente ao longo do tempo na ficção nacional, só 10 anos mais tarde é que consegue fazer frente à TVI nas audiências com a estreia de *Laços de Sangue*, em

Podemos afirmar que o gosto e a cultura de ver e acompanhar uma novela surgem aqui, mas que a TVI, a partir de 2000, veio acentuar de forma estrondosa. À parte o sucesso da ficção nacional, no tempo em que a RTP detinha a hegemonia televisiva, e depois do sucesso da primeira telenovela brasileira, “o serviço público de televisão da RTP foi aumentando a exibição anual de telenovelas nos seus dois canais, à média de três a quatro telenovelas por ano” (Costa, 2003, p. 32).

Nos anos 80, o panorama audiovisual português, mas também europeu, ameaça mudar com os primeiros rascunhos para os canais privados. “Foi o tempo de abertura a canais privados”, sublinha Eduardo Cintra Torres (Torres, 2011, p. 52). Francisco Rui Cádima vai ao encontro do crítico e professor universitário, ao referir a segunda revisão constitucional de 1989, que abre caminho ao fim do domínio estatal e à abertura ao privado do setor televisivo (1999, p. 32). Com efeito, a 6 de outubro de 1992 surge a SIC – Sociedade Independente de Comunicação; e, a 20 de fevereiro de 1993, a TVI – Televisão Independente.

2010 e Rosa Fogo, em 2011. Laços de Sangue venceu o segundo Emmy Internacional na categoria de melhor telenovela para Portugal em 2011. O primeiro Emmy para uma novela portuguesa foi atribuído um ano antes à novela Meu Amor, da TVI.

2.2. O impacto da televisão na sociedade

Apesar de todas as transformações, a televisão ainda hoje é o principal meio de comunicação social em Portugal e, talvez, no mundo. O próprio ato de ver televisão mudou. Atualmente, podemos ver qualquer programa à hora que nos melhor convier, em qualquer dia. Podemos ver o tal programa que queremos num telemóvel, em qualquer parte do mundo. A televisão redefine-se a si própria, à medida que o tempo passa, com o surgimento de plataformas como a Netflix, Hulu ou Amazon, que produzem conteúdos próprios, que não são emitidos nos tradicionais canais de televisão, e que já ganham Emmy's.

Num estudo encomendado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social, em 2016, a investigadora Catarina Duff Burnay, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e o investigador Nelson Ribeiro, da Universidade Católica Portuguesa, dissecam *As Novas Dinâmicas do Consumo Audiovisual em Portugal*. A informação continua a ser o produto televisivo mais visualizado, com uma maioria esmagadora: 89,5% dos inquiridos, sendo que, por género, os homens são os que consomem mais informação; o segundo produto mais visto não surpreende: as novelas. A ficção e os programas de entretenimento são os mais consumidos pelas mulheres. Importa ainda referir que os mais jovens, na faixa etária 15-24 anos, são os que menos consomem informação (68,9%) e os que mais consomem filmes (82,2%) e séries (80,7%). A preferência pela informação é ainda mais esmagadora a partir dos 55 anos. Na faixa etária 55-64, a percentagem sobe até aos 96,6% e, na faixa etária 65 ou mais anos, 96,8%.

Se há pouco referíamos que podemos ver televisão noutros dispositivos para além do televisor, não deixa de ser nítido, ainda assim, que esse continue a ser o instrumento preferido para a visualização da informação. Senão vejamos: 98,4% vê informação através do televisor. 13,6% através do computador; 5% através do *tablet* e 6,1% através do *smartphone*. Mesmo na análise por faixa etária, incluindo a mais jovem, os valores percentuais são todos superiores a 95%. A preferência clara é o eletrodoméstico.²⁷

²⁷ Todos os dados apresentados foram retirados do estudo da ERC referido em epígrafe, que pode ser consultado no seguinte endereço:

A importância da televisão não deixa margem para dúvidas. Os portugueses consomem muita televisão, particularmente a informação. E a forma como a vemos não tem tido alterações drásticas. Mesmo os mais jovens, como demonstrado acima, preferem o televisor aquando da visualização de séries e/ou filmes. A televisão mudou a sociedade, mudou-nos e mudou o mundo.

Até na minha experiência como estagiário, isso era visível quando o microfone da TVI e o carro identificado da estação chegavam a qualquer lado, as pessoas vêm falar com os repórteres. Quão atuais são as palavras do sociólogo António Barreto no prólogo do livro sobre os 50 anos de história da RTP:

“A chegada da televisão mudou os horários. Mudou a vida em família. Mudou sobretudo as conversas do dia seguinte. Nas escolas, no Liceu, nos empregos, nos cafés e nas ruas falava-se do que se tinha visto na véspera. A comunidade local enriqueceu-se com assuntos vindos de fora. Os concursos, as charlas, as notícias, as peças de teatro, as variedades e o desporto passaram a fazer parte do quotidiano. Não pensávamos nisso, mas era assim em todo o país. Os heróis contemporâneos, as modas, os modelos e os padrões começaram a ser nacionais. Fátima ganhou as suas credenciais nacionais e, mais tarde, internacionais. O Benfica, cujos grandes triunfos europeus surgem poucos anos depois de iniciada a televisão, consagrou-se, por essa via, como o principal clube nacional. Mais do que pela escola, a que muitos nunca tinham ido, é pela televisão que muitas pessoas se sentem efectivamente parte de uma comunidade nacional.” (Barreto, A. 2007, prólogo, em Teves, 2007).

Atente-se no último período da citação: as pessoas que não iam à escola sentiam-se parte de uma comunidade, através da televisão. Para além da questão da novela ou do entretenimento, que punha as pessoas a falar umas com as outras no dia seguinte, isto leva-nos, claro está, ao próprio carácter educativo que a televisão, e neste caso o serviço público acarretam, mas, mais do que isso, à responsabilidade dos noticiários televisivos em informar. Elihu Katz (2009 *apud* Gomes, 2012, p. 346) abordou a questão da televisão clássica, como sempre a conhecemos e diz que “a televisão da partilha, do *nation building* e da família reunida, já não está connosco, tendo dado lugar à televisão das centenas de canais, da emissão para nichos, da portabilidade, que faz parte do sistema que se integra na internet e dos outros *new media*”.

http://www.erc.pt/documentos/Estudos/ERC2016_AsNovasDinamConsAV_PT/Internet/ERC2016_AsNovasDinamConsAV_PT_web/assets/basic-html/toc.html [Acedido a 10-09-2017].

Recuperando a questão da responsabilidade dos noticiários informarem, um cidadão ativo deverá ser um cidadão informado. Do nosso ponto de vista, uma pessoa informada tomará, à partida, melhores decisões do que aquela que não é informada. E essa é, até, uma das mais nobres funções do jornalismo numa democracia saudável e funcional.

2.3. A informação televisiva: o noticiário

O aparecimento da rádio tirou algum protagonismo aos jornais, ainda que o jornalismo de investigação e os grandes repórteres continuassem a ser os ex-líbris da imprensa escrita. Os locutores eram os homens (as mulheres não tinham lugar nas redações nesses tempos) em quem as pessoas confiavam. Mas, como em qualquer inovação tecnológica, a rádio introduziu novos números para a equação mediática, neste caso. “Veio mudar a forma de fazer notícias. Os jornalistas tiveram que descobrir como continuarem agarrados aos valores dos dias do impresso, ao mesmo tempo que modificavam as suas rotinas e práticas para a tecnologia da rádio” (Meltzer, 2010, p. 15). Mas, mais do que isso, o nascimento da rádio, tal como já foi referido anteriormente, introduziu novos elementos no panorama mediático e no trabalho do jornalista (Meltzer, 2010, p. 15). A autora do livro *TV News Anchors and Journalistic Tradition: How Journalists Adapt to Technology* e professora universitária na Georgetown University, Kimberly Meltzer, descreve alguns desses novos elementos:

“A atenção à instantaneidade das notícias – o tempo decorrido entre a ocorrência efetiva da notícia e a transmissão dela no ar, o tom e a qualidade de voz do jornalista, a cadência como as notícias eram lidas, as inflexões na voz, e como é que o jornalista iria começar e acabar a transmissão ou transição de uma notícia para a outra” (2010, p. 15).

É de lógica conclusão que, pela primeira vez, estava a haver uma preocupação para além da notícia, ou seja, o foco do jornalista já não era só no conteúdo. Passava por ele próprio e pela forma como ele iria dar a notícia. “Era o começo da fusão da pessoa que apresentava as notícias com a pessoa que fazia as notícias” (Meltzer, 2010, p. 15). O rádio era o objeto à volta da qual as pessoas se sentavam para ouvir as notícias, mas também os relatos de futebol ou os folhetins que tanto sucesso fizeram. As pessoas

começaram-se a identificar com uma voz, com alguém que estava do outro lado a comunicar com elas, a contar-lhes uma história. Com maneiras de falar, com o estilo pessoal de apresentar as notícias (Meltzer, 2010). Nunca houve essa relação com os jornalistas da imprensa escrita porque não há voz, nem imagem. Não há um ser humano com que se estabeleça uma relação imediata.

Ora, a televisão veio introduzir essa novidade. Em 1951²⁸, Douglas Edwards é o escolhido para apresentar, pela primeira vez, um noticiário diário, com 15 minutos, na CBS. Tudo começou com jornalistas radiofónicos que liam as notícias num papel com uma câmara que os filmava, ou seja, as notícias não eram apresentadas para a câmara, não havia ainda um olhar entre pivô e lente; o jornalista apenas era filmado enquanto lia (Meltzer, 2010). Doze anos mais tarde, em 1962²⁹, entra o mais conhecido, respeitado e reverenciado *anchor* de todos: Walter Cronkite. Foi a ele que muitos dos pivôs que depois surgiram, foram buscar inspiração. Foi ele que introduziu um nível de apresentação mais pessoal, mais humano³⁰, com empatia e carisma. Nascia, assim, o pivô enquanto função, enquanto nova opção jornalística. O pivô passa a entregar as notícias aos espetadores, passa a informar o mundo.

A informação televisiva em Portugal sofre uma enorme influência por parte dos informativos realizados em França, que tiveram a sua inauguração na década de 60, como o *Cinq Collones a la Une* (Godinho, 2011). Esta influência francesa no jornalismo português, pelo menos nestas décadas, justifica um pequeno parêntesis. Se atentarmos em Jean Chalaby percebemos que o jornalismo é uma invenção anglo-americana. No artigo *O Jornalismo como invenção anglo-americana. Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920)* é-nos dito que “a profissão de jornalista e o discurso jornalístico é produto da emergência” (2003, p. 29). Nascidos dessa emergência, “os americanos e os britânicos inventaram práticas discursivas centradas nos factos” e que “a partir de cerca de 1850, os jornalistas anglo-

²⁸ Em Fensch, T., ed, 1993. *Television News Anchors: An Anthology of Profiles of the Major Figures and Issues in United States Network Reporting*. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers, pp. xi-xii

²⁹ *Idem*

³⁰ Como não esquecer a emissão televisiva de Walter Cronkite, quando o presidente John F. Kennedy foi assassinado, a 22 de novembro de 1963. Cronkite, ao seu estilo, fez uma pausa, tirou os óculos, respirou, emocionou-se. É aqui que, pela primeira vez, surge a questão sobre se a emoção deve transparecer ou não num jornalista.

americanos começaram a praticar a tradicional exigência de um jornalismo neutral e objetivo” (Chalaby, 2003, p. 36). Os franceses eram, portanto, marcadamente opinativos, mas Portugal, ainda assim, não foi buscar esse estilo marcadamente opinativo. Recebeu, antes, a influência do conteúdo, como referido por Jacinto Godinho, quando dos dá o contexto do *Cinq Colones a la Une*.

Neste contexto, e já depois do 25 de abril de 1974, a RTP1 consegue finalmente ter a liberdade de que precisava para iniciar o seu processo de experimentação no âmbito da grande reportagem. Até então, a única experiência, e inauguração da reportagem televisiva, tinha sido em tempos de ditadura com a descrição dos acontecimentos da visita da Rainha Isabel II ao nosso país, em fevereiro de 1957. E porque nos estamos a referir à RTP1 e à ditadura, é obrigatório aludirmos à reportagem do 25 de abril de 1974, pela voz de Fialho Gouveia, que é descrita por Jacinto Godinho como “[...] a libertação da reportagem. É verdadeiramente um novo acontecer da reportagem, tornado visível pela reportagem da reportagem” (2011, p. 150).

O jornalismo televisivo, devido ao mediatismo que comporta é “simultaneamente objeto de veneração popular e execração pública, as duas coisas exageradas” (Jespers, 1998, p. 19). Com este facto, muitos ascendem a um estatuto de vedeta, fazendo com que o trabalho que desenvolvem entre em choque com algum criticismo, que nem sempre se justifica. Jean-Jacques Jespers fala mesmo no culto da imagem e na obsessão pelo direto, pela urgência em juntar o maior público possível, caindo-se na “comercialização da informação” (Jespers, 1998, p. 19). Ora, isto levanta questões relacionadas com a credibilidade da informação, mas também relacionadas com a injustiça que há no trabalho jornalístico televisivo e no difícil reconhecimento por parte do público, que se preocupa, frequentemente, com o acessório. Não obstante, não são raras as vezes em que estamos perante bons trabalhos de grande reportagem, “mexendo” com a sociedade e causando, até, algum desconforto, que não significa mais do que o público ter-se sentido afetado pelo que viu – sair da sua zona de conforto.

Antes de abordarmos o noticiário, deve-se explicar como se faz aquilo que é transmitido. Até porque, a informação como hoje conhecemos, não é assim tão diferente da de antigamente, quando a televisão começa a nascer, nos anos 40 e 50 (com as devidas distâncias tecnológicas). A voz sobre a imagem e a personalização da informação com um repórter em câmara e no local surgiram com os primeiros

noticiários. Ainda assim, a “adaptação do jornalismo à televisão mudou, fundamentalmente, a natureza e a forma do trabalho jornalístico” (Meltzer, 2010, p. 3). A ênfase estava, agora, nas imagens, ao invés das palavras, o que levou alguns autores³¹ a falar em “circo jornalístico” para captar audiências (Meltzer, 2010) – curioso como, nesta época, já se falava em circo jornalístico.

As notícias são o “resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (notícias)” (Brandão, 2005 *apud* Traquina, 1999, p. 170). A notícia começava a ser transmitida de forma única, ganhava um contexto formal para a sua escrita porque escrever para televisão não é o mesmo que para rádio ou jornal. Mas, no geral, a notícia obedece a alguns critérios de noticiabilidade. Nuno Goulart Brandão (*apud* Traquina, 2002, p. 73) define-os como sendo “o conjunto de valores notícia que determinam se um acontecimento ou um assunto são suscetíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso possuindo valor-notícia”. Estes últimos são critérios de seleção que implicam um pressuposto sobre a natureza consensual da sociedade e são importantes porque permitem ao jornalista e ao espectador/leitor/ouvinte reconhecerem o primeiro plano das notícias (Traquina, 2002). As notícias são, então, notícias com base na notoriedade, proximidade, relevância, novidade, atualidade, notabilidade, conflitos/guerras, escândalos e morte (Traquina, 2002). Portanto, torna-se óbvio que quanto mais valores-notícia um evento juntar, mais probabilidade terá de ser realizado. Apesar de ao longo dos anos terem sido feitas várias revisões das propostas dos valores notícia, recuperamos Nelson Traquina, por aludir aos critérios contextuais de seleção noticiosa, ou seja, o contexto da produção das notícias (Traquina, 2002). Em *O que é o Jornalismo?*, Traquina aponta-nos, então, quais os critérios contextuais: a disponibilidade, o equilíbrio, a concorrência, o dia noticioso e, o mais fundamental de todos para o caso, a visualidade (Traquina, 2002). Critério que nos diz que os elementos visuais e uma boa imagem presentes podem ser determinantes na decisão sobre a prossecução de determinado acontecimento.

Para além dos valores-notícias, as notícias podem ser enquadradas em duas categorias: as *hard* e *soft news*. A primeira refere-se à atualidade pura e dura,

³¹ Meltzer baseia-se em Gould, Severeid, Schumach e Barnouw.

nomeadamente a política, economia ou internacional; a última refere-se ao carácter intemporal da notícia, não têm tanto peso e podem ser dadas em qualquer dia, enquanto as *hard news* são quase sempre na hora ou próprio dia do acontecimento, porque nos remete para a atualidade. Sabe-se, no entanto, vendo um jornal do princípio ao fim, que a certa altura, já não estamos perante notícias propriamente ditas, mas sim *fait divers*. Apesar desta prática poder ser passível de crítica, José Alberto Carvalho, pivô do Jornal das 8 da TVI, concorda que muitos dos eventos noticiados não são notícia, mas que não é por isso que devem deixar de figurar num alinhamento, ao afirmar que “num jornal em papel, e este é um exercício fácil de fazer, não cabem só notícias. É errado pensar que num espaço informativo cabem apenas notícias. Estas e o material informativo dividem-se em inúmeras categorias e deve haver espaço para todas”³². Mas quem decide, e como decide, o alinhamento e o que vai para o ar? Diz Adelino Gomes (2012, p. 119), num estudo sobre os bastidores das redações das três estações generalistas, RTP1, SIC e TVI, que é a conferência de redação:

“Consiste num encontro dos responsáveis dos diferentes sectores com envolvimento direto no produto final – a edição do dia seguinte, no caso dos jornais; a edição do principal boletim informativo, no caso das televisões generalistas; a edição do principal jornal radiofónico de cada turno, no caso da rádio.”

O trabalho do jornalista é coordenado pelo editor responsável da editoria/secção e é também ele que marca as saídas em reportagem para os repórteres. Quando regressam, escrevem os textos, gravam e vão até à edição de imagem para que tudo seja editado. A reportagem televisiva constrói-se com a ligação entre os elementos imagem, voz e texto escrito. A imagem manda. É o primeiro “texto”, aquele que vai mexer primeiro com a experiência do espetador, mais do que o *off* do jornalista. As imagens são essenciais para se iniciar o processo de “«estradar» na experiência do sujeito-espetador” (Godinho, 2011, p. 72). Num outro ponto de vista, com a voz a comandar a montagem, as imagens podem apenas assumir um papel de decoração naquilo que está a ser dito. Ora, nesse caso, dá-se uma fratura na lógica da reportagem,

³² Entrevista efetuada a José Alberto Carvalho a 12-07-17, anexo nº 5, p. 190.

que Jacinto Godinho classifica como o “analfabetismo visual da grande maioria dos jornalistas televisivos” e que culmina com a dificuldade que têm “em escrever com imagens [...] e que o próprio da reportagem é reportar, é assegurar uma experiência ao espectador dentro das imagens, que só se consegue operar com o uso correto da voz-off e da escrita das imagens” (2011, p. 73). A imagem assume um papel preponderante na peça televisiva. Ignacio Ramonet diz mesmo que “o que não é visível e não tem imagem não é “«televisável»”, portanto, não existe” (Ramonet, 1998 *apud* Saad, 2012:5). Esta afirmação, tão verdadeira nos dias que correm, acaba por ser assustadora, na medida em que urge os jornalistas a procurarem o “furo”, a primeira imagem, o primeiro olhar sobre determinado acontecimento. Não é de estranhar, por isso, que se considere que os jornalistas de televisão devem “gastar o tempo de um café para se interrogar[em] ou para ler um pouco” sobre a tarefa que desempenham (Jespers, 1998, p. 20).

A imagem é uma das ferramentas mais fortes para captar a atenção e curiosidade dos públicos, sendo um conceito que não é exclusivo do jornalismo televisivo. Ele faz parte de qualquer estratégia jornalística, desde que não ponha em causa os seus princípios. Ou seja, sem cair no sensacionalismo.

Aliás, sobre esta questão das audiências, o que está em causa é a visibilidade do trabalho emitido. Ora, atualmente, não se pode analisar o ecossistema televisivo como o entendíamos há alguns anos. O *prime-time* é, ele próprio, um conceito em processo de evolução e constante transformação, uma vez que as audiências de hoje não são as mesmas de há dez anos, por exemplo. Ademais, a oferta televisiva é maior do que nunca, o que dispersa e segmenta o público. Por outro lado, as redes sociais desempenham um papel muito importante — e estratégico — na captação de novos públicos e na visualização das reportagens.

Neste sentido, o diretor de um dos jornais mais conceituados no mundo, o *The Washington Post*, disse em junho de 2015, no Congresso Mundial dos Meios de Comunicação, em Washington D. C., Estados Unidos, que “os jornalistas são responsáveis por criar as suas audiências”. Martin Baron disse ainda que “têm que

adquirir essa responsabilidade” e que os jornalistas “não devem ficar indiferentes”³³ aos dados que lhes são facultados, relativamente ao número de pessoas que conseguem alcançar.

Fará sentido, portanto, que além da responsabilidade deontológica do jornalista quando escreve um artigo ou faz uma reportagem televisiva, o mesmo passe a ter a responsabilidade de cativar os seus leitores/espetadores? É fácil perceber que essa função passa a por em causa todo um trabalho que se julga ser independente e credível. O público tem diminuído a confiança nos jornalistas, mas a televisão continua a ser um dos meios em que mais o público confia para ser informado³⁴. Ao juntar-se esta função da responsabilidade em captar a audiência, o jornalista ficará, num cenário hipotético, com essa preocupação de captar mais leitores e espetadores, ao invés de se dedicar à sua função e se preocupar com os princípios que lhe estão subjacentes. Será essa uma função que o jornalista tenha que cumprir?

Voltando ao processo de produção, o tempo é fundamental na realização de uma peça de informação. E, não se tratando de uma grande ou uma pequena/média reportagem, as peças de informação não costumam ultrapassar os dois minutos, sendo que o minuto e meio ou quarenta é o ideal. Ao impor-se o tempo, cria-se uma condicionante ao trabalho do jornalista. Jacinto Godinho afirma que a culpa é do espetador:

“Este domínio do tempo curto e intenso deriva, de alguma forma, da posição do espectador, já que se a mente corre mais do que o corpo, alimenta-se mais rapidamente, e mais depressa exige, também, novos alimentos. Para a experiência do espectador, viciado na experiência das “imagens fortes”, um choque intenso só é anulado por outro equivalente e assim sucessivamente, e não pela reflexão, interiorização ou relaxamento. A memória traumática só é esquecida quando outra a vem substituir” (Godinho, 2011, p. 51).

³³ *Baron: “Los periodistas son responsables de crear sus audiencias”*, de Joan Faus. Entrevista dada ao *El País*, acedida a 14 de julho e disponível em:

http://tecnologia.elpais.com/tecnologia/2015/06/01/actualidad/1433183516_429215.html

³⁴ *Portugueses confiam mais na rádio e televisão do que na imprensa*, de Maria Lopes. Estudo da European Broadcasting Union, realizado entre 2011 e 2015, noticiado pelo Público. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2016/08/23/sociedade/noticia/em-que-meio-de-comunicacao-social-confiamos-mais-1742077>

[Acedido a 14-07-2017].

Como já foi referido anteriormente, a reportagem/peça informativa em televisão constrói-se através da ligação imagem, texto e voz. Esta deve ter cadência e ritmo porque o espectador a vai ouvir. A voz é extremamente importante para a clara transmissão de uma mensagem. Tanto assim é que:

“através dela, algo se efectua na experiência do espectador, algo que é depois capturado, organizado pelas estratégias do «repórter com voz visível» e do «repórter com voz invisível» (procurando ligar a voz ao autor e controlar, aí, os seus efeitos de sentido) ou pela estratégia do «locutor», que parece querer elevar-se para o campo estético de uma voz perfeita, com boa dicção, lançando um efeito plástico sobre a narrativa” (Godinho, 2011, p. 71).

Depois das notícias estarem feitas, há um alinhamento por construir, que é da responsabilidade do editor do jornal em questão. Mas não basta só aglutinar notícias umas a seguir às outras. Já abordámos aqui os critérios de noticiabilidade que regem também esse alinhamento. O noticiário é um conjunto das histórias do dia, mas também de eventos intemporais, de reportagens, diretos e entrevistas. “O telejornal funciona como uma entrega de notícias que pretendem oferecer um retrato do país e do mundo num determinado período” (Gomes, 2012, p. 205). E, como já foi referido, essas notícias não podem ser agrupadas de qualquer forma, seguem critérios. Têm que fazer sentido e seguir uma ordem intencional (Gomes, 2012):

“Espera-se que os jornalistas não criem apenas «estórias», mas que as ordenem de um modo que dê sentido à sua relação umas com as outras, no produto noticioso. No seu conjunto, este amplia cada «estória», colocando-a em contexto quer na sua relação com outros itens quer na sua incompatibilidade com todos os outros itens que se considera não deverem integrar o noticiário. Por causa deste sentido que lhe é acrescentado, o produto jornalístico não é, em rigor, «a estória», mas um complexo de «estórias» que funcionam juntas para formar uma coisa a que chamamos «noticiário»” (Carlson, 2007, p. 1016 *apud* Gomes, 2012, p. 205).

2.4. Abordagem histórica à função do pivô

Apresentar as notícias em televisão, ser pivô, é muito mais do que ler um teleponto. Envolve outro tipo de capacidades e uma enorme bagagem cultural, bastante necessária, por exemplo, quando existem notícias de última hora e é preciso que o jornalista confira contexto à notícia. Esta situação é mais premente se atentarmos na importância da posição que o pivô tem. É ele que informa as pessoas, que diz o mais importante: o quê; quem; quando; onde. Depois, no corpo da notícia são desenvolvidos o “como” e o “porquê”. Isto é o básico. Alturas há em que os apresentadores personalizam determinada notícia com algum comentário (o que abre outra discussão sobre a objetividade e a imparcialidade que não vamos aqui abordar) ou que demonstram alguma emoção.

Exemplo histórico dessa emoção é Walter Cronkite, quando anunciou a morte de John F. Kennedy, na CBS ou até mesmo, com as devidas distâncias, quando Portugal se sagrou campeão europeu de futebol, em julho do ano passado, e José Alberto Carvalho, pivô do Jornal das 8 da TVI, não só apresentou as notícias com o cachecol da seleção nacional (tirando-o quando as notícias eram sobre mortes), como também se despediu de forma emotiva, citando Miguel Torga, com um assumido sentido de orgulho “em ter o privilégio de noticiar e interpretar”³⁵ aquele acontecimento. Repare-se na palavra interpretar. Ou seja, um pivô admitiu perante a sua audiência que não se limita a dar as notícias, interpreta-as. Com a palavra epopeia na boca, José Alberto Carvalho disse que Miguel Torga “escavou bem fundo da alma portuguesa e que escreveu um apelo que as últimas vinte e quatro horas tornaram realidade. *Enquanto não alcances/ Não descanses./ De nenhum fruto queiras só metade.* Obrigado, Seleção; parabéns, Portugal”³⁶. A isto, juntou-se a entoação e cadência na voz a que já nos habituámos a ouvir nesse pivô.

É notável a forma como a televisão evoluiu ao longo dos tempos, sempre a par da tecnologia, e a forma como, também, os próprios apresentadores deixaram de ser meros locutores de notícias. Aliás, os primeiros pivôs vinham da rádio sem qualquer formação específica para televisão, como já referimos, tanto nos Estados Unidos, como

³⁵ Jornal das 8 de 11 de julho de 2016. Disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/desporto/uma-despedida-emotiva-e-orgulhosa-no-jornal-das-8/578405120cf22c4188c48f1e#/>

³⁶ Idem

na própria RTP, em Portugal, que introduziu nomes como Fialho Gouveia, ele que já tinha inaugurado as emissões da Rádio Renascença, Henrique Mendes. Atente-se num pormenor curioso em relação aos primeiros espaços noticiosos (só mais tarde surgiu o Telejornal) em que foram escolhidos para apresentar dois jornalistas, um do DN, Mário Pires, e outro do jornal O Século, Alberto Lopes: o detalhe curioso está no facto de não terem durado muito tempo porque “não tinham presença televisiva, nem ritmo de leitura”³⁷ (entoação). É de realçar como em 1959 já se dizia que quem apresentava as notícias deveria ter presença televisiva. Por isso, a RTP fez um concurso de onde saíram nomes como Fialho Gouveia, Arménio Duarte Silva e Manoel Caetano. O júri foi composto por Artur Ramos, Ruy Ferrão, Manuel Lerenó e Jaime Santos (Teves, 2007), “que tiveram de se confrontar com, nada mais nada menos, que 250 concorrentes. O primeiro locutor privativo da RTP seria Gomes Ferreira que, caso curioso, não tinha a mínima experiência radiofónica e se candidatou a um lugar de aspirante de redator. Manuel Figueira não lhe deu o lugar mas levou-o ao concurso de locutores. Uma boa aposta” (Teves, 2007). Gomes Ferreira e Luís Arnaut Pombeiro foram, então, os primeiros apresentadores do Telejornal.

Não é segredo nenhum que os telejornais têm estratégias para captar a audiência. Essa estratégia não passa só pelo apelo à emoção, emissão de vídeos que ficaram virais nas redes sociais, entre outros. Passa pela própria pessoa que apresenta as notícias.

O pivô é, hoje em dia, um dos elementos mais fundamentais dos telejornais. A forma como ele fala, como se veste, como se apresenta, a postura que adota e a forma como esconde ou não possíveis emoções são fatores que não escapam ao olho do telespetador. Neste contexto, muitos destes apresentadores são motivos de notícia e capas de jornais e revistas (principalmente na chamada imprensa cor de rosa), pelos mais variados motivos (recorde-se a cobertura exaustiva que a morte do filho da jornalista Judite Sousa teve em toda a imprensa).

À parte o estatuto de celebridade que os apresentadores transportam consigo, do qual se podem aproveitar para uma imagem mais bem construída, os

³⁷As palavras são do realizador do primeiro telejornal da RTP, Vasco Hogan Teves, ao Diário de Notícias: <http://www.dn.pt/tv-e-media/media/interior/jornalista-do-dn-apresentou-primeiro-telejornal-1394727.html> [Acedido a 15-07-2017].

comportamentos que têm passam a “ser percebidos paulatinamente pelo público como alguém mais próximo e familiar (...)” ou, por outro lado, podem ainda ser vistos “como alguém capaz de defender os seus interesse e manifestar [as] suas posições, aptos a expressarem às autoridades, aos políticos ou a representantes da sociedade civil aquilo que ele[s] próprio[s] gostaria[m] de falar” (Fechine, 2008, p. 69).

O pivô surge por necessidade, numa altura em que alguém tem que entregar as notícias aos espetadores. E, “tal como a rádio introduziu uma nova dimensão no trabalho do jornalista, com o aspeto do som, que necessita de um foco na voz e entrega do repórter, a adaptação para televisão adicionou o aspeto visual do jornalista, que necessita de atenção na aparência física e na linguagem corporal” (Meltzer, 2010, p. 18). Ademais, o teleponto ainda não existia e o contacto visual com o espetador não era mantido durante toda a emissão do noticiário. Isto mudou com John Cameron Swayze, o primeiro pivô da NBC, em 1949. Swayze introduziu o contacto visual permanente porque tinha a capacidade de decorar todos os 15 minutos da emissão (Meltzer, 2010). Na CBS, que já emitia há um ano, a Douglas Edwards foi sugerido que aprendesse braile, para ler as notícias com os dedos e, dessa forma, não ter que olhar para o guião (Meltzer, 2010). Até chegar Walter Cronkite, Swayze era líder de audiências.

Estes dois exemplos mostram-nos que os jornalistas “começaram a ter noção de que a sua aparência, as expressões faciais, maneirismos e comportamento entravam em jogo com a audiência, que conseguia vê-los no ecrã. Agora, não só as suas vozes poderiam retratar uma emoção ou opinião, mas as suas caras e corpos também” (Meltzer, 2010, p. 18). Ora, a emoção começa a ser discutida. Deve ou não o pivô demonstrar alguma emoção, seja ela qual for? Os jornalistas tinham a escola da imprensa escrita e viviam sob o mantra da objetividade e distanciamento, logo as demonstrações de emoção eram consideradas violações do código jornalístico (Meltzer, 2010, pp. 18-19):

“Há uma sensação de poder na televisão. É como estar agarrado a um acelerador de uma locomotiva. Toda a gente te está a observar como um falcão. Não deves revelar a mais pequena emoção que não deva lá estar. As pessoas devem ter a sensação que estás a tentar ser justo” (Schumach, 1955 *apud* Meltzer, 2010, p. 19).

Hoje, ao vermos um noticiário televisivo, observamos demonstrações de emoção, sendo a mais comum o sorriso, por exemplo. Para além da emoção, há mais

características a que um pivô deve atender. Antes, porém, importa definir o que é o pivô pelas palavras de Adelino Gomes, n' *Os Bastidores dos Telejornais. RTP1, SIC e TVI*:

“Apresentador das notícias. Distribuidor de jogo, na gíria basquetebolística, a designação generalizou-se quer à televisão quer à rádio, na sequência de cursos de formação dados na RDP e na RTP e na SIC (em finais da década de 1970), por formadores franceses, dirigidos por Édouard Guibert. Designa também o texto de lançamento de uma peça do telejornal” (Gomes, 2012, p. 392).

Para Jean-Jacques Jaspers, o apresentador, para além de contar a informação e não poder deturpar a realidade, “tem a função de um narrador familiar. Tem em geral o aspeto de uma pessoa agradável, educada e não agressiva” que deve “colocar-se ao serviço do público, ser o intérprete das suas interrogações, inquietações, realçar o essencial das notícias e fazer a ligação entre elas, dar-lhes sentido e esclarecê-las” (Jaspers, 1998, pp. 180-181).

Como acima esclarece Adelino Gomes, a designação de pivô é também usada para o texto que o apresentador lê. Quanto a esse texto, Jaspers diz que “o apresentador introduz as sequências de reportagem, as entrevistas, as imagens comentadas por outros jornalistas, etc... através de um texto bastante curto que denominamos pivô” (Jaspers, 1998, p. 181). Para o autor, e para quase todos os pivôs, o texto não deverá ser superior a 20 segundos e deve conter “um efeito de surpresa, o apresentador deve evitar divulgar a surpresa; ao contrário, ele esforçar-se-á por reforçar o suspense” (Jaspers, 1998, p. 181).

A relação da audiência com o pivô é forte e desenvolve-se com o tempo, criando uma ligação de uma carreira e fidelizando o público. Nos Estados Unidos isso é demasiado evidente, tendo em conta que alguns apresentadores estiveram 30 anos no principal noticiário.

Atualmente, em Portugal, o pivô há mais tempo no mesmo noticiário é José Rodrigues dos Santos, com o Telejornal na RTP1 – começou em 1991, já lá vão 26 anos. Neste caso particular, José Rodrigues dos Santos já tinha passado pela BBC e CNN e estava a apresentar o 24 Horas, o último noticiário na RTP1. No entanto, o que o catapultou para a apresentação do Telejornal foi a maratona de dez horas, a partir do Iraque, quando estalou a Guerra do Golfo, nesse mesmo ano. Rodrigues dos Santos

continuou a desenvolver o seu estilo ao longo dos anos. Dotado de uma expressividade e energia muito próprias, cimentou a sua carreira também como enviado especial e, ainda hoje, continua a sê-lo quando há eventos relevantes. Por outro lado, tem um traço muito característico e que pode ser considerado incomum: a sua assinatura. Não sendo fácil precisar quando é que começou a fazê-lo e porquê, certo é que o jornalista despede-se frequentemente dos espetadores, no final do Telejornal, com um piscar de olho³⁸. Sobre esse comportamento, José Rodrigues dos Santos disse, numa entrevista de 2010 ao Jornal de Notícias, que “na televisão, sou uma pessoa que fala para muitas, mas, para a comunicação ser eficaz, ela tem de fazer-se uma a uma. O piscar o olho é uma forma de singularizar a comunicação com o espetador”³⁹.

2.4.1. Características e exigências

Sobre o pivô, a bibliografia não é muito vasta, principalmente em Portugal. São muito pouco os autores que se dedicam ao estudo desta temática. Mesmo nas obras de autores que, em Portugal, se dedicam ao estudo do jornalismo televisivo, a referência concreta ao pivô é rara. Os Estados Unidos têm um vasto conjunto de referências bibliográficas, o que não espanta, tendo em conta que foi lá que nasceu a função do pivô, a forma como os espetadores americanos os olham e, ainda, o próprio jornalismo que tende a heroificar os jornalistas.

Os espetadores, em casa, pouco sabem sobre essa função e sobre o papel que o pivô realmente desempenha no noticiário, para além daquilo que ele vê. Nada melhor do que uma experiência de redação para clarificar esse ponto. As pessoas estão habituadas a verem alguém que consideram de confiança, em quem confiam. E têm as suas preferências, claramente. Atualmente, o Jornal das 8 da TVI é o mais visto⁴⁰. Não é apenas o pivô, obviamente, que tem peso na equação, mais ainda numa altura em que a informação nos canais generalistas portugueses tem perdido audiências ao longo do

³⁸ Exemplo do piscar de olho neste Telejornal, de dia 22 de setembro de 2017, ao 1'40'': <https://www.rtp.pt/play/p3023/e307392/telejornal/603370> ou com uma maior expressividade, no Telejornal de 25 de dezembro de 2009: <https://www.youtube.com/watch?v=u9WLk2WYzUY>

³⁹ Entrevista de José Rodrigues dos Santos concedida a Agostinho Santos, Jornal de Notícias, publicada a 8 janeiro de 2010. Disponível em: <https://www.jn.pt/artes/interior/jose-rodrigues-dos-santos-rtp-ganhou-por-eu-ser-escriptor-1465360.html>

⁴⁰ Liderança da TVI desde há 11 anos, disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/televisao/tvi-lidera-audiencias-ha-133-meses/>

tempo⁴¹. Também nos Estados Unidos se verifica esse fenómeno de perda de audiências na informação. Na era dourada da televisão americana, em 1986 – com Dan Rather na CBS, Tom Brokaw na NBC e Peter Jennings na ABC – 38 milhões de americanos viam as notícias todos os dias, o que dá mais de 11 milhões de espetadores por canal. Hoje, as três maiores televisões não vão além dos 8 milhões em direto⁴².

Para David Brinckley (*apud* Losada, 2005, p. 1), um dos pivôs que surgiu na era inicial da televisão e que passou pela NBC e ABC, “o papel do apresentador é difícil de valorizar (...), diferencia-se dos outros ao estabelecer um relação de noite a noite, dia a dia, com dezenas de milhões de pessoas, o apresentador dá à notícia uma espécie de dimensão e carácter que nunca antes havia tido, utilizando como intermediários a sua voz, o seu aspeto e a sua personalidade”. No artigo *O apresentador de notícias: as qualidades necessárias para uma comunicação eficaz*, do professor Alejandro Salgado Losada, da Universidade de Salamanca, são-nos elencadas as qualidades que melhor definem o pivô. Neste artigo, o autor cita uma das comunicadoras mais reconhecidas no Reino Unido, Janet Trewin: “é um bom comunicador, que não interpreta, mas que é ele mesmo, que atua como ferramenta de marketing, que crê em si mesmo, que não se mostra como um «sabe-tudo» perante ninguém e que sabe trabalhar em equipa” (Trewin *apud* Losada, 2005, p.1).

Recuperando Jean-Jacques Jaspers, ele também explica as características ideais de um pivô e expõe qual deve ser o comportamento do apresentador. Para o jornalista belga, o apresentador tem “apenas uma única oportunidade de fazer passar a sua mensagem virtual. É preciso que tudo nele (atitude, voz, rosto) contribua para otimizar a transmissão da mensagem real” (Jaspers, 1998, p. 102). De acordo com o autor, o jornalista deve olhar o seu interlocutor nos olhos, pois esse é o “verdadeiro vetor da comunicação, a ligação entre o jornalista e o seu telespectador” bem como ter “o bom senso de mudar de fluidez, ritmo, entoação e sentimento consoante a notícia” (Jaspers, 1998, p. 102). Deve, também, manter uma conversa a dois para que a mensagem seja

⁴¹ *Noticiários perdem 183 mil espetadores*, de Duarte Faria. Perda de 183 mil espetadores só desde janeiro deste ano, sendo que a SIC foi a mais afetada. Disponível em: http://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/noticiarios-perdem-183-mil-espectadores?ref=tv-media_outras [Acedido a 10-07-2017].

⁴² *Evening News Ratings: Week of Sept. 11*, de Chris Ariens. Semana de 11 de setembro, disponível em: <http://www.adweek.com/tvnewser/evening-news-ratings-week-of-sept-11/341979> [Acedido a 10-07-2017].

transmitida do modo mais eficaz possível: “só se dirigem a um e cada um recebe a mensagem como se ela lhe fosse destinada pessoalmente. Não há efeito multidão” (Jespers, 1998, p. 103). Esta concentração total de atenção do jornalista para o espetador, por si só, é insuficiente. A mensagem tem que ser clara, cuidada, coloquial e ter a entoação e inflexão da voz nas palavras certas.

Na postura, o jornalista não deverá fazer muitos gestos e, quando os faz, não devem ser bruscos, com o destaque a ir para as mãos e expressão facial. “Algo tão pequeno como o levantar da sobrancelha é o suficiente para os espetadores confundirem como prova de alguma predisposição em relação à notícia que está a ser relatada” (Meltzer, 2010, p. 19). A mesma opinião tem, então, Jean-Jacques Jespers ao afirmar que “é importante para a eficácia da transmissão da informação que o telespetador não seja perturbado por detalhes secundários, tais como uma gravata muito vistosa, uma cicatriz que desfigura, um tique, gestos demasiado abundantes, ou excessivamente bruscos, um meneio intempestivo da cabeça” (1998, p. 182).

De acordo com Jespers, está o pivô José Alberto Carvalho:

“Porque é que as pessoas bonitas têm mais dificuldades de se afirmar na informação? Precisamente porque são *too much*. As mulheres bonitas ou os homens bonitos têm que mostrar muito mais do que os outros quando estão a fazer uma tarefa que não é suposto ser em nome da beleza. A Sara Sampaio, se aparecesse a apresentar um noticiário, qual é que seria a reação das pessoas? Porque é demais. O que é que esta mulher está aqui a fazer? Não é suposto que a sua beleza, que é tão evidente, seja a característica principal quando eu olho para lá. A beleza, por si só, não é “o” argumento. A condição física da pessoa, que também tem a ver com sua expressividade e os traços do rosto, só não pode provocar corte. Será mais difícil se eu tiver uma deficiência, que não é pela deficiência, repara. Se eu tiver uma assimetria na cara, por exemplo, porque tenho uma cicatriz numa sobrancelha e fico com a sobrancelha em cima, não é pela deficiência. É pela assimetria. Porque introduz desconforto a quem vê. O aspeto físico só tem que não afastar pessoas. Não tem que atrair ninguém. A atração é por outras razões e por outras características, não é pelo aspeto físico. Não é por ser bonito ou feio. Isso é um equívoco. É uma leitura muito simplista do assunto e errada, como é óbvio”.⁴³

⁴³ Entrevista efetuada a José Alberto Carvalho a 12-07-17, anexo nº 5, p. 199.

Na verdade, para o jornalista, a pessoa não pode ser demasiado bonita ou demasiado feia, mas num equilíbrio entre os dois, para não chocar:

“Tens que parecer, não sendo, tens de deixar as pessoas na dúvida, se és ou não um *average man* ou *average woman*. Não totalmente *average*, mas suficientemente *average*. Ou seja, ninguém está à espera que eu apareça no estúdio da TVI com uma *t-shirt*. O espetador identifica-se com alguém que não pode ser abaixo dele porque ninguém estabelece padrões olhando para baixo. Para nós estabelecermos uma relação de admiração temos que olhar para cima e não para baixo, portanto, é alguém que está ligeiramente acima, mas não totalmente acima, num ponto inacessível. Tem que estar algures *in between*. Entre o “caramba!, eu posso ser esta pessoa”. Isto tem que estar lá, mesmo que não seja racionalizado pelo espetador”.⁴⁴

Alejandro Salgado Losada propõe um modelo de qualidades, que vai ao encontro das já referidas, com base em Andrew Boyd: credibilidade, clareza, autoridade, entusiasmo, concentração, tranquilidade, profissionalismo, experiência, personalidade boa voz e boa imagem. (Losada, 2005, pp. 2-3).

Antes de abordarmos a credibilidade de forma particular, já que é a característica que os pivôs enumeram em primeiro lugar, vale a pena observar o quadro de qualidades necessárias proposto por Losada, na página seguinte:

⁴⁴ Entrevista efetuada a José Alberto Carvalho a 12-07-17, anexo nº 5, pp. 198-199..

Clareza	<p>Elaboração de textos com uma linguagem apropriada para os meios audiovisuais (claro, simples, breve, natural e preciso, que reproduza um estilo conversacional).</p> <p>Exposição correta da mensagem, com uma leitura ou narração sem hesitações ou equívocos.</p> <p>É preferível o uso de vozes com tons graves, variados para quebrar a monotonia, com uma velocidade e volume adequados para cada situação comunicativa, com boa articulação e fluidez verbal.</p>
Versatilidade	<p>Capacidade do comunicador em enfrentar com fluidez as diferentes situações comunicativas. Esta qualidade e habilidade é necessária para modificar registos narrativos e interpretativos em função dos temas, abordagens ou os propósitos/fins da comunicação.</p>
Reconhecimento social	<p>Esta qualidade sustenta-se, principalmente, na trajetória e experiência profissional do comunicador. O carisma e uma imagem pública positiva resultarão num maior reconhecimento social do pivô.</p> <p>Outros aspetos que atuam como elementos constitutivos do reconhecimento social é o grau de similaridade e familiaridade com o seu auditório.</p>

Tabela 2 - Modelo de qualidades necessárias para o pivô, segundo Alejandro Losada⁴⁵.

⁴⁵ Retirado e disponível em: <https://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=25&articulo=25-2005-101>
[Acedido a 10-09-2017].

Por outro lado, tal como diz Tom Dolan (2000) no artigo *News in Prime Time*, “os estudos de mercado mostram que os pivôs são uma das razões pelas quais as pessoas veem o jornal”⁴⁶, por conseguinte a responsabilidade do apresentador do jornal deveria ser maior do que aquela que verdadeiramente é. Acontece, porém, que, muitas das vezes, e ao contrário do que acontece nos Estados Unidos em que os pivôs são os *managing editors* do noticiário, os pivôs nacionais, a menos que ocupem cargos de chefia, pelo menos da observação feita durante o estágio na TVI, não têm um papel muito ativo.

Aliás, como já vimos anteriormente pela observação de campo de Adelino Gomes, os apresentadores não comparecem às reuniões dos noticiários que apresentam. Ainda assim, as suas vozes são ouvidas e, frequentemente, “seguidas no questionamento das opções de alinhamento” (Gomes, 2012). Jean-Jacques Jaspers vem ao encontro desta premissa quando afirma que “em muitas redações, o pivô não controla a escolha e a hierarquia dos assuntos tratados” e que, por isso, o trabalho dos apresentadores é “irrisório porque na maior parte do tempo, o apresentador limita-se a parafrasear textos que lhe foram fornecidos por outros jornalistas” (Jaspers, 1998, p. 179).

Para os espetadores acreditarem nos pivôs, a credibilidade é uma qualidade irrefutável que se vai desenvolvendo ao longo do tempo. Esta pode ser descrita a partir de diferentes dimensões e autores⁴⁷. Há dois que vale a pena visitar porque descrevem algumas perspetivas relevantes da credibilidade:

“Atitude do recetor da informação em relação à imparcialidade dos media e dos jornalistas, quantificação das notícias sobre feitos negativos, o tratamento que os media fazem de determinados grupos sociais, a forma como se reflete na informação o mundo do chamado homem standard, os media como cães de guarda das ações dos governos e demais instituições e poderes, os media em comparação com outras instituições, os diferentes tipos de recetores da informação quanto ao seu sentido mais ou menos crítico com os media” (Gaziano e McGrath, 1987, *apud* Losada, 2007, pp. 147-148).

⁴⁶ Estudo sobre as notícias em horário nobre nas televisões locais norte-americanas. Disponível em: <http://www.journalism.org/2000/10/01/news-in-prime-time/> [Acedido a 14-07-2017].

⁴⁷ Gaziano e McGrath, Newhagen e Nass, e, ainda, na Associação Americana de Editores de Jornais.

Armand Balsebre (*apud* Losada, 2007, p. 149) concretiza ao afirmar que é um conceito que se define “como a confiança que um deposita no outro, a partir da qual procedemos a um ato de fé: cremos no que nos diz o outro, cremos na sua palavra”. E completa:

“A credibilidade baseia-se nos diferentes níveis de rigor jornalístico e eficácia comunicativa, que os profissionais dos media traduzem no processo de produção de notícias: precisão dos factos narrados, apresentação clara e concisa dos dados na história, bom tratamento das fontes de informação, correta disposição hierárquica das notícias mais importantes sobre as menos importantes, animação (performance) na apresentação das notícias, etc.” (Balsebre, 1994, p. 28 *apud* Losada, 2007, p. 152).

Neste complexo conceito, entram também outros aspetos: a empatia e fatores psicológicos e políticos, que ajudam a apurar a credibilidade do pivô. Neste sentido, há fatores que são determinados pelo contexto profissional e pelo contexto pessoal. Podemos enumerar a simpatia, o humor, a imagem auditiva e física que projeta, a segurança, a inteligência ou a agradabilidade (Losada, 2007, p. 153), mas também aquilo que a audiência procura: “rasgos de familiaridade nas suas estrelas [pivôs]” (Losada, 2007, p. 153). Entram em cena ainda mais elementos: as características do *plateau*, com uma boa seleção de cores e estética; o tratamento audiovisual do noticiário que deve anular qualquer ruído; uma seleção adequada das vozes dos jornalistas que irão dar as notícias; a aparência física, telegenia, vestuário e maquilhagem; e a comunicação não-verbal, os gestos, os movimentos, a postura.

Posto isto, a credibilidade tem uma importância significativa na forma como os espetadores vão decidir o que querem consumir. Muitas vezes, recusam ver “determinado segmento se a credibilidade estiver a ser posta em causa” (Jaeger, 2015, p. 12). A audiência tende a consumir aquilo que acha que é credível e fidedigno, mas o tipo de media (televisão, jornal, rádio, internet) também tem um papel fundamental na forma como a confiança é percebida. “Se os espetadores confiarem numa estação de televisão como um todo, então é provável que consumam mais conteúdos provenientes daí” (Jaeger, 2015, p. 13). Além disto, Jaeger diz que a pesquisa que efetuou mostra que “à medida que a confiança em conteúdos noticiosos *online* aumenta, a confiança nas notícias televisivas diminui” (Jaeger, 2015, p. 13). Isto tem relevo se pensarmos que os

sites de notícias *online* continuam a crescer e numa altura em que as *fake news* dominam a atualidade. Claro que, à luz disto tudo, o autor faz referência à questão do ceticismo, na medida em que a noção de confiança está amplamente ligada àquela. Ainda assim, quando “os níveis de confiança são elevados, os indivíduos consomem mais órgãos convencionais e tornam-se cidadãos mais participativos” (Jaeger, 2015, p. 13).

Para além da credibilidade, o pivô deve “incorpora[r] o efeito da tecnologia na televisão, através de tratos com a sua presença visual, qualidades relativas à personalização, e outros aspetos de um tipo particular de transmissão das notícias para as audiências” (Meltzer, 2010, p. 4).

Meltzer faz um retrato muito completo dos *anchors* americanos, desde os seus primórdios, até aos dias de hoje, conferindo, ainda, um contexto muito amplo à matéria retratada. Apesar de já ter sido citada ao longo deste trabalho, vale a pena visitar de forma particular o que escreveu e alguns pontos-chave do seu estudo.

Nesse sentido, olhemos para uma opinião que pode ser polémica. No geral, os jornalistas mais bem pagos numa redação são os pivôs, com os ordenados a chegarem às três ou quatro dezenas de milhares de euros em alguns casos. Na realidade americana, há pivôs que recebem mais do que um milhão de dólares por mês. Porque são eles que dão a cara, o capital investido é proporcional ao resultado que obtêm a nível de audiências. Não é de estranhar, por isso, que no que toca aos pivôs “a comunidade jornalística é esquizofrénica: exteriormente, usa os pivôs para a promoção da própria comunidade e colhe os benefícios positivos do poder de adulação e afirmação da autoridade de que gozam. Mas, internamente, a comunidade jornalística sente que os pivôs minam muito dos valores chave do jornalismo” (Meltzer, 2010, p. 4). Sobre esta matéria, vale a pena ler o que defende Judite Sousa:

“Somos os principais rostos da informação, por isso é que somos valorizados e remunerados da forma que somos. São os próprios estudos de mercado que dizem isso, as empresas não tomam decisões avulsas. Claro que há um preço a pagar. A condição de figura pública tem vantagens e desvantagens. Nós somos pagos, também, pela perda do anonimato. Essa perda carrega um preço e é muito alto (...). Por serem quem são, pelos resultados que apresentam e pelo histórico que têm. Se os resultados baixarem, baixa tudo (...). Só as [pessoas] provincianas [é que ficam chocadas com os valores altos]... É assim em todo o lado. A Amampour ganha um milhão de dólares por mês, o Anderson Cooper ganha um milhão de dólares por mês. São regras de

mercado, é o mercado a funcionar. É como a roupa ou sapatos. O vendedor que na sapataria mais sapatos vende, é o mais bem remunerado de todos. Os outros só têm que fazer uma coisa: é tentarem ser tão bons vendedores quanto ele.⁴⁸

A ideia dos pivôs poderem ser capitais de marketing e promoção da estação que representam não é descabida, uma vez que os pivôs dão a cara pela estação. Quando algo corre mal, poderão ser os primeiros a serem criticados. Por outro lado, a notoriedade que lhes é dada, ajuda a que a estação consiga obter mais audiência. E, se o consegue, as receitas publicitárias serão superiores, em teoria, pelo que os pivôs devem ser recompensados por esse retorno. O mesmo acontece com os apresentadores no entretenimento.

Atentemos, claro está, em Walter Cronkite, já que foi ele que “prevaleceu na era da Guerra do Vietname. Os pivôs tornaram-se nas caras, na assinatura identificativa do noticiário televisivo, o que significava que a televisão tinha mudado as expectativas daquilo que significava ser jornalista; novos fardos tinham sido adicionados à descrição do trabalho” (Meltzer, 2010, p. 31). Por esta altura, Cronkite tinha-se tornado o homem mais confiável da nação e o assassino de Kennedy, como já referimos no início, só veio acentuar essa certeza. Por outro lado, Walter Cronkite trouxe um papel paternal à entrega das notícias em tempos de crise, alguém que consolava um país quando algo corria mal. Na guerra do Vietname assumiu o risco, no ar, e expressou a sua opinião daquilo que tinha visto na guerra (a cobertura de guerras, catástrofes e tragédias começou nesta altura – personalização da informação). Ao expressar dúvidas e incertezas sobre o que se estava a passar, Lyndon B. Johnson, disse uma das mais conhecidas frases: se perdi Cronkite, perdi o país⁴⁹.

A evolução da tecnologia não parava. Era, portanto, só uma questão de tempo até ao nascimento do primeiro canal de notícias 24h por dia. A *Cable News Network* (CNN) surge em 1980 e, desde o princípio, que o canal “dependeu do reconhecimento dos seus correspondentes para atrair espetadores” (Meltzer, 2010, p. 39), sendo hoje

⁴⁸ Entrevista efetuada a Judite Sousa a 07-07-17, anexo nº 4, pp. 182-183.

⁴⁹ A frase terá sido dita a um dos colaboradores mais próximos do presidente, que nunca a negou ter dito. Tanto assim foi que o presidente decidiu não concorrer para um novo mandato (Meltzer, 2010, p. 34).

um símbolo maior de credibilidade e um exemplo a seguir no que ao jornalismo televisivo diz respeito.

Todavia, à medida que o tempo avançava, e grandes correspondentes começaram a ser conhecidos (Christiane Amampour, Wolf Blitzer, Peter Arnett), invariavelmente a informação deixava de ser só informação pura e dura e a era do *infotainment* começava. E o que tem este facto a ver com pivôs? Muito simples. As televisões começaram a procurar novas caras, algumas delas vinham do entretenimento⁵⁰. Enquanto o entretenimento ganhava espaço na informação, havia um programa que estava a influenciar tudo: *The Oprah Winfrey Show*. Os fatores de sucesso deste programa e o porquê de ter tido a maior audiência alguma vez registada em programas de *daytime* dariam, com certeza, uma dissertação. O que importa é que Oprah assumiu um papel de mãe da nação, ela representava dezenas de milhões de americanos. Os americanos endeusaram Oprah e ela tornou-se naquilo que Walter Cronkite tinha sido. E, curiosamente, Oprah começou por ser pivô de informação numa televisão local, em Baltimore:

“Há, de facto, um substituto para todos eles [pivôs]. Oprah... A Oprah substituí-os. A Oprah preenche o papel que costumava ser de Walter Cronkite. Absolutamente... Ela é a pessoa – não universalmente, não para todos na América, mas ela tem uma enorme audiência. Se olharmos para o *médium* televisão, ela é a única pessoa que tem esse tipo de audiência, influência e confiança e credibilidade que Walter Cronkite teve no seu auge, é a Oprah Winfrey” (Satullo, 2006, em Meltzer, 2006, p. 44 – entrevista concedida à autora).

A aparência, personalidade, emoção e características de um pivô são escrutinadas diariamente pela audiência, mesmo de forma inconsciente. No caso de ser um pivô há muitos anos no mesmo jornal, as pessoas, em casa, criam a sensação de que conhecem o interlocutor, para além do laço ou da ligação que construíram com ela. Já aqui nos referimos à aparência pelas definições de Jaspers e José Alberto Carvalho, que é resumida por Kimberley Meltzer desta forma: “bem arranjado, com um corte de cabelo elegante e limpo e maquilhagem que favoreça a mulher e estar

⁵⁰ Convém aqui referir que os EUA têm um sistema televisivo completamente diferente do nosso. Os programas da manhã, com bastante sucesso e audiência, são uma mistura de notícias com entretenimento. Muitos dos pivôs vieram desses programas.

profissionalmente bem vestido, ainda que elegantemente (...) para que possam ser amigáveis e simpáticos, agradável de assistir, mas, ao mesmo tempo, serem levados a sério” (Meltzer, 2010, p. 51).

O denominador comum dos pivôs é a credibilidade, que já definimos anteriormente. Mas “são as manifestações físicas das qualidades interiores que os tornam distintos dos outros” (Meltzer, 2010, p. 51).

“A influência das características pessoais do pivô no ecrã não podem ser negadas. O pivô usa sua fisicalidade de formas particulares para incorporar as características desejadas, e as relações parassociais entre espetadores e pivôs crescem a partir de uma atração e vinculação do espetador com as figuras dos media que são percebidas como reais e similares ao espetador (Rubin, Perse & Powell, 1985)” (Meltzer, 2010, p. 52).

A autora dá um exemplo: a contratação daquele que viria a ser um dos mais acarinhados pivôs nos Estados Unidos da América, Peter Jennings, na ABC. Tinha apenas 26 anos, em 1965, quando foi contratado para ser o pivô das notícias da noite e a intenção era apresentar uma cara fresca e bonita, que apelasse aos espetadores mais jovens. Três anos mais tarde, em 1968, foi substituído devido “à sua inexperiência e força da concorrência” (Meltzer, 2010, p. 53). Voltou 10 anos depois, em 1978, após ter sido correspondente, e muito mais experiente. A importância deste exemplo é elevada porque demonstra claramente a preocupação das estações de televisão com a aparência. E o falhanço do próprio pivô foi “um triunfo dos valores tradicionais da comunidade jornalística” (Meltzer, 2010, p. 53).

Numa referência particular às mulheres, e para se ter uma noção, só em 2006 é que houve a primeira mulher pivô a solo, no noticiário de horário nobre dos EUA, Katie Couric, que substituiu Dan Rather, na CBS. No caso português, há três mulheres, atualmente, a apresentarem os jornais da noite nas televisões generalistas: Cristina Esteves, RTP1; Clara de Sousa, SIC; Judite Sousa, TVI. Esta matéria levanta questões de género que não fazem parte da análise deste trabalho. Para este, o que importa referir na questão da aparência, é que há uma preocupação muito maior quando se trata das mulheres. E façamos o exercício de olhar para o caso português: um olhar atento revela que Cristina Esteves tem um estilo muito mais sóbrio que, por exemplo, Judite Sousa, na TVI. É lógico que a linha editorial da estação tem influência nessa decisão. A RTP

sempre teve uma cenografia e uma linha de imagem mais discreta e sóbria, com o azul e o branco. A TVI precisamente o oposto. Neste sentido, a pivô tem que estar em concordância com o cenário, na medida em que se um cenário for sóbrio, se a apresentadora se apresentar com cores vivas e garridas, isso vai desequilibrar toda a imagem que o espetador recebe em casa. Vale a pena observar o que diz Judite Sousa acerca deste assunto:

“Os homens vestem fatos. As mulheres podem vestir camisas, vestidos, casacos, podem ter o cabelo comprido – não temos um apresentador com cabelo comprido – a imagem masculina é necessariamente diferente da imagem feminina. Esta tem um conjunto de variáveis que a masculina não tem. As pessoas que estão em casa estão a receber muita informação em simultâneo. O seu cérebro está a processar muita informação: a imagem da pessoa, o vestido da pessoa, a cor de cabelo e o penteado, o que a pessoa está a dizer, a forma como está a dizer... O nosso cérebro está a processar isso tudo (...), a imagem é muito importante em televisão (...), é a primeira coisa que as pessoas veem. Daí que nós tenhamos que ter muito cuidado com a nossa imagem. Esta tem que sublinhar as características que nós temos. (...) Os homens precisam de ter cinco bons fatos e depois umas 30 gravatas e camisas para variarem. As mulheres não... Precisam de muito mais roupa. Por isso é que os *closets* femininos são muito mais amplos que os masculinos. Tem a ver com as diferenças de género no que diz respeito às exigências da imagem. Tem a ver com a condição de ser homem ou mulher. É evidente que não vou repetir a roupa de hoje, amanhã. Se calhar repito-a daqui a um mês ou nem a vou usar mais. De resto, eu faço um esforço para não repetir a mesma roupa porque, se repetir, isso é um elemento distrativo e eu não posso introduzir na minha comunicação elementos distrativos. Eu não posso repetir a mesma roupa porque, ao segundo dia, as pessoas não estão a ouvir aquilo que estou a dizer, mas sim a dizerem que a roupa que estou a usar foi a mesma que usei na véspera. E, portanto, eu tenho que estar atenta e ter muito bem presente que o cérebro humano está a processar muita informação e que eu tenho que me colocar na cabeça das pessoas e antecipar o processamento de informação que elas estão a fazer. Temos que ter cuidados com a imagem e que têm muito a ver com a nossa fisionomia. É evidente que uma mulher forte, se aparecer com um vestido sem mangas, mesmo que estejam 40 graus, provavelmente o vestido não lhe vai assentar bem... Porque é demasiadamente gordinha para aguentar um vestido sem mangas. Quando eu me preparo para enfrentar um milhão de pessoas, eu tenho a preocupação de me apresentar com uma imagem agradável, que seja o mais consensual possível e que não agrida o espetador. Porque se eu tiver um braço do tamanho de uma coxa e, se aparecer com um vestido sem mangas, eu estou a agredir o espetador. Não está a ouvir o que eu estou a dizer. O espetador está a dizer para o marido ou a mulher para o marido ou o marido para a mulher que ela não tem corpo para usar aquele vestido. E, portanto, nós temos que ter a noção que há aqui um conjunto de

variáveis que interferem na percepção pública que a pessoa comunica e na imagem que comunica.”⁵¹

Já descrevemos as características do pivô, mas a sua *persona* é algo abstrato, é algo que a pessoa que está a apresentar projeta para a audiência. Esta projeta no pivô alguém que é amigável, alguém que gostariam de receber nas suas casas. Nas palavras de Meltzer (2010, p. 69) o pivô ideal “é alguém digno da nossa confiança, polido e mundano. Pode partir de uma ampla experiência, é rápido, preparado para improvisar e falar inteligentemente sobre quase todos os tópicos. Eloquentemente, afável, respeitável e digno. O pivô é perspicaz e sensível, mas duro quando for preciso” (Meltzer, 2010, p. 69).

Há, ainda, que referir de forma particular a proposta da autora brasileira Yvana Fachine e professora universitária na Universidade Federal do Pernambuco, relativamente à forma como um pivô afirma o seu *ethos*, ou seja, o seu modo de ser o carácter.

A autora parte da definição dada por Isócrates e Quintino, em primeiro lugar, e por Aristóteles e Cícero, em segundo lugar. Assim, a verdade é construída no discurso e não no objeto, como acreditava Platão. “A preocupação central da retórica aristotélica é com os procedimentos de persuasão no uso público de um discurso”, ou seja, o que o orador vai fazer ou dizer para que os ouvintes acreditem no que está a dizer (Fachine, 2008, p. 72) – leva-nos à confiança e à credibilidade. Nas palavras da autora, o conceito de *ethos* remete, por isso, “à configuração do carácter por meio do qual o orador conquista a confiança da plateia com vistas à sua persuasão” (Fachine, 2008, p. 72). No entanto, há uma segunda definição que se deve ter em conta, a de Aristóteles e Cícero, que nos diz que o *ethos* não vai depender tanto da moralidade do orador, mas sim da construção do discurso e, portanto, Fachine, pegando na perspectiva de J. L. Fiorin, considera que o *ethos* corresponde “a uma imagem do autor, não do autor real, mas do autor discursivo, um autor implícito no enunciado” (Fachine, 2008, p. 73). Para um mais fácil entendimento, quer isto dizer que, por exemplo, o pivô José Alberto Carvalho não é a pessoa com a sua vida privada-José Alberto Carvalho. Logicamente, a construção do

⁵¹ Entrevista efetuada a Judite Sousa a 07-07-17, anexo nº 4, pp. 174-175.

ethos do apresentador vai ser determinada “pela estratégia de actorialização [procedimento pelo qual se instituem os atores do discurso, sejam os da enunciação ou os do enunciado] adotada. A configuração enunciativa do apresentador (...) orienta o seu modo de *dizer* e *parecer* (aparência de ser) e influencia diretamente o fazer-criar sobre aquilo que é dito” (Fechine, 2008, p. 73). Ou seja, a forma como determinado pivô lerá o teleponto ou a forma como dirá determinada palavra, vai influenciar a credibilidade e dificultar ou facilitar a aceitação de determinado dado ou notícia junto da audiência.

Ora, Yvana Fechine diz-nos, ainda, que é possível postular a construção de dois tipos de *ethos* ao *porta-voz* (o apresentador impessoal e distante) e ao *dono da voz* (apresentador cúmplice e próximo). Com efeito, o *ethos* do apresentador impessoal pode ser caracterizado pela sua formalidade, postura tensa, contenção de gestos, pela entoação sempre no mesmo nível e por uma obediência mais estrita ao guião/teleponto. Evita-se, ainda, a expressão de emoções e improvisações.

Já no que diz respeito ao apresentador cúmplice, a sua caracterização começa, desde logo, na afetividade para com o espetador. Logicamente, é um pivô mais informal, mais relaxado, com gestos espontâneos, sem medo de improvisações e de mostrar emoções, em que as expressões faciais podem servir de comentário ao que acabou de ser dito ou mostrado. A entoação é, claramente, mais viva e altera-se consoante o teor da notícia.

É “importante ressaltar, no entanto, que o alinhamento das performances dos apresentadores servirá apenas para orientar a descrição de um tipo de *ethos* predominante, até porque é este que norteará a interação entre o espectador e o apresentador” (Fechine, 2008, p. 75).

São apresentados, ainda, dois modelos de telejornal: polifónico e centralizado ou opinativo. Quanto ao primeiro, estamos perante um estilo menos interventivo, talvez mais neutro (embora esta discussão não caiba nos limites deste trabalho, se for mais interventivo pode tornar-se mais subjetivo e menos neutro, conseqüentemente). Caracteriza-se, ainda, pela não apropriação do discurso como sendo dele (o pivô), funcionando “basicamente como um *operador de passagens* entre os vários atores da enunciação” (Fechine, 2008, p. 71). O discurso verbal deste estilo de apresentação é construído, normalmente, “na terceira pessoa e são poucas as circunstâncias nas quais

se permite demonstrar uma valoração pessoal através de outros sistemas semióticos (tom da voz, expressão facial, gestos, etc.) (Fechine, 2008, p. 71). Neste modelo de telejornal, pese embora o fator mediático que rodeia o apresentador, ele nunca fala em nome próprio, nem tão pouco chama a atenção para o seu papel. Em abono da verdade, esta asserção da autora não pode ser considerada de forma tão literal. Porque, como é do senso comum, mas também dos códigos deontológicos, o jornalista não é a notícia. Portanto, se estivéssemos perante um caso destes, estaríamos perante um mau profissional ou, no limite, perante a incompetência. A autora concretiza a definição deste modelo ao afirmar que:

“o apresentador é um delegado imediato do sujeito enunciador que se manifesta explicitamente no enunciado (sua figurativização), mas ao qual não se pode atribuir o ponto de vista do discurso (...). É um condutor geral impessoal, com a mesma importância dos demais integrantes da equipe, conferindo ao telejornal um carácter mais *descentralizado*, em prol da construção de um maior efeito de *objetividade jornalística*, [em que] (...) a principal característica, em termos enunciativos, é a diluição da voz do apresentador em meio ao conjunto de vozes que o compõe” (Fechine, 2008, p. 71).

Quanto ao segundo modelo que a autora nos apresenta, *centralizado ou opinativo*, estamos perante o oposto. Aqui, o pivô é autónomo e assume tudo aquilo que diz como se fosse ele próprio, ou seja, para além da pessoa jornalista. A voz do apresentador sobrepõe-se às outras, “emoldurando-as com o crivo do seu comentário (...); coloca-se também numa posição hierarquicamente superior, de tal modo que o telejornal parece pertencer-lhe” (Fechine, 2008, p.71). Capitaliza-se intencionalmente a mudança de vozes entre o *eu dono da voz* e o *não-eu porta-voz* (do modelo anterior). A partir do exposto, produz-se um discurso mais pessoal e, por isso mesmo, “de maior empatia com o público (...) [em que] a estratégia adotada por esse tipo de telejornal é baseada numa inequívoca personalização dos seus apresentadores, construída a partir do imbricamento, da sobreposição ou de uma deliberada (con) fusão entre os actantes do enunciado e da enunciação” (Fechine, 2008, pp. 71,72).

Fechine questiona o que acontece quando o narrador-apresentador, que já constitui um “eu”, vai contra os cânones da objetividade e, ele próprio, diz “eu”. Ou seja, deixa de ser o porta-voz de um enunciado para passar ele próprio a ser a figura e fonte

do discurso, que pode expressar o que pensa - um eu-próprio, digamos assim. Aqui, entra a questão da confiança abordada por Carl Jaeger em *Audiences, anchors and media trust* e também os campos social, jornalístico e político de Bourdieu que afirma que a sociologia é como uma “espécie de desporto de combate simbólico para defender os cidadãos de várias formas de violência simbólica, principalmente dos media” (Bourdieu, 2005, p. 29). Aplicando esta premissa da confiança aos pivôs, a questão surge: não devem eles assumir o bastião da confiança e da verdade para que não se levantem estas questões de termos que nos defender dos media? Jaeger concorda, na medida em que “nós deixamos que os pivôs entrem em nossas casas, nos nossos momentos mais íntimos e familiares e, por vezes, são a primeira voz que ouvimos de manhã e a última que ouvimos à noite” (Jaeger, 2015, p. 7). Não temos noção desse facto, pelo menos conscientemente e, talvez por isso, não prestamos atenção à relação que vamos construindo com o pivô que apresenta o telejornal de eleição de cada um.

É essencial para se ser um jornalista bem-sucedido, que se seja digno de confiança, especialmente nos jornalistas televisivos. A confiança entre os pivôs e os seus espetadores leva anos a construir, mas pode ser seriamente danificada em segundos por alguma irresponsabilidade em determinada peça. “O princípio da confiança continua a ser o principal fator no que diz respeito àquilo que os espetadores consideram e pensam sobre os indivíduos que apresentam as notícias e o canal que representam” (Jaeger, 2015, p. 9). Neste sentido, o conceito de confiança alberga dois lados: o que confia (*trustor*) e o que recebe essa confiança (*trustee*). O conceito varia, claro, porque a relação de confiança com o nosso vizinho não é a mesma que temos com um amigo (ou até pode ser se o vizinho for amigo), nem a mesma com um pivô. A questão fundamental é que a confiança é um fator essencial na interação humana, quer seja em pessoa, quer seja através do televisor ou ecrã de computador. Depois, não nos podemos esquecer que “os indivíduos procuram os media para satisfazerem objetivos pessoais” (Williams, 2012, p. 119 *apud* Jaeger, 2015, p. 11). Isto porque de acordo com a teoria do uso e da gratificação, “os consumidores sabem que há muitas e diferentes fontes que sabem como corresponder às necessidades de que precisam [e que estes] selecionam estrategicamente as fontes que melhor preenchem as suas necessidades perante todas as alternativas” (Williams, 2012, p. 119 *apud* Jaeger, 2015, p. 11).

Para concluir, e recuperando Bourdieu, o mesmo realça a questão da objetividade ao dizer que essa que é “dada ao historiador está mais intrinsecamente ligada ao campo do que à pessoa, enquanto no jornalismo essa objetividade está mais intrinsecamente ligada à pessoa” (a tal questão da confiança) (Bourdieu, 2005, p. 31). Para ilustrar este argumento, o sociólogo usa um conceito, a heteronomia. Ou seja, há mais heteronomia no campo jornalístico do que no campo sociológico, o que nos diz, portanto, que há pouca autonomia.

Capítulo III – O pivô na redação da TVI

3.1. O pivô na informação da TVI

Conforme já foi referido no início deste trabalho, a TVI, excluindo a TVI24, tem três únicos espaços informativos: o Diário da Manhã, o Jornal da Uma e o Jornal das 8. O primeiro, que é emitido de segunda a sexta-feira, tem início às 6h30 com apresentação de Patrícia Matos. Revisita os principais temas do dia anterior e os títulos do dia. Mostra, ainda, o trânsito várias vezes ao longo da emissão, bem como a meteorologia. Dá especial atenção a temas relacionados com saúde, principalmente quando se comemora uma efeméride, tendo especialistas convidados todos os dias.

O Jornal da Uma conta com apresentação de Cristina Reyna e José Carlos Araújo, durante a semana e, ao fim-de-semana, varia. Mas Rita Rodrigues, Lurdes Baeta, Ana Sofia Cardoso e Carla Moita são as pivôs que asseguram o fim-de-semana e, esporadicamente, a semana. Contudo, Cristina Reyna e José Carlos Araújo apresentam os 7 dias com frequência. O jornal tem início às 12h58 e termina às 14h30. Ao fim de semana, reduz meia hora e termina às 14h.

O Jornal das 8 é o principal espaço informativo da TVI e líder de audiências. José Alberto Carvalho e Judite Sousa são os apresentadores. Tem início às 19h58 e termina às 21h30. Ao domingo, conta com as grandes reportagens com a rubrica Repórter TVI. Não é certo que seja todos os domingos, até porque há reportagens que são divididas em duas e a primeira parte passa ao domingo, a segunda parte na segunda-feira. Como principal espaço informativo, recorre a diretos, a entrevistas e já não tanto a comentários. Em outubro de 2015, o principal comentador da TVI e fenómeno de audiências, Marcelo Rebelo de Sousa, anuncia a sua candidatura a Presidente da República. Marcelo já tinha sido comentador na TVI entre 2000 e 2004. Nesse ano, abandona o canal privado e passa a comentar na RTP1. Em 2010, volta a ser contratado pela TVI para um comentário semanal ao domingo. Com a saída do professor Marcelo, como era conhecido, a TVI não procurou a sua substituição.

Recorrentemente, Paulo Portas, ex-vice-primeiro-ministro e ex-líder partidário do CDS, é chamado a comentar assuntos de política internacional, bem como Constança Cunha e Sá em política nacional. A comentadora já foi editora de Política na TVI e tem um espaço diário de comentário da atualidade política na 21ª Hora, na TVI 24 e, às quintas-feiras, modera o programa de comentário político, também na TVI24, Prova dos

9. Paulo Ferreira, jornalista, e António Costa, diretor do jornal online ECO, são comentadores assíduos em assuntos fiscais e económicos, mas não têm um espaço de comentário definido, tal como Alexandre Guerreiro em assuntos de segurança e terrorismo. Manuela Ferreira Leite, ex-ministra das Finanças e ex-líder do PSD, é convidada a comentar a atualidade política no Jornal das 8, esporadicamente. Todavia, a tem um espaço regular de comentário, na TVI 24, às quintas-feiras na 21ª hora. José Miguel Júdice, advogado, tem um espaço regular de comentário, às segundas-feiras, no Jornal das 8, tendo transitado da 21ª Hora.

Estes três espaços informativos têm um editor responsável, que normalmente está acima do pivô naquilo que diz respeito às decisões editoriais, seja o alinhamento, o tempo dos diretos ou até a conclusão de uma entrevista. No entanto, há discrepâncias na gestão da relação hierárquica entre pivôs e editores. Ou seja, os editores não tratam todos os pivôs de forma igual. Consoante o estatuto do pivô, o editor medeia a sua dose de tomada de decisões.

Mas, para já, olhemos para o panorama de apresentadores da TVI, nas páginas seguintes. Quem são, que idade têm, quando iniciaram funções na TVI e quando se estrearam como pivôs, habilitações literárias, informativos regulares que apresentam e outros que não são o seu principal espaço, mas que assumem ou em regime de substituição ou por indisponibilidade de outros pivôs.

Nome Pivô	Início funções TVI	Idade	Hab. Literárias	Principal Informativo	Outros Informativos
Ana Sofia Cardoso	2006 Como pivô: 2012	35	Lic. Jornalismo Lic. Gestão Bancária Pós-graduada em Televisão	25ª Hora Especiais Informação	Jornal da Uma Jornal das 8
Carla Moita	2000 Como pivô: 2009	47	12º Ano ⁵²	Tardes TVI24 Especiais Informação	Jornal da Uma
Cláudia Lopes	2009 Como pivô: 2004 (RTP)	44	Lic. Comunicação Empresarial	Manhãs TVI24 Maisfutebol	-
Conceição Queiroz	1999 Como pivô: 2015	43	Lic. Sociologia Mestre em História Moderna e Contemporânea Doutoranda em Literatura Portuguesa	Manhãs e tardes TVI24 Fins-de-semana, principalmente.	Diário da Manhã 25ª Hora Jornal da Uma
Cristina Reyna ⁵³	-	-	-	Jornal da Uma	-
Frederico Mendes de Oliveira	2002 Como pivô: 2009	35	Lic. Jornalismo	Mais Transferências Mais Bastidores Desporto 24 Ao Minuto	Especiais Desporto
Henrique Garcia	2000 Como pivô: 1980 (RTP)	69	12º Ano ⁵⁴	Noites informativas aos fins-de-semana	25ª Hora
Henrique Mateus	2000 Como pivô: 2004	48	Lic. Direito	Mais Transferências Mais Bastidores Desporto 24 Ao Minuto	Especiais Desporto
José Alberto Carvalho	2011 Como pivô: 1990 (RTP)	49	Lic. Jornalismo	Jornal das 8 21ª Hora	-
José Carlos Araújo	2000 Como pivô: 2006	46	Lic. Gestão de Empresas	Jornal da Uma	Jornal das 8 Estúdio 24
José Gabriel Quaresma	1994 Como pivô: 1995	47	12º Ano Curso de 3 anos de Jornalismo no Cenjor	25ª Hora Especiais de Informação	-
Judite Sousa	2011 Como pivô: 1991 (RTP)	55	Lic. História Pós-graduada em Estudos Europeus	Jornal das 8 21ª Hora	-
Lurdes Baeta	1993 Como pivô: 2001	46	Lic. Comunicação Social	Manhãs e Tardes TVI24	Jornal da Uma

⁵² Frequência Universitária 3 anos em Sociologia.

⁵³ Até à finalização deste trabalho, nem a TVI, nem a própria jornalista responderam às minhas tentativas de obter as informações.

⁵⁴ Frequência Universitária em Engenharia Mecânica, mas desistiu para ingressar na rádio.

Marcos Pinto	2009. Sai em 2013 e volta em 2014 Como pivô: 2009	38	Lic. Comunicação Social	Manhãs e Tardes TVI24	-
Maria João Rosa	2002 Como pivô: 2009	39	Lic. Comunicação Social e Cultural Curso Livre de História e Estética do Cinema	Cinebox	-
Miguel Fernandes	2000. Sai em 2012 e volta em 2016 Como pivô: 2013 (CMTV)	43	Lic. Jornalismo	SOS24	Especial Informação
Patrícia Matos	2007 Como pivô: 2007	33	Lic. Jornalismo e Comunicação Mestre e doutoranda em Ciência Política	Diário da Manhã	Jornal da Uma
Paula Magalhães	1993 Como pivô: 1993	55	Lic. Relações Internacionais	Discurso Direto	Manhãs TVI24
Paulo Bastos	2000. Sai em 2005 e volta em 2009 Como pivô: 2014	49	Lic. Relações Internacionais Lic. Jornalismo Curso Rádio TSF Curso Técnicas de Voz e Televisão RTP Pós-graduado no Prog. Avançado de Gestão para Executivos	NXT, O Próximo Passo	-
Paulo Pereira	1997 Como pivô: 2000	41	12º Ano	Mais Transferências Mais Bastidores Desporto 24 Ao Minuto	Especiais Desporto
Paulo Salvador	1994 Como pivô: 1989 (RTP)	52	Lic. Ciências da Comunicação Curso de Jornalismo Columbia University, NY	De momento, não tem nenhum espaço regular atribuído.	Jornal da Uma TVI24
Pedro Carvalhas	_ 55	49	Lic. Comunicação Social	Tardes TVI24	-

⁵⁵ Quando conversei pessoalmente com Pedro Carvalhas, disse-me que não sabia de cor essas datas, que iria falar com os Recursos Humanos e, aí, dar-me-ia uma resposta. Até ao término deste trabalho, isso não aconteceu.

Pedro Pinto	1997? Como pivô: 2000	46	Lic. Relações Internacionais Mestre em Desenvolvimento e Cooperação Internacional	Jornal das 8 21ª Hora Ajuste de Contas Eco24	Especiais Informação
Rita Rodrigues	2009 Como pivô: 2009	36	Lic. Jornalismo	Manhãs TVI24	Jornal da Uma
Vítor Moura	2003 ⁵⁶ Como pivô: 2009	42	Lic. Ciências da Comunicação	Cinebox	-

Tabela 3 - Mapa sociográfico dos pivôs da TVI e TVI24.

Há várias considerações a fazer, tendo em conta esta tabela. Desde logo, há catorze pivôs do sexo masculino e onze do sexo feminino, havendo equilíbrio de género, embora existam mais homens do que mulheres. Na média de idades, elas são mais novas, com 43 anos. Os pivôs masculinos, os mais velhos: numa média de idades situada nos 48 anos. Juntando homens e mulheres, a média de idades é de 45 anos. Dos 25 apresentadores (excluindo Cristina Reyna por falta de informações), seis estão abaixo dos 40 anos: Ana Sofia Cardoso e Frederico Mendes de Oliveira com 35 anos, Marcos Pinto com 38, Maria João Rosa com 39, Patrícia Matos com 33 e Rita Rodrigues com 36. Quando foram chamados para apresentarem um noticiário pela primeira vez, Frederico Mendes de Oliveira, Patrícia Matos e Rita Rodrigues estavam abaixo dos 30 anos, respetivamente com 27, 23 e 28 anos. Atualmente com 33 anos, Patrícia Matos é a mais jovem pivô no ar, de entre todos os registos desta tabela. Quando começou a apresentação do Diário da Manhã, há uma década, tinha apenas 23 anos.

Não estando nesta tabela, pelo facto de apenas ter substituído a jornalista Patrícia Matos durante as férias, mas porque nos estamos a referir às idades, é de assinalar o jornalista João Marinheiro, que, com 24 anos, apresentou o Diário da Manhã durante as primeiras três semanas do mês de agosto. Exerce a sua atividade na secção de Sociedade e foi a sua primeira experiência como pivô.

Por outro lado, de todos os presentes na tabela, uma nota particular para José Alberto Carvalho, que foi, na sua estreia como pivô, o jornalista mais jovem de sempre:

⁵⁶ Vítor Moura inicia as funções de jornalista na TVI em 2003. Contudo, já pertencia ao universo Media Capital, com a sua entrada para a Rádio Comercial em 1999. Foi apresentador de noticiários radiofónicos em várias rádios do grupo até 2010.

tinha 22 anos, quando apresentou em 1990, um programa na RTP 1, chamado Segredos e Mistérios.

O pivô há mais tempo no ar é o jornalista Henrique Garcia: com 69 anos de idade, apresenta há 37. O pódio fica composto com José Alberto Carvalho, há 27 anos à frente das câmaras e, logo depois, Judite Sousa, há 26. Por oposição, o pivô há menos tempo no ar é a jornalista Conceição Queiroz, que apenas se estreou há dois anos, em 2015.

Quanto às habilitações literárias, observamos o facto de apenas três apresentadores não possuírem formação universitária superior: Carla Moita, Henrique Garcia e Paulo Pereira. Os primeiros dois, no entanto, frequentaram um curso universitário, mas acabaram por desistir em função da profissão que assumiram. Quanto ao jornalista Paulo Pereira, ficou-se pelo 12º ano. A maior parte das licenciaturas são na área da comunicação (Jornalismo, Comunicação Social, Comunicação Empresarial e Ciências da Comunicação). Dos 25 apresentadores (excluindo Cristina Reyna por falta de informações), 14 são licenciados nessa área e cinco nas áreas de Relações Internacionais e Economia. De resto, há uma pivô licenciada em História e uma em Sociologia.

Seis apresentadores continuaram com a formação académica para além da licenciatura. Desse número, três têm um mestrado, nenhum na área da Comunicação, duas frequentam atualmente um doutoramento, também fora da área dos media, e três têm uma pós-graduação, das quais uma é em televisão. Duas das principais caras da informação da TVI, Judite Sousa e Pedro Pinto, não têm qualquer formação em jornalismo.

Por outro lado, há algumas caras da TVI24 que já apresentaram os principais espaços informativos da TVI – o Jornal da Uma e o Jornal das 8 – ainda que na altura em que apresentavam, na primeira década de 2000, intitulava-se Jornal Nacional: Henrique Garcia, Pedro Carvalhas e Lurdes Baeta. Pedro Carvalhas apresentou em dupla com a Susana Bento Ramos, que agora está na secção de Sociedade e deixou a apresentação, o Jornal Nacional. Pedro Bello Moraes, jornalista nas secções de Política, Internacional e Economia, também apresentou o Jornal Nacional com Susana Bento Ramos. Paulo Salvador já foi pivô de vários espaços informativos, mas mais recentemente, em 2014 e 2015, apresentava o Jornal da Uma, ainda que, de momento, se tenha dedicado às reportagens, pode ser chamado a substituir alguém para apresentar o Jornal da Uma ou a 25ª Hora.

Paula Magalhães foi das primeiras pivôs da TVI e faz parte da equipa fundadora da estação. Nos últimos anos, e com o surgimento da TVI24 em 2009, ficou com a apresentação do Discurso Direto, programa em que os espetadores ligam e dão a sua opinião. Contudo, tal como já foi referido anteriormente, a direção de informação decidiu apostar num novo formato para a as manhãs da TVI24, levando esse Discurso Direto para as ruas. Ou seja, terminaram o programa em estúdio, em finais de fevereiro, e a jornalista levava um tema para uma determinada localidade e falava com as pessoas que encontrasse. Entretanto, apresentou baixa médica, e outros jornalistas da secção de Sociedade substituíram-na. Já recuperou e o Discurso Direto voltou à antena da TVI24. No entanto, Paula Magalhães também já apresentou as notícias das manhãs informativas.

Frederico Mendes Oliveira, agora no desporto, apresentou o Diário da Manhã durante 5 anos, sendo essa a sua estreia como pivô. Para além disso, também apresentou o Jornal da Uma, no verão de 2016, aos fins-de-semana.

João Maia Abreu também já foi pivô do antigo Jornal Nacional. Quando foi lançada a TVI24, foi chamado a apresentar a 25ª Hora, o jornal da meia-noite. Dois anos mais tarde, foi convidado a assumir um cargo na direção de programas ligado aos novos formatos internacionais, pelo que deixou a apresentação, não se sabendo se por agora ou definitivamente.

No que diz respeito ao Jornal das 8, em períodos de férias ou quando, por outros motivos, os principais rostos não podem apresentar o noticiário, Pedro Pinto e Ana Sofia Cardoso assumem as rédeas do jornal. Também José Carlos Araújo já apresentou o principal espaço informativo. Quanto a Pedro Pinto, um dos mais conhecidos rostos da TVI, não é claro, nem está definido, quando é que o mesmo apresenta⁵⁷.

Importa também olhar para outro dado. Com o nascimento da TVI24, a TVI viu-se obrigada a transferir pivôs da TVI para a TVI24, mas também a reforçar a sua equipa de jornalistas e pivôs, através de novas contratações. Assim, há casos claros que demonstram a admissão de novos jornalistas por esse motivo: Marcos Pinto, Rita Rodrigues e Cláudia Lopes.

⁵⁷ A direção de informação da TVI não respondeu ao pedido de esclarecimento sobre este caso em concreto.

3.2. As caras dos principais espaços de informação da TVI e da TVI24 – Jornal da Uma, Jornal das 8 e 25ª Hora

Avançamos agora para um olhar particular sobre os pivôs José Carlos Araújo, José Alberto Carvalho, Judite Sousa e Ana Sofia Cardoso e sobre as respetivas rotinas de trabalho. Previamente à apresentação de algumas considerações decorrentes da análise efetuada ao longo do estágio, propomos que se olhe para estes pivôs para como é que desempenham as suas funções, a visão de cada um sobre a figura do pivô e, até, sobre eles próprios. Incluiremos, também, a visão do diretor de informação da TVI, Sérgio Figueiredo, uma vez que a ele cabe a decisão de quem, quando e que noticiário os pivôs apresentam. Este olhar tem como base entrevistas efetuadas aos próprios e observação não-participante

Apesar do objeto de análise deste trabalho não incluir a 25ª Hora, consideramos altamente relevante apresentar alguns dados sobre esse informativo, não só porque é o mais visto das estações que emitem por cabo (conforme demonstrado no capítulo sobre a empresa), mas também para termos uma pequena ideia das parecenças ou diferenças entre os noticiários do canal generalista e os noticiários do cabo. Ao mesmo tempo que revelamos alguns dados, incluiremos a visão da própria pivô, Ana Sofia Cardoso, sobre a função.

Antes, porém, convém perceber como é a tomada de decisão. Conforme descrito de forma mais completa no subcapítulo sobre a TVI, a redação de informação da TVI divide-se em sociedade, desporto, política, internacional e economia. Na TVI, o poder não está todo concentrado no diretor de informação. Os jornalistas reportam aos editores, que reportam aos editores dos jornais e à direção. Como já observámos anteriormente, aquando da descrição da composição da direção de informação, o diretor de informação tem uma maior preocupação com as grandes reportagens. Faz questão de as ver antes de serem emitidas. Aliás, para além dos grandes repórteres, Ana Leal, Alexandra Borges, Vítor Bandarra, Victor Moura-Pinto e Rui Araújo, sempre que qualquer jornalista, incluindo os nomes atrás referenciados, avançam para uma grande reportagem com o aval da direção, é a esta que o jornalista tem que reportar diretamente e, aí sim, poder-se-á afirmar que o poder está todo no diretor de

informação, como não poderia deixar de ser. Mas é o próprio diretor de informação da TVI que diz que o poder não está todo nele, e sim nos editores, ao afirmar que fazem:

“reuniões de trabalho e de planeamento e tomamos decisão. Está sempre um elemento da direção na reunião da manhã, que é decisiva, não para fechar, mas para a abrir. Não começa tudo ali, há muito coisa que já vem preparada e planeada. Mas, basicamente, saímos da reunião com três ou quatro temas e vamos apostar nesses três ou quatro temas e isso é uma co-decisão. Não é feita por voto. No limite, se eu não estiver de acordo, não se faz, ou o contrário. O coração da redação não está, nem nos pivôs, que dão a cara pelas notícias, nem nos diretores que tomam a decisão final. O coração deste corpo são os editores”.⁵⁸

Os editores das secções informativas, bem como um ou vários membros da direção, estão presentes em duas reuniões: às 9h para preparar o Jornal da Uma e alguns temas do dia e às 15h, 16h, para preparação do Jornal das 8. Na primeira reunião, Sérgio Figueiredo não costuma estar presente (embora tenha marcado presença em algumas reuniões matinais). O seu diretor-adjunto, António Prata, é quem marca presença. Já quanto aos pivôs habituais deste jornal, Cristina Reyna e José Carlos Araújo, estão sempre presentes. No caso deste último, frequentemente dava-se o caso de ser o editor de Sociedade, ao mesmo tempo que era o apresentador do jornal.

A segunda reunião segue o mesmo princípio, mas já com a presença regular do diretor de informação, bem como de outros elementos da direção: António Prata e Pedro Pinto. Nessa reunião, Judite Sousa também costuma estar presente, mas apenas quando apresenta o Jornal das 8, não esquecendo que faz parte da direção, tendo o cargo de diretora-adjunta. Quer apresente o Jornal das 8 nesse dia, quer não, José Alberto Carvalho nunca marca presença nestas reuniões, aliás, o mesmo só chega à redação uma hora antes do início do jornal, às 19h. Sobre estas reuniões, diz o diretor de informação:

“Não posso estar, nem devo, no processo de construção do jornal. Por isso é que delego confiança na minha estrutura de apoio. Por isso é que digo que os meus editores são o pulmão da redação e não eu. Quando eles estão a tomar decisões, é como se fossem eu. Quando eu tenho um editor na régie a dialogar com o realizador ou a dar instruções a quem quer que seja, é como se fosse eu.

⁵⁸ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, p. 162.

São a minha extensão, o meu braço. Por definição, estou ligado a tudo: desde o que o estagiário faz até ao “boa noite” do José Alberto.”⁵⁹

O diretor de informação da TVI faz uma curiosa comparação com uma linha de produção de uma fábrica, para ilustrar o processo de tomada de decisão:

“Há os editores de secções, que são os chefes de linha de produção. Os editores dos jornais são os empacotadores do produto. Tens uma fábrica com operários, cada um tem a sua tarefa, cumpre a sua função, e há um chefe na linha de produção chamado editor de secção. Sociedade, política, economia, etc. São esses que fazem a entrega e é com esses que a direção combina os produtos que coloca na montra, todos os dias – isso é uma coisa. Outra, é o dono da loja, que não tem fábricas, mas tem uma montra para embelezar. Esses [os editores de jornais] têm a responsabilidade de dizer “olha este produto vai para a frente da montra, és este que as pessoas vão ver em primeiro lugar quando passarem junto à vitrina”. Muitas vezes, fazem-no com alguém da direção. Têm autonomia, mas não têm independência. A direção está por cima disto... Se me perguntares: “mas, todos os dias, sabes qual é a peça que abre o jornal?”. Em regra, sim. Ou porque estarei na reunião das 15h30 que já predefine o alinhamento para o Jornal das 8 ou então, quando passo, “oh, João, vais abrir com o quê? Mas não achas que é melhor ali e tal?” Mas, esse trabalho, depois sim, cola com o pivô. Porque este, normalmente, também é muito ativo no processo. A Judite [Sousa], o Zé [Alberto Carvalho], o Pedro [Pinto], a Cristina [Reyna], na fase de montagem das peças para a montra da loja, são muito importantes nesse diálogo. O diretor está na reunião, mas não está a construir a loja.”⁶⁰

Verificamos, também, que os principais pivôs da TVI nem sempre marcam presença nas reuniões de preparação dos jornais que irão apresentar. Adelino Gomes, que fez um estudo sobre os bastidores da informação nos três principais canais, também não deixa de questionar a opção dos pivôs não estarem presentes nas reuniões:

“Os apresentadores/pivôs sem funções de direção não compareciam nas conferências de redação em nenhuma das três estações. Isto apesar do respetivo impacto público, como rostos e garantes da credibilidade informativa da estação; apesar de lhes ser conferida a tarefa de elaborarem ou alterarem os lançamentos das peças [...] feitos pelos autores das peças; e apesar de a sua voz ser ouvida e muitas vezes seguida no questionamento de opções de alinhamento. Vão longe, é manifesto, mesmo nos EUA, os tempos em que o *anchor* era comparado a um deus. «Ele congrega homens, acontecimentos e imagens à sua escolha; ele fala em tom de absoluta certeza; ele é a pessoa com

⁵⁹ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, p. 164.

⁶⁰ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, pp. 162-163.

quem todas as pessoas começam e acabam.» A sua ambição - «apesar do absurdo palpável de que um relato definitivo de acontecimentos é possível em princípio, ainda que num espaço de 22 minutos» - é poder dizer o epitáfio que celebrizou Walter Cronkite em *The CBS Evening News*: «*And that's the way it is...*»⁶¹» (Gomes, 2012, p. 122)

Podemo-nos questionar acerca da não comparência do principal rosto da informação da TVI à reunião que vai decidir o que entra e o que não entra no alinhamento do Jornal das 8 que ele vai apresentar nessa noite e, ainda, o facto de chegar apenas 1h antes do jornal começar. É legítimo questionar, neste caso particular, se não prejudica o produto final e, no geral, se os pivôs devem estar nas reuniões que antecedem os “seus” jornais. José Alberto Carvalho justifica:

É um bocadinho excessivo, talvez. Mas faço-o por outras razões, sabes? É a minha capacidade de trabalho. Eu faço aquilo com uma grande facilidade. E não vale a pena antecipar o trabalho porque, como sabes, as propostas de pivôs chegam todas entre as sete e as oito.⁶²

Ora, a experiência tida na redação na TVI, mostrou-me que os pivôs têm um estatuto completamente diferente. Enquanto os jornalistas trocam ideias entre todos e conversam, até, sobre qualquer assunto, os pivôs são mais solitários nesses aspeto e muito raramente confraternizam com os colegas jornalistas. A exceção irá para José Carlos Araújo, pivô do Jornal da Uma e editor na Sociedade que, com algum sentido de humor, dizia para não o incomodarem a partir do meio-dia, quando começava a alterar as propostas de pivôs.

O caso mais gritante concerne aos pivôs do Jornal das 8 que não interagem com os jornalistas, apenas com os editores dos jornais dessa noite. Quando o fazem, é para pedir que modifiquem algo no pivô ou porque não perceberam algo escrito na peça. Mas, como digo, isso é extremamente raro.

⁶¹ Gomes cita Weaver em Traquina, 1999 [1975]: 302

⁶² Entrevista efetuada a José Alberto Carvalho a 12-07-17, anexo nº 5, p. 201.

Apesar de só chegar à hora referida, vai falado com os editores durante o dia e vai sugerindo temas. Por duas vezes, fiz trabalho para o Jornal das 8 de temas que o pivô do Jornal das 8 tinha sugerido ao editor. Uma peça sobre a inteligência artificial da Google que, pela primeira vez, tinha ganhado a um humano num jogo; e da segunda vez, descarregar um vídeo que o próprio tinha enviado para a redação para ele fazer o pivô de abertura sobre o aniversário da conquista do europeu de futebol Aliás, na régie, e nesse jornal, a 10-07-17, o editor, que nessa noite era o José Carlos Araújo, disse: “é para aguentar as imagens durante esse minuto e qualquer coisa, o Zé disse que aguenta o pivô durante as imagens todas”.

O leque de pivôs da TVI, como já demonstrámos, é variado e alargado. Do mesmo modo, Sérgio Figueiredo, diretor de informação, explica a perspetiva que tem sobre as caras da informação.

“Para os jornais principais, Jornal da Uma e Jornal das 8, temos 5 pessoas que asseguram 90% dos jornais. A Cristina [Reyna] e o José Carlos Araújo; o José Alberto Carvalho e a Judite [Sousa]; e o Pedro Pinto. São estas 5 pessoas que são os nossos rostos dos dois principais jornais da estação. Depois, felizmente, temos um conjunto de pivôs com muitos anos de experiência e de técnica, e que nos garantem uma segunda linha que, para mim, está ao nível da primeira linha das outras estações. E não digo isto com pedantismo; digo com a convicção de que a TVI tem mesmo um conjunto de pessoas que estão em condições de, a qualquer momento, assegurar qualquer um destes dois jornais.”⁶³

O que não acontece para não perturbar a fidelização da audiência

“E não o fazem – não sou eu que digo isto, já está inventado há muitos anos – para não prejudicar o fenómeno de habituação, que é muito importante para a fidelização da audiência. É normal em todo o mundo que a cara não seja mudada todos os dias porque há uma relação muito *one-to-one* da audiência com a televisão. As pessoas não procuram a TVI só porque a TVI tem as notícias com umas determinadas características e um posicionamento editorial com determinadas características. O peso dos pivôs é fundamental. Depois, há uma fase que se vive, felizmente, e que eu acho que a TVI atingiu, que é não se ficar refém de ninguém. O que é que eu quero dizer com isto? O jornal de domingo, seja apresentado pela Lurdes Baeta, ou pela Ana Sofia [Cardoso] ou pelo Zé Carlos Araújo não vai ser uma desgraça. Porque as pessoas transportam a relação que têm com a pessoa que normalmente veem, para a relação com a estação. É um processo de osmose. E isto não é científico, é o que é. É intuitivo e, depois, só verificas isso *a posteriori* porque só depois é que as audiências confirmam se a tua tese está certa ou não.”⁶⁴

⁶³ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, p. 152.

⁶⁴ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, pp. 152-153.

Ainda assim, há alguns aspetos a ter em conta, no que diz respeito a essa relação com a audiência.

“Há aqui três ou quatro coisas de elementar bom senso, conjugadas com dezenas de anos de história de televisão, que fazem com que a rotação dos pivôs cumpra esses critérios. Dito isto, não há nenhuma consideração de que uns são mais noturnos, outros mais notívagos e outros bons para a manhã. Temos dois ou três pivôs encaixados nos seus horários, que não mexemos, porque criam esse efeito de hábito e isso é muito importante. Na manhã, a Patrícia [Matos] é a companhia de quase 200 mil pessoas. O Henrique [Garcia] é uma presença constante, ao longo de vários anos, aos fins-de-semana, sobretudo na noite. E isso tem a ver, não com as características do próprio para aquele horário, mas com a tal relação de habituação que temos.”⁶⁵

Afinal, quais as características mais importantes num pivô, para eles próprios? Como é que eles se veem? Ora, continuando com Sérgio Figueiredo, que, como diretor de informação tem a responsabilidade de nomear novos pivôs e definir quem apresenta o quê e quando, considera que a principal característica é a credibilidade:

“Se tivéssemos que construir um quadro de atributos, em primeiro [lugar] [seria] a credibilidade. Porque nem todos geram simpatia, nem todos os pivôs são simpáticos; todos têm personalidades diferentes. Mas há uma coisa, independentemente das suas características pessoais, que não pode deixar de existir: fazer as pessoas confiarem naquilo que está a ser dito. Confiança, sem dúvida, porque o pivô acaba por ser o porta-voz de toda uma fábrica de produção, que constitui o alinhamento final de um jornal. (...) A capacidade de comunicação é fundamental... Porque eu posso ser credível, mas não me explicar bem, ler bem ou dizer bem. Para além da credibilidade, a capacidade de comunicação, portanto. A terceira é a imagem. A televisão é fatal... A reputação e a própria credibilidade também se constroem por este aspeto, ao contrário de outros meios. Na rádio, podes estar a fazer o melhor jornal do mundo descalço ou despenteado ou vestires uma camisa com dois números acima do teu tamanho e ninguém nota. Apresentas um jornal em televisão em que tens uma roupa que não é do teu tamanho e todos vão notar na tua roupa, não naquilo que estás a dizer. Portanto, a imagem é fundamental. E eu gosto muito de pivôs humanos, que falem com as pessoas, não limitem a ler as notícias. Gosto dessa empatia. E, depois, há uma coisa que não é muito fácil de fazer, mas temos que ter essa preocupação. Na política geral de escolha dos rostos da estação, dos rostos que têm mais exposição, há que reproduzir o mais possível a heterogeneidade da sociedade portuguesa. O ter jornalistas experientes não significa só a experiência; significa, também, perceber que não estamos num país que não tem idosos, por exemplo. (...) Há esse fator de proximidade e, mais do que isso, de identidade das pessoas identificarem-se

⁶⁵ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, p. 153.

com a estação... Isso obriga um diretor a não ter só clones, [a não ter] uma reprodução de um estereótipo, em antena, de manhã à noite, em todos os serviços noticiosos (...).”⁶⁶

Judite Sousa fala num *talent* que não se consegue definir, um *je ne sais quoi* que chama a atenção, mas também realça a credibilidade como principal característica:

“É a credibilidade, sem dúvida. É a maturidade que está por trás da pessoa. Por alguma razão é que, de alguns anos a esta parte, a tendência nas grandes estações de televisão, sejam americanas ou europeias, é a de que os apresentadores de informação sejam pessoas com experiência no terreno e com tempo de vida. A vida dá-nos credibilidade. (...) São muito poucos os jornalistas que têm condições inatas para serem apresentadores. Há aquilo a que se chama *to have the talent*. Significa que há um talento que nós não sabemos muito bem definir o que é, mas que se confunde muitas vezes com o carisma. E resulta de um conjunto de condições que aquela pessoa tem que não são transmissíveis, que não são apreendidas. Ou se tem *talent* ou não se tem *talent*, que acaba por ser uma mistura de várias coisas. O *talent* acaba por ser o olhar, a voz. Um apresentador tem que ter uma voz impactante e isso é algo que nem todos os jornalistas têm: um vozeirão. E para se ser um bom apresentador de televisão tem que se ter um vozeirão. É necessário trabalhar a voz, mas ela precisa de estar lá. Ela precisa de ter nascido comigo. Eu precisei de ter nascido com esta voz que tenho, que, obviamente, eu fui apurando ao longo dos anos. O *talent* passa também pelo olhar, pela forma como eu olho as pessoas, pela forma como olho a câmara. Há uma expressão que é muito utilizada: a câmara gosta dela ou a câmara gosta dele ou vice-versa. Esta palavra – gostar – neste sentido biunívoco, significa que há uma comunicação muito intensa entre a pessoa que está a apresentar o jornal e aquele aparelho, que está à nossa frente. Esse aparelho transmite uma imagem virtual, mas que faz com que, tendo a pessoa as tais características de *talent*, ela se torne impressiva aos olhos do espetador.”⁶⁷

José Alberto Carvalho partilha da opinião de Judite Sousa, mas realça que tem que ser alguém com quem nos identifiquemos:

“A voz, a linguagem corporal, o *average*, mas ligeiramente acima, que tenha um elemento de ambição, ou seja, é uma pessoa que se deve vestir bem, por exemplo, mas não extraordinariamente sofisticado. Mas também, não totalmente abandonado. Não totalmente comum, com uns toques de sofisticação. Que ajudam a povoar a cabeça das pessoas, quem será esta personagem? Não é fácil encontrar uma pessoa assim vestida na rua, mas também não é impossível, depende dos sítios onde eu andar. A componente mais importante nos fenómenos de aceitação de pessoas televisivas, e isso

⁶⁶ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, pp. 151-152.

⁶⁷ Entrevista efetuada a Judite Sousa a 07-07-17, anexo nº 4, pp. 169-170.

está documentado por estudos, tem a ver não com aquilo que dizem, mas com aquilo que projetam ser e pela maneira como dizem aquilo que dizem. Ou seja, é tudo mais importante que o conteúdo verbalizado. Agora, esse conteúdo não pode anular tudo o resto, ou seja, alguém que tenha todas as outras componentes de metalinguagem todas certas, mas depois tem um discurso absurdo, que não cola com a realidade, que é mentiroso, que é excessivamente opinativo... Vais destruir o resto. Isto tudo tem que coexistir. Tu pegas numa receita, está dito como é e tu segues a receita. Pegas aquilo ao gramá, chegas ao fim, provas e dizes: “isto não está igual ao da minha mãe”. Mas a receita é a mesma...!”⁶⁸

Para além disto, José Alberto Carvalho realça o cuidado com a linguagem:

“A escolha da linguagem, as palavras são importantes. A empatia, que é muito subjetiva de definir, mas que tem a ver com a capacidade de congregar a atenção das pessoas. E penso que isso tem a ver com o ritmo do discurso, com as pausas que fazemos, com as inflexões e flexões de tom que conseguimos utilizar na interpretação de cada palavra. É por isso que é fundamental ser o próprio a escrever os textos. Não é por ser algo extraordinariamente difícil. É por uma razão de identidade. Há palavras ditas por mim, que têm um impacto diferente, que a mesma palavra dita por outra pessoa porque eu lido melhor com o conceito dessa palavra no meu quotidiano ou na minha carreira. Há palavras que eu utilizo com mais frequência do que outras e julgo que sei como é que as posso entoar em cada momento. Tenho uma grande preocupação com a escolha das palavras, mesmo que isso seja invisível para a maioria das pessoas. As palavras têm todos valores diferentes. No jornalismo, ao contrário da literatura, nós não temos todo o tempo do mundo para ponderar todas as palavras. Portanto, há sempre um compromisso entre a minha interpretação da realidade e o tempo que eu tenho disponível para fazer isto, à minha maneira”.⁶⁹

José Carlos Araújo, editor de Sociedade e pivô do Jornal da Uma, destaca a concentração na notícia:

“É preciso teres uma boa capacidade de foco na notícia que tu estás a apresentar. Porque, em qualquer momento, podes ser chamado ao lançamento de um direto ou a teres uma entrevista. Eu foco-me claramente na notícia e no contexto da notícia. Gosto de estar minimamente à vontade. Não tenho a ousadia de dizer que domino da mesma forma todos os assuntos que passam pelo jornal. Mas um dos desafios que a TVI24 trouxe foi o pivô do jornal ser “obrigado” a ter uma noção, no mínimo mediana, sobre quase todos os

⁶⁸ Entrevista efetuada a José Alberto Carvalho a 12-07-17, anexo nº 5, pp. 202-203.

⁶⁹ Entrevista efetuada a José Alberto Carvalho a 12-07-17, anexo nº 5, p. 186.

assuntos porque no mesmo dia somos chamados a falar sobre política internacional ou sobre saúde ou sobre desporto, política nacional, fiscalidade, economia... A paleta é muito variada. E isso foi um dos desafios mais estimulantes com a passagem para a TVI24 e que no meu caso também me ajudou a ter outra bagagem. Portanto, o meu principal foco é no contexto da notícia e na notícia, no assunto e estar preparado para abordá-la para além da reportagem que estamos a fazer. Boa voz, boa dicção, uma apresentação estética equilibrada ou em termos de expressão corporal equilibrada... O que eu acho que faz a diferença no pivô é quando o pivô não está no papel de pivô, ou seja, quando sai para o exterior e quando é capaz de fazer no exterior aquilo que faz em estúdio com as variáveis quase todas controladas. Quando tem o teleponto, quando tem as luzes aqui, quando sabe que pessoas estão ali... No exterior há ruídos, não são as mesmas condições de trabalho... Por acaso, nos últimos dois ou três jornais, já havia teleponto, mas muitas vezes trabalhamos sem teleponto ou, pelo menos, eu trabalhei.”⁷⁰

Ana Sofia Cardoso, a pivô do noticiário mais visto do cabo, a 25ª Hora, na TVI24 e, por vezes, pivô do Jornal das 8 e Jornal da Uma, considera que a principal característica é compreender o mundo:

“Para se compreender o mundo é preciso já se ter feito reportagem. Porque para se explicar, em dois ou três parágrafos curtos, o que é que aquilo significa, o que vamos ver na peça a seguir, qual a importância que tem, porque é que aquilo está a acontecer, porque é que alguém disse assim e não disse de outra forma... É preciso, de facto, compreender o mundo e é preciso já ter estado no terreno para se perceberem as coisas. Imagine, situações em que isso acontece inúmeras vezes, sobretudo nos canais de notícias, em que o pivô está só a receber imagens e não há nenhum repórter no local. Portanto, o pivô está numa circunstância em que é pivô, meio repórter, para explicar as imagens que está a receber do local onde ele não está. Se ele tem que estar numa posição em que tem que estar a explicar o que está a acontecer no local, tem que ter alguma experiência de reportagem. (...)”⁷¹

E acrescenta que a preparação e a forma como se entrega a notícia ao espetador é fundamental.

“É preciso muita capacidade de análise, sentido crítico, é preciso saber comunicar, é preciso perceber que há tons diferentes consoante as notícias. Para quem está a ver, o que faz diferença muitas vezes num pivô, é o tom com que as notícias são ditas. Há pivôs em que o tom é sempre o mesmo, há outros em que não é sempre o mesmo. É preciso estudar os temas, é preciso antecipar-se aos assuntos. Quer isto dizer que, hoje, eu não posso estar só a

⁷⁰ Entrevista efetuada a José Carlos Araújo a 28-07-17, anexo nº 6, pp. 217-218.

⁷¹ Entrevista efetuada a Ana Sofia Cardoso a 22-06-17, anexo nº 2, pp. 145.

estudar os temas de hoje, eu tenho que preparar mais coisas... Porque eu não sei se logo vai acontecer um incidente qualquer, uma última qualquer, e eu tenho que estar preparada para o que possa acontecer... Tenho que estudar os assuntos.”⁷²

Judite Sousa alude à questão levantada por Ana Sofia Cardoso, quando nos remete para a compreensão do mundo. A pivô do Jornal das 8 diz taxativamente que um pivô tem que ter experiência no terreno:

“Um jornalista que não tenha experiência de terreno, que não esteja em contacto direto com as pessoas, que não seja testemunha profissional dos acontecimentos no exato momento em que eles acontecem e nos locais onde acontecem, não é um jornalista completo (...). Por outro lado, eu considerava e considero que o trabalho de reportagem acrescenta credibilidade ao trabalho de estudo, ou seja, eu sinto que as pessoas quando olham para mim enquanto apresentadora, estão a ver a Judite que esteve nos incêndios, nas cheias, no Iraque, no Ruanda, no Zaire, na Bósnia. É essa mulher que as pessoas estão a ver por detrás da apresentadora do Jornal das 8 (...). Sempre fiz reportagem e sempre me disponibilizei para a fazer. Era eu própria que, ao longo da minha carreira e em diversos momentos, cheguei junto das minhas chefias diretas e lhes disse: eu quero ir (...). Procurei sempre ter essa retaguarda profissional. E é isso que me permite ter uma opinião muito assertiva relativamente aos alinhamentos dos jornais, aos conteúdos e relativamente à forma como os jornalistas fazem reportagem. A maior parte dos jornalistas, nomeadamente as gerações mais novas, têm uma visão do jornalismo muito reduzida ao estúdio e essa é uma visão completamente errada, que não os vai levar a lado nenhum, não os vai fazer evoluir profissionalmente. Eles não têm consciência disso, mas vai haver um dia, quando tiverem 40, 45 ou 50, em que vão perceber que o trabalho do estúdio é um trabalho muito redutor e muito efêmero porque outras caras larcas irão aparecer... Se eles não tiverem uma retaguarda profissional que lhes permita fazer outros trabalhos jornalísticos, aí vão sentir-se muito frustrados, muito desamparados.”⁷³

Quando questionada sobre se essa retaguarda profissional lhe cimentou a credibilidade, a pivô não tem dúvidas:

“Completamente. Eu conheço os estudos de mercado. Todos nós somos avaliados por estudos de mercado, por *focus groups*, e eu sei exatamente o que as pessoas pensam de mim. As pessoas acreditam naquilo que eu digo e acreditam de uma forma muito convicta, justamente porque me veem no terreno, porque me viram ao longo de toda a minha vida profissional em situações de reportagem, nos mais diversos cantos do mundo (...). É assim que

⁷² Entrevista efetuada a Ana Sofia Cardoso a 22-06-17, anexo nº 2, pp. 145-146.

⁷³ Entrevista efetuada a Judite Sousa a 07-07-17, anexo nº 4, pp. 166-167.

eu entendo o trabalho de um pivô. O meu modelo, a minha escola, é a escola americana. Os grandes apresentadores dos noticiários norte-americanos são pessoas que vão para o terreno quando algo acontece. São eles que estão no Haiti, quando se dá o tremor de terra; foram eles que estiveram no furacão Katrina; são eles que estão nos grandes temporais; são eles que estão no Iraque, se há razões para estar no Iraque; são eles que estão na transferência de Hong Kong para a China, que eu também cobri. Aquelas pessoas que nós vemos a apresentarem os principais jornais norte-americanos, os grandes nomes da televisão americana, como o Anderson Cooper ou a Christianne Amanpour, são pessoas que nós vemos nos mais diversos locais do mundo. São pessoas que, quando acontece alguma coisa, em menos de 24h, eles estão lá. E são essas pessoas que são a minha referência, são as pessoas que ganham 1 milhão de dólares por mês, que viajam em jatos privados com segurança e que são capa da *Time* e dos grandes órgãos de comunicação social internacionais. À minha escala, na minha realidade, quer na RTP, quer na TVI, sempre procurei fazer o que fazem os melhores do mundo. Nós não nascemos ensinados e temos que ter referências, da mesma forma que temos referências na vida. Eu entendo o lugar do apresentador, como sendo uma peça, de uma estrutura profissional mais ampla, mais abrangente, que passa necessariamente por estar no terreno, com todos os riscos que isso implica. É mais fácil para um apresentador estar num estúdio porque, lá, não acontecem, à partida, grandes riscos. Estar sentado numa cadeira em frente a uma câmara, a dada altura, é a coisa mais fácil que há. Já nem sequer há stress... Há sentido de responsabilidade. O apresentador é o rosto do jornal e é através da sua expressão, do seu olhar, da sua voz e das palavras que utiliza para comunicar a reportagem que se segue, que é valorizado. E eu procuro valorizar, pela minha forma de apresentar, o trabalho dos meus colegas que fazem as reportagens que, depois, eu comunico. Mas, para mim, isso sempre foi insuficiente. Eu acho que a credibilidade de um apresentador de informação está alicerçada no trabalho do terreno.”⁷⁴

Abrimos, neste ponto, um momento para refletir sobre estas declarações, no sentido em que Judite Sousa realça a importância das circunstâncias em que o pivô é repórter no terreno, uma vez que temos um caso paradigmático dessa realidade e que gerou polémica, levando a Entidade Reguladora para a Comunicação social a abrir um processo de averiguações⁷⁵. Em causa, uma reportagem⁷⁶ que a pivô fez, a 18 de junho, sobre os locais mais afetados pelos incêndios de Pedrógão Grande e que vitimaram 65

⁷⁴ Entrevista efetuada a Judite Sousa a 07-07-17, anexo nº 4, pp.167-169.

⁷⁵ “ERC abre processo de averiguações sobre reportagem da TVI em Pedrógão”, de Liliana Borges e Hugo Torres, no jornal Público, de 19 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/06/19/sociedade/noticia/erc-abre-processo-de-averiguacoes-sobre-a-cobertura-jornalistica-da-tvi-1776197> [Acedido a 10-10-2017].

⁷⁶ Reportagem no Jornal das 8 de 18-06-17, a começar à 1h22’30”, disponível em: <http://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/5946e6290cf2202a65416516> [Acedido a 10-10-2017].

peçoas, no mês de junho. A jornalista, durante essa reportagem, foi guiada por dois funcionários da junta de freguesia de Pedrógão Grande, que lhe mostraram alguns pontos chave dessa tragédia. A certa altura, Judite Sousa aparece à frente da câmara, e a falar para a mesma, com um cadáver coberto por um lençol branco, mesmo atrás dela, que jazia ali há mais de 24 horas. Durante esse momento, a jornalista chega a dar uns passos para trás, enquanto fala, diminuindo a distância entre ela e o cadáver, rodando a cabeça e apontando na direção do corpo.

De seguida, Judite entrevista a nora da vítima que se queixa do facto de o corpo estar naquele local há um dia. Na página seguinte, podemos ver as cenas dessa reportagem, através de capturas de ecrã efetuadas ao Jornal das 8, do *link* já referenciado em nota de rodapé.



Figura 2 - Captura de ecrã dos momentos iniciais do plano televisivo com Judite Sousa e uma vítima mortal.



Figura 3 - Captura de ecrã do momento em que Judite Sousa direciona a cabeça e a mão para o cadáver, agora mais próxima da fita de segurança.



Figura 4 - Captura do momento em que o repórter de imagem foca o plano apenas no corpo.



Figura 5 - Captura de ecrã do segundo plano do repórter de imagem, apenas com o corpo.



Figura 6 - Captura de ecrã do momento em que Judite Sousa entrevista uma familiar - a nora - da vítima mortal.



Figura 7 - Captura de ecrã do último momento da reportagem, onde Judite Sousa se coloca ao lado de um carro destruído, em cima de um reboque. A jornalista assina a peça nesta situação.

Perante estes acontecimentos, incluindo o processo de averiguações aberto pela ERC, a jornalista não fez qualquer tipo de comentário sobre o sucedido. A TVI, no entanto, através de um comunicado, saiu em defesa da jornalista e da própria estação.

“Porquê a TVI? Porquê só a TVI? E o que de especial havia nessa reportagem que motiva a ERC justificar-se com uma sintonia “com a sociedade portuguesa” que nunca ninguém viu? Ou de ensaiar julgamentos morais com critérios que não são explicados mas que, no entender dos conselheiros, serão suficientes para calibrar o que os próprios consideram ser “uma sensibilidade profissional a toda a prova”(…). A Direção de Informação da TVI não recebe lições de ninguém sobre sensibilidades profissionais. Nem do regulador, que se deve limitar ao cumprimento do seu dever e da missão que lhe foi fixada pelas leis da República. A informação da TVI faz jornalismo. Apura factos, vai para o terreno, procura proximidade com os portugueses – e tem-no feito com sucesso, porque recolhe há anos consecutivos, mês após mês, a preferência da maioria dos cidadãos. Este sim, um indicador objetivo que valida a sintonia com a sociedade portuguesa que, sabe-se lá como e porquê, a ERC reivindica para si (...). Há órgãos de comunicação social que decidiram revelar as fotos de crianças que morreram nos incêndios. Outras televisões abriram os seus principais serviços noticiosos mostrando corpos espalhados no chão, enfatizando a gigantesco cemitério em que num ápice se transformou aquela que fica para a nossa memória coletiva conhecida como a estrada da morte. Não têm sido essas as nossas opções editoriais. Conscientemente a TVI tem procurado

Nas entrevistas concedidas, Sérgio Figueiredo, José Alberto Carvalho e Judite Sousa não se coibiram de responder às perguntas sobre esta matéria. Começamos pela própria autora da reportagem, que voltaria a fazer tudo igual:

“ [Não mudaria] Nada! Aquela reportagem está limpa! Todos os dias há mortos, todos os dias há mortos no Iraque, na Síria, em Mossul, houve mortos no Haiti, no Katrina, em Ruanda, em Auschwitz. Todos os dias há mortos! (...)Todos os dias, os grandes jornalistas posicionam-se ao lado dos mortos. Se eu estou ao lado do morto, estou a personalizar a informação. Há um morto! Eu tenho que mostrar a realidade, não a posso censurar. Se há mortos, eu não posso dizer que não há mortos. Se os há, eu tenho que mostrar. Se eu estou no local, e se estou a fazer um *live on tape* e se, ainda por cima, eu tenho uma familiar que me está a enquadrar a informação daquela vítima, dizendo “a minha nora está aqui há 24 horas e ninguém a vem buscar”, eu tenho que personalizar a informação! Eu tenho que mostrar! Nós todos os dias mostramos mortos, não pode haver nenhum tabu em relação aos mortos. Porque se existisse tabu em relação a isso, nós não tínhamos sabido de Auschwitz, da lista de Schlinder, do genocídio do Ruanda...”⁷⁹

Quanto à reação à decisão da ERC de abrir um processo e às queixas das pessoas, Judite Sousa é perentória.

“Provincianismo! A minha audiência, enquanto apresentadora do jornal, aumentou desde Pedrógão Grande. Foi uma situação que eu não consigo encontrar explicação para ela... Há 25 anos, fiz o genocídio do Ruanda. Filmei milhares de corpos a serem lançados para valas comuns. Eu, a CBS, a NBC, a Rai, a ZDF [televisão pública alemã] (...).Esse episódio não significou absolutamente nenhum, foi casuístico e tem uma leitura: a inveja. Há muita gente que gostava de estar no meu lugar, muita gente que gostava de ter a minha idade e o meu corpo, ter a minha cara, sem rugas, e continuar a apresentar notícias às oito da noite. Eu sou a única pessoa da minha geração que está a jogar na Liga dos Campeões. A única! E esse elemento é suscetível de ser perturbador para alguns colegas meus. Mas, enquanto eu tiver um milhão de espetadores a quererem que eu esteja a jogar na Liga dos Campeões, eu não vou deixar de jogar à bola (...). É provincianismo. Tudo o que se passou tem a ver como o facto de me quererem atacar do ponto de vista pessoal... Utilizaram a morte do meu filho para me atacar... Para algumas pessoas, e estamos a falar de algumas porque se fossem muitas, quando eu tivesse vindo apresentar o jornal, a audiência teria baixado. A audiência subiu, não baixou! Eu tinha dezenas de pessoas à minha volta a quererem tirar *selfies*, a quererem ajudar, a quererem fazer tudo e mais alguma coisa... O jornalista tem um compromisso: a verdade. Há mortos? Os mortos têm que ser mostrados. Se ao

⁷⁹ Entrevista efetuada a Judite Sousa a 07-07-17, anexo nº 4, p. 180.

longo da História da Humanidade, os mortos não tivessem sido mostrados, a comunidade internacional ainda hoje viveria no desconhecimento de que a Segunda Guerra foi marcada pelo holocausto Nazi, de que na África dos Grandes Lagos 1 houve milhão de pessoas que foram mortas à catanada, mediante a passividade das Nações Unidas (...). Uma coisa é certa: a verdade jornalística. E a verdade jornalística é que morreram 64 pessoas em Pedrógão Grande. Morreram 47 na estrada e 17 nas aldeias. Eu fui a primeira jornalista a ir para as aldeias. Só depois de a minha reportagem ter sido emitida, as autoridades competentes que, até lá, tinham estado a olhar uns para os outros, tipo baratas tontas, é que foram para o terreno. A minha reportagem mostrou um corpo tapado, em que ao lado está o jornalista a dizer “eu estou aqui, eu estou a dizer isto, esta é a verdade, esta é a realidade. Diga lá, minha senhora, o que é que se passa?”. Foi isto. Mais nada.”⁸⁰

José Alberto Carvalho partilha desta ideia: só houve a reação que houve, umas vez que se trata de Judite Sousa. Se fosse outro jornalista, ou ele próprio, não haveria tanta polémica.

“É isso que eu acho [que deveria fazer tudo igual outra vez]. Eu acho que, do ponto de vista objetivo, aquilo não tem nenhuma falha ética, nenhuma. Aquilo é uma reportagem inatacável. Do ponto de vista da empatia e da sensibilidade, tem muitos erros. Vou explicar quais são, na minha opinião: o mais grave de todos é o tom da reportagem, a forma como a Judite fala na reportagem. É científico? Não. Mas faz muita diferença. Segunda, a roupa. Aqueles ténis⁸¹ não podiam estar naquele sítio, nem podiam ser usados, nem os ténis nem aquela roupa clara, num cenário de total escuridão e tragédia, literalmente negro. Aquela luz não pode estar ali. Muito menos se for uma luz com um comportamento corporal que permite muitas interpretações. Depois, as circunstâncias pessoais da Judite... Se eu tivesse feito exatamente aquilo não tinha havido coisa nenhuma. Mas sabes uma coisa? Eu nunca teria feito exatamente aquilo. Eu não teria usado aquele tom. Por isso é que te digo: objetivamente, não há ali nada de errado. Ah, mas podem dizer, ela está ao lado de um cadáver. E então? Vê-se o cadáver? Não. A vice-presidente de câmara, três dias depois, não me disse numa entrevista a mim, com lágrimas nos olhos, que era inacreditável que os pais tivessem ido dormir à câmara, no dia seguinte voltaram para ver como tinha ficado a casa e os filhos estavam no mesmo sítio, mortos?! É exatamente isso que ela estava a dizer. Não há erro nenhum!”⁸²

Apesar de achar que não há qualquer erro, o pivô do Jornal das 8 não teria feito a reportagem daquela forma.

⁸⁰ Entrevista efetuada a Judite Sousa a 07-07-17, anexo nº 4, pp. 180-182.

⁸¹ Na Figura 8, é visível todo o vestuário, incluindo os ténis que o pivô refere.

⁸² Entrevista efetuada a José Alberto Carvalho a 12-07-17, anexo nº 5, p. 197.

“Talvez [me] colocasse [ao lado do corpo], talvez [me] colocasse de outra maneira. Talvez não quisesse sobrepor a minha imagem e o cadáver e fizesse uma panorâmica, do cadáver para mim ou de mim para o cadáver. Não conviveria com o cadáver na mesma imagem (...). Eu estou aqui e está aqui este cadáver e as pessoas da família estão muito consternadas com esta situação. Já não há problema nenhum. O que é que isto tem de substantivo? É alguma coisa de diferente? Não. Foi por ser a Judite, pela roupa e pelo tom.”⁸³

Para finalizar este ponto sobre Pedrógão Grande, o diretor de informação da TVI, talvez por representar a informação do canal, é muito mais crítico da situação que se gerou. Ainda assim, não deixa de concordar com os dois pivôs na tese de que só aconteceu o que aconteceu, devido ao facto de ser a Judite Sousa a fazer aquela peça e, também, pelas circunstâncias pessoais da vida da mesma, ou seja, a morte do filho. Admite, no entanto, que mesmo que tivesse visto a peça antes de ir para o ar, o que não aconteceu, tê-la-ia emitido.

“Nesse caso concreto [Pedrógão Grande] eu falei com a Judite sobre a reportagem. Ela fez a reportagem e disse-me: “tenho isto, está forte”... Tinha a noção de vinha aí alguma coisa dura. (...) [Ninguém] viu, mas não foi por ser da Judite. A reportagem ainda não estava pronta. A Judite esteve a editar e ficou a meio. Nós os dois estávamos a comunicar e eu “mais 20 minutos”? Passados esses 20 minutos ainda nada, até que se chegou às oito e alguém ficou a editar. Pensei ver a peça no intervalo, mas disseram-me que não estava em condições. Foi reenviada porque havia um problema de áudio que, aliás, não foi resolvido. Estávamos todos na régie quando a peça é emitida. Não estou a dizer que se a tivesse visto antes, não a tinha exibido (...).Eu acho que houve um empolamento e uma desproporção enorme nas reações àquela peça. Não é o meu estilo, se fosse repórter, provavelmente, não faria assim, mas eu não vejo mesmo razão para a crucificação que se fez à Judite e à estação. Não sei se é uma minoria ou maioria, mas 100 quando fazem ruído, falam mais que 1 milhão e 200 mil pessoas que voltaram a ver, continuamente, a emissão da TVI.”⁸⁴

Sérgio Figueiredo admite, então, que as circunstâncias pessoais da jornalista têm bastante influência e que outra das razões por tanta polémica é o preconceito que muitas pessoas têm com a TVI.

⁸³ Entrevista efetuada a José Alberto Carvalho a 12-07-17, anexo nº 5, p. 197.

⁸⁴ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, pp. 160-161.

“A TVI carrega uma cruz, é assumido. Temos que provar mais que os outros. A RTP, nesse dia, abriu o jornal com 7 cadáveres... Sete! Na SIC, temos pessoas a dizer “o meu filho morreu” e a fazerem uma descrição em choro compulsivo... Tínhamos isso, não exibimos e, por muito menos, a ERC abre-nos um processo. É uma coisa que eu não acho justa. Não estou a dizer que não se investigue, mas não percebo porque é que é só a TVI. No caso concreto, há a questão da TVI, mas também a própria Judite (...) e a relação dela com o tema da morte nos últimos 3 anos... 100 queixas? Eu não tenho as pessoas quantificadas. A única quantificação que eu tenho é aquilo que saiu, não só ali, como nos dias posteriores. Se fosse isso que se diz que aconteceu, eu garanto que o movimento de repúdio dos espetadores tinha-se refletido nas audiências. Porque, aparentemente, aquilo ofendeu o país todo. Eu não sei quem é o país todo... Dez mil no Facebook fazem um movimento brutal e muitos escreveram “vou deixar de ver a TVI”. Se esses 10 mil fossem representativos do país todo, garanto que, no dia a seguir, tinha acontecido qualquer coisa. Se calhar, até rolava a minha cabeça, não por preconceito, mas por resultado: “Olha, deixaste que acontecesse uma coisa que acabou com este jornal”. Mas não foi isso que se viu. Menos de 48h depois, o Primeiro-ministro estava aqui a dar uma entrevista à Judite. Quando falamos nestas coisas, é baseado em quê? Na opinião da nossa rua? Do nosso bairro? Há muita gente que é porta-voz do país inteiro e eu não consigo perceber isso. Têm essa arrogância de acharem que falam em nome da moral pública. Eu detesto moralistas e, o julgamento que se fez, era sobretudo de moralistas (...). Com tempo? Com tempo, se calhar, até olhávamos para aquilo e dizíamos “oh, Judite, não queres fazer isto, em vez de aquilo?”, sim. Eu conversei com ela e a única coisa que lhe disse foi que, se ela tem feito o que fez e se dirigir logo para a familiar, em vez de ter feito aquele movimento de recuo a caminho do corpo, que lhe deu mais ênfase... O que está a mais é isso. Se aquilo chegasse de manhã, via, conversava, está muito boa, mas olha, isto... Porque aquilo tinha notícia. Sensacionalismo? Sensacionalismo, não! O que ela mostrou, com responsáveis ao lado dela e o presidente da junta de freguesia a fazer o caminho, era que o sistema da Proteção Civil de Portugal não estava a dar uma resposta adequada, bem ou mal... Coitados, se calhar estavam com menos braços do que problemas. O facto é que havia populações em que o Estado português não sabia se estavam mortos ou vivos. E a Judite mostrou isso. E fê-lo lá. Não foi aqui a ler uma notícia, com o ar condicionado do estúdio. Ela foi lá, isso tem valor. Ela é jornalista, fez um trabalho de jornalista e foi crucificada por 4 passos atrás que deu. Basicamente, tudo se resume a isto (...).”⁸⁵

⁸⁵ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, pp. 161-162.

Por outro lado, quando questionado sobre se os pivôs, por terem exatamente essa função, mais exposição e, em teoria, uma marca de credibilidade, têm carta-branca para decidirem o que fazem no terreno, Sérgio Figueiredo recusou essa ideia.

“ (...) Não vou dizer carta-branca porque a coisa é conversada. Mas, enquanto repórteres, são repórteres; não têm nenhuma estrutura especial. O que eu quero dizer com isto é que eu não confio mais numa determinada pessoa porque ela tem mais exposição que um editor que nunca aparece. O facto de se ser quem é, não lhe dá nenhuma carta de alforria (...)”.⁸⁶

⁸⁶ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, p. 160.

3.3. Os pivôs em ação: Especial Fátima *versus* emissão regular em estúdio, em Lisboa

3.3.1. Locais

Procedeu-se a uma observação sistemática do processo de produção e realização dos jornais da estação, complementarmente às entrevistas. Essa observação focou-se, quer na descrição dos processos de decisão que envolvem os pivôs, quer na interação estabelecida com a equipa durante as emissões. Mostrar-se-á como foi o trabalho do pivô em duas circunstâncias completamente diferentes: uma emissão especial, fora de estúdio e muito mais longa; e uma emissão regular, a partir dos estúdios da TVI, em Lisboa. Os jornais analisados são os seguintes: Jornal da Uma, sexta-feira, 12 de maio; Jornal das 8, sexta-feira, 12 de maio; Jornal da Uma, sábado, 13 de maio. Em estúdio, em Lisboa, Jornal da Uma, sábado, 29 de julho; Jornal das 8, sábado, 29 de julho; Jornal da Uma, domingo, 30 de julho.

Estive presente na régie em todos os jornais aqui referidos. No entanto, aquando das emissões de Fátima, a TVI tinha uma régie nesse local, com editor, realizador, técnicos e, ainda um elemento da direção, António Prata, diretor-adjunto. Em Lisboa, a régie coordenava o lançamento das peças informativas, tinha comunicações com a pivô, mas as ordens relativas ao tempo de uma entrevista ou direto, eram dadas a partir de Fátima. É relevante referir que foi pedido à direção de informação da TVI para que acompanhasse as emissões a partir de lá. No entanto, o período de creditações para a comunicação social já tinha encerrado, pelo que me foi negado esse pedido.

3.3.2. A régie

Todas as decisões, durante um jornal, são tomadas na régie, que é uma sala de controlo para uma emissão de televisão ou rádio. No caso da TVI, os elementos presentes durante a emissão dos jornais a que assisti são os seguintes: editor, aquele que coordena a emissão, fala com o pivô, está atento às outras televisões e, claro, é o responsável máximo pelo alinhamento, que está quase sempre em permanente alteração; realizador, aquele que coordena os repórteres de imagem presentes no estúdio e realiza a emissão, tendo em conta os pedidos do editor e alinhamento; técnico

de som, que equaliza as várias fontes sonoras; um elemento, da edição TV ou mistura, que introduz as peças no ar; um elemento que introduz os oráculos e todo o grafismo no ar; e, enquanto há diretos, um elemento da produção que faz o contacto, fala com o jornalista e informa-o de quando vai entrar em direto e quando saiu do ar. O editor tem linha de comunicação direta com os repórteres nos locais. Ainda assim, há editores que preferem dizer ao elemento de produção, e eles transmitem a informação. Esta preferência terá a ver com a concentração do editor no alinhamento, nas peças e no pivô. Ou seja, dada a atenção que o mesmo tem que dispensar a estes três fatores, opta por falar muito breve e rapidamente com um os produtores de informação que, na disposição da sala, se senta ao lado esquerdo do editor. Este está no ponto mais atrás da sala para que tenha uma visão panorâmica de todas as funções.

Por outro lado, a maior parte das régies têm, ainda, um outro elemento: operador de teleponto. De todas a vezes em que estive presente na régie, mesmo fora do período de análise, nunca essa componente esteve presente na régie da TVI. O teleponto é sempre controlado pelo pivô, através do clássico pedal que está no chão, ou, quando estão de pé, através de um pequeno comando sem fios que têm na mão.

O ambiente da régie é silencioso, sério, frequentemente com muito humor e boa-disposição, mas, por vezes, de alguma agitação. Depende dos problemas que possam surgir e, claro está, dos editores. Pode haver editores mais calmos ou editores que reajam mais impulsivamente a determinado problema, e iremos perceber isso de seguida.

3.3.3. No exterior: Especial Fátima 2017



Figura 8 - Captura de ecrã que ilustra a multidão presente na primeira noite da visita do Papa Francisco a Fátima. Primeiro plano da emissão do Jornal das 8 de 12-05-17

Em dezembro de 2016, o Vaticano anunciou que o Papa Francisco viria ao Santuário de Fátima, por ocasião do centenário das aparições dos pastorinhos Jacinta e Francisco Marto, nos dias 12 e 13 de maio, numa visita que duraria cerca de 24 horas. O Papa Francisco apenas estaria essas horas em Fátima, não fazendo mais nenhuma visita a outros locais do país. Aliás, o programa oficial da visita do Papa indicava que a comitiva papal não aterraria no aeroporto de Lisboa, mas sim na Base Aérea de Monte Real, em Leiria, cerca das 16h20.⁸⁷

Assim que essa visita foi anunciada, as televisões começaram a planear as suas operações para os dias 12 e 13 de maio. Nestes dois dias, todas elas transmitiram os seus principais espaços informativos a partir de Fátima. No que à TVI diz respeito, foram

⁸⁷ *Fátima 2017: Programa oficial da viagem do Papa*, de 09-05-17, em Agência Ecclesia. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/fatima-2017-santuario-divulga-programa-oficial-da-viagem-do-papa/> [Acedido a 16-05-2017].

enviados vários jornalistas da secção de sociedade e outros correspondentes nas sedes de distrito. Para além disso, toda a programação da TVI durante o tempo que o Papa esteve em Portugal, foi dedicada a essa visita. Juntaram apresentadores do entretenimento, Manuel Luís Goucha (Você na TV), Cristina Ferreira, (Você na TV) e Fátima Lopes (A Tarde é Sua), com o pivô de informação Pedro Pinto, que assegurou as emissões durante o dia, com os apresentadores, excetuando o Jornal da Uma e o próprio Jornal das 8, apresentado por ele. Juntar o entretenimento e a informação teve o objetivo de juntar a maior audiência possível e dinamizar a emissão.

Clarificando, os noticiários eram apresentados pelo pivô, mas o resto da emissão “Fátima 100 anos”, era comentado pelo pivô Pedro Pinto e pelos apresentadores atrás referidos. Não houve Diário da Manhã, na sexta-feira, 12 de maio, dia da chegada do Papa Francisco.

Uma semana antes, jornalistas da secção de sociedade e outros elementos da redação da TVI, em Lisboa, foram para Fátima:

- Ana Candeias, editora de sociedade;
- Ana Valente, jornalista;
- Andreia Jorge Luís, jornalista;
- António Pereira Gonçalves, jornalista (Leiria);
- António Prata, diretor-adjunto de informação;
- Carla Moita, pivô, mas esteve como repórter;
- Cristina Reyna, pivô do Jornal da Uma;
- Inês Pereira, jornalista;
- José António Barbosa, jornalista (Porto);
- Lurdes Baeta, pivô, mas esteve como repórter;
- Margarida Martins, jornalista;
- Maria João Figueiredo, chefe de redação e editora dos jornais;
- Pedro Pinto, pivô do Jornal das 8 e coapresentador da emissão durante o dia.

Já vimos nas páginas anteriores as considerações de Judite Sousa sobre o facto de o pivô dever estar nos locais onde a notícia acontece. Neste sentido, a decisão de enviar duas pivôs para Fátima para exercer as funções como repórter, e outros dois para os jornais, prende-se, em parte, pela notoriedade, como afirma o diretor de informação da TVI, Sérgio Figueiredo.

“ (...) não é por acaso que, nas grandes operações, todas as estações de televisão mobilizam as suas caras mais conhecidas. Numa noite eleitoral, os pivôs estão em pontos de reportagem ou diretos, nas sedes de campanha dos partidos e etc. Fátima [visita do Papa Francisco], Pedrógão... Se bem que em Pedrógão são duas coisas porque foi mais no sentido dos pivôs dos jornais fazerem os jornais no sítio onde as coisas estão a acontecer. Agora, o que eu estava a referir é pivôs a fazerem trabalho de repórter. É ter, imagina, o Paulo Magalhães [ex-pivô TVI24; atual assessor do Presidente da República] que, na altura, tinha um programa em estúdio d entrevista e análise [Política Mesmo]. E, nas noites eleitorais, ele era destacado para a sede de um partido. Nós temos noção que, com isso, estamos a tirar partido da notoriedade que a televisão lhes dá. Portanto, sim, são uma forma da estação afirmar-se e promover-se. E para ganhar audiência... Porque é disso que vivemos. Se não tivermos audiência, falimos. Há outros que podem trabalhar sem audiência e não vão à falência, a não ser que o Estado vá à falência.”⁸⁸

Houve, ainda, elementos de chefia: editor de secção, que coordenou as reportagens dos jornalistas, cujo trabalho também distribuiu; editora de Jornal, que coordenou o alinhamento e as peças, em permanência e em codecisão com o outro editor na régie de Lisboa, Jorge Nuno Oliveira; e o diretor-adjunto de informação que supervisionou todas as tarefas.

Na régie de Lisboa estive, então, o editor e chefe de redação Jorge Nuno Oliveira e, por várias vezes, o diretor de informação, Sérgio Figueiredo, que raramente se expressou ou deu alguma ordem/indicação direta.

A observação não participante foi feita dentro da régie, para medir o pulso a algumas variáveis de análise: quantos textos de pivôs e a média de duração de todos eles; o improvisado dos pivôs em relação ao texto do teleponto e às situações em que não havia texto em teleponto; interação entre pivô e espetador, se pessoal ou mais distante, do ponto de vista comunicativo; diretos, qual a interação entre pivô e repórter, se faz perguntas ou se lança apenas o direto, quantos e quanto tempo demoram; entrevistas

⁸⁸ Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo a 03-07-17, anexo nº 3, pp. 159-160.

do pivô a convidados, em que moldes, qual o contexto, qual a interferência, caso tenha havido, do editor; palavras de aberturas, como abriu o pivô o noticiário, na medida em que estas palavras podem ser uma âncora para o espectador, se foi pessoal ou impessoal, se foi curta ou o contrário; palavras de fecho, tal como nas de abertura, mas por oposição, como fechou o noticiário; modelo de pivô segundo Yvana Fachine, já referenciada ao longo deste trabalho, cujos conceitos foram explanados. Assim, modelo polifónico, muito mais plural no que à função do pivô concerne, ou seja, há mais para além do pivô, o mesmo não é a figura central do noticiário, é objetivo e claro; e, finalmente, o modelo centralizado e opinativo, que mais não é do que um noticiário feito à medida do pivô, em que há pouca pluralidade vozes e onde são expressadas algumas opiniões e/ou considerações pessoais ao longo do pivô (um modelo mais americano, portanto). Serão destacados os pivôs e diretos mais relevantes.

Para efeitos de pivô enquanto texto falado pelo apresentador, consideraram-se todos os momentos em que o apresentador dirigiu a sua palavra para a câmara e, por conseguinte, a todos os espectadores. Sendo que há pivôs previamente escritos ou aprovados e, outros, ditos no momento, improvisados.

Nome pivô: Cristina Reyna

Aspetos formais do alinhamento do jornal	Aspetos de atuação editorial do pivô	Elementos de interação no discurso ou na gestualidade do pivô
<p>Abertura</p>	<p>Não fez uso de teleponto, improvisou: “Boa tarde, sejam bem-vindos ao Jornal da Uma feito hoje, em direto, a partir do Santuário de Fátima, onde é aguardado o Papa Francisco, ao meio da tarde”.</p>	<p>Com o recurso ao “sejam bem vindos”, a pivô interpela diretamente a audiência.</p> <p>Emissão não começou na pivô, mas sim no avião que transportava o Papa, em Roma.</p> <p>Tom de voz calmo e tranquilo.</p>
<p>Texto pivô</p>	<p>29 pivôs.</p> <p>Duração média de 32s.</p> <p>Desses 29, os maiores foram os seguintes: o de abertura, um off com imagens, com uma duração de 3m55s e o de reinício de jornal, a seguir ao intervalo, com 1’23”.</p> <p>Os primeiros 4 pivôs foram sem teleponto, ou seja, em improviso.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Só no 5º pivô, sobre a presença de Marcelo Rebelo de Sousa em Fátima, a chegada no dia anterior e o que fez na manhã do jornal, é que recorreu a teleponto. - 18 foram em improviso, sem teleponto, incluindo o lançamento de intervalo - 11 estavam previstos no teleponto. - Dos 11 pivôs previstos em teleponto, 9 sofreram alterações enquanto a pivô lia. 	<p>A pivô adotou um tom de voz quase maternal, pela forma calma e tranquila como foi falando, quase sempre com um pequeno sorriso. Teve gestos muito contidos, não havendo nada de relevante a assinalar.</p>
<p>Entrevistas</p>	<p>Lançamento em improviso: uma entrevista realizada em direto, pela pivô, dividida em dois momentos.</p> <p>Perguntas previamente preparadas, sem recurso a teleponto.</p>	<p>Nas entrevistas, a pivô revelou alguma falta de neutralidade, visível no tom de voz menos sério e mais conciliador e até nas perguntas que fez, como se pode verificar na descrição a seguir a esta tabela.</p>
<p>Diretos</p>	<p>16 diretos</p> <p>Duração média: 2m15s.</p> <p>A pivô tinha o nome do jornalista que ia estar em direto no teleponto, mas improvisou em todos os lançamentos.</p>	<p>Reagiu frequentemente com um sorriso, no final dos diretos, e realçou sempre o ponto mais forte de cada um deles, afastando-se da neutralidade.</p>

Fecho	<p>Em improviso, sem teleprompter: “E, com esta nota, terminamos o Jornal da Uma, sendo que a nossa emissão de acompanhamento em direto da visita do Papa Francisco e das comemorações do centenário das aparições de Fátima continua. Já a seguir, o Pedro Pinto e a Fátima Lopes vão estar convosco em direto, a partir daqui, também, do Santuário de Fátima. Boa tarde, até amanhã”.</p>	<p>A jornalista estava de sorriso aberto antes de improvisar o pivô de fecho.</p>
<p>Modelo: polifónico ou centralizado e opinativo: polifónico. Emissão não foi centrada no pivô, nem nas suas opiniões.⁹⁰</p>		

Tabela 4 - Análise do Jornal da Uma de 12-05-17.



Figura 9 - Captura de ecrã de Cristina Reyna de sorriso aberto no final do Jornal da Uma de 12-05-17.

⁸⁹ Jornal da Uma de 12-05-2017, disponível em: <http://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-da-uma/53c6b2633004dc00624392e1/video/5915c5150cf2004cbd405fe2>

[Acedido a 16-05-2017]. No CD apenso, está disponível o alinhamento deste jornal.

⁹⁰ Em Fechine, Y., 2008. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. *Revista Famecos*, 15(36), pp. 69-76.

Na tabela nº4, respeitante ao Jornal da Uma de 12 de maio, Cristina Reyna hesitou e enganou-se várias vezes. A título de exemplo, no primeiro direto que lançou, anuncia o direto para Lurdes Baeta, dizendo: “vamos começar a ronda dos diretos, vamos a um deles onde está a Lurdes Baeta, junto à estátua dos pastorinhos e dessa sala onde, ao longo da tarde, vai sair muita informação útil para os peregrinos e também para os nossos telespetadores. Lurdes, boa tarde”. Ora, a repórter estava apenas junto à estátua dos pastorinhos, como ela própria refere assim que começa o direto e estava completamente rodeada de jovens.

Ainda nos diretos e com os repórteres nos vários locais, a pivô apenas lançava diretos, sem nunca voltar a questionar o repórter. Aliás, dos 16 diretos efetuados, apenas um teve uma pergunta direta ao repórter e quase sem conteúdo. Foi quando a pivô lançou o direto para a jornalista Ana Valente, que estava no Estádio Municipal de Fátima onde, mais tarde, o Papa Francisco viria a aterrizar. Cristina Reyna disse: “Papa vai de helicóptero para o estádio municipal de Fátima, onde está a Ana Valente. “Ana, boa tarde, o que é que vai acontecer aí?” De resto, os lançamentos de diretos basearam-se sempre em afirmações, referindo que no local “X”, estava o repórter “Y”.

Como referimos no quadro acima, a pivô reagiu de forma positiva em quase todos os diretos. Mais visível ainda, quando iniciou o pivô de fecho, a seguir a um direto, e estava de sorriso aberto.

Quanto à entrevista, houve apenas uma, efetuada ao Bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos, realizada em duas partes: uma antes do intervalo, a outra parte já quase no final do jornal e já depois de terem transmitido outras notícias do dia.

A primeira pergunta consistiu em recordar a visita de outro papa, Paulo VI, e do próprio convidado que ali tinha estado, naquele dia, precisamente há 50 anos. A pivô aproveitou a linha temporal para questionar que caminho longo fez o santuário, que caminho longo fez a história, “este momento vivido por três crianças, que acaba por saltar para a Igreja Universal”; depois, questionou o convidado sobre a convivência entre o mistério de Fátima e a renovação permanente da mensagem, que é reforçada sobretudo com as viagens do líder máximo da Igreja Católica: “como é que coabita o mistério e essa renovação da mensagem?”. A pivô denotou um claro interesse no convidado e no assunto da entrevista, o tom de voz era maternal, mas contente. Estava, claramente, bem preparada e, apesar de ser uma emissão que, à partida só cativará os interessados

na visita do Papa, a pivô ignorou que nem todos os espetadores sabem o que é a mensagem de Fátima, pelo que poderia ter explicado esse conceito. Ou seja, fez uso de termos técnicos não tão claros para toda a audiência, por exemplo quando questionou sobre o “mistério e a renovação da mensagem”.

A pivô fez algumas alterações na forma de alguns pivôs, que já tinham sido revistos e alterados por ela. Cristina Reyna alterou, enquanto lia, 9 dos 11 pivôs previstos em teleponto. As alterações nunca se prenderam com o conteúdo, mas sim com a forma, nomeadamente no acrescento de palavras ou na troca de ordem de palavras. Vejamos dois exemplos: na 2ª parte, numa notícia sobre a acusação de exibicionismo de Donald Trump ao ex-diretor do FBI, James Comey, Cristina Reyna alterou dois verbos que estavam no presente, “acusa” e “garante”, para “acusou” e “garantiu”;

Também na 2ª parte, numa notícia sobre o culto de Fátima ter ultrapassado as barreiras continentais, a pivô mudou o seguinte: na frase “(...) a ser construído em território português depois da capela das aparições”, Cristina Reyna disse “capelinha, em vez de capela. O facto de ter capelinha poderá demonstrar, uma vez mais, a falta de neutralidade nesta emissão. Ao recorrer a diminutivos, denota algum apreço e afeto pelo que está a dizer. Não se trata de um lapso pela forma clara e direta como proferiu a palavra.

A nível de régie de Lisboa não houve qualquer interferência. O editor apenas se limitou ao lançamento das peças. Foi tudo coordenado a partir da régie de Fátima, pelo que, nessa dimensão, não nos é possível tecer comentários. No entanto, numa das comunicações ouvidas entre a editora em Fátima, Maria João Figueiredo, e o editor em Lisboa, Jorge Nuno Oliveira, a mesma disse, a meio da primeira parte, “tem de ter mais ritmo”.

No enquadramento cénico, como pode ser verificado na figura 10, cabe-nos afirmar que o *plateau* estava no Santuário de Fátima, na zona reservada para o efeito. O Cenário era o Santuário, atrás via-se o céu cinzento, o edifício principal do Santuário, a Basílica da Nossa Senhora do Rosário e a Colunata que a rodeia. Por outro lado, referir que o material técnico utilizado não era o mesmo de um estúdio, isto porque quando a pivô lia o teleponto, o olhar de Cristina Reyna não estava direcionado diretamente para a lente da câmara, mas sim ligeiramente para cima da câmara, o que dá a indicação de que o teleponto estaria em cima da câmara e não incorporado na mesma. Ora, isto não

acontece nos estúdios dos canais de televisão, porque o sistema de teleponto está incorporado na câmara.

Já no que diz respeito à maquilhagem e vestuário, a pivô estava com um blazer azul-escuro e uma camisola com uma cor neutra, bege. Sem acessórios, apenas com dois brincos muito pequenos e discretos. A maquilhagem estava muito suave e também discreta.

Referir apenas que no estúdio da TVI estava o pivô José Carlos Araújo, em *back up*, caso acontecesse alguma coisa com a emissão de Fátima. Assim, a emissão continuaria assegurada, mas em estúdio. Como nada ocorreu, não foi necessário a entrada de José Carlos Araújo, que estava a postos.

Nome pivô: Pedro Pinto

Aspetos formais do alinhamento do jornal	Aspetos de atuação editorial do pivô	Elementos de interação no discurso ou na gestualidade do pivô
<p>Abertura</p>	<p>Pivô lido em teleponto, mas escrito por José Alberto Carvalho: “boa noite. Fátima é hoje, mais uma vez, o altar do mundo católico. 1 milhão de pessoas recebeu e emocionou-se com a chegada do Papa Francisco, na primeira visita a Portugal. Todos os momentos foram marcados por grande entusiasmo e emoção... Mas, o momento mais intenso, foi quando um milhão de pessoas se silenciou durante largos minutos para acompanhar a primeira oração do Papa à Virgem Maria”.</p>	<p>Único elemento presente é o desejo de boa noite aos espetadores.</p> <p>Tom de voz sério e expressão facial neutra.</p>
<p>Texto Pivô</p>	<p>25 pivôs</p> <p>Duração média de 25s.</p> <p>Os maiores foram os seguintes: o de abertura, com uma duração de 1m45s e o de reinício de jornal, a seguir ao intervalo, com 1m02s. O primeiro foi em teleponto, sem qualquer improvisado; o segundo foi uma junção de improvisado com texto de teleponto.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dos 25 pivôs, 7 não sofreram alterações enquanto lia o teleponto. - Dos 25 pivôs, 6 foram em total improvisado. - Dos 25 pivôs, 19 estavam previstos em teleponto e 12 sofreram alterações enquanto o apresentador lia. 	<p>O pivô manteve-se com um estilo mais informal na forma como foi falando. Aludiu, várias vezes, à emoção, às pessoas ali presentes e à reação das mesmas na presença do Papa. Pedro Pinto gesticula muito com as mãos, à medida que vai falando.</p>
<p>Entrevistas</p>	<p>Lançamento de entrevistas em improvisado: 2 entrevistas realizadas em direto, pelo pivô. Perguntas previamente preparadas, sem recurso a teleponto.</p> <p>Entrevistas em direto.</p>	<p>Na entrevista com as apresentadoras Cristina Ferreira e Fátima Lopes, Pedro Pinto esteve mais informal e muito mais sorridente. Fez referência aos pedidos de fotografias e autógrafos que a multidão pedia.</p>
<p>Diretos</p>	<p>3 diretos, com uma duração média de 3m11s’, em improvisado</p> <p>Com os repórteres nos vários locais, o pivô apenas lançava os diretos, sem nunca voltar a questionar o repórter.</p>	<p>Aludiu de forma entusiasmante aos relatos e às reações que os repórteres foram relatando.</p> <p>Pedro Pinto gesticula muito com as mãos, à medida que vai falando.</p>

Fecho:	Improviso: “o Jornal das 8 vai ficar por aqui, pode acompanhar em direto na TVI e na TVI24 a Procissão das Velas. Tenha uma boa noite.”	Fez um leve sorriso no final do pivô.
Modelo: polifónico ou centralizado e opinativo: polifónico. Emissão não foi centrada no pivô, nem nas suas opiniões. ⁹²		

Tabela 5 - Análise do Jornal das 8 de 12-05-17.

Na tabela nº4, respeitante ao Jornal das Oito de 12 de maio, Pedro Pinto, ao nível dos diretos, dizia mais do que anunciar ao repórter o local em que se encontrava. A título de exemplo, quando lançou o primeiro direto para Carla Moita, em improviso, sem teleponto: “e junto à Capelinha das aparições, Carla Moita, boa noite, vamos ao testemunho de quem acompanhou com muita emoção, com muita alegria, estes dois momentos marcantes aqui no Santuário, primeiro aquela explosão de alegria, de cor, de festa com a chegada do Papa Francisco às seis e um quarto aqui ao Santuário; e, depois, aquele momento arrepiante com a oração do silêncio”.

Ainda nos diretos, referir que houve um direto, com quase 5 minutos, com a repórter Carla Moita: Pedro Pinto estava a improvisar o que iria acontecer, mesmo no início da terceira parte, quando o Papa agarrou numa criança e beijou-a. Pedro Pinto, de seguida, lançou direto para a jornalista Carla Moita, dizendo “Carla Moita, mais um momento e um gesto inesperado do Papa Francisco”. Neste direto, a pivô da TVI24, descreveu a interação do papa com os peregrinos como sendo um “momento que conseguiram acompanhar de forma privilegiada, há velas acesas ao longo deste percurso, Fátima fica deslumbrante com as velas já acesas”; descreveu os movimentos do papa, o cumprimento das pessoas, as centenas de bandeiras presentes, devido aos peregrinos de todo o mundo, e há gritos de “viva o Papa”. A jornalista troca de conversa com freiras que queriam oferecer uma imagem de Nossa Senhora, realçando depois que o papa demora nestes contactos; duas crianças entregam dois desenhos a Francisco. A jornalista diz que este momento veio provar o que os jornalistas têm dito sobre a

⁹¹ Jornal das Oito de 12-05-2017, disponível em: <http://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/591615b70cf277ced3006777>

[Acedido a 16-05-2017]. No CD apenso, está disponível o alinhamento deste jornal.

⁹² Em Fechine, Y., 2008. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. *Revista Famecos*, 15(36), pp. 69-76.

proximidade, o papa não foge ao contacto das pessoas e mostra-lhes carinho. O Papa chega à capelinha das Aparições, Carla Moita constata a proximidade da comunicação social a Francisco, uma vez que as câmaras estavam mesmo muito perto. A jornalista continua a falar, mas o som foi cortado intencionalmente para o pivô falar.

No que diz respeito à alteração dos textos do pivô em teleponto, já vimos que dos 19 pivôs previstos, e mesmo em pivôs previamente vistos por Pedro Pinto, o mesmo fez questão de alterar 12 pivôs. As alterações nunca se prenderam com o conteúdo, mas sim com a forma, nomeadamente no acrescento de palavras ou na troca de ordem de palavras. A título de exemplo, no pivô sobre o primeiro contacto entre o Papa e crentes/peregrinos, fez duas alterações. O texto dizia “(...) primeiro contacto com os peregrinos.” E, mais à frente, “(...) onde cerca de um milhão de peregrinos participam nas celebrações do centenário das aparições.” Nas duas frases, Pedro Pinto, ao ler, substituiu peregrinos pela palavra crentes.

No pivô imediatamente a seguir a este, sobre o percurso do papamóvel desde o Estádio de Fátima até ao Santuário, Pedro Pinto fez um à parte enquanto lia o texto no teleponto. No original, podia ler-se: “depois da receção no Estádio de Fátima, o Santo Padre entrou para o papamóvel e iniciou a viagem até ao Santuário”. Pedro Pinto disse: “depois da receção no Estádio de Fátima, a partir de hoje Papa Francisco (...)”. Ou seja, o jornalista fez alusão à mudança de nome do Estádio.

Referir ainda, no que toca aos textos, que o pivô de abertura, lido por Pedro Pinto, foi escrito por José Alberto Carvalho. De resto, dos pivôs previstos em teleponto, apenas três tiveram o “ok” prévio de Pedro Pinto que, no sistema, escreveu as suas iniciais “PIN” no lugar onde diz “PP”, proposta de pivô. Significa isto que o restante foi escrito pelos autores das peças informativas, sem que o pivô os tivesse alterado. Isto explica-se pelo facto de que o pivô esteve, até à hora do Jornal das 8, em emissão contínua.

Olhando agora para as entrevistas, foram efetuadas duas: a primeira, na primeira parte, a Cristina Ferreira e Fátima Lopes, apresentadores da TVI, no entretenimento; a segunda, na terceira parte, a Octávio Carmo, jornalista da Agência Ecclesia, e ao padre Manuel Morujão, porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa.

Quanto à primeira, com 9m10s de duração, Cristina Ferreira e Fátima Lopes asseguraram a emissão de manhã e de tarde, com o Pedro Pinto (de manhã, Manuel

Luís Goucha é que esteve no *plateau* com o pivô, enquanto Cristina Ferreira andou por Fátima a falar com pessoas). À tarde, ao Pedro Pinto, juntou-se Fátima Lopes. O pivô começou por elogiar as convidadas: “neste Jornal das 8 temos aqui neste *set* da TVI dois fenómenos de popularidade, e eu tenho sentido isso ao longo dos últimos minutos, porque não param de chegar...”, iniciou o pivô. Fátima Lopes interrompe e diz entre risos “, confessa, estás farto de nos aturar, já”, Pedro Pinto continua: “não, antes pelo contrário, não param de chegar pedidos de autógrafos, não param de chegar pedidos para fotografias, mas foram duas excelentes companheiras de emissão. Cristina, desde as 10 e pouco da manhã, Fátima, desde as duas e meia da tarde... Enfim, eu tenho destacado, ao longo da tarde, três momentos: a chegada do Papa, a chegada aqui ao Santuário e, obviamente, o momento da oração em silêncio. Cristina Ferreira, o que é que mais te marcou neste primeiro dia do Papa Francisco ao Santuário?” Cristina respondeu, até que Pedro Pinto interrompeu e disse que a corrida de Cristina Ferreira atrás do papamóvel tinha sido um dos grandes momentos da tarde, um grande momento televisivo e que era preciso uma boa forma física e um grande sentido de profissionalismo para o fazer porque estava a descrever o que estava a acontecer, ao mesmo tempo que corria.

Pedro Pinto dirige-se a Fátima Lopes: “Fátima, tiveste aqui um grande momento de emoção, em que te emocionaste, em que sentiste que, no meio deste profissionalismo todo em que estamos a acompanhar uma transmissão, há momentos em que somos inevitavelmente contagiados e tu sentiste de uma forma muito particular”; momento de oração em silêncio foi arrepiante, afirma Pedro Pinto.

Volta a dirigir-se a Cristina Ferreira: “Cristina, ao longo da manhã estiveste também com muitos peregrinos, estiveste também numa zona de acampamento onde se fazia o almoço e onde se convivia de uma forma muito alegre, o que é que mais guardas, que memórias levas?”.

Última pergunta para Fátima Lopes: “Fátima, também tens testemunhos muito fortes; o sorriso do Papa Francisco é uma imagem muito forte que vamos levar...”

Pedro Pinto termina a entrevista: “Fátima Lopes, Cristina Ferreira, (Cristina interrompe e pergunta “tu ainda ficas?”) eu ainda fico mais alguns minutos, provavelmente também mais algumas horas, mas foi um privilégio enorme trabalhar com vocês, juntamente com toda a equipa da TVI que, desde as 10 da manhã,

ininterruptamente, tem levado aos espetadores aquilo que tem sido minuto a minuto a presença do Papa Francisco em Portugal e as comemorações do centenário, aqui em Fátima. Vamos agora para um intervalo, no Jornal das 8, regressamos daqui a nada a Fátima e ao Santuário, até já”. Tudo em improviso.

Na segunda entrevista, com 11m09s, começou por dizer: “e são estes gestos inesperados que tornam o Papa Francisco tão especial (...)”. De seguida, questionou Octávio Carmo, jornalista da Agência Ecclesia, que acompanhou o Papa na viagem de Roma até à Base Aérea de Monte Real.

Pedro Pinto começou por revelar um dado: “uma viagem marcada pela informalidade, em que o Papa veio falar com os jornalistas, em que até abençoou uma jornalista”; o convidado descreveu o que se passou no avião e disse que não havia nada de artificial.

Na senda do Papa ser muito próprio, Pedro Pinto disse que o “Papa Francisco fez questão de sair mais cedo da casa onde estava, precisamente para ter este momento de partilha com os presentes”; e se, porventura, nessa viagem de avião, o Papa se referiu ao entusiasmo de estar em Fátima.

Dirigiu-se depois ao outro convidado, Padre Manuel Morujão, e disse “enquanto acompanhamos a procissão das velas pergunto-lhe se esta viagem está a corresponder às expectativas que tinha”. Na resposta, o padre referiu os pastorinhos, deixa que o pivô aproveitou: “e por falar em pastorinhos, podemos falar em aparições ou visões? Nem sequer há consenso dentro da própria Igreja”.

O pivô questionou, de seguida, o convidado sobre quando é que a Irmã Lúcia seria canonizada e se queria partilhar com os espetadores o significado da Procissão das Velas, que estava a decorrer durante a entrevista.

Finalizou a entrevista, com uma pergunta o jornalista da Agência Ecclesia: “Octávio Carmo, que momento destacarias como mais marcante e emocionante destas primeiras horas do Papa Francisco no Santuário?”.

Na régie de Lisboa não houve qualquer interferência. O editor apenas se limitou ao lançamento das peças. Foi tudo coordenado a partir da régie de Fátima, pelo que, nessa dimensão, não nos é possível tecer comentários, excetuando a constatação da presença do diretor de informação na régie, em grande parte do tempo do jornal. O mesmo não interferiu em nada. Foi fazendo comentários, desde logo na variação do

fundo, dizendo que estava “brutal”; esteve atento ao que as outras televisões iam emitindo, principalmente à SIC. José Alberto Carvalho, que estava no estúdio também se dirigiu várias vezes à régie e fez comentários pessoais sobre o Papa.

Quanto ao enquadramento cénico, o *plateau* estava no Santuário de Fátima, na zona reservada para o efeito. O cenário era o Santuário, com o edifício principal do Santuário, a Basílica da Nossa Senhora do Rosário e a Colunata que a rodeia, em destaque. De referir que o céu foi mudando de cor: antes de o sol se pôr, durante o pôr-do-sol e, depois, já noite, o que foi dando uma outra dinâmica ao jornal pela variação do fundo. Tal como no Jornal da Uma, referir que o material técnico utilizado não era o mesmo de um estúdio. Referimos também que, quando a pivô lia o teleponto, o olhar de Cristina Reyna não estava direcionado diretamente para a lente da câmara, mas sim ligeiramente para cima da câmara, o que dá a indicação de que o teleponto estaria em cima da câmara e não incorporado na mesma. Ora, Pedro Pinto conseguiu disfarçar muito melhor esse olhar mais para cima, dando a ilusão de que olhava diretamente para a câmara. No estúdio da TVI estava o pivô José Alberto Carvalho, em *back up*, caso acontecesse alguma coisa com a emissão de Fátima. Assim, a emissão continuaria assegurada, mas em estúdio. Como não ocorreu nada, não foi necessário a entrada de José Alberto Carvalho que estava a postos.

Já quanto à maquilhagem e vestuário, o pivô estava com um blazer azul-escuro, uma camisa de tom azulado e uma gravata violeta. Pedro Pinto estava com maquilhagem discreta, muito menos do que aquela habitualmente utilizada em estúdio.

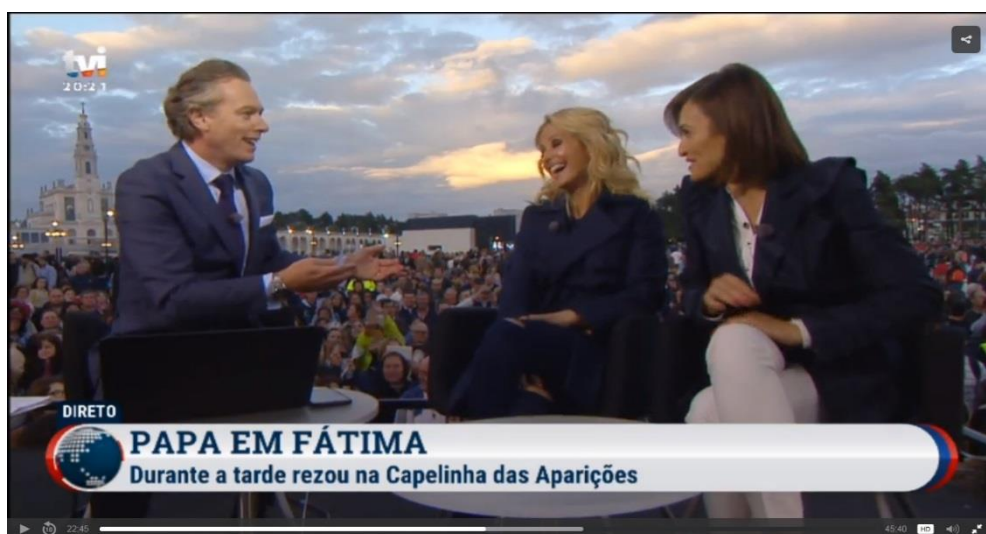


Figura 10 - Captura de ecrã dos momentos iniciais da entrevista a Cristina Ferreira e Fátima Lopes, que denota o tom informal e bem-disposto já referido. Jornal das 8 de 12-05-17.

Nome pivô: Cristina Reyna

Aspetos formais do alinhamento do jornal	Aspetos de atuação editorial do pivô	Elementos de interação no discurso ou na gestualidade do pivô
<p>Abertura</p>	<p>Sem teleponto: “Muito Boa tarde, sejam bem-vindo ao Jornal da Uma, deste 13 de maio. Hoje, os pastorinhos Francisca e Jacinta Marto foram elevados a santos. A partir de hoje, poderão constar nas orações de todos os fiéis da Igreja Católica, junto a todos os Santos da Igreja”</p>	<p>A pivô estava em off, pelo que em termos de imagem, não nos é possível tecer comentários.</p> <p>Tom de voz calmo e neutro.</p> <p>Desejou boa tarde aos espetadores.</p>
<p>Texto Pivô</p>	<p>28 pivôs</p> <p>Duração média de 46s.</p> <p>22 foram em total improviso.</p> <p>6 estavam previstos em teleponto. Destes, 3 sofreram alterações enquanto a apresentadora lia;</p> <p>O maior teve uma duração de 5m53s, em total improviso. Este tempo para um pivô é extremamente raro</p>	<p>Tal como no dia anterior, adotou um estilo conciliador. Neste jornal, ainda assim, verificou-se um maior entusiasmo por parte da jornalista, principalmente nas entrevistas.</p> <p>Aludiu, várias vezes, à emoção, às pessoas ali presentes e à reação das mesmas na presença do Papa.</p>
<p>Entrevistas</p>	<p>Houve três momentos de entrevista, em direto, mas sempre com o mesmo convidado: o padre jesuíta Paulo Duarte.</p> <p>Afirmou mais do que questionou.</p> <p>Perguntas previamente preparadas (Cf. Considerações)..</p>	<p>Tal como no dia anterior, adotou um estilo conciliador. Neste jornal, ainda assim, verificou-se um maior entusiasmo por parte da jornalista, principalmente nas entrevistas.</p> <p>Aludiu, várias vezes, à emoção, às pessoas ali presentes e à reação das mesmas na presença do Papa.</p>
<p>Diretos</p>	<p>16 diretos, com uma duração média de 3m28s, todos em improviso.</p> <p>Com os repórteres nos vários locais, a pivô apenas lançava diretos, sem nunca voltar a questionar o repórter.</p> <p>No entanto, Cristina Reyna disse mais do que anunciar o repórter e o local em que se encontrava. Pegava nas deixas de jornalistas ou no preciso momento que estava a ser vivido para, logo de seguida, lançar outro direto com um comentário, constatação ou suposição.</p>	<p>Reagiu de forma entusiasmante aos relatos que foram chegando por parte dos jornalistas, aludindo à emoção e à reação dos populares.</p>

<p>Fecho:</p>	<p>Em improviso: “quero agradecer ao Padre Paulo Duarte ter-nos acompanhado aqui, guiado um pouco pelo outro lado, pelas outras leituras, para lá dos afetos, da emotividade religiosa, que foi aqui vivida. Uma emoção difícil de controlar para muitas, muitas pessoas que aqui estiveram presentes... A visão de um papa ao vivo, ao pé de nós, ao pé dos crentes, acaba por ser um momento de grande emoção. Agradeço-lhe a sua presença aqui connosco. Aí está o avião que leva o Papa Francisco a descolar da Base Aérea de Monte Real. E com esta imagem terminamos esta emissão especial em que acompanhamos a viagem do Papa Francisco. Já a seguir, não perca a meia-final do Benfica e do Sporting no Futsal. Adeus, Papa Francisco. Boa tarde aos nossos telespectadores, tenha um bom fim de semana.”</p>	<p>A jornalista, uma vez mais, denota que a visita também a afetou, numa perspetiva positiva, claramente. Ela própria admite ao dizer que “é um momento de grande emoção” ver um papa ao vivo.</p> <p>Depois, assumiu a despedida do Papa, ao afirmar “adeus, Papa Francisco”.</p> <p>Disse aos espetadores para não perderem o jogo de futsal e desejou um resto de bom fim de semana.</p> <p>Ao nível de expressão facial não é possível tecer comentários, uma vez que a imagem estava na descolagem do avião que transportou o Papa.</p>
<p>Modelo: polifónico ou centralizado e opinativo: polifónico. Emissão não foi centrada no pivô, nem nas suas opiniões, embora tenha sido tendenciosa.⁹⁴</p>		

Tabela 6 - Análise Jornal da Uma de 13-05-17.

⁹³ Jornal da Uma de 13-05-2017, disponível em: <http://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-da-uma/53c6b2633004dc00624392e1/video/59172d8c0cf2b1e529f15d63> [Acedido a 16-05-2017]. No CD apenso, está disponível o alinhamento deste jornal..

⁹⁴ Em Fechine, Y., 2008. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. *Revista Famecos*, 15(36), pp. 69-76.

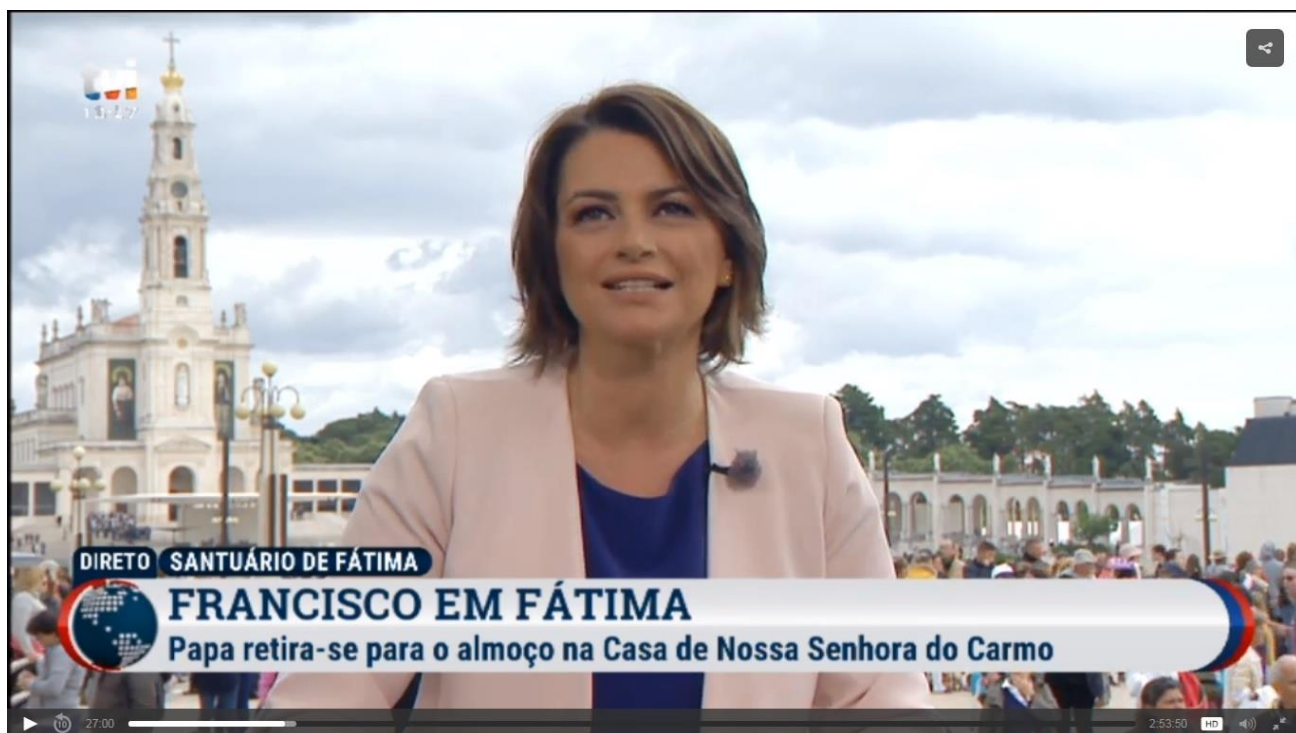


Figura 11 - Captura de ecrã que ilustra que o olhar de Cristina Reyna está acima da lente da câmara. Jornal da Uma de 13-05-17

Na tabela nº6, respeitante ao Jornal da Uma de 13 de maio, começando pelos textos dos pivôs, as alterações nunca se prenderam com o conteúdo, mas sim com a forma, simplificando o texto lido. Antes de ilustrarmos algumas dessas alterações, um comentário ao facto de a pivô ter falado durante quase 6 minutos, num pivô. Foi o 4º pivô proferido pela apresentadora, todo ele improvisado, e deveu-se à descrição do que se estava a passar. O Papa estava prestes a deixar o Santuário e a fazer o percurso no papamóvel até à casa onde ficou hospedado. A jornalista Carla Moita estava em direto, quando isso mesmo aconteceu. Descreveu por breves instantes a passagem do Papa, calou-se, e Cristina Reyna começou a falar até o Papa sair do recinto do santuário, altura em que lançou outro direto. A pivô descreveu o que estava a ver e foi deixando “respirar” a imagem. Foi introduzindo dados, à medida que ia descrevendo o que via, como a última vista papal ao Egito, a beatificação dos dois pastorinhos e onde o Papa ia, de seguida, almoçar com os bispos, por exemplo. Falou, também, um pouco no percurso que iria ser feito e foi com essa deixa que lançou mais um direto. “(...) vai passar ainda por uma rotunda onde está a Maria Inês Pedroso. Maria Inês, o que é que se passa

neste momento?” (a pivô enganou-se. O direto foi para Inês Pereira, que estava junto da casa aonde o Papa iria chegar).

Quanto às alterações propriamente ditas, já apontámos no quadro referente a este jornal que houve três modificações nos seis pivôs que estavam previstos em teleponto. Num primeiro caso, antes de ler o que estava em teleponto e de lançar a peça seguinte, Cristina Reyna improvisou. Sem teleponto: “Aguardamos que a qualquer momento, o Papa Francisco saia da Casa do Carmo, onde entrou há pouco mais de meia hora, para um último ato oficial, um almoço com os bispos portugueses. Está tudo preparado no exterior da Casa do Carmo para o transporte do Papa. Será como estava agendado, e aguardamos essa confirmação, mas era isso que estava previsto, o papamóvel até á rotunda norte aqui de Fátima, onde depois passará para um automóvel fechado. E vemos como todos os funcionários estão alinhados, esperando que o Papa Francisco saia e se possam despedir dele”. A apresentadora faz agora a ligação com o pivô em teleponto. Ainda em improviso, diz: “já ouvimos hoje o Presidente da República, falando à saída da missa do 13 de maio, mas ainda ontem” (entra agora pivô em teleponto) “já depois da procissão do Adeus, Marcelo Rebelo de Sousa fez um balanço da passagem do Papa pelo país. Marcelo acredita que Francisco veio a Portugal ganhar um vigor acrescido e conta as suas impressões sobre os encontros que teve com Francisco na qualidade de “Chefe de Estado”. Enquanto lia, a pivô alterou uma frase, a que está acima sublinhada, e disse: “(...) vigor acrescido e conta as impressões que teve dos encontros com Francisco na qualidade de Chefe de Estado”.

No pivô sobre um abraço da do Papa Francisco à criança que terá recebido o milagre através dos pastorinhos, Cristina Reyna, enquanto lia, fez uma pequena alteração, ao acrescentar palavras ao pivô escrito. Na frase: “integrando o cortejo do ofertório da missa, Lucas, **assim se chama esta criança**, acompanhado pelos pais e **pela** irmã, dirigiu-se ao altar do recinto onde foi acolhido por Francisco” (acrescentos a *bold*).

Olhando agora para as entrevistas, já referimos que apenas houve uma, que se dividiu em três momentos. Esta entrevista foi a mais flagrante da falta de neutralidade, como se mostrará já de seguida, na relação que a pivô terá com a religião e com este Papa em particular. Atenemos nas perguntas feitas e, mais do que nas perguntas, nas afirmações proferidas pela pivô.

No primeiro momento da entrevista, que teve 2m49s de duração, Cristina Reyna começa por perguntar ao Padre Paulo Duarte, jesuíta, o que é que sentiu ao ver o Papa, como jesuíta particularmente? Como é que ele resumiria o que o Papa quis transmitir aos peregrinos em Fátima e aos cristãos de todo o mundo?

No segundo momento da entrevista, que teve uma duração de 19m16s de duração, com uma interrupção pelo meio, a jornalista demonstra que tem um grande conhecimento sobre este Papa e a Igreja Católica. Começa, então, por perguntar que Papa Francisco “é este que vemos na hierarquia, em toda esta sua unidade?”. Quando o convidado respondeu que o Papa era o “Sumo Servidor”, disponível para o serviço, a pivô perguntou se isso chocou a hierarquia, logo ao início, até com o próprio simbolismo do Vaticano. De seguida, Cristina Reyna assinalou a “postura que [o Papa] tem tido ao longo do tempo, e que foi ontem visível, no aeródromo de Monte Real quando ele estava na presença do Estado Português, muito mais sério, de cara fechada, e como se transformou assim que subiu para o *papamóbil* que o ia transportar. É este o Papa das formalidades, que manifestamente não mostra grande agrado e o Papa que quer chegar, que quer chegar ao seu povo”. Não questionou, afirmou. Após a resposta do convidado, perguntou se o “Papa obriga ou não a estrutura da Igreja Católica a um exercício de humildade totalmente novo”. Relativamente ao uso do vocábulo *papamóbil*, ou é um erro da pivô ou uma referência ao original em italiano *papamobile*. De qualquer das formas, não é claro qual a intenção, até pela pronúncia da pivô.

Cristina Reyna interrompe entrevista porque o Papa sai da Casa do Carmo, onde estava hospedado. Começa a descrever as imagens, mas num dos momentos, logo depois de ter acabado de falar, ouve-se papéis a serem remexidos. Logo de seguida, a pivô começa a referir quem o acompanhou nesta visita. Começa-se a ouvir um helicóptero no ar, a pivô refere isso mesmo e diz que vai acompanhar o percurso do Papa. Volta às perguntas: “padre Paulo Duarte, apesar de tudo, apesar da idade, o Papa Francisco vai conseguindo gerir estes momentos que, apesar de tudo, são intensos, entre as deslocações, as viagens, os cumprimentos, o convívio, a parte religiosa, todas as celebrações, todos os ritos, vai conseguindo juntar energia para isso.”

De seguida, disse que “o Papa sabe que nos próximos minutos, uma vez subido no transporte clássico dos papas, o *papamóbil*, a partir deste momento terá também uma última oportunidade de ver os fiéis, as pessoas que se deslocaram até Fátima e que,

muito estoicamente, aguentaram muitas horas em pé, muitas horas ao relento, muitas delas dormiram no recinto. O Papa Francisco sabe que há muito sacrifício pessoal, muita alegria com certeza de estar aqui, mas percebe, padre Paulo Duarte, que há aqui muita fé reunida, ele também faz esse esforço de ir ao encontro do sacrifício que as pessoas fizeram”. Mais uma vez não questionou, afirmou. Entretanto, o Papa entra no papamóvel e começa o percurso em direção à Base de Monte Real.

Pela primeira vez, Cristina Reyna faz uma pergunta que equilibra o tom pouco objetivo que tem sido seu apanágio nestes jornais em, Fátima: “estamos a falar para uma audiência muito alargada, estão a ver-nos muitos católicos, mas também muitos ateus, muitas pessoas que olham com suspeita para o fenómeno de Fátima, mas também até para a própria fé de quem acredita. Mas este Papa tem-se afirmado também entre os não crentes como alguém que vale a pena ouvir, que tem uma mensagem positiva, uma mensagem de esperança. É o Papa Francisco um líder espiritual, para lá da mensagem de Cristo?”.

Após a resposta do convidado, afirma: “e coube à hierarquia máxima da Igreja Católica escolher uma Papa que tem mostrado ser o Papa certo para estes tempos conturbados, quando ninguém esperava até. Ele acaba por fazer a renovação do Direito Canónico, acaba por levar para a frente o processo de condenação interna e até de julgamentos do escândalo de pedofilia, que tanto abalou a credibilidade da Igreja, mas muito mais. Inclusivamente, mexendo no Banco do Vaticano... E os ateus ouvem, veem esses sinais, sendo que a sociedade civil ocidental está muito suspeita das grandes instituições”; uma vez mais afirma e não questiona, ainda para mais em temas sensíveis como a pedofilia no Vaticano, que não é tão positivo assim, se estivermos atentos à atualidade informativa.

Entretanto, o convidado começa a responder, mas a pivô interrompe: “permita-me interromper porque gostava de chamar a Catarina Canelas, que está num ponto de reportagem em direto. Catarina, avança”.

Catarina Canelas descreveu o ambiente, enquanto o papamóvel passava e o Papa acenava. Falou com uma senhora que estava emocionada. Perguntou como é que sentiu este momento, se ia dali com o coração cheio, reparou que estava emocionada e, por isso, o que representava o Papa Francisco. Terminou o direto, dizendo que todos falavam uma linguagem, “a do amor e da felicidade”.

Foi com esta deixa, que Cristina Reyna retomou a entrevista: “e essa tem sido a mensagem partilhada pelo Papa Francisco desde o dia 1, uma mensagem de abertura e, retomando aqui a conversa com o nosso convidado, uma mensagem de abertura que levava às origens, à mensagem original. E recordava *não, temos de abrir a porta aos divorciados; esqueçam esta divisão com os homossexuais, vamos abraçá-los na nossa casa*”.

E, depois, “mas até que ponto a questão prática é a seguinte: essa mensagem que chega do topo, e que é de aproximação, chega de facto às paróquias. Chega, de facto, ao ponto de trazer de novo tantos crentes que não são praticantes...”; convidado interrompe e diz “Fátima é um lugar extraordinário, Fátima é um lugar onde se junta muita fé, muita devoção. Mas pelos crentes fora do nosso país há esse afastamento”.

O terceiro momento da entrevista tem 25m52s, pelo que não se fará uma transcrição completa, mas sim as afirmações ou perguntas mais relevantes, do ponto de vista do comportamento da pivô.

Desde logo, começa por realçar a humildade do Papa: “se o papa pudesse escolher outro avião, escolhia um avião mais simples. Olhávamos para a caravana automóvel, carros de alta cilindrada, e o carro do Papa que tem que ser sempre um carro um bocadinho abaixo”.

Afirma Cristina Reyna: “este Papa tem sido chamado o Papa do povo, mas também o Papa sem medo. Porquê sem medo, na sua opinião, porque se atreveu a mexer em temas delicados da Igreja Católica?”. Na resposta, o padre Paulo Duarte refere as viagens como um dos indicadores que mostra o não ter medo. Ora, a pivô pegou nessa resposta e perguntou: “e escolhe muito bem as suas deslocações, e escolhe-as, temos observado, para dizer sempre qualquer coisa. Não são mensagens ao acaso. A primeira viagem disse muito daquilo ao que o Papa Francisco vinha, foi a Lampedusa. A primeira vez que sai do Vaticano é para ir a Lampedusa e, recordo aos nossos espetadores, foi na altura em que houve a explosão da crise dos refugiados”.

Ainda na senda das afirmações, a pivô diz: “e, personificando, ele ao querendo mostrar, o Vaticano, a Igreja Católica, também o universo de grande simbolismo, e recordo aquela imagem do Papa Francisco a lavar os pés a um preso, essa humildade... Trazendo essa humildade com grande reforço para todos os crentes ou não crentes”. E, por último: “estamos perante os últimos minutos de uma viagem importante no

calendário de Fátima, que já recebeu outros papas, mas que hoje culminou com a declaração de Francisco e Jacinta Marto como santos da Igreja Católica. Duas crianças que foram protagonistas de uma história invulgar, que dividiu até mesmo dentro da Igreja Católica, mas que está lançada, está acreditada, está no coração das pessoas, fundamentalmente”.

Ora, perante este comportamento da pivô, estamos, uma vez mais, perante alguma falta de neutralidade. Apesar de demonstrar um grande conhecimento da Igreja Católica e até do próprio Papa, patente nesta afirmação, no terceiro momento desta entrevista: “a mensagem dele não passa muito por Maria, passa mais pela mensagem original de Cristo”. Ora, alguém que faz esta afirmação é porque está por dentro da filosofia teológica de alguém, neste caso, o Papa Francisco.

Avançando para os diretos, cujos lançamentos foram todos sem recurso a teleponto, Cristina Reyna também contextualizou antes de lançar alguns. Exemplo: em improviso, no regresso à segunda parte, a apresentadora referiu-se a Fátima como um pequenino lugar que em 100 anos se tornou fundamental no mapa da Igreja Católica, sendo “um santuário mariano de destaque, que reuniu centenas de milhares de pessoas, de devotos de Maria, devotos de Fátima, centenas de milhares de pessoas que vieram aqui para o centenário das aparições, para a canonização dos pastorinhos que foram elevados hoje a santos pelo Papa Francisco e também esta visita tão especial do Papa ao Santuário. Esteve aqui menos de 24 horas, estamos na hora do balanço desta visita, embora a esta hora ele esteja, neste momento, ainda, Inês, na Casa do Carmo onde está a almoçar com os bispos”.

Quando acabavam os diretos e a emissão voltava à pivô, a jornalista tecia comentários: por exemplo, quando o primeiro momento da entrevista terminou, a jornalista lançou o direto para Lurdes Baeta, que falou com senhoras que tinham gritado “viva o Papa” e o que é que tinham sentido quando viram o Papa, o que foi mais comovente/emocionante, tendo ainda perguntado sobre o facto de agora termos novos dois santos. Quando ia para terminar o direto, uma das senhoras quis acrescentar mais umas coisas sobre a fé pessoal, a jornalista deixou, mas ao mesmo tempo disse que tinha que ser rápido. Terminado este direto, foi aqui que Cristina Reyna complementou o que disse a jornalista, fazendo referência às ocasiões intensas vividas pelas pessoas, à

emoção vivida e ao tempo escasso que Francisco passou em Portugal. De seguida, lançou mais um direto.

Houve um direto com 13 minutos de duração, que foi o momento em que o Papa chegou a Monte Real. Um longo percurso até chegar ao local onde se encontrava o jornalista, José António Barbosa, quase um km desde a entrada até à pista.

Ao nível da régie de Lisboa não houve interferência do editor, que apenas deu ordem que queria terminar o jornal com o avião a descolar, o que aconteceu.

Apesar de ter sido tudo coordenado a partir da régie de Fátima, o diretor de informação esteve presente em Lisboa, e, desta vez, interferiu. Isto porque quando era suposto fazer o segundo intervalo, o mesmo foi adiado. O editor não tem poder para ir contra os compromissos publicitários, pelo que Sérgio Figueiredo autorizou que o intervalo fosse mais tarde e mais curto, depois de ter conversado telefonicamente com o diretor comercial. Foi no momento em que o papa se encaminhava para a Base Aérea que o intervalo se impôs e que a continuidade, o departamento que assegura toda a emissão da TVI, já tinha pedido ao editor para que fossem para intervalo, mas ele já tinha negado. Se a TVI tivesse emitido o intervalo naquele momento, seria a única televisão a fazê-lo.

Quanto ao enquadramento cénico, o *plateau* estava no Santuário de Fátima, na zona reservada para o efeito. O Cenário era o Santuário, com o edifício principal do Santuário, a Basílica da Nossa Senhora do Rosário e a Colunata que a rodeia, em destaque.

Quanto à maquilhagem e vestuário, a pivô estava com um blazer *nude* e uma blusa azul escura. Mais uma vez, Cristina Reyna estava com maquilhagem discreta, muito menos do que aquela habitualmente utilizada em estúdio

Referir também que, quando a pivô lia o teleponto, o olhar de Cristina Reyna não estava direcionado diretamente para a lente da câmara, mas sim ligeiramente para cima da câmara, o que dá a indicação de que o teleponto estaria em cima da câmara e não incorporado na mesma. No estúdio da TVI estava o pivô José Carlos Araújo, em *back up*, caso acontecesse alguma coisa com a emissão de Fátima. Assim, a emissão continuaria assegurada, mas em estúdio. Como não ocorreu nada, não foi necessário a entrada de José Carlos Araújo que estava a postos.

Noticiários no estúdio da TVI – Jornal da Uma e Jornal das 8: fim de semana de 29 e 30 de julho

O estúdio de todos os noticiários da TVI e TVI24 é o mesmo. Até fevereiro deste ano, antes das remodelações e mudança de imagem já referidas no âmbito do 24º aniversário, os noticiários da TVI24 eram emitidos a partir de outro estúdio e em *chroma key*, ou seja, estúdio virtual.

O novo estúdio⁹⁵ é mais amplo e polivalente, permitindo variadas utilizações, seja a nível de disposição de mesas e convidados, seja a nível de enquadramentos.



Figura 12 - Panorâmica do novo estúdio da TVI ⁹⁶

⁹⁵ No dia de aniversário, 20 de fevereiro, a TVI convidou o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, uma vez que o seu mandato fazia um ano. Vídeo do novo estúdio disponível em:

<http://www.tvi24.iol.pt/videos/politica/marcelo-conhece-o-novo-estudio-da-tvi/58ab50140cf2b10cb661362d>

[Acedido a 03-08-2017].

⁹⁶ Fotografia de Rui Ochôa, fotógrafo oficial do Presidente da República. Imagem disponível e retirada de: <http://www.presidencia.pt/archive/img/170220-PRMRS-RO-0048-4388.jpg>

[Acedido a 03-08-2017].



Figura 13 - Uma das novas valências do estúdio: ecrã gigante de 2x2 metros. ⁹⁷



Figura 14 - Captura de ecrã da 21ª Hora do dia 20-02-2017.

Foi, portanto, nestes estúdios, nomeadamente na régie, que acompanhei os jornais referidos na página anterior.

⁹⁷ Fotografia de Rui Ochôa, fotógrafo oficial do Presidente da República. Imagem disponível e retirada de: <http://www.presidencia.pt/archive/img/170220-PRMRS-RO-0039-4371.jpg> [Acedido a 03-08-2017].

Nome pivô: Cristina Reyna

Aspetos formais do alinhamento do jornal	Aspetos de atuação editorial do pivô	Elementos de interação no discurso ou na gestualidade do pivô
Abertura	“Muito boa tarde, bem-vindos ao Jornal da Uma” em teleponto.	Cumprimento aos espetadores
Texto pivô	31 pivôs. Duração média de 25s. 7 pivôs tiveram alterações de texto, enquanto lia o teleponto. Todos os pivôs, à exceção do fecho do jornal, estavam em teleponto.	Expressão fechada, tom sério, profissional e gestos muito contidos.
Entrevistas: Não houve.		
Diretos	4 diretos, Duração média de 1m42s. Lançamento em teleponto. Improvizou no regresso da emissão a estúdio.	Esboçou um pequeno sorriso quando lançou as duas reportagens em direto de duas praias. Não só sorriu, como também fez comentários (Cf. Considerações).
Fechos	Único pivô em improviso: “e o essencial está dito, Maria Marujo nesta rubrica, que encerra, por hoje o Jornal da Uma. A atualidade é atualizada em permanência, ao longo da tarde, na TVI24, já a seguir com a Conceição Queiroz. E aqui está de regresso no Jornal das 8. Fique com as previsões da meteorologia para os próximos três dias. Boa tarde”.	Terceiro momento em que sorriu ao espetadores, na despedida. Desejou boa tarde.
Modelo: polifónico ou centralizado e opinativo: polifónico. Emissão não foi centrada no pivô, nem nas suas opiniões. ⁹⁹		

Tabela 7 - Análise do Jornal da Uma de 29-07-17.

⁹⁸ Jornal da Uma de 29-07-2017, disponível em: <http://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-da-uma/53c6b2633004dc00624392e1/video/597c89020cf2cd913a05043b> [Acedido a 03-08-2017]. No CD apenso, está disponível o alinhamento deste jornal.

⁹⁹ Em Fachine, Y., 2008. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. *Revista Famecos*, 15(36), pp. 69-76.



Figura 15 - Captura de ecrã que mostra um claro sorriso da pivô. Jornal da Uma de 29-07-17.

Na tabela nº7, respeitante ao Jornal da Uma de 29 de julho, Cristina Reyna fez questão de alterar 7 dos 31 pivôs previstos em teleponto. As alterações nunca se prenderam com o conteúdo, mas sim com a forma, nomeadamente no acrescento de palavras ou na troca de ordem de palavras. Exemplos: no pivô “as cúpulas militares dos Estados Unidos e da Coreia do Sul estão a discutir opções militares para responder a mais um lançamento de um míssil pela Coreia do Norte... O míssil balístico intercontinental não foi muito longe, atingiu a zona económica exclusiva do Japão. Mas a comunidade internacional está em alerta”, Cristina Reyna disse “(...) para responderem a mais um lançamento de um míssil da Coreia do Norte (...). O míssil balístico não foi muito longe, **mas** atingiu a zona económica exclusiva do Japão”. Na frase seguinte que vem a seguir, retirou a adversativa “mas” do início.

Num outro texto, sobre a morte de um bebé britânico que sofria de uma doença terminal rara, no último parágrafo estava escrito: “mas no início da semana, os tribunais ingleses autorizaram o hospital a desligar as máquinas (...). Ora, Cristina Reyna disse britânicos, em vez de ingleses.

Num outro texto, podia ler-se “vamos para a reta final do Jornal da Uma, com a rubrica “vamos à praia (...)”. Cristina Reyna disse: “na reta final deste Jornal da Uma, vamos para esta rubrica do mês de julho, “vamos à praia”.

Quanto a improvisos, a jornalista apenas improvisou 1 pivô, o de fecho, e no final dos diretos. Tudo o resto estava em teleponto.

Nas situações de direto, com os repórteres nos vários locais, a pivô apenas lançava diretos, sem nunca voltar a questionar o repórter. Só houve um direto a quem fez uma pergunta: ao João Bizarro que estava em Penacova, Coimbra, localidade que, durante noite, tinha sido assolada por uns incêndios. A pivô perguntou se, aquela hora, a situação já estava controlada. Os restantes três lançamentos de diretos basearam-se sempre em afirmações, referindo que no local “X”, estava o repórter “Y”.

No final dos diretos, a repórter fazia um comentário. No primeiro direto, o repórter João Bizarro estava em Penacova, como já referimos. Ele disse que estava tudo calmo àquela hora, num direto curto, 56s. Quando volta à pivô, Cristina Reyna, de improviso disse: “tudo tranquilo então, a esta hora, nesta aldeia de S. Mamede, em Penacova, depois de um reacendimento”.

No segundo direto, a repórter Andreia Jorge Luís estava em Vila Flor, Nisa, localidade que também tinha sido assolada pelas chamas. No final, a jornalista disse que, por causa dos prejuízos, era hora de fazer contas à vida. Cristina Reyna pegou nessa deixa e disse, em improviso: “e multiplicam-se, Andreia, estes testemunhos de solidão, daquelas pessoas que tiveram que ficar para lutar contra as chamas e que, agora, na acalmia, fazem contas à vida”.

No terceiro direto, a repórter Sofia Fernandes estava em Pedras Negras, na Marinha Grande. Quando regressa à pivô, Cristina Reyna, esboça um sorriso aberto, visível na figura 17, e diz: “e está dada a nota, Sofia, dos ingredientes da tua reportagem, que se pode ver hoje, no Jornal da Noite... no Jornal das 8” (a pivô enganou-se no nome do jornal).

No último direto, no âmbito da rubrica já referida, “vamos à praia”, a jornalista Maria Marujo estava na Ericeira. A seguir ao direto, terminou o Jornal, pelo que a pivô fez a junção das duas coisas: “e o essencial está dito, Maria Marujo nesta rubrica, que encerra, por hoje o Jornal da Uma (...)”.

Um breve comentário ao texto do pivô de fecho, presente no quadro respeitante a esta análise. Recordando, a pivô, de improviso, disse: “e o essencial está dito, Maria Marujo, nesta rubrica, que encerra, por hoje o Jornal da Uma. A atualidade é atualizada em permanência, ao longo da tarde, na TVI24, já a seguir com a Conceição Queiroz. E aqui está de regresso no Jornal das 8. Fique com as previsões da meteorologia para os próximos três dias. Boa tarde”. Ora, a pivô foi redundante, ao fazer uso de um pleonasma com a “atualidade ser atualizada”. Por certo, se não fosse em improviso, a pivô não teria dito algo assim.

Quanto ao enquadramento cénico, como já vimos nas páginas anteriores, as cores do estúdio são vivas, à base de vermelhos e azuis. Quando a pivô está sentada, atrás dela fica a redação, pelo que, em casa, os espetadores veem algum movimento e dinâmica atrás da pivô. Cristina Reyna não ficou sempre sentada, tendo apresentado reportagens na mesa, num retângulo com várias imagens, visível nas figuras 8 e 10 das páginas anteriores, e, ainda, no ecrã gigante de 2x2 metros.

Na maquilhagem e vestuário, a pivô estava com uma blusa branca com detalhes rendados nas mangas, calças pretas ou azuis escuras e uns sapatos tipo *stiletto* da mesma cor das calças. A maquilhagem é discreta, muito mais então se compararmos com Judite Sousa, por exemplo, fazendo uso de acessórios muito discretos: um anel em cada mão, presumindo que um deles é uma aliança de casamento, e dois brincos muito pequenos.

No que toca ao comportamento e tomada de decisão na régie, o editor, João Morais, tinha todo o poder. Apesar de não ter havido grandes decisões a tomar, o mesmo nem perguntava à pivô se concordava, apenas dizia o que ia fazer. Não foi dada nenhuma ordem direta a Cristina Reyna, mas aos jornalistas em direto, sim, nomeadamente para terminarem o direto.

Tomou, ainda, a decisão de ir para intervalo mais cedo, uma vez que o direto da Sofia Fernandes ainda não estava pronto. De resto, João Morais falou pouco ou quase nunca.

Nome pivô: Judite Sousa



Aspetos formais do alinhamento do jornal	Aspetos de atuação editorial do pivô	Elementos de interação no discurso ou na gestualidade do pivô
Abertura	Texto em teleponto: Para todos, muito boa tarde”.	Tom grave e sério, expressão e olhar fortes.
Texto Pivô	<p>32 pivôs</p> <p>Duração média de 17s.</p> <p>Dos 32 pivôs, apenas 1 foi improvisado, o de fecho.</p> <p>Todos os pivôs estavam previstos em teleponto.</p> <p>6 sofreram alterações enquanto a pivô lia.</p>	<p>Judite Sousa adotou alguma cadência na voz, tendo a projetado fortemente.</p> <p>Foi claramente efusiva em dois momentos: no final de uma reportagem em que faz um aparte (Cf. Considerações). Não só diz a frase com um sorriso, como carregou na entoação na palavra “grandes”, relevando a primeira sílaba.</p> <p>Na reportagem imediatamente a seguir, diz no pivô antes da reportagem: “ (...) A Ericeira tem forte tradição ligada à pesca e de há uns anos para cá à prática do surf, mas fomos, no entanto, descobrir outras histórias”. Quando diz “outras histórias”, não só faz um gesto com a mão a acompanhar, como enfatiza a palavra outras de forma relevante.</p>
Entrevistas: Não houve.		
Diretos	<p>2 diretos,</p> <p>O primeiro com uma duração de 56s.</p> <p>O segundo com 1m35s.</p>	Nenhum elemento a assinalar.
Fecho	Improvisado: “fica a informação sobre o estado do tempo nos próximos três dias. Espero por si amanhã, às 20h, boa noite”.	Fez um breve sorriso, convidou os espetadores a regressarem no dia a seguir.
Modelo: polifónico ou centralizado e opinativo: polifónico. Emissão não foi centrada no pivô, nem nas suas opiniões. ¹⁰¹		

Tabela 8 - Análise do Jornal das 8 de 29-07-17.

¹⁰⁰ Jornal das 8 de 29-07-2017, disponível em: <http://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/597cf8370cf21d6c536054d0> [Acedido a 03-08-2017]. No CD apenso, está disponível o alinhamento deste jornal.

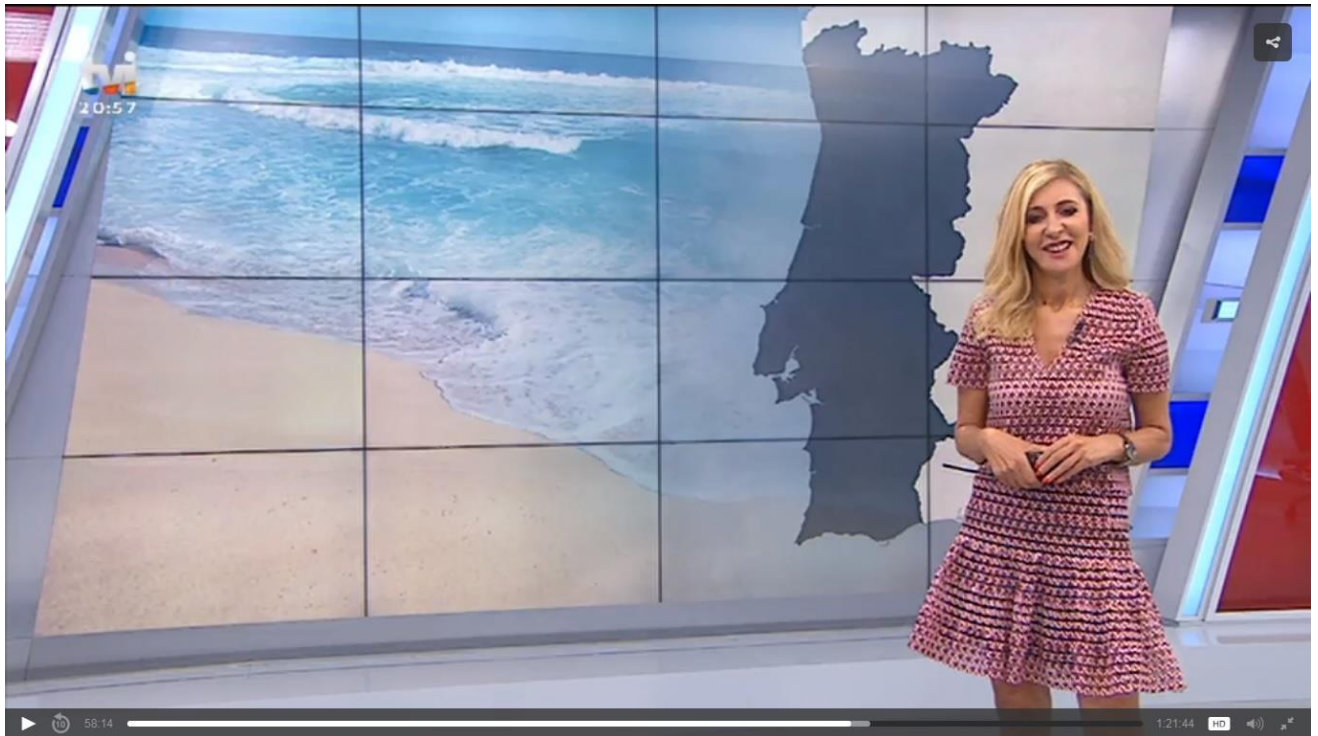


Figura 16 - Captura de ecrã do momento em que Judite Sousa sorri depois de fazer um aparte a uma reportagem. Jornal das 8 de 29-07-17.

Na tabela nº 8, respeitante ao Jornal das 8 de 29 de julho, esta edição do Jornal das 8 foi rica em comentários da pivô Judite Sousa, no fim de reportagens. Começamos, precisamente, por aí: no final de uma reportagem com as declarações de Pedro Passos Coelho, líder do PSD, sobre uma entrevista do Presidente da República ao Diário de Notícias, Judite disse: “declarações de Pedro Passos Coelho”.

No final de uma reportagem que dá a conhecer a Marinha Grande, mais concretamente Pedras Negras, aparecem umas senhoras, varinas, que, com o microfone da TVI, assinaram a peça de forma bastante efusiva, tendo dito “viva a TVI!” duas ou três vezes. Logo a seguir, Judite disse, com um sorriso, “grandes repórteres”, referindo-se às senhoras, e enfatizando o grande (a figura 17 ilustra o momento em que Judite se ri logo a seguir ao final da reportagem).

Numa reportagem sobre a visita de Marcelo Rebelo de Sousa às ruas floridas, no Redondo, Alentejo, foi visível a enchente e a manifestação de carinho por parte dos

¹⁰¹ Em Fachine, Y., 2008. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. *Revista Famecos*, 15(36), pp. 69-76.

populares ao Presidente da República, com os habituais abraços e fotografias. Ora, no final, Judite disse: “selfies e afetos”.

No final da crónica política “Seis por meia dúzia”, de Victor Moura-Pinto, que satiriza a atualidade política, aparece Pedro Passos Coelho a dizer “tenham umas boas férias” e a reportagem acaba nesse instante. Judite diz com um sorriso: “para quem ainda as vai ter”, dando a entender que já tinha estado de férias, portanto.

Ollhemos, agora, para os textos do pivô: mesmo nos pivôs previamente vistos por Judite Sousa, a mesma fez questão de alterar 6 dos 32 previstos em teleponto. As alterações nunca se prenderam com o conteúdo, mas sim com a forma, nomeadamente no acrescento de palavras ou na troca de ordem de palavras. No pivô “a Andreia Jorge Luís está em Nisa onde tivemos hoje alguns reacendimentos, com a presença de, **creio eu**, militares no terreno”. Judite Sousa acrescentou o que está a *bold*.

No final do pivô sobre a greve da Autoeuropa, o texto dizia “sendo assim, mantém-se a greve agendada para daqui a um mês”. Judite alterou a ordem e disse: “sendo assim, a greve mantém-se agendada para daqui a um mês.

Num pivô sobre a entrevista de Marcelo Rebelo de Sousa ao Diário de Notícias, a certa altura aparece “parlamento” e Judite Sousa disse “Assembleia da República”;

Teve a mesma linha de raciocínio quando disse “operação”, em vez de “intervenção cirúrgica”, que era o que estava escrito, num pivô sobre um avião cargueiro russo que tinha caído.

Num pivô sobre o apelo à mobilização para contestar a assembleia constituinte, na Venezuela, estava escrito “ (...) foi a resposta à proibição imposta pelo governo de que não será toleradas manifestações”. Ora, o correto seria “serão” e Judite disse “sejam toleradas”.

Abordando, agora, os diretos, com os repórteres nos vários locais, a pivô apenas fazia os lançamentos, sem nunca voltar a questionar o repórter. Só no primeiro direto fez uma pergunta diretamente: “o João Bizarro está a seguir este fogo no distrito de Coimbra... E João, pergunto-te... é um incêndio que neste momento nos deve manter preocupados...”, com teleponto. No final deste direto, apenas disse: “ a informação de João Bizarro” e seguiu para a reportagem seguinte.

No final do segundo direto, a repórter no local, Andreia Jorge Luís, que estava a relatar a ajuda das Forças Armadas em Nisa, terminou, e, assim que a emissão regressou

à pivô, como sempre ocorre, Judite Sousa começou logo a ler o pivô seguinte, não tendo dito nada.

Na régie, o editor era o João Morais. Mais uma vez, comandou o fecho dos diretos, transmitindo a ordem para fecharem esses diretos, mas Judite Sousa foi interventiva. Desde logo, sugeriu mudar a posição das “cortinas” ou separadores entre reportagens, algo a que João Morais acedeu. Depois, no intervalo, Judite Sousa perguntou com que tema tinha regressado a SIC, João Morais respondeu “futebol”. Antes, porém, o editor tinha informado a pivô de que a SIC já tinha ido para intervalo, sendo que a TVI iria assim que a reportagem que estava no ar terminasse.

Judite Sousa viu a notícia do Correio da Manhã de um acidente, em Lisboa, que causou 10 feridos ligeiros. Sugeriu que era melhor mandar alguém para o local, ao que João Morais respondeu que tinha sido ao início da tarde.

Entretanto, a SIC começou a emitir uma reportagem especial intitulada “As Novas Vozes do Alentejo”. Judite Sousa reparou e comentou com o editor: “no lo creio” (não creio), ao que João Morais respondeu “pois, não me cheira”.

A pivô colocou uma almofada na cadeira, elevando a sua altura, e perguntou, tanto ao realizador, como ao editor, se ficaria melhor daquela forma. Não foi perceptível se anuíram, mas comentaram que, daquela forma, tapava as costas da cadeira e o padrão da mesma.

De seguida, perguntou como se pronunciava o local Pego do Inferno em Tavira, cuja reportagem iria ser emitida, pouco tempo depois.

Voltou a manifestar atenção ao que a SIC estava transmitir, perguntando “ainda estão com os alentejanos?”.

Depois, já quase no final, sugeriu uma mudança de alinhamento ao editor: “manda a Pryanka para as ortigas e troca pelo Marcelo no Redondo”. Ou seja, a troca de reportagem sobre a atriz indiana Pryanka Chopra e o filme *Baywatch – Marés Vivas*, pela visita do Presidente da República, e respetiva enchente de populares, no Redondo, Alentejo. O editor não disse nada e fez a alteração.

Quanto ao enquadramento cénico, e como já vimos nas páginas anteriores, as cores do estúdio são vivas, à base de vermelhos e azuis. Quando a pivô está sentada, atrás dela fica a redação, pelo que, em casa, os espetadores veem algum movimento e dinâmica atrás da pivô. Judite Sousa não ficou sempre sentada, tendo apresentado

reportagens na mesa, num retângulo com várias imagens, visível nas figuras 8 e 10 das páginas anteriores, e, ainda, no ecrã gigante de 2x2 metros.

No vestuário e maquilhagem, a pivô estava com um vestido com um *top* padrão rosa escuro e branco com uma saia, acima do joelho, exatamente igual, dando a ilusão de que era um vestido quando, na realidade, são duas peças (figura 18); tinha uns sapatos de salto alto arroxeados e brincos discretos. A maquilhagem é bastante visível, com um batom vermelho e algum trabalho a nível dos olhos. Maquilhagem muito mais forte quando comparada com a Cristina Reyna, por exemplo.

Nome pivô: Cristina Reyna

Aspetos formais do alinhamento do jornal	Aspetos de atuação editorial do pivô	Elementos de interação no discurso ou na gestualidade do pivô
Abertura	Teleponto: “Muito boa tarde, bem-vindos ao Jornal da Uma”.	Cumprimento aos espetadores.
Texto Pivô	<p>29 pivôs.</p> <p>Duração média de 19s.</p> <p>Dos 29 pivôs, todos previstos em teleponto, 2 foram improvisados: o de fecho e uma leitura de imagens em direto.</p> <p>Dos 29 pivôs, 6 sofreram alterações enquanto a pivô lia.</p>	A pivô apenas mostrou um pequeno sorriso quando lançou as duas reportagens em direto de duas praias. Não só sorriu, como também fez comentários.
Entrevistas: Não houve.		
Diretos	<p>3 diretos.</p> <p>Duração média de 2m3s.</p> <p>Em teleponto.</p>	No final de dois diretos, sorriu e comentou.
Fechos	Improviso: “assim termina o Jornal da Uma. A informação é atualizada em permanência na TVI24, já a seguir, pela Conceição Queiroz e aqui está de regresso no Jornal das 8. Boa tarde, bom resto de domingo”.	Cumprimento aos espetadores, desejo de bom resto de domingo.
Modelo: polifónico ou centralizado e opinativo: polifónico. Emissão não foi centrada no pivô, nem nas suas opiniões. ¹⁰³		

Tabela 9 - Análise do Jornal da Uma de 30-07-17.

¹⁰² Jornal da Uma de 30-07-2017, disponível em: <http://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-da-uma/53c6b2633004dc00624392e1/video/597ddb8c0cf2ab080d504565>

[Acedido a 03-08-2017]. No CD apenso, está disponível o alinhamento deste jornal.

¹⁰³ Em Fachine, Y., 2008. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do étnos. *Revista Famecos*, 15(36), pp. 69-76.



Figura 17 - Captura de ecrã com a pivô Cristina Reyna e o cenário atrás da mesma. Jornal da Uma de 30-07-17.

Na tabela nº 9, respeitante ao Jornal da Uma de 30 de julho, começando pelos textos do pivô, 6 tiveram alterações de texto. No pivô podia ler-se: “em Barcelona, mais de 20 mil pessoas foram retiradas de um festival de música eletrónica por causa do incêndio no palco do festival... Ninguém ficou ferido”. Cristina Reyna, a seguir a festival, disse “apesar da violência do incêndio, ninguém ficou ferido”.

No pivô: “foi dominado ao final da noite de ontem o fogo que começou em Ceira, Coimbra, e que rapidamente alastrou a Miranda do Corvo. As duas frentes do incêndio chegaram a ameaçar duas aldeias”, Cristina Reyna disse “fogo”, ao invés de incêndio” no último período.

No pivô em que improvisou, por estar a receber imagens em direto, havia informação no teleponto. Podia ler-se: “estas são imagens em direto da capital da Venezuela. Pelos relatos que nos chegam, a situação está, aparentemente, calma a esta hora. Lembro que agora são 8 da manhã na Venezuela”. Cristina Reyna disse: “e neste dia de grandes expectativas em que o mundo olha com muita atenção para a Venezuela, vamos ver em direto estas imagens da capital, Caracas. Pelos relatos que nos chegam, a situação está aparentemente calma, a esta hora. Lembro que são 8 da manhã na

Venezuela e a população é chamada a votar para a constituição desta assembleia constituinte, sendo que os partidos da oposição que dominam o parlamento venezuelano não têm representantes a serem eleitos nestas constituintes, o que exclui, desde logo, grande parte das forças políticas venezuelanas. Ficaremos muito atentos à situação de hoje, na Venezuela, tanto mais que o governo ordenou a colocação de milhares de soldados e forças paramilitares para evitar as manifestações que foram proibidas, pelo menos até terça-feira.” Ou seja, aproveitou o teleponto e depois improvisou.

Nas situações de diretos, os lançamentos estavam em teleponto. Houve 3, o primeiro com 2m26s, o segundo com 1m48s e o terceiro com 1m56s.

Com os repórteres nos vários locais, a pivô fazia os lançamentos, sem voltar a questionar o repórter. Só no primeiro direto fez uma pergunta diretamente: “Em Nisa, os dias são de recuperação do susto e da destruição causada pelo fogo desta semana... No terreno, estão militares a ajudar na prevenção de novos incêndios, mas também a ajudar a população nas necessidades mais primárias... Boa tarde, Andreia, é isso que está a acontecer com os militares da marinha?”.

No final desse direto, fez um comentário improvisado: “o que importante é, Andreia, este envolvimento das forças armadas nesta ajuda às comunidades tão afetadas pelos incêndios”

No segundo direto, a repórter Sofia Fernandes estava em São Pedro de Moel, no âmbito da rubrica “Vamos à praia”. Ora, a repórter, nas suas declarações finais ficou com o mar atrás dela, pelo que a pivô disse: “e aí está uma bela paisagem, Sofia, cheia de história e tradições na Marinha Grande”, esboçando um sorriso.

No terceiro direto, imediatamente a seguir ao acima referido, a repórter Maria Marujo estava no Baleal, em Peniche. No final do direto, Cristina Reyna disse: “é, Maria, estamos no último dia desta rubrica «vamos à praia» ”.

No enquadramento cénico, como já vimos nas páginas anteriores, as cores do estúdio são vivas, à base de vermelhos e azuis. Quando a pivô está sentada, atrás dela fica a redação, pelo que, em casa, os espetadores veem algum movimento e dinâmica atrás da pivô. Cristina Reyna não ficou sempre sentada, tendo apresentado reportagens na mesa, num retângulo com várias imagens, visível nas figuras 8 e 10 das páginas anteriores, e, ainda, no ecrã gigante de 2x2 metros.

No vestuário e maquilhagem, a pivô apresentou-se com um vestido azul-escuro com um broche na gola, junto ao pescoço. Nota-se que tem maquilhagem, mas, por exemplo, em relação a Judite Sousa, muito menos forte e visível

Uma vez mais, o editor foi o João Morais. Como já dissemos, é alguém que se caracteriza pela calma. Em contraste com o Jornal das 8, por exemplo, nesta edição do Jornal da Uma, João Morais quase que não falou com a pivô.

Na única situação em que o editor falou com Cristina Reyna foi para avisar que iriam transmitir as imagens em direto da Venezuela, através da agência Reuters. De resto, deu ordens a um elemento da produção para dizer à repórter Andreia Jorge Luís para fechar o direto.

3.4. Discussão de resultados

Uma emissão especial difere, à partida, de uma emissão regular. Ainda assim, conseguimos mostrar que o pivô não tem um comportamento assim tão diferente. Os textos de pivôs são, na emissão especial, maiores, devido ao imprevisto que os mesmos fizeram.

Nos diretos, a discrepância é enorme. Se, numa emissão especial, estamos perante 16 pontos de diretos, em igual período numa emissão regular, deparamo-nos com dois ou três diretos substancialmente mais curtos.

Demonstramos, também, que independentemente das alterações das propostas de pivôs que os apresentadores recebem e que, na generalidade, refazem à sua maneira, quando estão a ler o teleponto, há sempre qualquer coisa que mudam ou acrescentam.

Quanto ao pivô propriamente dito, registamos a diferença abismal entre a Cristina Reyna em Fátima e a Cristina Reyna em estúdio. Se, na primeira, a neutralidade e a objetividade quase nunca estiveram presentes, em Lisboa estiveram. Mesmo no tom de voz, gestos e expressão facial, a pivô, em Fátima, adotou um estilo muito calmo, quase apaziguador e conciliador, como se refere nas grelhas de análise. E, em estúdio, muito mais séria e sisuda.

Registamos, ainda, que, dos pivôs presentes nesta análise, Judite Sousa foi a única que fez apartes no final de reportagens, impondo o seu estilo, personalizando ainda mais a informação.

Notamos que, apesar de os textos já terem sido modificados e aprovados pelos pivôs, quando leem o teleponto, há, frequentemente, alterações.

Percebemos, ainda, que o papel do pivô na redação TVI só está relacionado com a apresentação e escrita dos textos, onde tem, manifestamente, toda a liberdade para dizer o que quiser. Ainda assim, no alinhamento, e segundo esta análise, cabe ao editor responsável pelo jornal a gestão, de acordo com as recomendações da direção de informação.

Por outro lado, registamos que os pivôs apenas se limitam a lançarem diretos, sem fazerem mais perguntas durante o mesmo. O repórter acaba de falar e o pivô continua com a emissão. O direto é controlado pelo editor.

Considerações finais

Em primeiro lugar, dever-se-á fazer uma reflexão sobre o estágio tido na redação da TVI. Sinto, e tenho a certeza, que aprendi mais do que algum dia eu pensei que iria aprender nos meses que passei na redação da TVI. O jornalismo está em constante mudança e, economicamente, batalha todos os dias pela busca de um modelo de negócio sustentável. Ainda assim, para aqueles que realmente são os melhores, há lugar para eles. E isso é positivo, na medida em que as redações podem ganhar com “sangue novo”, com novas mentalidades, com novas visões sobre o jornalismo. Ter jovens não significa, de longe, que se deva ignorar a memória nas redações. Essa deve estar sempre presente.

Os ensinamentos obtidos e por mim apreendidos ao longo do estágio deram-me as ferramentas que ainda não tinha, deram-me as técnicas que pouco exploradas estavam, mas, acima de tudo, deram-me ainda mais uma certeza: o jornalismo televisivo não morreu, como gritam alguns velhos do restelo.

A TVI deverá procurar um sistema alternativo de acolhimento dos estagiários e providenciar-lhes um melhor acompanhamento, nomeadamente nos primeiros momentos, para que, quando eles cheguem à redação, não fiquem abandonados durante dias, sem trabalho. O estagiário é o mais interessado em aprender, *a priori*. E é impagável podermos aprender com os melhores, dia após dia. Além de que nem todos têm a oportunidade de estagiar numa televisão generalista ou num jornal nacional, dados os investimentos que devem ser feitos no percurso pessoal e profissional. Por isso, tenho a manifesta certeza que dei o meu melhor ao longo de cinco meses de intenso trabalho e constante aprendizagem.

Mudei, também, o meu olhar crítico em relação ao noticiário. Há muito tempo que percebemos que, em Portugal, os noticiários relatam *fait-divers* ou outro tipo de assuntos que, tradicionalmente, não se enquadram numa notícia. Mas e a audiência? Não terá uma palavra a dizer? É a audiência que controla o que vê na televisão ou é a televisão que controla o que os espetadores veem? É nesta correlação que essa mudança de olhar ocorreu, na medida em que há espaço para darmos a conhecer mais do que a atualidade política e económica. O facto de ter feito uma reportagem com um dos melhores chefs de cozinha do país, com 10 minutos, demonstra que a TVI sabe que

pode apostar nesse tipo de conteúdo com a sua audiência, ao atribuir esse tempo para tal conteúdo.

O pivô tem um estatuto que lhe é associado, quer gostemos, quer não. Contudo, ao mesmo tempo, é através desse estatuto, das características pessoais e do *talent* que Judite Sousa nos dizia, que se capitaliza a audiência a favor de uma estação de televisão. Goste-se, ou não, os pivôs são as caras da informação e, por conseguinte, as caras da estação que representam. Não podemos olvidar, ainda assim, que os espetadores ou a sociedade no geral, depositam confiança e credibilidade no apresentador. O percurso do pivô confere-lhe credibilidade, mas a empatia, essa capacidade de conseguir que as pessoas gostem de nós, terá algo a dizer na relação com a credibilidade. Isto porque, por mais credíveis que possamos ser, se os espetadores não gostarem do modo de ser ou da *persona* do pivô, não há público para o noticiário.

Uma dos factos obtidos nas entrevistas que mais nos surpreendeu é a questão dos pivôs dizerem que a linha editorial da estação de televisão onde trabalham não influencia a forma de transmitir a notícia. Todos os entrevistados disseram que, se trabalhassem noutra estação, a forma de trabalhar e de entregar a atualidade seria a mesma. E aqui estamos perante o maior poder do pivô: por mais que eles não tenham muito a dizer sobre os temas e alinhamentos dos jornais, nem estejam presentes nas reuniões de preparação, são eles que decidem o que vão dizer e de que forma o vão dizer. Há maior poder do que decidir o que se vai dizer a um milhão de pessoas, todas as noites? Poder? Sim, bastante. Responsabilidade? Deveras.

Portugal é um caso paradigmático do ponto de vista da responsabilidade, mas também da credibilidade dos pivôs: há anos que nos habituámos a ver as mesmas caras todas as noites e, salvo raras polémicas, a credibilidade das principais caras de informação é incólume. Há 27 anos que vemos José Alberto Carvalho a informar-nos do mundo. Outros tantos em relação a Judite Sousa ou, até, a outros pivôs noutras estações: José Rodrigues dos Santos (RTP1), Rodrigo Guedes de Carvalho (SIC) ou Clara de Sousa (SIC). Todos têm algo em comum: estão, pelo menos, há mais de 23 anos a informarem-nos do país e do mundo.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Assinatura e despedida de Rodrigo Guedes de Carvalho, no Jornal da Noite, na SIC.

Foi possível obter um conhecimento mais aprofundado dos pivôs numa redação. Fica postulado que, na TVI, há discrepâncias entre pivôs. Ilustrámos esse facto, por exemplo, com a hora de chegada de José Alberto Carvalho à TVI, que trabalha em casa e à distância até chegar à redação 1h antes do jornal. Ou com a demonstração de que nem todos os pivôs participam nas reuniões de trabalho e preparação dos jornais que apresentam.

Nós, os espetadores habituados a ver todas as figuras da informação todos os dias ou quase todos os dias, criamos, inevitavelmente, uma ligação com o pivô A, B ou C. Com que pivô se identifica mais a população portuguesa? Qual a relação da audiência com o pivô? O que mais pesa na hora de decidir qual o noticiário que vamos seguir em horário nobre?

Com este trabalho, tentámos mostrar como se comporta o pivô em dois momentos diferentes, mas não cabia nos limites deste trabalho medir o pulso a audiência no que ao pivô diz respeito. E esse poderá ser um caminho a seguir por parte da comunidade académica, principalmente em Portugal. Analisámos, também, que apesar das alterações prévias às propostas de pivô (os textos no teleponto) que os apresentadores fazem, quando estão efetivamente em ação, mudam o sentido e a forma do que estão a dizer. Será interessante pegar nessa ideia e aplica-la a um estudo mais abrangente: comparar as propostas de pivô dos jornalistas com as alterações que os apresentadores dos noticiários fizeram e perceber o porquê dessas alterações.

Até há dez ou cinco anos, não imaginaríamos que seria possível “nascerem” pivôs, através da transmissão de noticiários via Facebook, como faz a SIC Notícias, com a Diana Duarte ou a Iryna Shev, contratadas para esse efeito, em Portugal. Não imaginaríamos as transformações tecnológicas que ocorreram e o que com elas podemos alcançar. Por isso, aos indecisos, àqueles que agora se iniciam no meio jornalístico ou que não sabem que caminho tomar ou traçar, dadas as incertezas do meio, lembrem-se: está tudo por inventar no jornalismo.

Bibliografia

- Baym, G., 2009. *From Cronkite to Colbert: The Evolution of Broadcast News*. New York: Oxford University Press.
- Benson, R. & Neveu, E., 2005. *Bourdieu and the journalistic field*. Cambridge: Polity Press.
- Cádima, F. R., 1999. *Desafios dos novos media, a nova ordem política e comunicacional*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Chalaby, J., 2003. O Jornalismo como invenção anglo-americana. Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). *Media & Jornalismo*, Volume 3, pp. 29-50.
- Costa, J. P. d., 2003. *Telenovela: Um modo de produção – O caso português*. Lisboa : Edições Universitárias Lusófonas.
- Diamond, E., 1993. Anchor Wars. Em: T. Fensch, ed. *Television News Anchors: An Anthology of Profiles of the Major Figures and Issues in United States Network Reporting*. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers, pp. 111-122.
- Fechine, Y., 2008. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. *Revista Famecos*, 15(36), pp. 69-76.
Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4417>
[Acedido a 15-07-2017].
- Godinho, J., 2011. *As Origens da Reportagem – Televisão*. Lisboa: Livros do Horizonte.
- Goldberg, R. & Goldberg, G. J., 1990. *Anchors: Brokaw, Jennings, Rather and the Evening News*. New York: Birch Lane Press.
- Gomes, A., 2012. *Nos Bastidores dos Telejornais. RTP1, SIC e TVI*. 1ª ed. Lisboa: Tinta-da-china.
- Jaegar, C., 2015. *Audiences, anchors and media trust - Dissertação de Mestrado*, Minnesota, Estados Unidos da América: Minnesota University.
- Jespers, J.-J., 1998. *Jornalismo Televisivo*. 1ª ed. Coimbra: Minerva.
- Losada, A. S., 2005. El presentador de noticias: las cualidades necesarias para una comunicación eficaz. *Revista Comunicar*, XIII(25).
Disponível em: <https://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=25&articulo=25-2005-101>
[Acedido a 07-10-2017]
- Losada, A. S., 2007. La credibilidad del presentador de programas informativos en televisión. Definición y cualidades constitutivas. *Comunicación y Sociedad*, XX(1), pp. 145-180.
Disponível em: https://www.unav.es/fcom/communication-society/es/articulo.php?art_id=53
[Acedido a 07-10-2017].
- Mateus, S., 2012. Reality-show - uma análise de género. *Revista Comunicando*, 1(1), pp. 235-244.
Disponível em: <http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20130108->

reality_show_.pdf

[Acedido a 15-07-2017].

Meltzer, K., 2010. *TV News Anchors and Journalistic Tradition: How Journalists Adapt to Technology*. New York: Peter Lang Publishing, Inc..

Teves, V. H., 2007. *RTP 50 anos de história: 1957-2007*. [Online]

Disponível em: <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/default.htm>

[Acedido a 02-08-2017].

Torres, E. C., 2011. *A televisão e o serviço público*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Traquina, N., ed., 1999. Em: *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Veja.

Traquina, N., 2002. *O que é o Jornalismo*. 1ª ed. Lisboa: Quimera.

Wolton, D., 2000. *E depois da Internet?*. Lisboa: Difel.

ANEXOS

Anexam-se, parcialmente, alguns elementos para uma maior comodidade de leitura. Os alinhamentos, bem como os escritos de todas as reportagens efetuadas pelo autor deste trabalho, e os parciais aqui presentes, estão num CD apenso a este relatório.

Listagem de anexos

1. Lista de links de reportagens efetuadas pelo autor | pág. 143
2. Entrevista efetuada a Ana Sofia Cardoso | pág. 144
3. Entrevista efetuada a Sérgio Figueiredo | pág. 152
4. Entrevista efetuada a Judite Sousa | pág. 166
5. Entrevista efetuada a José Alberto Carvalho | pág. 185
6. Entrevista efetuada a José Carlos Araújo | pág. 206
7. Deliberação da ERC | pág. 229

Todos os alinhamentos referenciados ao longo deste trabalho, bem como as reportagens realizadas ao longo do período de estágio, estão anexadas num CD apenso a este trabalho.

Anexo nº1

Reportagens mencionadas ao longo do trabalho:

Cf. CD apenso a este trabalho para os textos destas e outras reportagens efetuadas durante o estágio.

Declarações da ministra da administração interna sobre o roubo de armas da PSP, aos 12'40'': <http://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/58a76bbf0cf222228e5bd984>

Off sobre o aniversário da Unidade Especial de Polícia, aos 16': <http://tviplayer.iol.pt/programa/sos-24/57d4aabe0cf2d382b7e983b8/video/590ce5da0cf2004cbd402f15>

Reabertura da discoteca Luanda: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/sociedade/psp-e-asae-fiscalizaram-a-discoteca-luanda/58d82d2f0cf2981e367ad1af>

Sobremesas salgadas: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/sociedade/o-que-e-uma-sobremesa-salgada/5920a99f0cf2004cbd40abb5>

A matéria como origem das coisas, no restaurante Feitoria: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/sociedade/chef-premiado-leva-origem-dos-produtos-a-gastronomia/59a311c10cf21d6c5360f886#/>

Reportagem sobre as condições do Bairro da Torre, em Camarate: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/sociedade/bairro-da-torre-200-pessoas-sem-agua-luz-ou-saneamento-as-portas-de-lisboa/594583f40cf2202a65415fff>

Reportagem sobre a Família Barbosa que sobreviveu ao incêndio de Pedrógão Grande sem qualquer ajuda: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/sociedade/pedrogao-familia-barbosa-sobreviveu-ao-fogo-sem-ajuda-de-ninguem/594d69a80cf2202a65418655#/>

Reportagem sobre a inteligência artificial da Google: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/tecnologia/computador-da-google-vence-o-melhor-jogador-do-mundo/592738080cf2b1e529f1d2d3>

Anexo nº2

Entrevista a Ana Sofia Cardoso. 22 de junho de 2017

Qual foi o seu percurso até chegar a pivô?

Estagiei em 2004, na TVI, durante seis meses. Depois, os editores de economia gostaram do meu trabalho e recomendaram-me para fazer reportagens na RTP 2, para o “2010” e para o “Do Terra Mar” e estive lá durante um ano. Depois, passado esse ano, convidaram-me da TVI e voltei. Fiz *online*, três anos, depois na editoria de sociedade e, ainda nesta editoria, comecei a apresentar jornais.

Como é que surgiu a oportunidade de começar a apresentar os jornais?

Na altura, foi um convite da direção de informação do Júlio Magalhães e do Luís Sobral, para as madrugadas da TVI24, que agora já não há. Era uma semana por mês e no restante fazia reportagem. Depois, passei para os fins-de-semana e fui alternando entre manhã, tarde e noite. Fiz o Diário da Manhã durante três anos e, depois, Jornal da Uma e Jornal das 8 ao fim-de-semana.

E quando chegou a essa posição, sentiu-se confortável como pivô?

Ao início não me senti extremamente confortável.

Mas era uma coisa que já tinha pensado fazer?

Sim, eu sempre quis televisão. Sempre tive um fascínio pela televisão, no geral, mesmo antes da faculdade... Quando eu tinha cinco ou seis anos, os meus pais ofereceram-me uma coleção de livros e explicava: como funciona o elevador, como funcionam os aviões, como funciona a televisão... E este livro, de como funciona a televisão, despertou-me a curiosidade. Foi a partir daí que eu ganhei gosto pela televisão. Eu lembro-me que abria aquele livro vezes e vezes sem conta para ler, reler e reler. Porque naquela altura, com cinco e seis anos, nós imaginamos: como é que as pessoas estão dentro da televisão e estamos a vê-las? Como é que elas cabem dentro da televisão? O gosto nasceu daí. E, sim, apresentar jornais era uma coisa que eu achava que podia ser engraçada de fazer, embora eu estivesse concentrada na reportagem.

E sente-se falta de ir para o terreno fazer reportagem?

Sim, mas eu sou talvez das pessoas que está a apresentar que até faz mais reportagens porque sou chamada para cobrir acontecimentos. Estive agora em Pedrógão, antes tinha estado numa situação em que a TVI era parceira... Há sempre qualquer coisa.

Quais são os aspetos positivos e negativos que identifica em ser pivô?

Não há aspetos negativos...

E acha que é limitativo?

Não. Tal como não acho que seja limitativo fazer reportagem. A mim faz-me sentido pivôs que já fizeram reportagem, faz-me muita confusão pivôs sem reportagem.

Qual é a principal característica que destaca no pivô?

Compreender o mundo. E para se compreender o mundo é preciso já se ter feito reportagem. Porque para se explicar, em dois ou três parágrafos curtos, o que é que aquilo significa, o que vamos ver na peça a seguir, qual a importância que tem, porque é que aquilo está a acontecer, porque é que alguém disse assim e não disse de outra forma... É preciso, de facto, compreender o mundo e é preciso já ter estado no terreno para se perceberem as coisas. Imagine, situações em que isso acontece inúmeras vezes, sobretudo nos canais de notícias, em que o pivô está só a receber imagens e não há nenhum repórter no local. Portanto, o pivô está numa circunstância em que é pivô, meio repórter, para explicar as imagens que está a receber do local onde ele não está. Se ele tem que estar numa posição em que tem que estar a explicar o que está a acontecer no local, tem que ter alguma experiência de reportagem.

Faço a pergunta de outra forma. O que é preciso para se ser um bom pivô?

Muita coisa... É preciso compreender o mundo, é preciso muita capacidade de análise, sentido crítico, é preciso saber comunicar, é preciso perceber que há tons diferentes consoante as notícias. Para quem está a ver, o que faz diferença muitas vezes num pivô, é o tom com que as notícias são ditas. Há pivôs em que o tom é sempre o mesmo, há outros em que não é sempre o mesmo. É preciso estudar os temas, é preciso antecipar-se aos assuntos. Quer isto dizer que, hoje, eu não posso estar só a

estudar os temas de hoje, eu tenho que preparar mais coisas... Porque eu não sei se logo vai acontecer um incidente qualquer, uma última qualquer, e eu tenho que estar preparada para o que possa acontecer... Tenho que estudar os assuntos.

Isso vai ao encontro do que referiu há pouco, compreender o mundo.

Sim, sem dúvida! E tens que ter capacidade antecipação, não podes trabalhar só para o dia de hoje, tens que ir trabalhando todos os dias mais qualquer coisa porque, mais tarde ou mais cedo, vai acontecer qualquer coisa. Isto é sempre assim, uma última hora, mais um especial, qualquer coisa... E tem que estar pronto.

Os pivôs trabalham a partir das propostas de pivô dos jornalistas. Quando os modificam, qual é o primeiro passo a tomar?

Por norma, vou ver as peças para ver o que tem. Não vejo sempre todas. E o primeiro passo é esse, conhecer o assunto, perceber o que é e depois escrever.

A Ana Sofia Cardoso modifica a maior parte dos pivôs que recebe...

Todos. Nunca deixo nada igual a como está. Eu mexo em todos os pivôs porque faz parte do meu trabalho e se posso contribuir para que o pivô fique melhor, na minha opinião, mexo.

Até porque o pivô tem que tornar o texto um bocadinho “seu” porque é ele que o vai comunicar.

Sim, sou eu que vou dizer aquilo, é o meu pivô. Portanto, é normal que eu altere.

De que forma é que a linha editorial da TVI influencia a tua forma de escrever os pivôs?

Não influencia. O pivô é uma coisa muito concreta, é um texto que antecede uma peça... Claro que o pivô tem que ser apelativo, mas é uma notícia, que obedece a um *lead*. Há regras.

Ou por outro lado, se estivesse noutra canal de televisão, modificaria a forma como altera os pivôs?

Não.

Como é que observa a relação entre pivô e editor? Na TVI, o mesmo acaba por ter a palavra final durante a realização de um jornal.

Na 25ª Hora é diferente. O editor tem o papel de editor e o pivô tem o papel de pivô. No entanto, eu também participo... Propostas de peças que devem ser feitas, o que deve ir antes e depois, propostas de destaques, acho que isto hoje é o tema forte, convidamos alguém, não convidamos... Acho que é um trabalho de equipa.

Quer isso dizer que, na sua opinião, o pivô tem sempre algo a dizer?

Sim, claro. Até porque isso faz parte da forma como tu compreendes o mundo. Não só o compreende quando escreve um pivô, mas também quando se faz a articulação da sequência das notícias.

Quando o texto já modificado pelo pivô passa em teleponto, muitas vezes o apresentador modifica enquanto lê, não há uma leitura literal, improvisada. Sente essa necessidade ou é algo natural?

É natural. Porque, imagine, eu escrevo o pivô, mas depois, quando estou a ler, quero dizer de outra forma. Isso também acontece quando se recebe uma proposta de pivô (PP), já estava dentro do estúdio, não consegui ver antes e já não consigo alterar a tempo. Portanto, nessa altura, tenho os dados no teleponto e faço o pivô à minha maneira.

Por exemplo, nas várias edições da 25ª Hora que analisei, numa delas só houve dois pivôs que leu integralmente como estavam.

A sério? Não fazia a mínima ideia! Eu acho que fica mais natural... Isso acontece muitas vezes porque quando se está a apresentar notícias, está-se a falar. E, ao estar a falar, não é tão rígido do que estar a escrever e, portanto, há uma certa adaptação entre o que está escrito e à forma como se fala. Porque apresentar uma notícia é falar, não é ler. E acho que, de alguma forma, e não sei se consigo fazer isso, a minha preocupação

é tornar tudo mais natural. Outras vezes, para além da naturalidade, é mais desafiante. Desafias-te a ti próprio a fazer coisas diferentes. Ou principalmente quando se está muito tempo no estúdio e já deste uma determinada notícia e agora não a queres dar da mesma forma.

Na maior parte das vezes, os pivôs que chegam à 25ª Hora são aqueles que o José Alberto Carvalho, a Judite Sousa ou outros já modificaram. Isso influencia a forma como depois mexe nos textos?

Não, nem me intimida. Isso é normal, faz parte do trabalho. Muitas vezes eu até recebo pivôs de que gosto, mas altero sempre. Porque acho que faz parte de um pivô alterar os pivôs. Não devemos estar a usurpar o trabalho de um outro pivô e, portanto, porque é que eu vou estar a usar um texto de outra pessoa? Eu tenho que fazer o meu texto, para o que eu vou dizer, porque é o meu texto, é a minha forma de falar, é um cunho pessoal.

Se tivesse um cargo de direção, como é que escolheria um pivô? Que critérios teria em conta?

Capacidade de empatia. Há pivôs que atraem, há outros que repulsam e a empatia não se explica facilmente. A capacidade que se tem de gerar empatia com alguém não é algo muito objetivo. Por vezes, não se percebe muito bem porque é que se gosta mais de um, o que é que se gosta menos noutra. Mas acho que tem a ver com naturalidade, muita naturalidade, sinceridade na forma como te posicionas, és tu que ali estás, não estás a tentar imitar ninguém e isso pode ser difícil: não podes pensar que alguém te está a julgar, nem se está a pensar se és assim ou assado, não. Tu chegas à condição de pivô numa situação em que te sentas numa cadeira, em que ficas nu, no sentido em que te deves dar ao máximo, deves-te expor para não imitares ninguém, deves ser só tu. Isso é difícil porque tens que te abstrair do que as pessoas dizem... Tu quase que te ofereces a ti para apresentares aquilo como achas que deve ser. Isto que eu estou a dizer é mesmo importante! É a sinceridade e a naturalidade com que tu enfrentas a câmara... És tu. Porque é que eu hei-de olhar para uma pessoa, que é aquela pessoa, mas que está a imitar outra qualquer? Ou que não está a ser sincera, que tem certos jeitos, certas maneiras...

E acha que isso é frequente?

Não sei se acontece muito. O que eu acho é que há pivôs que não são naturais... E eu aprecio mais os naturais.

Talvez no cabo se encontre mais esse tipo, em que estão quase em “piloto automático”, se me é permitida a expressão.

No cabo pode haver mais risco disso, sim. Pode haver mais o risco de não se ser natural, de se ser menos empático. Por exemplo, eu já fiz três horas e meia de programa sozinha, todos os dias, o Diário da Manhã. A dada altura, tens que te concentrar mais e tens que fazer um esforço para que mantendas essa naturalidade, para que não deixes a coisa andar em piloto automático. A pessoa, com o cansaço, corre esse risco do piloto automático.

Como é que olha para si enquanto pivô?

As pessoas é que têm que fazer uma avaliação. Agora, posso dizer que sou muito dedicada, que gosto muito de trabalhar, que gosto muito do que faço, que tenho o cuidado, que eu sei que não é universal, de mudar os pivôs, acho que sou natural e sincera.

A Ana Sofia Cardoso já passou por todos os horários e formatos. O bloco noticioso que apresenta tem alguma influência em si?

Sentes o peso da responsabilidade quando estás a apresentar o Jornal das 8. Tinha 29 ou 30 anos quando isso aconteceu pela primeira vez e sentes, claro. Sentes a responsabilidade de estares no Jornal das 8. É o jornal principal, é o jornal da noite. E sentes esse peso também porque os diretores confiaram em ti uma tarefa da máxima importância. Portanto, não podes dececionar quem apostou em ti.

Considera que a figura do pivô é vista por algum lado negativo? Ou porque ganham mais ou porque têm mais mediatismo, por exemplo?

Não, nada disso, acho ridículo até. Nem todos os pivôs são mediáticos. Há repórteres muito mais mediáticos que alguns pivôs. A Ana Leal, repórter desta casa, é muito mais mediática do que muita gente. É uma não questão, para mim. Nós temos que perceber

que no jornalismo há várias tarefas, nem todos temos jeito para tudo, uns fazem melhor uma coisa, outros fazem melhor outra. Mas todos têm mérito, isto é um trabalho de equipa. O pivô não está ali a fazer nada se não houver 100 pessoas por trás a fazerem coisas. Tudo tem o seu papel.

Sim, mas há um peso mediático inerente à função porque a pessoa aparece na televisão. E isso não é uma questão porque acabam por ter mediatismo, que tanto pode ser positivo ou negativo.

Eu não quero centrar isto só na figura do pivô porque há repórteres que são mediáticos. Mas sim, há inconvenientes. Ou porque não estás à vontade num certo sítio ou porque fazem perguntas sobre a tua vida pessoal que tu não queres responder. Nesse sentido, não é agradável.

E já sentiu isso?

Já. Por exemplo, uma coisa que antes não me incomodava minimamente era ir ao supermercado. Hoje em dia, não adoro ir ao supermercado. O que me incomoda não é olharem para mim porque muitas pessoas são muito simpáticas e queridas e até nos fazem sentir bem. Agora, não gosto de estar no supermercado e não gosto que olhem para aquilo que estou a comprar, que olhem para o meu carrinho das compras.

Se desse aulas de televisão, como é que ensinaria alguém a ser um pivô?

Primeiro, com paixão. É preciso que a pessoa goste mesmo daquilo que faz porque é preciso fazer muitos sacrifícios, muitos mesmo. Eu vou voltar a dizer isto: o fundamental é ser-se sincero a apresentar. Há as regras, que têm que ser ensinadas, tem que se saber fazer isso. Uma coisa é a parte técnica: como é que se constrói um pivô, sendo que há regras para essa construção; outra parte é a sinceridade com que tu comunicas, a forma como tu te dás, tu expões-te. As pessoas conhecem-te... Olha, ela hoje está mais chateada; hoje está mais simpática... Tu expões o teu ser. Por outro lado, tu tens uma vida pessoal e, às vezes, há coisas que te transtornam e tu entras no estúdio e nem estás muito bem e tens que fazer o trabalho na mesma,

independentemente de estares triste, se estás mal disposto, se estás bem, se te fizeram mal.

Mas o jornalista pode mostrar emoção ou não?

Eu acho que a regra não é poder ou dever.

Tem a ver então com a questão da naturalidade?

Sim, tem a ver com a naturalidade. Eu estive em Pedrogão na altura dos incêndios e depois regresssei quando foi o dia do concerto e encontrei uma pessoa que me fascinou. Um homem espetacular. Aquele homem dizia-me “eu estive a combater as chamas, eu perdi os meus amigos de infância, eu fiquei sem casa,” – e ele usou esta expressão – “mas eu fui bafejado pela sorte”. E o homem emocionou-se... Ele descreveu-me aquilo tudo, os momentos pelos quais passou e depois disse “eu não morri porque não estava escrito que era naquele dia que ia morrer e eu, no ponto em que tinha as chamas à minha frente, senti uma mão...” E ele dizia “isto parece mentira, mas eu senti uma mão a transportar-me para a vida...” E eu estava a fazer um direto onde o homem estava a falar disto tudo. Quando eu deixo de estar virada para ele e me viro para a câmara, obviamente que eu tinha as lágrimas nos olhos. Não dava para não ter! O pivô é humano e ainda bem que o é. No ano passado, na altura dos fogos, nomeadamente do Funchal, eu fiz vários especiais. E estava aqui em estúdio no primeiro dia. Eu estava a entrevistar pessoas ao telefone que estavam lá e chorei montes de vezes... Houve uma que me disse assim: “nós pegámos no carro, somos 4, saímos de casa e viemos para a baixa do Funchal, vamos tentar passar aqui a noite”. E eu: mas passar a noite onde? “Dentro do carro”. Então mas quantas pessoas são? “Sou eu, o meu marido e as minhas duas filhas”. Elas estavam na casa dos 12 ou 15 anos... tu estás a ouvir o sofrimento das pessoas... É difícil não te emocionares, é difícil não sentires nada com aquilo que se está a passar. E depois comesças a pensar que o fogo se está a aproximar da baixa do Funchal, onde é que as pessoas vão por o carro, será que ficam bem, será que o plano destas pessoas vai correr bem? Obviamente que tens cumprir a tua função, transmitir a notícia, mas às emocionas-te neste tipo de emoções e é difícil de não acontecer porque és humano.

Anexo nº 3

Entrevista a Sérgio Figueiredo, Diretor de Informação. 3 de julho de 2017.

Por si, passam todas as decisões editoriais desta casa e decide quem apresenta o quê e quando. Qual a principal característica que destaca num pivô?

Não direi a principal característica, mas a principal exigência. Se tivéssemos que construir um quadro de atributos, em primeiro, a credibilidade. Porque nem todos geram simpatia, nem todos os pivôs são simpáticos; todos têm personalidades diferentes. Mas há uma coisa, independentemente das suas características pessoais, que não pode deixar de existir: fazer as pessoas confiarem naquilo que está a ser dito. Confiança, sem dúvida, porque o pivô acaba por ser o porta-voz de toda uma fábrica de produção, que constitui o alinhamento final de um jornal.

Como é que decidem apostar num jornalista, que nunca foi pivô, para essa posição? O que é que procuram? É que a confiança pode ainda não existir.

Até as pessoas experimentarem, nada existe. Eu posso estar aqui a falar contigo com clareza, segurança, simpatia e enfiar-me num estúdio para apresentar um jornal e os nervos darem cabo de mim e nada disto se revela. Mas isso não acontece, ou seja, quando testamos uma pessoa nova, não é nova à frente dos ecrãs... Porque não entra aí uma pessoa porta dentro e vai ser pivô amanhã. São pessoas que nós conhecemos do *backstage* ou das reportagens ou de outras funções. Parte muito de uma avaliação subjetiva do diretor perceber, mais do que perceber, intuir se é pessoa reúne uma série de características que a podem transformar num bom pivô.

E que características são essas?

A capacidade comunicação é fundamental... Porque eu posso ser credível, mas não me explicar bem, ler bem ou dizer bem. Para além da credibilidade, a capacidade comunicação, portanto. A terceira é a imagem. A televisão é fatal... A reputação e a própria credibilidade também se constroem por este aspeto, ao contrário de outros meios. Na rádio, podes estar a fazer o melhor jornal do mundo descalço ou despenteado ou vestires uma camisa com dois números acima do teu tamanho e ninguém nota. Apresentas um jornal em televisão em que tens uma roupa que não é do teu tamanho

e todos vão notar na rua roupa, não naquilo que estás a dizer. Portanto, a imagem é fundamental. E eu gosto muito de pivôs humanos, que falem com as pessoas, não limitem a ler as notícias. Gosto dessa empatia. E, depois, há uma coisa que não é muito fácil de fazer, mas temos que ter essa preocupação. Na política geral de escolha dos rostos da estação, dos rostos que têm mais exposição, há que reproduzir o mais possível a heterogeneidade da sociedade portuguesa. O ter jornalistas experientes não significa só a experiência; significa, também, perceber que não estamos num país que não tem idosos, por exemplo. A ligação do Henrique Garcia com a nossa audiência é muito diferente daquela que o João Marinheiro, que hoje se estreou a apresentar o Diário da Manhã, tem. Porque é aquela questão: eu cresci a ver notícias dadas pelo Henrique Garcia. A Conceição Queiroz não está em antena pela cor da pele que tem, é porque faz aquilo bem, mas é evidente que a sociedade portuguesa não são só brancos de olhos azuis. Há esse fator de proximidade e, mais do que isso, de identidade das pessoas identificarem-se com a estação... Isso obriga um diretor a não ter só clones, [a não ter] uma reprodução de um estereotipo, em antena, de manhã à noite, em todos os serviços noticiosos. Quem faz isso muito bem são os anglo-saxónicos. Da BBC, à FOX e à CNN... Vê-se tudo: asiáticos, negros, mulheres, velhos, novos... Dentro dessa variedade, há uma série de condições que têm de ser comuns a todos, que são aquelas de que estávamos a falar: capacidade de comunicar, o ser credível, gerar confiança e ter boa imagem.

Como é que a direção de informação define ou determina qual é o bloco noticioso que determinada pessoa vai apresentar? Que critérios há a ter em conta?

Para os jornais principais, Jornal da Uma e Jornal das 8, temos 5 pessoas que asseguram 90% dos jornais. A Cristina [Reyna] e o José Carlos Araújo; o José Alberto Carvalho e a Judite [Sousa]; e o Pedro Pinto. São estas 5 pessoas que são os nossos rostos dos dois principais jornais da estação. Depois, felizmente, temos um conjunto de pivôs com muitos anos de experiência e de técnica, e que nos garantem uma segunda linha que, para mim, está ao nível da primeira linha das outras estações. E não digo isto com pedantismo; digo com a convicção de que a TVI tem mesmo um conjunto de pessoas que estão em condições de, a qualquer momento, assegurar qualquer um destes dois jornais. E não o fazem – não sou eu que digo isto, já está inventado há muitos anos – para não prejudicar o fenómeno de habituação, que é muito importante para a

fidelição da audiência. É normal em todo o mundo que a cara não seja mudada todos os dias porque há uma relação muito *one-to-one* da audiência com a televisão. As pessoas não procuram a TVI só porque a TVI tem as notícias com umas determinadas características e um posicionamento editorial com determinadas características. O peso dos pivôs é fundamental. Depois, há uma fase que se vive, felizmente, e que eu acho que a TVI atingiu, que é não se ficar refém de ninguém. O que é que eu quero dizer com isto? O jornal de domingo, seja apresentado pela Lurdes Baeta, ou pela Ana Sofia [Cardoso] ou pelo Zé Carlos Araújo não vai ser uma desgraça. Porque as pessoas transportam a relação que têm com a pessoa que normalmente veem, para a relação com a estação. É um processo de osmose. E isto não é científico, é o que é. É intuitivo e, depois, só verificas isso *a posteriori* porque só depois é que as audiências confirmam se a tua tese está certa ou não. Mas há aqui três ou quatro coisas de elementar bom senso, conjugadas com dezenas de anos de história de televisão, que fazem com que a rotação dos pivôs cumpra esses critérios. Dito isto, não há nenhuma consideração de que uns são mais noturnos, outros mais notívagos e outros bons para a manhã. Temos dois ou três pivôs encaixados nos seus horários, que não mexemos, porque criam esse efeito de hábito e isso é muito importante. Na manhã, a Patrícia [Matos] é a companhia de quase 200 mil pessoas. O Henrique [Garcia] é uma presença constante, ao longo de vários anos, aos fins-de-semana, sobretudo na noite. E isso tem a ver, não com as características do próprio para aquele horário, mas com a tal relação de habituação que temos. O que temos feito, ao longo dia, é a criação de duplas fixas de pivô-editor – o espetador não vê isso em casa, mas é muito importante para o desempenho dos próprios pivôs, ou seja, para o produto que as pessoas veem em casa. Antes rodava muito, o editor trabalha com o pivô X nesta semana e com o Y na próxima. O que temos feito é: rodam os horários, mas rodam em conjunto. Porque é uma relação muito importante de *backstage*, de confiança, de conhecimento. É eu saber as tuas características, porque é que tu gritas, em que momentos é que stressas e, ao estares atento a esses sinais, notas que é muito importante. E, depois, há outra coisa que eu, enquanto diretor, tenho que valorizar: as equipas estrem tempo suficiente dentro de um horário para ganharem competitividade. Se mudam de horários frequentemente, não se comparam com nada... Porque hoje estão às oito, amanhã, às dez, e depois estão de fim-de-semana... Nós temos dado uma estabilidade às equipas de forma a que as equipas da manhã tenham

uma competição com as manhãs da concorrência, durante tempo suficiente, para lhes dar o sentimento de vitória ou de frustração. Portanto, como se vê, são várias matrizes de avaliação que nos fazem tomar a decisão, que resulta, depois, na pessoa que estamos a ver quando for e à hora que for.

Já que falou nas duplas, mudaram o conceito das manhãs da TVI24, ao terem apostado numa dupla de pivôs e não só, sendo que uma das pivôs, a Maria Inês Pedroso, é a primeira vez. Ou seja, foram buscar mais uma cara, que até pode estar em substituição ou até mesmo em teste, para ficar. A Cláudia Lopes já era pivô do desporto... Esta mudança nas manhãs foi um risco?

A mudança é sempre um risco... O melhor é ficar quieto. Mas, ficar quieto, normalmente, não garante nada.

Eu fiz a pergunta porque a TVI24 só costuma liderar em horário nobre...

Nós não mudamos perfis de emissão para encaixar pivôs, é o contrário. Nós mudámos o perfil da manhã porque estava a sofrer uma perda de audiência, que é transversal aos três canais de informação. A SIC Notícias, a TVI24 e a RTP3 não estavam a segurar plateias e nós, na manhã, decidimos experimentar um modelo mais mono-temático. Ou seja, centrado em dois ou três assuntos e mais conversado. Em que um desses assuntos implica a vinda a estúdio de mais convidados que o normal. Esse era o objetivo de audiências.

E está a dar resultado?

Está, está! Foi reposta a competitividade nos dois períodos críticos, as 10h e as 11h e que perdíamos sempre para a SIC Notícias. E mesmo naqueles dias em que [os resultados] são fracos, são fracos para ambos. Ainda assim, com alguma regularidade, estamos acima da SIC Notícias. Pelo menos, deu para suster a hemorragia.

E com o novo perfil audiovisual do estúdio, cria-se uma dinâmica completamente [interrompe].

Diferente, sim. Mas isso demora tempo. Nós não temos um saco de notas para investir em marketing e puxar por aquilo ou para contratar mais comentadores. Portanto, vivemos muito com o pelo do cão. Está a fazer o seu caminho e uma desgraça não foi. Mudámos o conceito. Talvez a alteração mais significativa foi termos a coragem de acabar com um produto em que ninguém tocava: os programas de telefonemas, o Discurso Direto. Estamos a fazê-lo nos sítios, um *vox pop*. A nossa aposta, e também foi uma experiência, A Cláudia Lopes não é a Maria Inês, que é nova. A Cláudia Lopes nunca tinha feito informação generalista. É um dos rostos permanentes e principais da manhã, que coabita com o pivô que faz as *hard news*, que não faz a “conversa do sofá”, mas que vai fazendo a atualização da informação ao longo da manhã e esse é que é rotativo. A Maria Inês Pedroso, tal como o João Marinheiro e mais um conjunto de pessoas, das quais temos informações porque passaram pela “escolinha” antes do estúdio. Leitura de teleponto, construção de texto, voz, posição na mesa, forma como falam... Contratámos uma pessoa, que vem aqui frequentemente, mesmo para os mais experientes, e que deu aulas. [A Maria Inês Pedroso] passou por essas aulinhas e está a ser posta à prova, como o João Marinheiro, e está em substituição.

Contratam alguém de fora para dar formação aos futuros pivôs, é isso?

Sim, nós temos uma pessoa, o Manuel Tomaz, que foi diretor de formação na RTP e na SIC, acho que nunca foi na TVI, a quem recorremos para vir fazer ações de formação em estúdio para formar novos pivôs e fazer um *refresh* aos outros.

Mas faz isso sentido tendo, por exemplo, um José Alberto Carvalho ou um Pedro Pinto na casa?

Ajudam, participam nalgumas sessões. Não podemos basear a formação nos intervalos do Zé Alberto, por exemplo. Quando o Zé Alberto estava na RTP, o Manuel Tomaz era o diretor do Centro de Formação da RTP, que é contínua. A prata da casa ajuda. Vai, de vez em quando, em suporte do professor fazer algumas aulas.

Avançando, acha que a linha editorial da TVI influencia a forma de trabalhar do pivô? Acha que se eles estivessem noutra canal de televisão, a forma de comunicar os pivôs e de trabalhar seria a mesma?

Acho que sim [forma de trabalhar seria a mesma]. Tirando o Fernando Pessoa, que conseguia ser 10 ao mesmo tempo, é muito difícil mudar de sítio e mudar de estilo, mudar de registo. Não é científico o que estou a dizer, é muito intuitivo e espontâneo. Como espetador, por exemplo, do Zé [Alberto Carvalho], que passou pelas três estações, eu vejo-o amadurecer, a ficar mais sólido nalgumas coisas, mas não o vejo a mudar de registo, nem de estilo ou personalidade.

Já que falou nele, a percepção que eu tenho no caso do José Alberto é que ele faz uma mediação muito completa, não é um mero “mono” que está sentado a ler o teleponto. Mesmo a forma como ele transmite a notícia – e é algo que vou abordar na entrevista com ele – vemos que não tem medo de qualificar as coisas ou as pessoas. E, na RTP, não o fazia tantas vezes.

Há uma coisa que se tem que ponderar nesse caso específico: durante muito tempo, na RTP e na TVI, ele foi diretor de informação. E as responsabilidades de diretor, mais a exposição que o jornal principal da estação lhe confere, pode ser um fator de bloqueio. Faz a pergunta e o exercício também: se o Zé Alberto, hoje, nos últimos dois anos e meio, desde que me passou a pastinha e me enganou [risos], não está mais liberto do que estava quando era pivô e diretor ao mesmo tempo. Ele, agora, não leva com a carga que levava antes, até se sentar naquela cadeira a 5 minutos das oito e vamos lá a mais uma hora e vinte. Felizmente, como isto não é feito por máquinas, é uma carga da qual ele se liberta porque já não leva os problemas que um diretor de informação tem que gerir durante o dia, internos e externos. E isso pode ser mesmo libertador. Eu imagino, ao fazer aquele exercício que todos temos que fazer na vida, colocar-me nos sapatos dos outros. Se me pedissem: “olha, diriges a estação como estás a dirigir e passas a apresentar 4 dos 7 jornais por semana”. Eu não ia para ali com o estado de espírito com que, provavelmente, ele está atualmente. Ele vai fazendo o trabalho de casa, vai acompanhando as coisas do dia, não tem que estar aqui a aturar gente de dentro e de fora, a ter que tomar decisões difíceis, a gerir conflitos... Com este ritmo, não é tudo fácil e simples. Tudo isto só pode condicionar, a bem ou a mal, a forma como ele arruma a cabeça e como se concentra no que tem. Vale a pena falar com ele sobre isto... Porque ele não precisa de se comparar com os outros, compara-se consigo próprio.

E a vinda de dois dos principais pivôs mudou por completo a TVI. A TVI chegou à liderança da informação e nunca mais a largou... E isso deve-se, também, à imagem de credibilidade e confiança que eles [José Alberto Carvalho e Judite Sousa] transmitem. Isso é uma verdade estatística. Não foi logo que entraram, mas assim que se assumiu a liderança, nunca mais se perdeu. Já vamos em 6 anos... Eles trouxeram essa imagem e a estrutura que a suporta, a tal que não se vê. A vinda deles era uma condição necessária, mas não era suficiente. Mudar os pivôs principais não garante, por si próprio, que se passe a liderar, de um dia para o outro. A prova disso é que o Pedro Pinto e outros que já cá estavam, quando aparecem, não é o descalabro. Não uma coisa que a Judite e o Zé têm como exclusivo. A vinda deles permitiu subir de patamar, claramente. E é muito interessante: mesmo que os alinhamentos sejam semelhantes de estação para estação, ou mesmo dentro da própria estação, ao longo do tempo, aí é que o tal peso específico do pivô é de realçar. Podias ter exatamente a mesma coisa e o mesmo sistema, mas é um bocado como o futebol: se não tens ponta de lança, não ganhas os jogos; podes não sofres, mas não ganhas. E essa vinda dos dois foi determinante e vista, e bem pela administração, como uma forma de reposicionar a informação. Porque eles emprestam um cunho próprio e um posicionamento que lhes é reconhecido.

Há uma marca no pivô da TVI? Considera que haja uma característica do “pivô TVI”?

A marca do pivô da TVI é o próprio ecossistema da TVI: o estúdio, o grafismo, a redação. O ecossistema é comum a todos e isso condiciona uma grande parte daquilo que aparece. O pivô nem sempre escreve os textos de uma ponta à outra; adapta, adequa ao seu estilo, mas não cria de raiz. Os tetos já lá estão e são feitos pelas mesmas pessoas, independentemente de quem apresenta o jornal. Portanto, essa grande parte do produto final é definido antes do pivô lhe tocar. É uma estrutura que começa na primeira hora da manhã, que vai tomando decisões sobre onde é que se investe mais, em que temas é que se apostam, porque é de manhã estávamos a ir para um lado e, a meio do dia, vai derivando para outro... Tudo isto é muito condicionador daquilo que o próprio pivô vai, depois, protagonizar. Dito isto, é tudo verdade, mas nós não contratamos papagaios. E essa é a parte em que o Zé empresta o seu estilo a sua forma, as suas características, a sua personalidade... E a Judite faz o mesmo. Portanto, há uma coisa que é comum a todos os pivôs, mas que não normaliza o produto final.

Portanto, esse ecossistema da TVI é que é uma marca distintiva em relação às outras estações? Não são tanto as caras, mas o que os rodeia?

Sim, não tenho dúvidas nenhuma disso! Podíamos ter os mesmos pivôs, mas se mudássemos a redação de um dia para o outro, notava-se a diferença. É impossível que duas estruturas que estão separadas à nascença, que vivem cada uma nos seus registos, que são geridas por editores com a sua própria identidade, fizessem dois trabalhos iguais. Acho que se notava... A forma como se reage, como se trata o mesmo assunto. Às vezes, o espetador diz: “isto é tudo igual, a notícia da SIC está na RTP e na TVI”. A notícia está, mas a forma como ela é dada, raramente é a mesma (a não ser em diretos). Sem com isto ignorar que um dos principais problemas que as televisões têm é o mimetismo. Porque, apesar de tudo, ainda padecemos desse mal. A competição pelas audiências é tão intensa e tão constante, que fazemos marcação homem a homem. É bom no sentido em que não podemos perder o essencial e os outros estão lá e, portanto, nós também temos que lá estar, mas se o fazes de forma mecânica ou acrítica ou instantânea, leva-te a colocar as tuas decisões nas mãos de terceiros. E, no fim do dia, não se afirmou pelo que se é, mas pelo que se seguiu.

Mas os pivôs podem funcionar como um produto de marketing da estação?

No sentido da notoriedade, sem dúvida nenhuma! Não é por acaso que, nas grandes operações, todas as estações de televisão mobilizam as suas caras mais conhecidas. Numa noite eleitoral, os pivôs estão em pontos de reportagem ou diretos, nas sedes de campanha dos partidos e etc. Fátima [visita do Papa Francisco], Pedrógão... Se bem que em Pedrógão são duas coisas porque foi mais no sentido dos pivôs dos jornais fazerem os jornais no sítio onde as coisas estão a acontecer. Agora, o que eu estava a referir é pivôs a fazerem trabalho de repórter. É ter, imagina, o Paulo Magalhães [ex-pivô TVI24; atual assessor do Presidente da República] que, na altura, tinha um programa em estúdio d entrevista e análise [Política Mesmo]. E, nas noites eleitorais, ele era destacado para a sede de um partido. Nós temos noção que, com isso, estamos a tirar partido da notoriedade que a televisão lhes dá. Portanto, sim, são uma forma da estação afirmar-se e promover-se. E para ganhar audiência... Porque é disso que vivemos. Se não

tivermos audiência, falimos. Há outros que podem trabalhar sem audiência e não vão à falência, a não ser que o Estado vá à falência.

Eu queria abordar agora a questão de Pedrógão Grande e do caso que aconteceu com a Judite, mas já lá vou. Antes: quando o pivô vai para o terreno fazer reportagem, a confiança da direção de informação é absoluta nessa pessoa? Há carta-branca em relação ao trabalho deles no terreno? Isto porque os pivôs podem ter uma marca de confiança e credibilidade que lhes é associada.

Não, não é tanto assim. E não vou dizer carta-branca porque a coisa é conversada. Mas, enquanto repórteres, são repórteres; não têm nenhuma estrutura especial. O que eu quero dizer com isto é que eu não confio mais numa determinada pessoa porque ela tem mais exposição que um editor que nunca aparece. O facto de se ser quem é, não lhe dá nenhuma carta de alforria. Nesse caso concreto [Pedrógão Grande] eu falei com a Judite sobre a reportagem. Ela fez a reportagem e disse-me: “tenho isto, está forte”... Tinha a noção de vinha aí alguma coisa dura.

Alguém viu a reportagem antes de ir para o ar?

Não viu, mas não foi por ser da Judite. A reportagem ainda não estava pronta. A Judite esteve a editar e ficou a meio. Nós os dois estávamos a comunicar e eu “mais 20 minutos”? Passados esses 20 minutos ainda nada, até que se chegou às oito e alguém ficou a editar. Pensei ver a peça no intervalo, mas disseram-me que não estava em condições. Foi reenviada porque havia um problema de áudio que, aliás, não foi resolvido. Estávamos todos na régie quando a peça é emitida. Não estou a dizer que se a tivesse visto antes, não a tinha exibido.

Teria então exibido a reportagem, se a tivesse visto antes?

Tinha, sim.

Porquê?

Eu acho que houve um empolamento e uma desproporção enorme nas reações àquela peça. Não é o meu estilo, se fosse repórter, provavelmente, não faria assim, mas eu não vejo mesmo razão para a crucificação que se fez à Judite e à estação. Não sei se é uma

minoria ou maioria, mas 100 quando fazem ruído, falam mais que 1 milhão e 200 mil pessoas que voltaram a ver, continuamente, a emissão da TVI.

Essa crucificação da TVI não terá a ver com o preconceito que muitas pessoas sempre tiveram com a TVI, antes de 2011?

Sim, a TVI carrega uma cruz, é assumido. Temos que provar mais que os outros. A RTP, nesse dia, abriu o jornal com 7 cadáveres... Sete! Na SIC, temos pessoas a dizer “o meu filho morreu” e a fazerem uma descrição em choro compulsivo... Tínhamos isso, não exibimos e, por muito menos, a ERC abre-nos um processo. É uma coisa que eu não acho justa. Não estou a dizer que não se investigue, mas não percebo porque é que é só a TVI. No caso concreto, há a questão da TVI, mas também a própria Judite.

As circunstâncias pessoais dela?

Claro! E a relação dela com o tema da morte nos últimos 3 anos... 100 queixas? Eu não tenho as pessoas quantificadas. A única quantificação que eu tenho é aquilo que saiu, não só ali, como nos dias posteriores. Se fosse isso que se diz que aconteceu, eu garanto que o movimento de repúdio dos espetadores tinha-se refletido nas audiências. Porque, aparentemente, aquilo ofendeu o país todo. Eu não sei quem é o país todo... Dez mil no Facebook fazem um movimento brutal e muitos escreveram “vou deixar de ver a TVI”. Se esses 10 mil fossem representativos do país todo, garanto que, no dia a seguir, tinha acontecido qualquer coisa. Se calhar, até rolava a minha cabeça, não por preconceito, mas por resultado: “Olha, deixaste que acontecesse uma coisa que acabou com este jornal”. Mas não foi isso que se viu. Menos de 48h depois, o Primeiro-ministro estava aqui a dar uma entrevista à Judite. Quando falamos nestas coisas, é baseado em quê? Na opinião da nossa rua? Do nosso bairro? Há muita gente que é porta-voz do país inteiro e eu não consigo perceber isso. Têm essa arrogância de acharem que falam em nome da moral pública. Eu detesto moralistas e, o julgamento que se fez, era sobretudo de moralistas.

Esquecendo a comparação com o que os outros também fizeram de mal, e olhando para aquele momento e, talvez, o final [interrompe].

Com tempo? Com tempo, se calhar, até olhávamos para aquilo e dizíamos “oh, Judite, não queres fazer isto, em vez de aquilo?”, sim. Eu conversei com ela e a única coisa que lhe disse foi que, se ela tem feito o que fez e se dirigir logo para a familiar, em vez de ter feito aquele movimento de recuo a caminho do corpo, que lhe deu mais ênfase... O que está a mais é isso. Se aquilo chegasse de manhã, via, conversava, está muito boa, mas olha, isto... Porque aquilo tinha notícia. Sensacionalismo? Sensacionalismo, não! O que ela mostrou, com responsáveis ao lado dela e o presidente da junta de freguesia a fazer o caminho, era que o sistema da Proteção Civil de Portugal não estava a dar uma resposta adequada, bem ou mal... Coitados, se calhar estavam com menos braços do que problemas. O facto é que havia populações em que o Estado português não sabia se estavam mortos ou vivos. E a Judite mostrou isso. E fê-lo lá. Não foi aqui a ler uma notícia, com o ar condicionado do estúdio. Ela foi lá, isso tem valor. Ela é jornalista, fez um trabalho de jornalista e foi crucificada por 4 passos atrás que deu. Basicamente, tudo se resume a isto. As pessoas não têm noção do que é trabalhar naquele ambiente e sei do que estou a falar porque nunca tinha vivido uma situação destas numa redação... As pessoas estão ali 5 e 6 horas e vêm impregnadas de cheiro de fumo, que vivem situações de morte... Vêm quase com traumas de guerra, as pessoas vêm mesmo abanadas. Aquilo que eu senti, através do grupo de comunicação que se criou entre os que cá estavam e os que lá estavam, era de quem estava num ambiente de guerra. De entreatada, de sobrevivência e não nos podemos deixar ir abaixo. Pessoas que se deitavam à uma e já estavam a combinar serviço para às seis da manhã. E que, provavelmente, quando se deitavam exaustos, dormiam mas não descansavam porque não era estar a fazer o rally de Portugal – que é exigente, mas é *fun*. Portanto, fazer julgamentos editoriais em cima de uma coisa que está acontecer com aquela dimensão, e que a pessoa está lá, é fogo...

Depois do que aconteceu, o José Alberto Carvalho foi para Pedrógão Grande. Houve alguma tentativa de limpeza de imagem?

Não, o Zé foi substituir o Pedro Pinto, nem foi a Judite. Que disparate! As equipas foram substituídas várias vezes. [Essas substituições] não estavam planeadas por uma razão: não sabíamos quanto tempo é que aquilo ia durar. As pessoas estavam exaustas e muito emocionalmente abaladas, sobretudo a primeira equipa que lá chegou e se confrontou com aquilo. Porque não é só o pessoal de bombeiros e proteção civil que precisa de apoio psicológico, os jornalistas estão ali a assistir às mesmas cenas. Não houve um jornalista que tenha lá estado do princípio ao fim, rodámos todos. Eu já tinha falado com ele: olha, previne-te, porque se calhar aí a meio da semana... Como ele tem uma gestão familiar mais complexa, não dá para dizer “olha, Zé, hoje...”. Já estava conversado com o Zé, antes do Jornal das Oito ter sido emitido nessa noite. Aliás, se fosse assim, a Judite tinha ido para casa, não tinha vindo conduzir a emissão, como fez no dia a seguir ao seu regresso. Os principais rostos da estação foram todos chamados, uns para lá, outros para cá. E eu não escondi a Judite. Para se esconder, não estava na entrevista ao Primeiro-ministro. Teria ido para casa recompor-se.

No que toca aos editores, tomam decisões editoriais com as recomendações da direção de informação, certo? Há reuniões...

Fazemos reuniões de trabalho e de planeamento e tomamos decisão. Está sempre um elemento da direção na reunião da manhã, que é decisiva, não para fechar, mas para a abrir. Não começa tudo ali, há muito coisa que já vem preparada e planeada. Mas, basicamente, saímos da reunião com três ou quatro temas e vamos apostar nesses três ou quatro temas e isso é uma co-decisão. Não é feita por voto. No limite, se eu não estiver de acordo, não se faz, ou o contrário. O coração da redação não está, nem nos pivôs, que dão a cara pelas notícias, nem nos diretores que tomam a decisão final. O coração deste corpo são os editores.

Esqueçamos os editores das secções e olhemos para os editores dos jornais. O pivô pode ou não ser um editor?

Há os editores de secções, que são os chefes de linha de produção. Os editores dos jornais são os empacotadores do produto. Tens uma fábrica com operários, cada um

tem a sua tarefa, cumpre a sua função, e há um chefe na linha de produção chamado editor de secção. Sociedade, política, economia, etc. São esses que fazem a entrega e é com esses que a direção combina os produtos que coloca na montra, todos os dias – isso é uma coisa. Outra, é o dono da loja, que não tem fábricas, mas tem uma montra para embelezar. Esses [os editores de jornais] têm a responsabilidade de dizer “olha este produto vai para a frente da montra, és este que as pessoas vão ver em primeiro lugar quando passarem junto à vitrina”. Muitas vezes, fazem-no com alguém da direção. Têm autonomia, mas não têm independência. A direção está por cima disto... Se me perguntares: “mas, todos os dias, sabes qual é a peça que abre o jornal?”. Em regra, sim. Ou porque estarei na reunião das 15h30 que já predefine o alinhamento para o Jornal das 8 ou então, quando passo, “oh, João, vais abrir com o quê? Mas não achas que é melhor ali e tal?” Mas, esse trabalho, depois sim, cola com o pivô. Porque este, normalmente, também é muito ativo no processo. A Judite, o Zé, o Pedro, a Cristina, na fase de montagem das peças para a montra da loja, são muito importantes nesse diálogo. O diretor está na reunião, mas não está a construir a loja.

Como diretor de informação, já fez alguma recomendação específica a algum pivô, em alguma circunstância?

Claro! Recomendações e, às vezes, ordens mesmo. Já houve, sim. Normalmente, a coisa é conversada, mais do editor para mim, e eu avalio. Até porque não há grandes surpresas. Entre as quatro e as oito da noite, acontecem coisas que fazem alterar o alinhamento. Mas, aqui, há um *workflow* contínuo. Não há uma conversa em que se revela o segredo de Fátima, às dez para às oito e, depois, há ali uma grande discussão. Há conversas, mas é um trabalho de equipa. No limite, se ele não me consegue convencer, se não o consigo convencer, eu sou diretor e é assim. Mas não houve, até hoje, assim uma crise grave por divergências editoriais.

O que estou a tentar perceber é se o diretor de informação fala com os pivôs e os condiciona – condicionar talvez seja uma palavra forte – naquilo que eles vão dizer ou se há recomendações ou ordens específicas [interrompe].

Mas eu estou cá para condicionar. É forte, mas não está desajustado. Eu tenho poderes e exerço-os; eu tenho obrigações e não fujo delas. O pivô não tem carta-branca, como

é evidente. Se houver problemas, quem vai a tribunal, sou eu. Se o resultado não for bom, quem a administradora chama é o diretor de informação. Portanto, eu para ter a responsabilidade, tenho que exercer o poder. O normal é que a decisão resulte de um processo de trabalho, não de uma imposição, não de uma autoridade. Mal fora, se eu tivesse que estar sempre a mostrar autoridade e a exhibir galões. Alguma coisa não estaria a funcionar. Se eu tivesse que impor tudo, era sinal de que ou eu estava a mais ou a equipa não era a minha. Faço questão de ser jornalista, mas tenho outras funções, defender a questão editorial, tenho que falar com o diretor comercial, tenho que falar com o diretor de marketing, com a administração, com os recursos humanos, com o departamento financeiro... A questão editorial não se resume à direção de informação. Quando eu vou fazer uma reunião com o diretor de marketing, estou a tratar de coisas editoriais, como é óbvio. Não posso estar, nem devo, no processo de construção do jornal. Por isso é que delego confiança na minha estrutura de apoio. Por isso é que digo que os meus editores são o pulmão da redação e não eu. Quando eles estão a tomar decisões, é como se fossem eu. Quando eu tenho um editor na régie a dialogar com o realizador ou a dar instruções a quem quer que seja, é como se fosse eu. São a minha extensão, o meu braço. Por definição, estou ligado a tudo: desde o que o estagiário faz até ao “boa noite” do José Alberto.

Anexo nº 4

Entrevista Judite Sousa. 7 de julho de 2017.

A Judite é, talvez, mais conhecida por ser pivô. Mas antes, na RTP, fez muitas reportagens no estrangeiro, por exemplo guerras e entrevistas, que ajudaram a cimentar a sua carreira. Como é que surgiu a oportunidade de chegar a pivô? Como foi esse percurso?

Eu comecei a trabalhar em 1979, com 18 anos. Desde o início que eu procurei exercer a minha atividade profissional nos mais diversos géneros jornalísticos. Desde muito nova que tinha noção de que o músculo de um profissional da comunicação social, um jornalista de televisão, é tanto maior quanto mais forte ele for nas diversas áreas do jornalismo, não apenas uma só. Na prática, isto significou eu fazer trabalho de apresentação, semana sim, semana não, apresentava os espaços de informação regional, que eram emitidos do Monte da Virgem, com ligações a Lisboa: O País, País e o País, Regiões. E nas semanas que não fazia apresentação, fazia reportagem, o que me permitiu viajar por todo o país, para fazer reportagens de curta, média e longa duração. Conhecer o país profundo, numa altura em que não havia autoestradas e em que para que chegar a Mirandela ou Ponte de Lima eram necessárias 4 horas de viagem [partindo do Porto]. E, portanto, eu ia simultaneamente cimentando o meu trabalho como apresentadora, embora fosse um espaço regional, com o trabalho de reportagem no terreno. Considero que a reportagem é o sistema nervoso central num jornalista. Um jornalista que não tenha experiência de terreno, que não esteja em contacto direto com as pessoas, que não seja testemunha profissional dos acontecimentos no exato momento em que eles acontecem e nos locais onde acontecem, não é um jornalista completo. E eu queria ser uma jornalista completa, não queria ficar refém de um género jornalístico, que poderia alimentar a minha carreira durante 10, 15 ou 20 anos, mas que mais tarde ou mais cedo se iria esgotar. Por outro lado, eu considerava e considero que o trabalho de reportagem acrescenta credibilidade ao trabalho de estudo, ou seja, eu sinto que as pessoas quando olham para mim enquanto apresentadora, estão a ver a Judite que esteve nos incêndios, nas cheias, no Iraque, no Ruanda, no Zaire, na Bósnia. É essa mulher que as pessoas estão a ver por detrás da apresentadora do Jornal das 8.

Aliás, ainda hoje faz reportagens...

Sempre fiz reportagem e sempre me disponibilizei para a fazer. Era eu própria que, ao longo da minha carreira e em diversos momentos, cheguei junto das minhas chefias diretas e lhes disse: eu quero ir. Quando foi o genocídio do Ruanda, eu disse: eu quero ir. Sabia que ia encontrar uma situação humanitária psicologicamente muito dura, muito difícil. Eu vi morrerem cerca de duas mil pessoas por dia, à minha frente e à frente de todas as equipas de televisão internacionais que estavam lá, em África. O mesmo aconteceu na Bósnia, eu vi o que aconteceu com o massacre de Srebrenica, em que havia pelotões de fuzilamento e os bósnios muçulmanos eram assassinados pelos sérvios e lançados para valas comuns... Procurei sempre ter essa retaguarda profissional. E é isso que me permite ter uma opinião muito assertiva relativamente aos alinhamentos dos jornais, aos conteúdos e relativamente à forma como os jornalistas fazem reportagem. A maior parte dos jornalistas, nomeadamente as gerações mais novas, têm uma visão do jornalismo muito reduzida ao estúdio e essa é uma visão completamente errada, que não os vai levar a lado nenhum, não os vai fazer evoluir profissionalmente. Eles não têm consciência disso, mas vai haver um dia, quando tiverem 40, 45 ou 50, em que vão perceber que o trabalho do estúdio é um trabalho muito redutor e muito efémero porque outras caras larcas irão aparecer... Se eles não tiverem uma retaguarda profissional que lhes permita fazer outros trabalhos jornalísticos, aí vão sentir-se muito frustrados, muito desamparados.

Então não tem dúvida que nenhuma que o percurso que fez cimentou a sua credibilidade?

Sim, sim. Completamente. Eu conheço os estudos de mercado. Todos nós somos avaliados por estudos de mercado, por *focus groups*, e eu sei exatamente o que as pessoas pensam de mim. As pessoas acreditam naquilo que eu digo e acreditam de uma forma muito convicta, justamente porque me veem no terreno, porque me viram ao longo de toda a minha vida profissional em situações de reportagem, nos mais diversos cantos do mundo. Porque quando eu estou a fazer as eleições francesas, como aconteceu recentemente, em que estive três semanas consecutivas em França, com diretos e reportagens todos os dias, estou a fazê-las com um grande conhecimento de causa; porque eu faço eleições francesas desde 1981. Eu fiz a primeira eleição de François Mitterrand. Nas eleições, eu contextualizava o mais possível a informação e

dando elementos de informação às pessoas, que lhes permitiria perceber o quadro político do que se estava a desenvolver e perceber de uma forma muito clara porque é que eu, durante três semanas, apostei no Emmanuel Macron. Todo o meu trabalho esteve muito centrado nele porque, com a experiência em política internacional, nomeadamente a francesa, que tenho, percebi claramente ao fim de 24h depois de ter chegado a França, que aquele homem ia ser o próximo Presidente da República. Isto porque sei como os franceses pensam, sei como é que funciona o xadrez político francês e sei que os franceses não votam em extremos. Apesar da Marine Le Pen estar a ter projeção, nomeadamente nas sondagens, o futuro não ia passar por ela. Ia passar pelo Emmanuel Macron, como de facto veio a acontecer. E, portanto, é assim que eu entendo o trabalho de um pivô. O meu modelo, a minha escola, é a escola americana. Os grandes apresentadores dos noticiários norte-americanos são pessoas que vão para o terreno quando algo acontece. São eles que estão no Haiti, quando se dá o tremor de terra; foram eles que estiveram no furacão Katrina; são eles que estão nos grandes temporais; são eles que estão no Iraque, se há razões para estar no Iraque; são eles que estão na transferência de Hong Kong para a China, que eu também cobri. Aquelas pessoas que nós vemos a apresentarem os principais jornais norte-americanos, os grandes nomes da televisão americana, como o Anderson Cooper ou a Christianne Amanpour, são pessoas que nós vemos nos mais diversos locais do mundo. São pessoas que, quando acontece alguma coisa, em menos de 24h, eles estão lá. E são essas pessoas que são a minha referência, são as pessoas que ganham 1 milhão de dólares por mês, que viajam em jatos privados com segurança e que são capa da *Time* e dos grandes órgãos de comunicação social internacionais. À minha escala, na minha realidade, quer na RTP, quer na TVI, sempre procurei fazer o que fazem os melhores do mundo. Nós não nascemos ensinados e temos que ter referências, da mesma forma que temos referências na vida. Eu entendo o lugar do apresentador, como sendo uma peça, de uma estrutura profissional mais ampla, mais abrangente, que passa necessariamente por estar no terreno, com todos os riscos que isso implica. É mais fácil para um apresentador estar num estúdio porque, lá, não acontecem, à partida, grandes riscos. Estar sentado numa cadeira em frente a uma câmara, a dada altura, é a coisa mais fácil que há. Já nem sequer há stress... Há sentido de responsabilidade. O apresentador é o rosto do jornal e é através da sua expressão, do seu olhar, da sua voz e das palavras que utiliza para

comunicar a reportagem que se segue, que é valorizado. E eu procuro valorizar, pela minha forma de apresentar, o trabalho dos meus colegas que fazem as reportagens que, depois, eu comunico. Mas, para mim, isso sempre foi insuficiente. Eu acho que a credibilidade de um apresentador de informação está alicerçada no trabalho do terreno.

Há pouco dizia que o trabalho de estúdio é redutor. Nesse sentido, há aspetos menos positivos no trabalho do pivô?

Não. O trabalho do pivô é muito importante. Os americanos chamam aos apresentadores de televisão os *anchors*. Portanto, a âncora, é a coisa que está ali à volta da qual tudo gira. O pivô é essa pessoa, que conduz o jornal, que, em última instância, é o responsável pelo jornal aos olhos da opinião pública, da audiência, quer corra bem ou mal. Ele tem essa função de âncora, que é muito importante. Agora, considero que o trabalho do apresentador é tão ou mais valorizado, tão ou mais credibilizado, quanto a pessoa perceber e souber que aquele homem ou mulher se for preciso, 24h depois, estão num cenário de guerra, de catástrofe ou de tragédia. Porque aí entra um elemento que é fundamental no jornalismo: a credibilidade. Eu sou tão ou mais credível quanto eu já tiver passado fome, quanto eu já tiver passado pelo meio da morte, quanto eu já tiver passado pelo meio de situações limite em termos de sobrevivência humana. A credibilidade resulta de tudo isto. E as pessoas, por muito que nós pensemos que os espetadores são passivos – não o são – têm à sua escolha centenas de canais. Eles optam. Eles fazem *zapping*. Ao verem o Jornal das 8, e ao preferirem o Jornal das 8, eles estão a fazer uma escolha, que não é apenas em função da estação de televisão, nem em função daquele jornal. Estão também a fazer uma escolha em função do apresentador daquele jornal.

É prova disso a vinda da Judite e do José Alberto para a TVI? As audiências do Jornal das 8 subiram e tornou-se líder, a seguir à vossa chegada.

Exatamente. O Jornal das 8 tornou-se líder absoluto a partir de 2011, quando nós viemos para cá. Nós viemos trazer credibilidade que o jornal não tinha em determinados segmentos de audiência, não em todos. O grande desafio que se colocava na altura era manter a audiência que o jornal tinha, mas acrescentar outros públicos, nomeadamente

as classes A e B. E creio que a nossa mais valia foi termos acrescentado público ao público que já existia.

Tendo em conta o que me disse, no que toca à questão de se inspirar nos melhores e visto que já tem uma longa carreira profissional, o que é que aprendeu ao longo destes anos e o que é mudou na sua postura como pivô, se é que mudou alguma coisa?

Muda todos os dias. Cada jornal é um jornal e eu procuro colocar-me toda no jornal. Na entrega, na expressão corporal, na expressão visual... O olhar é fundamental na comunicação televisiva! Olhar a câmara... Quando olho a câmara, estou a olhar para um milhão de pessoas e eu tenho que saber usar os meus olhos para ser eficaz. Eu tenho que saber colocar a minha voz, dar-lhe projecção. Fazer com que o espetador que esteja em casa, a andar de um lado para o outro, me ouça, me veja e fique parado, nem que seja durante 30 segundos, para ouvir e ver o que eu estou a dizer. Quando digo colocar-me toda no jornal, é do ponto de vista sensorial, da atitude da postura.

Da metalinguagem?

Exatamente! A linguagem corporal é tão ou mais importante do que a falada. A forma como mexemos as mãos, a forma como nos colocamos perante a câmara, a forma como interagimos com os repórteres no exterior, a forma como pegamos na informação e a transportamos para a informação seguinte... Tudo isso são técnicas de apresentação, que o tempo, a experiência e que o feedback que recebemos das pessoas ajudam a apurar.

E qual é a principal característica que destaca no pivô? É a credibilidade, como referia há pouco?

É a credibilidade, sem dúvida. É a maturidade que está por trás da pessoa. Por alguma razão é que, de alguns anos a esta parte, a tendência nas grandes estações de televisão, sejam americanas ou europeias, é a de que os apresentadores de informação sejam pessoas com experiência no terreno e com tempo de vida. A vida dá-nos credibilidade... O facto de eu já ter vivido o que vivi, o facto de já ter estado onde estive, o facto de ter a idade que tenho... Isso dá-me credibilidade. Aos 50 anos não somos a mesma pessoa que éramos aos 30 e isso em televisão conta muito. É absolutamente determinante ter

aquilo a que normalmente designamos por cabelos brancos. Os cabelos não são brancos, nalguns casos poderão ser. Nas mulheres, são pintados. Mas os espetadores sabem que os cabelos são pintados porque, na raiz, eles são brancos. Aquela pessoa transporta uma vida atrás dela. Uma vida profissional, uma vida pessoal, que as pessoas vão acompanhando ao longo do tempo e seguindo.

Referiu a credibilidade como fator fundamental num pivô, mas antes referiu-se à voz, ao olhar e à metalinguagem. O que é necessário para se ser um bom pivô? Um conjunto de tudo isto ou há algo mais?

São muito poucos os jornalistas que têm condições inatas para serem apresentadores. Há aquilo a que se chama *to have the talent*. Significa que há um talento que nós não sabemos muito bem definir o que é, mas que se confunde muitas vezes com o carisma. E resulta de um conjunto de condições que aquela pessoa tem que não são transmissíveis, que não são apreendidas. Ou se tem *talent* ou não se tem *talent*, que acaba por ser uma mistura de várias coisas. O *talent* acaba por ser o olhar, a voz. Um apresentador tem que ter uma voz impactante e isso é algo que nem todos os jornalistas têm: um vozeirão. E para se ser um bom apresentador de televisão tem que se ter um vozeirão. É necessário trabalhar a voz, mas ela precisa de estar lá. Ela precisa de ter nascido comigo. Eu precisei de ter nascido com esta voz que tenho, que, obviamente, eu fui apurando ao longo dos anos. O *talento* passa também pelo olhar, pela forma como eu olho as pessoas, pela forma como olho a câmara. Há uma expressão que é muito utilizada: a câmara gosta dela ou a câmara gosta dele ou vice-versa. Esta palavra – gostar – neste sentido biunívoco, significa que há uma comunicação muito intensa entre a pessoa que está a apresentar o jornal e aquele aparelho, que está à nossa frente. Esse aparelho transmite uma imagem virtual, mas que faz com que, tendo a pessoa as tais características de *talent*, ela se torne impressiva aos olhos do espetador.

Os pivôs trabalham a partir de propostas dos jornalistas. Modifica essas propostas e, quando o faz, qual o primeiro passo a tomar?

Eu modifico todos os pivôs que os jornalistas escrevem... São raros aqueles em que eu não mexo. Cada apresentador tem a sua forma de comunicar, tem a sua linguagem. Aquilo que eu procuro é adaptar a linguagem que me é dada pelos repórteres, reciclá-

la dentro de mim e colocar em versão final a minha linguagem. As minhas palavras, as palavras que eu considero serem as mais fortes, as mais eficazes, as mais acertadas para aquele assunto ou reportagem. Porque, se assim não fosse, o apresentador do jornal seria um mero locutor, como existia há 40 anos. Não eram os jornalistas que apresentavam os jornais porque ainda não existia essa categoria profissional. Só existia a categoria profissional de jornalista na imprensa escrita, não existia na televisão. Os jornais eram apresentados por locutores e, uma das diferenças entre estes e o apresentador do jornal – jornalista – é que este vai mexer naquela massa que lhe é dada, nas palavras que lhe são dadas. E vai adaptar o texto à sua forma de comunicar e de exprimir. Há palavras que são mais enfatizadas do que outras. A comunicação falada não pode ser uma comunicação num registo linear... Porque cada palavra tem uma semântica, um significado. Tenho de encontrar o significado certo para cada palavra e isso passa pelo meu trabalho de escrita e, depois, de comunicação audiovisual. Praticamente, todos os meus pivôs são comunicados de forma diferente.

E mesmo enquanto está a ler o teleponto, improvisa e faz alterações sobre as alterações que já tinha feito...

Sim, eu faço muito isso e é uma das características do *talent*. É a capacidade de improvisar.

Mas é uma coisa que lhe é natural?

Muitas vezes é pensado. Está a acabar uma reportagem e eu estou a pensar que a estou a ouvir e que me está a dar indicações que eu tenho que lançar o pivô seguinte de forma diferente da que inicialmente tinha previsto. Este instinto é algo que se tem, que se aprende, eventualmente, mas que introduz uma lógica de diferenciação na apresentação do jornal. O improviso é muito importante porque, muitas vezes, estamos perante um jornal que está a seguir o seu curso normal e acontece algo... Eu recordo que os atentados às Torres Gémeas aconteceram em direto durante os jornais da hora de almoço. A partir do momento em que os aviões chocaram com as Torres Gémeas, todo o trabalho dos apresentadores que estavam no ar foi improvisado. O jornal que existia deixou de existir e passou a existir um outro jornal, que não estava pensado, nem previsto e em que cada segundo passou a ser gerido segundo após segundo. Essa

capacidade de improviso, essa capacidade de, a partir de muito pouca coisa, falar para a câmara, falar para o espetador, utilizar as mãos, utilizar o olhar, ir buscar informação ao computador, levá-la novamente para a câmara, fazer este jogo várias vezes... Tudo isto tem a ver com a tal capacidade que eu defino como ter *talent*.

Tem em conta a audiência quando escreve/modifica os pivôs?

Eu tenho em conta a audiência sempre, ou seja, eu sei que, potencialmente, o jornal poderá ser visto por um milhão de pessoas. Eu tenho que criar condições. É um trabalho que já existe a montante do jornal, com os coordenadores do jornal e, quando tenho possibilidade, com os jornalistas que é passar-lhes a mensagem de que cada peça é uma peça e que o jornal tem que ser ganho peça a peça, minuto a minuto. Não é ganho nos primeiros cinco minutos ou meia hora, não é ganho nos últimos dez minutos. Tem que ser desde o princípio ao fim. É como um jogo de futebol. Num jogo, quando corre muito bem, quanto tudo funcionou plenamente, quando a estratégia estava certa, quando os jogadores seguiram as indicações do treinador, quando o treinador fez as escolhas corretas, isso significa que o jogo foi ganho do princípio ao fim. É evidente que há momentos que podem desequilibrar favorável ou desfavoravelmente o jornal, mediante os conteúdos. Nós sabemos que há conteúdos que são mais transversais do que outros. Durante algum tempo, nos Estados Unidos, a CBS estava em segundo lugar no jornal do *prime-time* – que lá é às 18h30 – a perder para a ABC. Os responsáveis editoriais estiveram durante muito tempo a refletir sobre o que é que tinham que fazer para inverter essa tendência e chegaram à conclusão que tinham que abrir o jornal, todos os dias, com uma história sobre sexo... Porque sexo vende. Nós sabemos quais são as matérias que vendem. A televisão é emoção em estado puro e, por isso, é que os jornalistas televisivos têm uma aura diferente das dos outros, não é pelo simples facto de serem conhecidos. A televisão é emoção.

E não é um risco?

Não, faz parte da natureza.

Mas não é mais fácil cair no sensacionalismo por causa da emoção?

Não, a emoção não tem nada a ver com sensacionalismo. Eu sou uma pessoa emotiva, mas não sou uma pessoa sensacionalista. Portanto, eu posso falar de todos os assuntos de uma forma profissionalmente escorreita. Agora, a emoção faz parte da televisão. E isso é evidente na informação, na ficção e no entretenimento. A televisão vive de boas histórias e as boas histórias, para as serem, têm que ter emoção. É como um bom livro, um bom romance.

É inerente à condição humana...

É, quando a comunicação humana está toda presente no ecrã da televisão. Quando está presente a figura humana, quando estão presentes os olhos, quando está presente o rosto, as mãos, a voz, quando estão presentes os movimentos das mãos. Tudo isto transporta emoção, certo? Eu estou a falar consigo e estou, intencionalmente, a falar de uma forma emocionada, não no sentido de estar a chorar, mas no sentido de estar a procurar vincar com acerto aquilo que estou a dizer e a forma como estou a dizer. Portanto, em televisão, nós estas duas formas de comunicação: a verbal, através das palavras ditas; e a não-verbal, que é a forma como eu digo, a forma como eu falo. Nós sabemos que a emoção está do lado da comunicação não-verbal e, sabemos também, pelos estudos de comunicação que existem, que a comunicação não-verbal pesa 70% e a verbal 30%. Por isso é que um jornal escrito e lido por uma pessoa pode representar 30% e lido e escrito da mesma forma por outra pode representar 100% porque essa pessoa acrescentou os tais 70% que a outra pessoa não tinha. Quando falamos do *talent*, é destas diferenças que estamos a falar e são estas que introduzem nuances ao nível dos apresentadores. Quando o Zé Rodrigues dos Santos pisca o olho no final do Telejornal é um gesto de emoção, ele está a comunicar, ele está a passar uma mensagem de cumplicidade com o espectador, nomeadamente com um determinado segmento do público que ele sabe que está com ele, que é o público que o vê como um netinho que gostariam de ter em casa. E aquele piscar de olho tem essa semântica. Tudo tem um significado, nada é feito por acaso. Eu não faço nada por acaso quando apresento o jornal. Se eu estou em pé e mexo a mão, eu faço esse gesto intencionalmente... Porque eu quero vincar aquilo que eu estou a dizer. Ou se eu tenho um gráfico atrás de mim com 9.2% de desempregados e estou a dizer “o desemprego baixou em Portugal e está

agora em 9.2%”, a minha comunicação vai ser mais eficaz se eu, no exato momento em que estiver a dizer isso, olhar para trás, assinalar o número e dizer ao espetador “conforme estão a ver, neste gráfico, o desemprego está em 9.2%”. Isto é credibilidade, é acentuar a mensagem, é vincar bem a informação que está a ser dada.

No caso das mulheres, e tendo em conta a questão da metalinguagem, considera que o espetador ou a audiência vai reparar mais por ser uma mulher? E até noutros pormenores: a roupa, a maquilhagem, o cabelo, jóias...

Claro, claro! Tudo conta.

Mas é injusto?

Não, não, faz parte. A televisão é a coisa mais real que há e por isso é que é o órgão de comunicação social mais importante que temos.

Com os homens, o comportamento é diferente, não há essa preocupação.

Não, existe essa preocupação. Agora, os homens vestem fatos. As mulheres podem vestir camisas, vestidos, casacos, podem ter o cabelo comprido – não temos um apresentador com cabelo comprido – a imagem masculina é necessariamente diferente da imagem feminina. Esta tem um conjunto de variáveis que a masculina não tem. As pessoas que estão em casa estão a receber muita informação em simultâneo. O seu cérebro está a processar muita informação: a imagem da pessoa, o vestido da pessoa, a cor de cabelo e o penteado, o que a pessoa está a dizer, a forma como está a dizer... O nosso cérebro está a processar isso tudo e, a imagem, é a primeira coisa que as pessoas veem. A imagem é muito importante em televisão. O [Rei] Filipe de Espanha apaixonou-se por uma imagem, antes de se apaixonar pela mulher [Letizia] em carne e osso. Ele contou isso, há livros escritos. Ele estava em casa a ver o telejornal da TVE, muitas vezes ao lado da mãe, a Rainha Sofia, e comentava com a mãe: esta mulher é interessante, eu gosto desta apresentadora. Ele apaixonou-se pela imagem televisiva e só depois é que conheceu a Letizia Ortiz, num encontro de amigos. Portanto, a imagem é a primeira coisa que as pessoas veem. Daí que nós tenhamos que ter muito cuidado com a nossa imagem. Esta tem que sublinhar as características que nós temos.

Por exemplo, se o José Alberto Carvalho usar o mesmo fato durante um mês seguido ou mais e apenas for mudando a gravata, ninguém vai reparar; se a Judite repetir um vestido já vão reparar.

Tem a ver com a idiosincrasia do gênero masculino. Os homens precisam de ter cinco bons fatos e depois umas 30 gravatas e camisas para variarem. As mulheres não... Precisam de muito mais roupa. Por isso é que os *closets* femininos são muito mais amplos que os masculinos. Tem a ver com as diferenças de gênero no que diz respeito às exigências da imagem. Tem a ver com a condição de ser homem ou mulher. É evidente que não vou repetir a roupa de hoje, amanhã. Se calhar repito-a daqui a um mês ou nem a vou usar mais. De resto, eu faço um esforço para não repetir a mesma roupa porque, se repetir, isso é um elemento distrativo e eu não posso introduzir na minha comunicação elementos distrativos. Eu não posso repetir a mesma roupa porque, ao segundo dia, as pessoas não estão a ouvir aquilo que estou a dizer, mas sim a dizerem que a roupa que estou a usar foi a mesma que usei na véspera. E, portanto, eu tenho que estar atenta e ter muito bem presente que o cérebro humano está a processar muita informação e que eu tenho que me colocar na cabeça das pessoas e antecipar o processamento de informação que elas estão a fazer. Temos que ter cuidados com a imagem e que têm muito a ver com a nossa fisionomia. É evidente que uma mulher forte, se aparecer com um vestido sem mangas, mesmo que estejam 40 graus, provavelmente o vestido não lhe vai assentar bem... Porque é demasiadamente gordinha para aguentar um vestido sem mangas. Quando eu me preparo para enfrentar um milhão de pessoas, eu tenho a preocupação de me apresentar com uma imagem agradável, que seja o mais consensual possível e que não agrida o espetador. Porque se eu tiver um braço do tamanho de uma coxa e, se aparecer com um vestido sem mangas, eu estou a agredir o espetador. Não está a ouvir o que eu estou a dizer. O espetador está a dizer para o marido ou a mulher para o marido ou o marido para a mulher que ela não tem corpo para usar aquele vestido. E, portanto, nós temos que ter a noção que há aqui um conjunto de variáveis que interferem na perceção pública que a pessoa comunica e na imagem que comunica.

Se a Judite estivesse noutra canal de televisão, aliás como já esteve, modificaria os pivôs de outra forma ou é a mesma coisa?

Seria exatamente igual.

Então a linha editorial da estação de televisão não a influencia?

Não, a linha editorial tem a ver com os conteúdos e, desde logo, com o agendamento. O facto de eu marcar este assunto e não aquele é uma tomada de posição editorial, estou a fazer uma escolha. Portanto, a linha editorial do jornal define-se logo pelo agendamento do jornal. Depois de escolhidas as reportagens que vão ser efetuadas, o segundo momento é a forma como as reportagens são feitas. Eu não controlo esse processo porque esse trabalho é da responsabilidade dos jornalistas. Aquilo que eu sei é: eu tenho três reportagens sobre o mesmo assunto na RTP, na SIC e na TVI, mas essas reportagens são diferentes porque forma feitas por três pessoas diferentes, que têm um olhar distinto umas das outras. O essencial da informação pode estar lá, mas a construção da narrativa e a construção imagem/palavra é diferente de um lado para o outro. Eu não posso interferir nesse trabalho, mas posso, como apresentadora do jornal e como responsável editorial pelo jornal, influenciar o jornalista no sentido de ele ter uma narrativa mais interessante, mais agressiva ou mais emocional, se for caso disso.

A Judite da TVI é a mesma que a da RTP?

Eu acho que sou. Eu sou muito competitiva, não gosto de perder. E, na RTP, mesmo tratando-se de uma empresa pública, eu não gostava de perder. Os meus programas eram líderes de audiência... Eu deixei a RTP com a Grande Entrevista no top das audiências. Há aqui uma coisa fundamental: o público, os nossos clientes. Nós temos clientes, não devemos ter medo da palavra cliente. Os espetadores que veem o Jornal das 8 são os meus clientes, são o meu público, a minha audiência e eu tenho que trabalhar para eles. Não estou a trabalhar para a minha mãe ou o meu pai. Estou a trabalhar para um milhão de pessoas e, portanto, eu tenho que comunicar um jornal que vá ao encontro do maior denominador comum. E isso, tanto é verdade trabalhando na RTP, como na SIC ou na TVI. Eu sou a mesma jornalista e penso exatamente da mesma forma, quer esteja na TVI, SIC ou RTP. A minha visão de profissão, o meu sentimento em relação à profissão e as minhas ideias sobre o exercício da profissão não variam

consoante o lado em que eu estiver. Os grandes jornalistas, que se mexem de um lado para o outro, não deixam de ser aquilo que são pelo simples facto de estarem num canal ou de estarem noutra. Não sou uma jornalista diferente pelo facto de estar na TVI. Trouxe para a TVI as minhas características.

Mas foi uma grande mudança passar da RTP, líder de audiências na informação naquela altura, em que a imagem de marca era a Judite, o José Alberto e o José Rodrigues dos Santos, para uma televisão que não tinha tanta credibilidade e, arrisco a dizer, que era uma CMTV da altura...

Mas foi exatamente esse o repto que nos foi lançado. Foi nós virmos exatamente com aquilo que nós éramos.

Suponho que não tenha sido uma decisão fácil.

Pensei em vir e não vir. Ponderei no que é que seria mais interessante para mim e achei que estava num momento da minha vida em que, ou mudava, ou não mudava mais. Era um momento decisivo: ou mudava naquela altura ou não era mais tarde que ia mudar. A minha decisão foi tomada em função disso e não voltaria atrás, de forma alguma. Digo isto porque as coisas correram bem. Se tivessem corrido mal, se calhar estaria a lamentar a mudança... Porque eu era um roscó muito vincado da RTP e as pessoas estavam muito habituadas a ver-me e a olhar-me, como sendo uma cómoda, uma mobília da RTP. De certa forma, eu procurei trazer para a TVI esse património. Eu continuo a fazer entrevistas e são as minhas entrevistas, é a Judite Sousa que está a entrevistar. Acho que tenho uma forma de entrevistar que me distingue da dos meus colegas, com *talent*, muito *straight on* e sem complacências.

Deixe-me voltar um bocadinho atrás e recuperar o tema da reportagem. Já questionei o diretor de informação sobre a tomada de decisão de envio de pivôs ao terreno, um bocadinho como o modelo americano que há pouco referiu, e se, nesse sentido, por ser um pivô que está no terreno, a confiança é total e se há carta branca, por poder ter uma credibilidade mais acentuada que a de um jornalista.

Aquilo que nos mostram as grandes escolas de jornalismo é que, para os grandes acontecimentos, vão os melhores. E eu utilizo muito esta expressão: para a melhor festa, o melhor vestido. E, portanto, quando estamos perante grandes acontecimentos têm que avançar os melhores. E quando se diz os melhores, não é no sentido lúdico da palavra, não, são os mais credíveis, os mais bem preparados, os que têm maior notoriedade. As empresas sabem quem são os apresentadores com mais notoriedade, mais popularidade, com mais credibilidade e com mais impacto na opinião pública. As empresas fazem, permanentemente, *focus groups*. A TVI sabe tudo sobre mim, sobre os meus colegas, sabe qual o peso relativo de cada um nas mais diversas variáveis... O diretor de informação sabe. Portanto, quando estamos perante grandes acontecimentos, é minha opinião de que devem avançar os melhores elementos da direção de informação. E, a partir desse momento, são eles que estão no terreno, são eles que avaliam o que é que tem de ser feito. Não é Lisboa que avalia o que é que se faz em Bagdad, é quem lá está. Por exemplo, eu estive três semanas em Paris. Era eu que decidia, todos os dias, o que é que eu ia fazer. Não é Lisboa. Porque eu é que estou lá, eu é que estou em contacto com a classe política francesa, eu é que estou em contacto com os candidatos, eu é que estou em contacto com os franceses, eu é que estou em contacto com os meus colegas do *Le Monde* e do *Le Figaro*. Não é Lisboa que me vai dizer o que fazer. Sou eu que digo a Lisboa o que é que estou a fazer. É esta a relação que tem existir e, por isso, é que há a lógica do enviado especial, que é a pessoa que vai para cobrir um acontecimento. É essa pessoa que, no local, no momento, toma as decisões que entende que são as mais certas, as mais corretas para produzir boa informação, dentro de parâmetros que têm a ver com as melhores práticas jornalísticas, com o código deontológico e com o compromisso com a verdade.

Então, tendo em conta o que acabou de dizer e olhando para a reportagem que realizou em Pedrógão Grande, mudava alguma coisa?

Nada! Aquela reportagem está limpa! Todos os dias há mortos, todos os dias há mortos no Iraque, na Síria, em Mossul, houve mortos no Haiti, no Katrina, em Ruanda, em Auschwitz. Todos os dias há mortos!

Mas não é todos os dias que se vê um jornalista a posicionar-se ao lado de um morto.

Todos os dias, os grandes jornalistas posicionam-se ao lado dos mortos. Se eu estou ao lado do morto, estou a personalizar a informação. Há um morto! Eu tenho que mostrar a realidade, não a posso censurar. Se há mortos, eu não posso dizer que não há mortos. Se os há, eu tenho que mostrar. Se eu estou no local, e se estou a fazer um *live on tape* e se, ainda por cima, eu tenho uma familiar que me está a enquadrar a informação daquela vítima, dizendo “a minha sogra está aqui há 24 horas e ninguém a vem buscar”, eu tenho que personalizar a informação! Eu tenho que mostrar! Nós todos os dias mostramos mortos, não pode haver nenhum tabu em relação aos mortos. Porque se existisse tabu em relação a isso, nós não tínhamos sabido de Auschwitz, da lista de Schlinder, do genocídio do Ruanda...

Então como olha para tudo o que aconteceu a seguir à exibição da reportagem?

Provincianismo! A minha audiência, enquanto apresentadora do jornal, aumentou desde Pedrógão Grande. Foi uma situação que eu não consigo encontrar explicação para ela... Há 25 anos, fiz o genocídio do Ruanda. Filmei milhares de corpos a serem lançados para valas comuns. Eu, a CBS, a NBC, a Rai, a ZDF [televisão pública alemã] ...

A diferença é que, na altura, não havia redes sociais?

As redes sociais não vieram matar o jornalismo. Se há mortos, há mortos!

Considera que não teria acontecido o que aconteceu se fosse outra pessoa a fazer a reportagem?

Acho que sim, acho que se fosse outra pessoa não teria acontecido o que aconteceu.

Então, para além do provincianismo, e tendo em conta o que disse há pouco sobre as pessoas gostarem de si, como é que explica o que aconteceu?

Esse episódio não significado absolutamente nenhum, foi casuístico e tem uma leitura: a inveja. Há muita gente que gostava de estar no meu lugar, muita gente que gostava de ter a minha idade e o meu corpo, ter a minha cara, sem rugas, e continuar a apresentar notícias às oito da noite. Eu sou a única pessoa da minha geração que está a jogar na Liga dos Campeões. A única! E esse elemento é suscetível de ser perturbador para alguns colegas meus. Mas, enquanto eu tiver um milhão de espetadores a quererem que eu esteja a jogar na Liga dos Campeões, eu não vou deixar de jogar à bola.

Só para terminar esta parte, o que pensa da decisão da ERC?

É provincianismo. Tudo o que se passou tem a ver como o facto de me quererem atacar do ponto de vista pessoal... Utilizaram a morte do meu filho para me atacar... Para algumas pessoas, e estamos a falar de algumas porque se fossem muitas, quando eu tivesse vindo apresentar o jornal, a audiência teria baixado. A audiência subiu, não baixou! Eu tinha dezenas de pessoas à minha volta a quererem tirar *selfies*, a quererem ajudar, a quererem fazer tudo e mais alguma coisa... O jornalista tem um compromisso: a verdade. Há mortos? Os mortos têm que ser mostrados. Se ao longo da História da Humanidade, os mortos não tivessem sido mostrados, a comunidade internacional ainda hoje viveria no desconhecimento de que a Segunda Guerra foi marcada pelo holocausto Nazi, de que na África dos Grandes Lagos 1 houve milhão de pessoas que foram mortas à catanada, mediante a passividade das Nações Unidas, as pessoas não saberiam que o Daesh mata pessoas, degolando-as à frente de câmaras de televisão.

Na altura, o diretor de informação da RTP, José Manuel Portugal, tomou a decisão de não transmitir mais os vídeos com os prisioneiros e o carrasco.

Todas as televisões são livres de tomarem as decisões editoriais. Uma coisa é certa: a verdade jornalística. E a verdade jornalística é que morreram 64 pessoas em Pedrógão Grande. Morreram 47 na estrada e 17 nas aldeias. Eu fui a primeira jornalista a ir para as aldeias. Só depois de a minha reportagem ter sido emitida, as autoridades

competentes que, até lá, tinham estado a olhar uns para os outros, tipo baratas tontas, é que foram para o terreno. A minha reportagem mostrou um corpo tapado, em que ao lado está o jornalista a dizer “eu estou aqui, eu estou a dizer isto, esta é a verdade, esta é a realidade. Diga lá, minha senhora, o que é que se passa?”. Foi isto. Mais nada.

Relativamente à relação entre pivô e editor, como é que entende essa relação? A Judite é uma parte ativa na construção do alinhamento, para além da apresentação?

Tento e procuro ter. Vamos voltar às grandes escolas: nas grandes estações de televisão do mundo, os apresentadores são os diretores. Nos Estados Unidos e na Europa. A Letizia fazia o jornal na TVE, como diretora de informação. Os apresentadores do jornal, sendo eles os grandes responsáveis pelo jornal em termos comunicacionais, ele têm que ter uma palavra a dizer em relação ao jornal. E isso traduz-se, na prática, na circunstância de serem pessoas com lugares de direção na estrutura do canal.

Os pivôs não veem as peças antes de ir para o ar. Considera isso um problema?

Não, é impossível. Esse trabalho é do coordenador. Há determinadas reportagens, nomeadamente ao fim de semana, que eu faço questão de ver para tentar perceber se elas estão bem feitas, se estão mal feitas, com dinâmica, com ritmo. O ritmo televisivo é muito importante, faz toda a diferença e pode desequilibrar um jornal favorável ou desfavoravelmente. Eu procuro ver algumas reportagens, mas, objetivamente, quem tem essa responsabilidade são os coordenadores do jornal.

A Judite faz parte da direção de informação na TVI. E eu questioneei o Sérgio Figueiredo acerca disto: como é que a direção de informação decide apostar num determinado jornalista para ser pivô, o que é que procuram, que características procuram?

Procurava alguém com *talent*, alguém que pese, mas não há muita gente assim, é um facto. E é isso que explica que os principais apresentadores de informação nos três canais sejam os mesmos há 20 anos e, provavelmente, vão continuar a ser os mesmos nos próximos 10. Não tem aparecido gente com *talent*.

Qual é o *talent* que a Judite tem, quais são as características que, a seu ver, a distinguem dos outros?

Acho que sou muito forte, acho que passo muita força, acho que tenho uma comunicação visual muito forte. Sou privilegiada pelo meu olhar, acho que tenho um olhar matador e, na televisão, a forma como olhamos, pesa muito. O olhar é uma das variáveis fundamentais do *talent*.

Considera-se um capital de marketing da estação? A Judite e o JAC?

Sim, claro que sim, por isso é que somos os principais rostos da informação, por isso é que somos valorizados e remunerados da forma que somos. São os próprios estudos de mercado que dizem isso, as empresas não tomam decisões avulsas. Uma empresa, quando decide comprar uma marca de água, primeiro faz um estudo de mercado para saber qual marca vai comprar. O mesmo acontece em relação às pessoas, nada acontece por acaso.

Mas isso acarreta consequências, nomeadamente na questão pública, do mediatismo

É preciso saber lidar com isso. Claro que há um preço a pagar. A condição de figura pública tem vantagens e desvantagens. A vantagem é, por exemplo, termos um tratamento especial quando vamos a um restaurante e arranjam-nos uma mesa quando, à partida, não há mesa nenhuma; desvantagem é sermos observados de cima a baixo, sermos abordados quando não nos apetece sermos abordados, sermos conhecidos e reconhecidos, perdermos aquilo que, para maioria das pessoas, é sagrado: o anonimato. Nós somos pagos, também, pela perda do anonimato. Essa perda carrega um preço e é muito alto.

Eu não ia falar na questão dos ordenados, mas já que pegou nisso. A Judite não tem medo de falar abertamente sobre isso e de dizer que recebem o que recebem porque são quem são [interrompe].

Por serem quem são, pelos resultados que apresentam e pelo histórico que têm. Se os resultados baixarem, baixa tudo.

Mas tem noção que os valores podem chocar algumas pessoas.

Não, só as provincianas... É assim em todo o lado. A Amampour ganha um milhão de dólares por mês, o Anderson Cooper ganha um milhão de dólares por mês. São regras de mercado, é o mercado a funcionar. É como a roupa ou sapatos. O vendedor que na sapataria mais sapatos vende, é o mais bem remunerado de todos. Os outros só têm que fazer uma coisa: é tentarem ser tão bons vendedores quanto ele.

Anexo nº 5

Entrevista a José Alberto Carvalho. 12 de julho de 2017.

Quería começar pelo seu percurso porque chegou a pivô muito cedo, com 23 ou 24 anos. Mas como é que chegou a essa posição?

Foi um percurso não planeado. Aliás, nem sei como se planeia isso, muito menos na altura porque foi há 27 anos. Eu comecei a apresentar televisão de forma totalmente inesperada e surpreendente, para mim, sem qualquer tipo de formação prévia. Apenas por uma razão que a maior parte das pessoas tem tendência a ignorar, mesmo as que se dedicam ao estudo do jornalismo e que podem ter como objetivo de vida, algum dia, vir a dar a cara numa estação de televisão. As pessoas têm tendência a olhar para a componente visual, se tem bom ar, se é bonito, se é equilibrado do ponto de vista morfológico... E ignoram duas coisas, que são as mais importantes: a voz e a capacidade de envolver as pessoas numa história. É isso que faz a diferença. Todos os grandes comunicadores de televisão, seja no jornalismo, seja no entretenimento, são pessoas que estão longe de serem naturalmente bonitas, não são as mais bonitas... Têm presença e têm voz. O Walter Cronkite tinha presença e tinha voz. A Barbara Walters tinha presença e voz. O Larry King tinha presença e voz. O Dan Rather, da CBS, tinha presença e voz, apesar de um sotaque intenso, do Texas. O Patrick Poivre d'Arvor, em França, tinha presença e voz e uma maneira de contar as histórias muito peculiar, não sendo um bom exemplo de jornalismo, por várias polémicas em que esteve envolvido na vida. E, portanto, acharam na altura que a nível visual eu não comprometia e tinha uma voz que ajudava a distinguir e que fazia diferença. Eu estava numa altura da minha vida em que não tinha consciência disso, ainda. Foi de uma forma completamente fortuita. Como é que se planeia ser? Não faço ideia. Hoje em dia, é de uma maneira completamente diferente do que aconteceu comigo. Eu comecei na RTP Porto, estava a estagiar. O primeiro programa de televisão que apresentei foi uma loucura, era um programa sobre metafísica e fenómenos paranormais, chamado Segredos e Mistérios. Tinha 21 ou 22 anos... Eu estafa a fazer o estágio na Antena 1 e o programa era feito nos estúdios do Porto, ao sábado à noite. Apresentei duas ou três edições porque o apresentador, que era um responsável da

Antena 1, sofreu a morte de um familiar e não pode fazer durante algum tempo e não havia um plano B. E, num ato de alguma loucura: “vais tu!” Vou como? Eu nunca tinha entrado num estúdio de televisão, nunca tinha lido teleponto, nunca tinha escrito para ser eu a dizer. Era um programa de uma hora, em direto... Uma loucura! Depois disso, fui apresentar o “Bom Dia”, um magazine informativo e diário, da altura. Depois, fui apresentar o “Jornal da Tarde”. Tudo isto antes da SIC começar.

Para além da voz e presença, que características é que tem que o distingue de outros?

A escolha da linguagem, as palavras são importantes. A empatia, que é muito subjetiva de definir, mas que tem a ver com a capacidade de congregar a atenção das pessoas. E penso que isso tem a ver com o ritmo do discurso, com as pausas que fazemos, com as inflexões e flexões de tom que conseguimos utilizar na interpretação de cada palavra. É por isso que é fundamental ser o próprio a escrever os textos. Não é por ser algo extraordinariamente difícil. É por uma razão de identidade. Há palavras ditas por mim, que têm um impacto diferente, que a mesma palavra dita por outra pessoa porque eu lido melhor com o conceito dessa palavra no meu quotidiano ou na minha carreira. Há palavras que eu utilizo com mais frequência do que outras e julgo que sei como é que as posso entoar em cada momento. Tenho uma grande preocupação com a escolha das palavras, mesmo que isso seja invisível para a maioria das pessoas. As palavras têm todas valores diferentes. No jornalismo, ao contrário da literatura, nós não temos todo o tempo do mundo para ponderar todas as palavras. Portanto, há sempre um compromisso entre a minha interpretação da realidade e o tempo que eu tenho disponível para fazer isto, à minha maneira.

Mas o José Alberto tem uma forma peculiar de escrever os pivôs, digamos assim, porque não tem medo de qualificar nada. Essa é uma marca do seu estilo, usa adjetivos e qualifica.

Tenho o cuidado em qualificar, mas eu não era assim. Todo o meu percurso na SIC, durante nove anos, foi sem adjetivos. Mas o tempo que nós vivíamos era diferente. Um tempo em que estávamos todos a aprender a conviver em concorrência. Eu achava, também pela escola que desenvolvemos na SIC, que a opção dos espetadores

pelas notícias da SIC deveria decorrer do trabalho estritamente profissional, comparável com a concorrência que aquela redação oferecia. Eu não podia comprometer o trabalho dos meus colegas, dos repórteres. Eu tinha que acentuar esse trabalho e acho que a melhor forma de o acentuar nesse período, era evitando qualificações.

Nesse período, também quis marcar a diferença entre o José Rodrigues dos Santos e a Manuela Moura Guedes?

Sim, foi por distinção, eles qualificavam, eram mais histriónicos. Hoje em dia, não acho isso, mas não é por uma questão de qualificar as notícias, não é isso que me move, não tenho nenhuma vontade de as qualificar e não qualifico todas, qualifico muito poucas. No cenário comunicacional e de ruído permanente que nos envolve, o bombardeamento das notificações nos telemóveis, a sensação de que sabemos tudo porque vimos no *feed* do Facebook...

O próprio ruído no ecrã que divide a atenção do espectador...

Sim, muitas mensagens no ecrã ao mesmo tempo. É um caminho fundamental para a figura do apresentador: o espectador precisa de alguém que o guie e que ajude a distinguir aquilo que é importante e o que não é. Correm-se riscos? Claro que sim. Correm-se riscos se não fizermos isso na mesma.

Está a falar da mediação ou do papel mediador do pivô?

Essa mediação está feita pela hierarquia das notícias, pelas palavras que ele escolhe, pela maneira como ele as interpreta, do ponto de vista da linguagem corporal e de expressão facial e, ainda, pela qualificação dos adjetivos. Sim, eu sei que nos manuais tradicionais do jornalismo isso está afastado, mas esses manuais estão desatualizados, infelizmente, porque a profissão mudou de uma forma acentuadíssima nos últimos 20 anos, em especial nos últimos dez. É impossível e absurdo tentar tapar o vento com as mãos... O vento está a soprar. Acho que é o trabalho fundamental de um jornalista e do pivô, que é guiar. Porque ao assumir essa qualificação, ele sabe que está a correr um risco, que é o risco de uma parte da sua audiência não se rever naquilo que ele diz e, portanto, rejeitá-lo. Se isso for feito com bom senso, honestidade e houver essa

preocupação de ajudar as pessoas a identificar a prioridade das coisas verdadeiramente importantes, no meio do tal ruído, eu acho que isso vai ser valorizado pelo cidadão. É por isso que eu acho que os novos tempos são desafiantes, mas que encerram grandes promessas ao mesmo tempo.

Deixe-me voltar atrás, à parte do ruído. Há uma consciência da competição pela atenção do espectador, correto? Isso obriga a alguma mudança na forma como se dizem as notícias?

Obriga. A competição não é com os outros canais, hoje em dia, é uma competição de atenção. É uma forma ligeiramente mais coloquial. A televisão, durante muito tempo, foi naturalmente encarada por quem a fazia e por quem a via como uma espécie de altar. De resto, o televisor, o eletrodoméstico, ocupou esse papel nas salas das pessoas. A televisão não ficava em baixo. Nós, hoje, quando vemos vídeo num *iPhone* ou num *iPad*, baixamos a cabeça. Isto é vídeo, mas não é televisão. A televisão implica olhar em frente ou para cima e a uma certa distância do ecrã. Este gesto [e simula o gesto de baixar a cabeça, olhando para o telemóvel] é diferente. Esta relação que temos com o vídeo é diferente daquela que eu tenho ali [e olha para o televisor que se encontra no fundo da sala]. Aquela é sempre mais pública e coletiva do que esta [baixa a cabeça e olha para o telemóvel], esta é sempre mais individual. A força da televisão não foi substituída.

Não foi substituída, mas o que é certo é que hoje vemos televisão com o telemóvel na mão e a receber mensagens ou notificações...

Sim, e estamos a ler. É a competição da atenção. Seja a publicidade, a notícia, a ficção, ou o entretenimento estão numa competição feroz, como nunca existiu, pela atenção do destinatário. As pessoas vivem num *zapping* permanente de sentidos. Dantes, as pessoas quando viam televisão, praticamente só viam e ouviam televisão. Havia silêncio em casa e nos sítios onde se queria ver e ouvi televisão, era a principal fonte de informação das pessoas, todos sentiam isso. E não havia mecanismos de gravação. As pessoas apanhavam e percebiam o que lhes estava a ser dito, porque todos sabiam que isso era importante para a sua vida, para a sua integração no mundo que as rodeia. A única distração que havia era se alguém falasse connosco. O cenário de agora não

tem nada a ver com o que era, por exemplo, nos anos 80. As pessoas raramente se sentam para ver televisão. Não conheço ninguém que faça como o meu avô, ou como eu próprio fiz durante algum tempo, ainda, que é: vou-me sentar e vou ver televisão. Há, aqui, um conjunto de atitudes físicas e rituais – eu sento-me, eu pego no comando, eu ligo o botão, quero ouvir, quero perceber – que já não existem, atualmente. Não conheço ninguém que veja o noticiário do princípio ao fim. É muito difícil fazê-lo, sobretudo se estivermos com o telemóvel na mão. Estamos a responder a uma mensagem de uma amigo a perguntar se sempre vamos jantar amanhã, um amigo que se lembra de nós e pergunta qualquer coisa, uma notificação que recebemos de uma coisa qualquer. É isto o *zapping* dos sentidos. A notícia que está ali [aponta e olha para o televisor ao fundo da sala] é importantíssima, estou concentrado e chocado nela. Por exemplo, a notícia da avioneta [uma aterragem de emergência numa praia da Costa da Caparica, que matou uma criança e um adulto] e que me marcou muito. Mas, de repente, há um amigo meu que me manda uma piada parva. E o meu estado de espírito, emocionalmente, alterna de uma forma esquizofrénica entre a consternação daquilo que estou a ver e o sorriso ou a gargalhada que dou, perante a piada parva que recebi no mesmo instante. Esta coexistência de mensagens contraditórias, que desencadeiam reações diferentes e contrastantes a cada um de nós, convida-nos a viver num absurdo. Nós vivemos no absurdo sem nos apercebermos. Isto é impossível. Imaginemos Shakespeare, imaginemos Hamlet: eu não posso estar a receber SMS com piadas no meio do Hamlet! Não dá! Eu tenho que estar concentrado naquilo. Porque é dramático, épico, revoltante e toma conta dos nossos sentidos. Nós temos que entrar na história, na peça. Acontece por uma questão de conforto e de facilidade tecnológica. Isto convive connosco e é absurdo, mas é o que todos fazem. Portanto, é esta a disputa da atenção.

Transferindo isso para a figura do apresentador do noticiário, e tendo consciência disso, o que é que o pivô, e já agora no seu próprio caso, procurou mudar na forma de trabalhar para contrariar ou ganhar a atenção, em relação àquilo com que está a competir [tecnologia, notificações], sendo que o pivô é uma figura humana?

A agenda noticiosa mudou. Se nós pegarmos num alinhamento dos anos 80, outro dos anos 90, outro da primeira década do séc. XXI, nós vamos perceber que há coisas que

foram mudando. Se compararmos com um dos anos 90 com agora, há alterações brutais: quais são os assuntos que podem ser noticiáveis? Que podem interessar numa agenda jornalística? Os puristas dirão que agora há menos jornalismo do que havia no passado e nalguns aspetos terão razão. É por isso que eu acho que podemos fazer algumas incursões [no *infotainment*] porque isso nos leva a estar mais próximo daquilo que é, goste-se ou não, o *mainstream* das pessoas. Para se perceber, eu gosto de ver os rankings nos *sites* dos jornais sérios quais é que são as notícias mais vistas e partilhadas e raramente são as notícias que são manchete editorial ou que são escolhidas pelo editor de serviço nesse jornal. Essa convivência é interessante porque é essa que nos permite uma leitura diversa, variada e mais completa do mundo. É por isso que acho que o jornalismo é cada vez mais importante. O jornalismo não pode perder o contacto emocional com as pessoas, de ligação permanente com a vida, com aquilo que as impele naturalmente, que são essas notícias que as pessoas clicam e partilham. Não são as mais importantes do ponto de vista editorial... Mas, as mais importantes, estão lá como importantes e o leitor, o espetador, que vê também a outra, percebe que essa também é importante. Esta articulação ou complementaridade é o que nos dá a tal leitura mais poderosa e interessante do mundo que nos rodeia. Senão, toda a gente só via a RTP2. As pessoas não veem a RTP2. Não há ninguém que veja só a RTP2 e, se houver alguém, vai ter uma leitura completamente distorcida, certo? Tem que haver cedências e compromissos. Ou seja, nós temos que mostrar às pessoas, permanentemente, que não estamos descolados e desligados da realidade delas. Porque isso nos permite, colocando isto a nosso favor profissional, uma ligação com elas. E isso permite o seguinte: “olhe, você está a ver? Isto é giro, não é? Você está a gostar disto. Mas, olhe, isto também é muito importante e precisa disto para a sua vida, isto é importante você perceber que isto está a acontecer”. Se nós cortarmos o *link* emocional com as pessoas, nunca vamos ter a disponibilidade delas para seguirem o resto. E, portanto, temos que ser muito menos dogmáticos. Num mundo ideal, todos perceberia o que estamos a fazer... Num mundo ideal, não era preciso haver notícias. Elas, por definição, são a denúncia do que está errado, do imprevisto, daquilo que não é planeado, é sempre aquilo que corre de maneira diferente.

Do novo?

Todas as coisas são novas, podem é ser sempre igualmente novas, isso não faz delas notícia. O que faz delas notícia, neste caso, é quando elas são novas e diferentes do que se poderia presumir.

Mas, por exemplo, no outro dia, quando estava a apresentar o Jornal das 8, deu uma notícia de uma senhora de 90 e poucos anos que fez um salto de paraquedas no Alentejo. No fim da peça, o José Alberto até qualificou e disse “notável”. Isto não é uma notícia.

Não é uma notícia. Num jornal em papel, e este é um exercício fácil de fazer, não cabem só notícias. É errado pensar que num espaço informativo cabem apenas notícias. Estas e o material informativo dividem-se em inúmeras categorias e deve haver espaço para todas. O Calvin e Hobbes não é notícia, mas apreço num jornal muito credível e sério, em Portugal; o *cartoon* não é uma notícia, mas não deixa de ser uma análise crítica e satírica da realidade; as palavras cruzadas estão longe de ser notícia, informação sequer, mas são uma componente clássica de todos os jornais, tabloides ou não tabloides; as farmácias de serviço não são notícia.

Essa última não deixa de ser uma informação relevante...

E porque é que a da senhora de noventa e tal anos não é relevante? É isso que eu acho. Quando eu digo notável, julgo que tentei interpretar, não sei se bem ou mal, aquilo que eu diria em casa enquanto espetador. Portanto, há ali um momento em que eu já não estou a apresentar notícia, em que estou a qualificar uma coisa, verdade, estou a aproximar-me do meu espetador, que, provavelmente, disse algo semelhante ou parecido àquilo. E, quando eu digo a mesma coisa, eu estou a dar voz àquilo que ele pensou, sendo que ele ouviu aquilo que pensei porque eu decidi dizê-lo e eu não ouço aquilo que ele disse. Este jogo de sedução é eu tentar perceber quando é que posso, devo, quando é que isto me cola mais aos meus espetadores ou me afasta deles. É um exercício permanente e interessante. Eu gosto desse exercício!

Vendo o José Alberto agora, na TVI, e isto pode ser a minha opinião pessoal e, portanto subjetiva, parece-me mais solto, mais próximo, mais pessoal, do que na RTP. Concorda?

Mais solto. Sim, estou! Sem dúvida.

Porque é que isso aconteceu só quando veio para a TVI?

Por variadíssimas razões. Porque eu não queria fazer na TVI o que fazia na RTP.

Até porque o José Alberto e a Judite eram “as” caras da RTP e agora são marcadamente da TVI...

Isso significa que conseguimos fazer bem a transição... Com várias nuances. É que a TVI, na altura, não era líder na informação, era a RTP.

Sim, mas sai do Telejornal para o Jornal das 8 e este passa a ser líder.

Não foi automático, mas foi um percurso... E ainda bem, era essa a ideia.

Mas o que é que isso lhe diz, a si, enquanto pivô, enquanto cara da informação?

Não, não... Há pivôs da RTP [que lá estavam e lá continuam] que continuam a adotar o mesmo estilo. Portanto, não foi pelo facto das pessoas não terem mudado o estilo, nem de canal, que impediu que sejam menos relevantes hoje. Do ponto de vista relativo, há sempre um que é mais visto, outro que é o segundo mais visto e outro que é o terceiro mais visto. A RTP era sempre o mais visto. Neste momento, e há muitos anos, já não é o mais visto, nem o segundo mais visto. E a única pessoa que saiu do Telejornal fui eu. Houve outras pessoas, o João Adelino Faria, o José Rodrigues dos Santos e a Cristina Esteves que eram caras da RTP e não o deixaram de ser. Então o que é que aconteceu? – pergunto eu. Se eles não mudaram, o telejornal é o mesmo, a estação é a mesma, o cenário é basicamente o mesmo que eu deixei, com algumas nuances, sim, mais luz, mais investimento, mais disponibilidade financeira, ótimo. Mas o espaço cénico onde se desenrola o Telejornal da RTP é o mesmo. O que é que aconteceu, então? Eu mudei, é verdade, é outra parte da conversa, mas houve outras pessoas que não mudaram. Isso deu-lhes relevância? A mesma? Mais ou menos? O produto Telejornal tem hoje mais impacto na vida coletiva ou menos ou o mesmo que

tinha há dez anos? Tem menos... Quando eu saí da RTP para a TVI havia coisas óbvias para mim: o tipo da RTP não pode ser o tipo da TVI. Porque isto é um problema de identidade. Não se pode mudar de um canal institucional, com obrigações de Estado, públicas, financiados pelos impostos que decorrem do trabalho de todos os cidadãos, o que implica uma dimensão de respeito que impede alguns facilitismos editoriais... E eu julgo que tentei interpretar isso. Agora, não é tornar aquilo uma coisa cinzenta e absurdamente obsoleta, não. E a prova de que não era assim era que a maioria das pessoas se identificava com aquilo.

A informação da RTP é vista como menos dinâmica, mais parada, cinzenta...

Mas porque é que durante muito tempo ela conseguiu ser isso, sendo líder? Eu acho que tem a ver exatamente com esta interpretação das coisas, que era a minha responsabilidade, modéstia à parte e que podia ter corrido mal, mas não correu: tinha que ser sério, mas ousado! Não pode arriscar nos comentários, nem na linha editorial. Uma coisa que era muito clara para mim na RTP era que, nada do que a redação da RTP fizesse podia ser interpretado contra ou a favor de alguém, nunca – e eu fui variadíssimas vezes atacado profissionalmente, de diversas proveniências, mas resisti sempre porque mantive o norte em relação a isto. Sempre que isso acontecer é porque estamos a fazer mal o nosso trabalho. O que não significa não noticiar nada. Significa noticiar tudo, mesmo tudo... Da forma certa. Portanto, estamos a dar a opinião de uma pessoa sobre outra pessoa, vamos ouvir a pessoa que é visada para ela poder responder. Antes disso não há peça no ar. É uma preocupação que eu não tinha na TVI, por exemplo. Porque eu entendo o direito ao contraditório, e defendo-o publicamente, inclusive em documentos escritos para a Entidade Reguladora [para a Comunicação Social] e para a Assembleia da República, que o exercício desse direito não tem que ser feito em simultâneo. As coisas podem ser diferidas na vida: há um comentário agora e depois há uma reação. Não tem que aparecer comentário e reação tudo no mesmo dia, no mesmo minuto, na mesma peça. Tem que existir, mas pode ser consecutivo, diferido. Esta dimensão, que não me preocupa tanto na TVI, preocupava-me muito na RTP.

E porque é que essa dimensão se perde na TVI?

Por todas as razões. Porque o objetivo da TVI é audiência; o objetivo da RTP é influência. A influência também pode dar audiência, mas não é líquido. A TVI precisa de audiência e menos de influência porque a audiência pode dar influência, o que também não é líquido.

Mas a TVI tem audiência e uma influência enorme.

Ora! Era aí que eu achava que tinha que encontrar o caminho, eu e a Judite, mas sobretudo eu porque estou a falar de mim, e porque vim como diretor de informação. Eu tinha que conseguir estabelecer uma ponte entre aquilo que eu julgava que as pessoas me creditavam e aquilo que eu tinha que fazer, que as pessoas não sabiam. Eu sabia. Eu sabia os objetivos e os compromissos que assumi e quais é que foram as razões que me levaram a assumir e a aceitar este desafio. Eu sabia qual era o meu caderno de encargos.

E porque é que aceitou mudar da RTP para a TVI?

Porque achei que era o maior desafio profissional da minha vida. E foi. E porque achei que era capaz de o conseguir. Para mim, isso foi importante pessoal e profissionalmente, ao contrário do que os meus amigos achavam: que eu ia ser contaminado pela cultura popular que envolvia exclusivamente a TVI. Só havia noção de que a TVI era muito popular.

Não era esse o objetivo da administração? Trazer credibilidade à TVI?

Sim, mas o meu desafio era: se o tipo da RTP passa para a TVI e continua a ser o tipo da RTP, este tipo tem um problema monumental e a empresa que o contrata tem um problema monumental. Porque as pessoas da TVI não querem o tipo da RTP. Para isso, iam à RTP, certo? Eu tinha que fazer várias coisas e tentei fazê-lo de uma forma tão racional e objetiva quanto possível (e intuitivo, mas aí já entram as características individuais de cada um). Eu tinha que trazer público, não afastando nenhum público que havia na TVI. Tinha que acrescentar público e não afastar público. Esta meditação em mim produziu determinados resultados: na linha editorial, no alinhamento dos jornais, nas cores da estação, nos repórteres, na organização da redação, na forma

como se noticiavam alguns acontecimentos. Por exemplo, nós tivemos armazenados durante 8 meses a abertura do jornal no dia em que morreu o Nelson Mandela. Porque nós sabíamos que ele ia morrer, infelizmente. E eu decidi, com muita antecedência, quando ele começou a ficar internado sucessivamente, como é que íamos abrir o jornal no dia em que tivéssemos que dar a notícia da morte dele. E iríamos abrir o jornal por aí, independentemente do que acontecesse. Porque a morte do Mandela seria um acontecimento de natureza transcendente, ainda que não seja tão líquido em Portugal. Há uma grande tendência para pensar que aquilo que é mais próximo dos portugueses, aquilo que é qualquer realidade local nacional é sempre mais importante do que aquilo que acontece no mundo. E eu gosto de colocar a pergunta às pessoas com quem trabalho: daqui a dez anos, quando este dia for um dia na História, vai ser recordado porquê? Por causa disto com que estou a pensar abrir o jornal ou por causa daquilo que aconteceu no mundo? Daqui a dez anos, “epa, deixa ver com o que é que a TVI abriu o jornal.” É um exercício que ninguém vai fazer, a não ser um académico... “Deixa ver como é que a TVI abriu o jornal naquele dia. Ah, houve um acidente na marginal ou o Putin expulsou 1500 embaixadores da Rússia.” Na dinâmica de uma redação, como tu sabes, Luís, não é tão óbvio...

Eu não estou por dentro das decisões editoriais... Não estou a par das decisões que levam a dizer que o jornal abre com A ou B.

Mas constatas. Basta constatar.

Sim, de facto, basta ver a cobertura que a TVI fez de Donald Trump, antes mesmo de ele ser eleito Presidente dos Estados Unidos. O Jornal das 8 chegou a abrir várias vezes com polémicas de Donald Trump... E abriram há pouco tempo com a questão da Venezuela. Portanto, há assuntos internacionais que podem ser mais importantes do que aquilo que se passa na rua ao meu lado, como o José Alberto gosta de dizer.

Sim, sim, abrimos. Sim. A maneira como isto se balança ou como se avalia, as avaliações que nós aplicamos em função do que analisamos, se são ou não são corretas, têm muito a ver com sensibilidade e com a interpretação que eu faço, enquanto profissional e pessoa do mundo que me rodeia. Ou seja, eu, que detenho um conjunto vasto de informação, sobre um monte de matérias, que avalio e interpreto o

comportamento das pessoas, na rua, nos supermercados, nas redes sociais, através dos gráficos das audiências que eu vejo como se comportaram, não aquilo que dizem, mas como se comportaram efetivamente; olho para o ranking dos *sites* e vejo o que é que as pessoas verdadeiramente estão a partilhar, o que é que as motiva naturalmente, o que as impele e não de uma forma estritamente racional... E a ponderação que faço disto tudo, leva-me a tomar decisões editoriais, a balancear, a decidir se vamos mais por aqui ou por ali. Isto é uma ciência exata? Não, não é. Longe disso, não é uma ciência sequer, é uma técnica... Que pode dar resultados ou não dar. E é uma técnica que nunca dá sempre o mesmo, nem bom resultado. Erramos muitas vezes porque nos escapou um detalhe, mas é isso que torna interessante o exercício do jornalismo, que é uma atividade humana. Não é um algoritmo.

Voltando um pouco atrás, na questão da RTP. O José Alberto reconhece que, para além desse exercício todo, dessa mudança... [interrompe]

Eu tinha que parecer mais simpático e sou naturalmente mais simpático. Ou seja, eu era diferente, era mais sério do que verdadeiramente sou, quando estava a fazer o Telejornal da RTP.

Mas houve características individuais suas que fizeram com que trouxesse mais espetadores para a TVI, para além da mudança editorial que levou a cabo, que, talvez, os espetadores não notem tanto.

Sim, a voz, desde logo. Mas notam. Notam muito! E até dá boca a boca. Garanto que notam, não desvalorizes. As pessoas podem não saber explicar, mas notam.

Eu digo isso porque se olharmos para o que aconteceu em Pedrogão Grande... [interrompe].

Com a Judite [Sousa]?

Por exemplo. Porque apesar de ser um erro o que aconteceu, na minha opinião, não houve reflexos na audiência.

O que é que é um erro? O comportamento da Judite? Eu não vejo nenhum comportamento... [interrompo].

Eu falei com a Judite Sousa sobre isso e ela disse que voltaria a fazer tudo igual. Já o Sérgio Figueiredo disse que havia coisas que mudaria.

É isso que eu acho [que deveria fazer tudo igual outra vez]. Eu acho que, do ponto de vista objetivo, aquilo não tem nenhuma falha ética, nenhuma. Aquilo é uma reportagem inatacável. Do ponto de vista da empatia e da sensibilidade, tem muitos erros. Vou explicar quais são, na minha opinião: o mais grave de todos é o tom da reportagem, a forma como a Judite fala na reportagem. É científico? Não. Mas faz muita diferença. Segunda, a roupa. Aqueles ténis não podiam estar naquele sítio, nem podiam ser usados, nem os ténis nem aquela roupa clara, num cenário de total escuridão e tragédia, literalmente negro. Aquela luz não pode estar ali. Muito menos se for uma luz com um comportamento corporal que permite muitas interpretações. Depois, as circunstâncias pessoais da Judite... Se eu tivesse feito exatamente aquilo não tinha havido coisa nenhuma. Mas sabes uma coisa? Eu nunca teria feito exatamente aquilo. Eu não teria usado aquele tom. Por isso é que te digo: objetivamente, não há ali nada de errado. Ah, mas podem dizer, ela está ao lado de um cadáver. E então? Vê-se o cadáver? Não. A vice-presidente de câmara, três dias depois, não me disse numa entrevista a mim, com lágrimas nos olhos, que era inacreditável que os pais tivessem ido dormir à câmara, no dia seguinte voltaram para ver como tinha ficado a casa e os filhos estavam no mesmo sítio, mortos?! É exatamente isso que ela estava a dizer. Não há erro nenhum!

Eu não estou a ver o José Alberto, pelas suas características, pessoais, individuais e jornalísticas, colocar-se ao lado de um cadáver e falar para uma câmara de televisão.

Talvez colocasse, talvez colocasse de outra maneira. Talvez não quisesse sobrepor a minha imagem e o cadáver e fizesse uma panorâmica, do cadáver para mim ou de mim para o cadáver. Não conviveria com o cadáver na mesma imagem.

A justificação que a Judite me deu foi a de que quis personalizar a informação.

Está bem, podemos fazer isso assim. Eu estou aqui e está aqui este cadáver e as pessoas da família estão muito consternadas com esta situação. Já não há problema nenhum. O que é que isto tem de substantivo? É alguma coisa de diferente? Não. Foi por ser a Judite, pela roupa e pelo tom.

Voltando atrás e interligando a sensibilidade de que me falou há pouco e a questão de Pedrogão, verifica-se que o José Alberto quase que tem uma metalinguagem. Tem noção que é um caso único na forma como o faz? Olhemos, a título de exemplo, para aquela abertura do Jornal das 8, quando estava em Pedrogão, uma abertura à americana. Pegou no alumínio que estava derretido no chão e explica os graus a que teve que chegar para derreter. Isto é a tal sensibilidade?

É. É sensibilidade e narrativa. Como é que eu vou contar esta história? Como é que eu vou concentrar a atenção das pessoas nesta história? Aquilo pode ser dito de milhares de maneiras, não é? Boa noite, estamos aqui num total cenário de devastação, tudo à minha volta foi destruído pelas chamas, este era o maior empregador da região e até o alumínio dos camiões desapareceu. Ok, pode ser dito desta maneira. Eu decidi construir uma narrativa. Isto é como escrever um livro ou um texto. É contar uma história. No limite, tudo é passível de ser resumido a meia dúzia de questões. A Segunda Guerra Mundial foi o maior conflito da História da Humanidade. Demorou 6 anos, entre 1939 e 1945, em que morreram mais de 50 milhões de seres humanos. De um lado, estava a ascensão da Alemanha Nazi, liderada por Adolf Hitler, regime totalitário e segregacionista, com os seus aliados Mussolini e etc.; do outro lado, formou-se uma aliança que, durante 5 anos, achou que não podia fazer nada, que não ia conseguir inverter o curso da Guerra, mas finalmente conseguiu e em agosto de 1945 foi declarado o cessar-fogo. Está explicada a Segunda Guerra Mundial. 30 segundos a falar da II Guerra que demorou seis anos? Quantos biliões de histórias é que se podem contar da Guerra?! Nós os dois podemos não fazer mais nada o resto da vida e só contar histórias da Segunda Guerra Mundial! Depende da história que eu quiser contar... E porque eu sou muito sensível. Há coisas que nos marcam na vida. E, por razões que nós temos dificuldades em articular e perceber, acabam por fazer sentido e nos ajudar. Ou porque nos reforçam ou porque nos magoam e, portanto, seja por sedução ou aproximação ou por repulsa ou afastamento, acabam por ajudar a definir aquilo que nós somos. O Proust dizia coisas que fazem todo o sentido, as pessoas que pensam costuma dizer coisas que fazem sentido. Nós podemos não percebê-las e eu não as percebo todas, é verdade, mas isso não significa que elas não façam sentido. Só Significa que eu ainda não percebi o sentido delas. Em relação ao

Proust, eu não percebi tudo porque ele foi, de facto, um homem extraordinário, do ponto de vista da observação do mundo e das pessoas. Mas, algumas, eu já percebi e uma delas é: os detalhes importam. Que é exatamente este exemplo que eu estou a dar com a Segunda Guerra Mundial e com o detalhe do alumínio, que precisa de chegar aos 660 graus.

Esse contar de uma narrativa, de uma história deve ser uma preocupação fundamental para um apresentador de jornal?

Deve.

Mas nós vemos que, muitas vezes, isso não acontece. Por vezes, estamos a ver “pilotos automáticos”...

Sim, que pode ser a pessoa A ou a pessoa B. Eu não quero que as pessoas saibam o meu nome. Só quero que percebam que, quando sou eu, as coisas não são iguais. Ou que podem perceber alguma diferença, algum do meu empenho e de mim próprio que coloco naquilo que faço. Porque é isso que faz a diferença.

As audiências não dizem isso? De onde saiu, deixou o noticiário líder de audiências; aonde chegou, tornou o noticiário líder de audiências e não nos podemos esquecer que isto aconteceu em três canais diferentes. Há um denominador comum aqui: o pivô, o José Alberto Carvalho. O que prova que não é só a parte editorial.

Não, não é só. Há características pessoais, a voz, por exemplo. A voz é importante, mas não é só a voz que o é. É a maneira como nós a usamos.

Mas não é só isso, certo? A Judite dizia-me, quando eu lhe perguntei quais eram as características fundamentais num pivô, e pergunto agora a si também, que era a voz, o agarrar com o olhar, um *talento*, um *je ne sais quoi* que ela não sabia definir.

É, é! Mas é que é mesmo. Tem a ver com muitas coisas. Por exemplo, tu tens que parecer, não sendo, tens de deixar as pessoas na dúvida, se és ou não um *average man* ou *average woman*. Não totalmente *average*, mas suficientemente *average*. Ou seja, ninguém está à espera que eu apareça no estúdio da TVI com uma *t-shirt*. O espetador identifica-se com alguém que não pode ser abaixo dele porque ninguém estabelece

padrões olhando para baixo. Para nós estabelecermos uma relação de admiração temos que olhar para cima e não para baixo, portanto, é alguém que está ligeiramente acima, mas não totalmente acima, num ponto inacessível. Tem que estar algures *in between*. Entre o “caramba!, eu posso ser esta pessoa”. Isto tem que estar lá, mesmo que não seja racionalizado pelo espetador. Eu podia ser esta pessoa! Entre isto e o “epa, mas não podia, esta capacidade de raciocínio, esta não hesitação na pergunta” – características da Judite nas entrevistas – o facto de se ser implacável e não estar ali com falinhas mansas... Cada tarefa permite a avaliação do *average* de forma diferente. Porque é que as pessoas bonitas têm mais dificuldades de se afirmar na informação? Precisamente porque são *too much*. As mulheres bonitas ou os homens bonitos têm que mostrar muito mais do que os outros quando estão a fazer uma tarefa que não é suposto ser em nome da beleza. A Sara Sampaio, se aparecesse a apresentar um noticiário, qual é que seria a reação das pessoas? Porque é demais. O que é que esta mulher está aqui a fazer? Não é suposto que a sua beleza, que é tão evidente, seja a característica principal quando eu olho para lá. A beleza, por si só, não é “o” argumento. A condição física da pessoa, que também tem a ver com sua expressividade e os traços do rosto, só não pode provocar corte. Será mais difícil se eu tiver uma deficiência, que não é pela deficiência, repara. Melhor, se eu tiver uma assimetria na cara, por exemplo, porque tenho uma cicatriz numa sobrancelha e fico com a sobrancelha em cima, não é pela deficiência. É pela assimetria. Porque introduz desconforto a quem vê. O aspeto físico só tem que não afastar pessoas. Não tem que atrair ninguém. A atração é por outras razões e por outras características, não é pelo aspeto físico. Não é por ser bonito ou feio. Isso é um equívoco. É uma leitura muito simplista do assunto e errada, como é óbvio. Completamente errada! Porque senão, as *top models* do mundo, eram as maiores apresentadoras de televisão do mundo.

O pivô trabalha a partir das propostas dos jornalistas. O José Alberto modifica todos ou quase todos? Qual é o primeiro passo a tomar? O que tem em conta?

Sim, altero todos. 99% deles. É o ritmo, a métrica do texto. As expressões que eu não uso e não as sei interpretar, a retirada de elementos que eu acho sempre nocivos em qualquer texto jornalístico: os advérbios de modo, as frases intercalares, a redução do número dos “que”. Sempre que vires um “que” escrito para um texto de televisão,

acredita que há uma maneira melhor de escreveres a mesma coisa. E quando tu não consegues é porque foste incapaz. Há sempre uma maneira. Às vezes implica que apagues tudo e que voltes a escrever do início e a abordar a história de outra perspetiva. Sempre que utilizas um “que”, estás sempre a remeter as pessoas para uma ideia anterior e isso é contraditório com o discurso oral. O teu referente está lá atrás, já foi dito. Portanto, estás a chamar a atenção *a posteriori* para uma coisa que disseste antes, sem saber se as pessoas estavam a ouvir aquilo que estavas a dizer. É por isso que é ruidoso e confuso e é por isso que tens que arranjar formas mais lineares de dizeres as coisas. Depois, onde é que colocas o sujeito? Onde é que colocas o verbo? Qual é o tempo do verbo? As preposições de tempo... Eu raramente utilizo o “hoje”. É uma palavra desnecessária porque é óbvio. O que é que eu falo? O Jornal das 8. Dá quantos dias? Todos os dias. Então se eu estou hoje aqui é porque estou a falar de hoje, não estou a falar de ontem. Se for de ontem que eu estou a falar, eu digo ontem. Hoje, não é preciso. E toda a gente escreve hoje, hoje, hoje, hoje... Não me vou cansar mais a explicar as pessoas “não escrevam mais hoje”. Eu tiro, tudo bem. Escrever é cortar palavras, muitas vezes. Preocupo-me, também, com a voz passiva. Salvo raríssimas exceções, quando tenho que falar de pessoas e tenho que utilizar o nome e a função, gosto de utilizar na primeira frase a função porque é isso que lhe atribui valor editorial e não o nome, que implica o conhecimento imediato. Tudo isto altera muito a tua perceção das notícias. Torna-as mais inteligíveis ou menos inteligíveis.

A isso juntam-se ainda as características individuais de cada pivô, nas preferências que têm sobre determinadas expressões ou palavras ou não? Ou, por exemplo, no seu caso: nas *hard news* é difícil recorrer à qualificação de algo.

Nos *features* dá para fazê-lo. Nos *fait divers*, por exemplo, já evito qualificar. Porque é óbvio. Já lá está. Correr o risco de qualificar uma coisa óbvia, que, ainda por cima, posso qualificar de uma forma diferente do que as outras pessoas? “Ah, não faz o meu género”. Mas *features*, reportagens, a da senhora do paraquedas, por exemplo, aí não tenho dúvida nenhuma. Cenas que envolvam carinho, afeto, ternura, generosidade, felicidade (óbvia felicidade), finais felizes...

Ou situações únicas, não? Eu lembro do seu fecho de jornal quando Portugal foi campeão europeu de futebol e faz aquilo de cachecol da seleção ao pescoço e a ler um poema de Miguel Torga. Foi um risco?

Foi, foi. Mas correu bem! Lá está, tem a ver com a sensibilidade. Nunca se tinha feito aquilo... Andei o dia a todo a pensar como é que ia acabar o jornal, era um dia que ia ficar para a história. Nunca tinha acontecido aquilo na vida coletiva do país. Não podes acabar, quando está a falar de um acontecimento único, com as mesmas palavras que usas todos os dias! Tens que marcar! Tens que sublinhar! Tens que reforçar! Porque isso te aproxima das pessoas. Foi completamente subjetivo, podia ter corrido mal, mas se tu não arriscas...

Mas como é que tem tudo isso em conta em tão pouco tempo, tendo em conta a hora a que chega à TVI, 19h, 19h15, com o jornal a começar às 20h?

Atualmente, chego, sim. É um bocadinho excessivo, talvez. Mas faço-o por outras razões, sabes? É a minha capacidade de trabalho. Eu faço aquilo com uma grande facilidade. E não vale a pena antecipar o trabalho porque, como sabes, as propostas de pivôs chegam todas entre as sete e as oito.

O que é preciso para se ser um bom pivô? E, ao mesmo tempo, qual é a principal característica que destaca nessa figura?

A voz, a linguagem corporal, o *average*, mas ligeiramente acima, que tenha um elemento de ambição, ou seja, é uma pessoa que se deve vestir bem, por exemplo, mas não extraordinariamente sofisticado. Mas também, não totalmente abandonado. Não totalmente comum, com uns toques de sofisticação. Que ajudam a povoar a cabeça das pessoas, quem será esta personagem? Não é fácil encontrar uma pessoa assim vestida na rua, mas também não é impossível, depende dos sítios onde eu andar. A componente mais importante nos fenómenos de aceitação de pessoas televisivas, e isso está documentado por estudos, tem a ver não com aquilo que dizem, mas com aquilo que projetam ser e pela maneira como dizem aquilo que dizem. Ou seja, é tudo mais importante que o conteúdo verbalizado. Agora, esse conteúdo não pode anular tudo o resto, ou seja, alguém que tenha todas as outras componentes de metalinguagem todas certas, mas depois tem um discurso absurdo, que não cola com

a realidade, que é mentiroso, que é excessivamente opinativo... Vais destruir o resto. Isto tudo tem que coexistir. Tu pegas numa receita, está dito como é e tu segues a receita. Pegas aquilo ao grama, chegas ao fim, provas e dizes: “hm, isto não está igual ao da minha mãe”. Mas a receita é a mesma...!

Como é que observa a relação do pivô com o editor? Na TVI, é o editor que tem a palavra final no que toca ao noticiário em questão... O pivô deve ter algo a dizer sobre o noticiário? Sobre o alinhamento?

O editor deve ter a palavra final, eu sempre achei que sim. Essa situação só foi exceção na minha vida profissional porque eu era diretor. Quando confrontado com perguntas do editor, estando a apresentar o jornal e sendo diretor, tomava decisões. Eu não podia esquecer, nem nunca esqueci, que era diretor. Agora, o pivô deve sempre ter algo a dizer. Ele deve sentir o alinhamento, mas não só o alinhamento. Sobre o que é que entra e o que não entra, aonde é que entra e alguns complementos de histórias. Muitas vezes, esses complementos fazem toda a diferença.

E o José Alberto costuma fazê-lo. Eu próprio, enquanto estagiário, cheguei a trabalhar em alguns desses complementos que sugeriu (o caso da inteligência artificial da Google que tinha ganho a um humano, pela primeira vez).

Sim, sim, o *downburst* do incêndio em Pedrogão, também... Na verdade, eu costumo dizer: vocês não me perguntem qual é a minha opinião porque eu tenho opinião sobre tudo numa estação de televisão, é a minha vida. Eu tenho uma opinião sobre a farda do homem que está na segurança, como é que devem ser organizados os carros no estacionamento, qual é que deve ser a ementa do bar, a que horas é que deve ser feita a limpeza das casas de banho... Eu tenho opinião sobre tudo isso. Mas tenho mesmo! Opinião sobre as cores, o grafismo, o equipamento, sobre os movimentos da câmara, sobre a dimensão dos planos, sobre o trabalho de equipa da *régie*, sobre a tripulação do estúdio, sobre tudo, sobre tudo! Lamento... Quando me perguntam a minha opinião é para ouvir, mas agora ficam a saber. Eu nunca direi não sei porque tenho opinião sobre tudo numa estação de televisão. É uma das razões para eu só chegar às sete, é para não me enervar. É difícil conter-me e eu tenho que estar mesmo focado

nos pivôs e no jornal. Eu sei qual é o alinhamento porque eu falo com os editores durante o dia.

Da observação que eu fiz na régie, houve uma coisa que eu reparei: quando é o José Alberto a apresentar, os editores não ordenam, como fazem com outros pivôs. A si, perguntam, pedem opinião. É o único pivô a quem isso acontece.

Quando não pedem opinião, costumam dar-se mal. Acho ótimo. Acho que se conquista. Eu não vejo isso como reverência ou seja o que for! O que eu acho é que eles consideram a minha opinião e que as minhas opiniões, dia após dia, decisão após decisão, foram fruto do trabalho. Se cada vez que eu dou uma sugestão, essa sugestão for parva ou cada vez que dou uma ideia, ela for tonta, já não dava ideias, nem sugestões, e todos gozavam comigo.

Foi diretor de informação na RTP e na TVI. É da responsabilidade do diretor ou da direção de informação decidir quem apresenta os blocos noticiosos e em quem é que vão apostar, no caso de o jornalista nunca ter sido pivô. O que procuram e o que têm em conta?

Simplificando, eu procuro a capacidade de comunicar das pessoas. Procuro alguém que goste daquilo que faz. Que tenha características naturais que chamam a atenção – a voz, a expressividade do olhar – ou que pelo menos não anulem o potencial de crescimento que podemos encontrar nessa pessoa. Este aqui tem um grande potencial de crescimento, mas tem aqui uma dificuldade de dicção, que é muito difícil de ultrapassar mesmo com aulas e formação... Não vale a pena, não é? É um bocadinho inglório e ia alimentar frustrações. O conjunto de tudo. A empatia. O tal *je ne sais quoi*, a luz das pessoas que, na televisão, não é mesma luz das pessoas foram do estúdio. Há pessoas que se transfiguram quando têm uma câmara em cima e depois isso só se consegue com a experiência. Há pessoas que, no quotidiano, não tem que as distingue extraordinariamente das outras e, depois, com uma câmara, uau, grande boneco! Enche o plano! E o encher o plano tem a ver com tudo, como se piscam os olhos, como se respira, como se fala... Com tudo. Tem que ser alguém que goste mesmo muito do que faz, é fundamental. E isso não vem nos currículos. Portanto, candidaturas a

profissões como esta, com currículo, nunca vamos encontrar “a” pessoa que faz a diferença. Essa diferença não está escrita no currículo.

A linha editorial de um canal de televisão influencia a sua forma de escrever os pivôs?

Influencia e, portanto, desafia.

Porque, e já há pouco falámos disso, na RTP não é mesma coisa que na TVI e o José Alberto admitiu que está mais solto e que aqui não é o mesmo que era lá?

Não, não sou, de todo. Mas é de tudo. São os repórteres, é a maneira como as reportagens são feitas, é a estrutura do jornal que é diferente, é o facto de, quando começámos este projeto profissional, havia uma novela juvenil que antecedia o jornal, os Morangos com Açúcar... “O homem é ele e as suas circunstâncias” e, portanto, se as circunstâncias mudam, o homem não pode ficar na mesma, senão é parvo e não está a avaliar bem e a fazer uma leitura correta da realidade. Um dos primeiros objetivos foi conseguir preencher a falha que havia entre o final dos Morangos com Açúcar e o jornal. Porque a série era para um público e esse público, que ia até às oito da noite, não queria ver o jornal. Como é que se resolvia o problema? Foi difícil, mas resolveu-se. Esta empresa tinha esse problema há oito anos, sem o conseguir resolver.

O Sérgio Figueiredo [Diretor de Informação] disse-me na entrevista que o José Alberto está melhor agora, como pivô, do que quando era diretor. Concorda?

Estou, claro! O meu telefone não toca, há decisões em que eu posso ajudar, mas são do Sérgio.

Anexo nº 6.

Entrevista José Carlos Araújo. 28 de julho de 2017.

Zé Carlos, vamos olhar um bocadinho para o teu percurso. Começaste na rádio e depois foste parar à TVI um bocadinho pelo entretenimento. Uns anos depois, decidiram apostar em ti para a apresentação de jornais. Portanto, como é que isso se deu?

Na rádio começou desde miúdo, desde os 16 anos, em 1987. Mantive a rádio como hobby até concluir a minha licenciatura em gestão de empresas, em 1994.

Não és licenciado em Jornalismo?

Não, lamento.

Mas tiveste alguma formação específica, mais tarde?

Tive alguma formação em jornalismo, mas uma coisa muito básica. Na rádio, fui desenvolvendo alguns trabalhos. De quando em vez, na rádio, tinha alguns trabalhos na área do jornalismo, para além de funcionar como animador. Logo nos primeiros anos, talvez aí no início da década de 90, lembro-me de ter feito a cobertura das eleições legislativas de 91, aqui na zona de Setúbal. Fui fazendo alguns trabalhos também na área do desporto local. Até 94, levei a rádio como um part-time e fazia-o por prazer, na minha zona de residência. Concluída a minha licenciatura em 94, mantive-me a trabalhar na rádio, mas experimentei outras coisas na área da fiscalidade, formação em análise financeira... Andei uns dois anos e meio mais na minha área de formação académica, mas mantendo sempre a rádio como hobby até 97, na Voz de Almada. Em 97, passo para a Rádio Capital, em 98 ganho um concurso de valências na RTP, que agora faz falta à televisão. Digo valências porque simulava testes para pivôs de jornal, para repórteres em termos jornalísticos, talvez algum entretenimento... Aquilo era uma mescla de uma série de experiências. Entretanto, no ano de 99, não aconteceu nada, mantive-me na Rádio Capital a fazer a animação do programa da manhã. Em 2000, apresentei uns 8 programas na RTP de música ao vivo, com uma orquestra, com o maestro José Marinho e, em 2000, surgiu o convite para apresentar os diários do *Big Brother*, um género de

um jornal com as incidências do programa e com reportagens com famílias e os amigos, esse tipo de coisas. Eu aceitei. Deixei a possibilidade que tinha de continuar na RTP em 2000 e segui para a TVI.

E era isso que tu querias? Entretenimento? Ou ainda não sabias bem?

Quem é que sabia o que é que era o *Big Brother* em 2000? Ninguém sabia ao certo. De qualquer das formas, aquilo tinha o seu quê de apresentador de noticiário, ainda que um noticiário naquele universo. Permitia-me ter uma experiência mais assídua e regular na televisão, que não acontecia na RTP, onde eu não tinha nada garantido ou assegurado. E, portanto, aceitei passar para a TVI. E por aí continuei a fazer esse percurso entre 2000 a 2005, entre *reality shows*, um programa de desafios mais ou menos radicais que foi o *Fear Factor* em 2004, gravado em Buenos Aires, na Argentina... E, pelo meio dos trabalhos relacionados com os *reality shows*, iam surgindo outras experiências: a cobertura jornalística do casamento dos então príncipes Filipe e Letizia e algumas reportagens que iam surgindo com cunho informativo. Não sei se pelo meu estilo, acho que as pessoas foram olhando para mim como potencial recruta para a área do jornalismo.

E essa transição acabou por acontecer quando?

Em 2003 deixei a Rádio Capital. De 2004 a 2006, estava na rádio Antena 3, também no programa da manhã. Eu estive 7/8 anos a fazer o programa da manhã.

Mas já não estavas na TVI?

Estava. Mantive até 2006, até passar para a informação na TVI, a televisão com a rádio em paralelo. Em 2006, surge quase como que de forma inesperada, digo quase porque eu já estava na TVI há seis anos. Portanto, podia surgir essa oportunidade. A Manuela Moura Guedes telefonou-me a lançar-me o desafio de forma genérica. Fui falar com ela. Ela remeteu-me depois para uma conversa com o José Eduardo Moniz e ele queria contar comigo, queria que eu enveredasse pela área da informação e que “esquecesse” o meu percurso.

Mas sem a componente da apresentação ainda? Ou já com essa componente na informação?

Não, deixava em absoluto a área do entretenimento.

Isso sim, mas o convite da Manuela e do José Eduardo para a informação já era com a componente da apresentação na informação?

Ah, sim, para apresentar o Diário da Manhã, na altura das 7h às 10h da manhã.

O desafio era esse, passares para o Diário da Manhã?

Sim. E definitivamente para a informação. Deu-me que pensar, durante 24h, porque eu andava numa estrada em que passava para os dois lados da via. De quando em vez, encostava-me mais à área do entretenimento; de vez em quando, encostava-me mais à área da informação. Ora, ali era virar. Claramente era virar e seguir o caminho da informação. Por isso, deu que ponderar. Havia outra questão também, que foi a mais relevante, mais até do que eu andar a flutuar nesse universo paralelo entre entretenimento e informação, que era a questão da rádio. Primeiro porque eu estava apenas há um ano e meio na Antena 3, depois porque estava super satisfeito, hiper motivado, mega realizado, tinha projetos, tinha desafios, tinha estímulos, estava a trabalhar com pessoas que me estimulavam profissionalmente... Estava feliz da vida na Antena 3.

E agora não estás?

Bom, agora estamos a falar de 10 anos depois. Agora também estou, sem dúvida nenhuma. Era só para te transmitir como eu estava satisfeito, realizado e estimulado naquela altura, naquela fase do meu percurso profissional na Antena 3, só para te dar uma noção do nó na garganta que foi. Além de que percebi que ia deixar a rádio. E eu até ali, até 2006, sempre me apresentei em todas as entrevistas, fosse para jornais, revistas ou teses de mestrado, como um homem da rádio a trabalhar na televisão. Sempre me apresentei assim. Eu sou da rádio e trabalho na televisão. E percebi que, ali, a partir de 2006, ia acabar essa conversa. Ia acabar a rádio. Ia dedicar-me em absoluto à televisão. Portanto, foram 24/48h com alguma ansiedade, com algumas dúvidas, mas também com a noção de que tinha algumas qualidades/capacidades para desempenhar

aquele papel e para aceitar aquele desafio com determinada garantia de qualidade, para mim mesmo. Não quer dizer que as pessoas, os telespetadores, viessem a simpatizar com o tipo que ia aparecer agora ali na televisão a dar as notícias ou que a direção de informação viesse a gostar daquilo que eu estava a fazer. Não tinha essa certeza absoluta, mas é bom quando tu tens uma dose de autoconfiança que te permita encarar os desafios. Isso dá-te alguma tranquilidade, dá-te também alguma estabilidade. Portanto, por esse lado, eu não tinha dúvidas de que ia ser capaz de desempenhar aquela função. É novo, vou experimentar. De longe, não sei tudo, vou aprender muito, mas é um universo no qual eu acho que posso ser bem-sucedido. E isso, claramente, também teve um peso significativo. Agora, digo-te que é, claramente, o momento da minha vida profissional mais dúbio em termos de sentimentos porque percebi que estava a deixar a rádio. Por sorte ou por azar estava a deixá-la num momento de felicidade e de realização profissional muito significativa. A partir de 2006, passei a apresentar o Diário da Manhã, onde estive de 2006 a 2009. Em 2009, abri a TVI24, transito para a TVI24.

Mas nesse período, apesar de seres pivô do Diário da Manhã, ias fazendo reportagens?

Não. Exclusivamente apresentador do Diário da Manhã. Pode ter acontecido qualquer coisa que não esteja de memória a lembrar-me... A partir de 2009, com a abertura da TVI24, em fevereiro, passo para a TVI24 como pivô dos jornais do final de tarde, ou seja, virei o meu dia 12h ao contrário. Em vez de estar no ecrã das 7h às 10h da manhã, passei a estar das 17h às 20h, que era também um desafio aliciante, claro. Estava a começar um canal de notícias, ainda que a SIC Notícias e a RTP Informação já existissem há algum tempo. Ali, na TVI, estava a começar um canal de notícias. E é sempre engraçado quando tu estás no momento zero das coisas, ainda que tenha sido o último a entrar em cena porque a TVI24 arrancou às 20h e eu fiz o último *slot*, no dia seguinte, das 17h às 20h. Era também algo novo, dinâmicas novas, equipas novas, estilos novos, claramente, em relação aquilo que eu estava habituado. Basta olharmos agora para o que se faz no Diário da Manhã e para o que se faz depois no resto do dia na TVI24, por muito diferente que seja aquilo que se faz agora, com aquilo que se fazia há 8 anos. E portanto, foi também mais um desafio. Creio que um ano, um ano e meio depois, no máximo dois, começo também a desempenhar as funções de editor dos jornais na TVI24. Ou seja,

passei a apresentar numa semana e editava noutra, foi mais um desafio que veio, que foi o de passar da frente da câmara para trás. Para a régie. Para a discussão do alinhamento do jornal, para a discussão editorial também. Acho que mudei de horário também, não tenho bem preciso até quando é que estive no horário vespertino, ainda que, como tu saibas, nós dançamos um bocadinho nos horários, mas essencialmente estava no horário vespertino. Depois fui mais para a parte da manhã, nomeadamente quando comecei a fazer dupla com a Lurdes Baeta entre edição e apresentação. Isso terá sido em 2012.

2010/2011 é o período crítico da TVI...

Sim. Foi mais um desafio. Mantive-me nesse registo entre 2012 e 2016, mas com poucas reportagens, com alguns diretos, nomeadamente no período pós-Troika, 2011/12/13/14, diretos de rua, de contestação, manifestações... Estou nesse tipo de registo até 2016 quando, para além da edição e apresentação de jornais, passei também para a editoria de jornais.

E a transição da apresentação da TVI24 para a TVI?

Sim, são estilos diferentes...

Não, mas quando é que isso foi? Vieram falar contigo, decidiram apostar em ti para a generalista?

Ah, isso foi há muito menos tempo. Isso foi no início deste ano, foi há 4/5 meses, em fevereiro ou janeiro.

Só há tão pouco tempo? Já estavas a apresentar o jornal da TVI antes desses 4/5 meses...

Não, eu ia apresentando o Jornal da Uma aos fins-de-semana e quando havia férias e folgas. Não era o apresentador residente. Os apresentadores residentes eram o Paulo Salvador, a Cristina Reyna...

Depois passaste a ser tu e a Cristina como residentes...

Sim, agora, a partir de fevereiro. Estou a ver se me lembro de mais algum apresentador do Jornal da Uma... O Pedro Pinto, Zé Carlos Castro antes de sair, quando o Zé Alberto chegou... O Zé Alberto e a Judite faziam a apresentação do Jornal das Oito portanto estaremos em 2011, o Pedro Pinto e o Zé Carlos Castro apresentavam o Jornal da Uma. Depois, o Zé Carlos Castro sai, entretanto o Pedro Pinto também, não tenho precisão, em 2014/2015. Em 2015 terá começado a Cristina Reyna talvez. Talvez a alternar com o Paulo Salvador.

Entrando agora no trabalho específico do apresentador do jornal ou do pivô. Vocês trabalham a partir de propostas dos jornalistas. As chamadas PP's (propostas de pivôs) e depois fazem as suas modificações. Quando tu tens uma PP à frente, o que é que tu pensas? Qual é o primeiro passo a tomar? Além de leres a peça, o que é que tu vais desconstruir, por assim dizer?

Numa primeira análise vou, como se costuma dizer, ao lead da notícia, ao assunto. Para além de algumas alterações que se possam fazer que estejam relacionadas com o teu estilo de leitura, com as tuas pausas ou ritmos que já estejas a imaginar que vais incutir à leitura daquele pivô, daquela notícia, daquele assunto. Para além disso, eu preocupo-me em que o lead da notícia não demore e que esteja o mais rapidamente presente na forma como o jornalista apresenta a notícia, passo a redundância da expressão. Ainda que eu admita que não deve haver uma leitura dos pivôs absolutamente fechada. Admito que, nalgumas circunstâncias, existam assuntos que permitam, que justifiquem, ou que se adequem a uma introdução, a um enquadramento do assunto, a uma referência a algo que despoletou aquela notícia à qual vamos voltar. Perfeitamente de acordo. Mas por norma, nós damos notícias da atualidade, daquilo que aconteceu nas últimas horas e, portanto, eu procuro o lead da notícia. Depois, no texto que o colega faz, procuro por alguma informação que eu considere relevante, ainda que por técnica eu entenda que o pivô está feito com duas frases. E é em duas frases que eu tenho que por o essencial da notícia, que tenho que introduzir a notícia.

Tu és considerado um pivô mais sério do que os outros, a não ser no final do jornal, quando tu brincas um bocadinho às vezes com determinado assunto...

Não sei exatamente o que queres dizer com mais sério. Se estás a falar da expressão facial mais fechada...

Mais circunspecto...

Talvez. Sim, admito que sim.

Mas é uma coisa intencional ou é-te natural?

É como é.

Isto porque quando se está à frente de uma câmara, tem que haver mais comunicação para além daquilo que nós estamos a dizer, a chamada metalinguagem.

Sim, por isso é que eu te ia dizer, tento concentrar-me e ser perspicaz para assuntos que permitam alguma ligeireza a nível da expressão facial, da apresentação, do tom com que o fazes, estar disponível para isso. Às vezes, nem sempre sei porque há momentos de *stress* e sai-te com o registo que te é mais regular. Mas admito essa apreciação de uma expressão facial mais séria ou mais formal se o quiseres, admito. Também, por outro lado, admito que consigo provavelmente ser daqueles mais disruptivos em termos da formalidade média de um jornal. Ou seja, acredito que, por norma, seja capaz de ter a imagem ou das imagens mais formais, mas também acho que sou daqueles que mais sou capaz de fazer o 80, de estar no 8 e depois ir ao 80, desconstruindo um assunto ou fazendo uma abordagem fora da caixa. Procuo isso.

Sim, como naquela peça sobre a volta ao mundo feita por um português num curto espaço de tempo e tu disseste: “Eu vou dar também uma volta, mas é só de 23h e estou cá amanhã.” Este tipo de abordagem?

Sim.

Mas isso cria também uma ligação com o espectador...

Obviamente.

São coisas naturais? Não são pensadas?

Eu sou muito adepto daquela teoria de que o maior improviso é o que é preparado. Portanto, não te vou mentir. Agora, se há coisas que saem 30 segundos antes ou 1 minuto ou meia hora... Não te consigo traçar o perfil do meu método de trabalho em relação a isso. Porque há coisas mais importantes para pensar durante o jornal do que a saída ou a passagem para uma coisa mais leve ou um assunto mais suave. Agora sim, tanto posso pensar nisso 10 minutos antes e inclusivamente dizer ao editor do jornal “se fechássemos com aquela peça é que eu ia achar engraçado”, porque estou a pensar que sou capaz de fazer qualquer coisa de diferente com um encerramento ou com uma alusão ou com uma passagem ou uma sequência de abordagem àquela peça. Ou também posso estar perante um momento em que é ali, no minuto, em 30 segundos, em que sou capaz de encontrar uma fórmula não tão formal ou expectável de abordar uma despedida ou de fazer uma transição.

Tu fizeste duas transições em direto com a Maria Marujo e a Sofia Fernandes “na Praia da D. Ana, D. Maria Marujo” e depois “na praia da Aguda mas no tom grave de Sofia Fernandes”.

Bom, essa aí... Sim, eu faço esse género de coisas. E faço de consciência completamente tranquila e preparado, porque acho que isso é um assunto que tem ligeireza para fazer esse tipo de abordagem e também porque crio alguma proximidade com os colegas que estão lá fora a trabalhar nessas reportagens. Sendo que, nesse caso, a minha preocupação foi talvez foi brincar com o tom de voz da Sofia Fernandes que é um tom mais grave. Aí tentei que a minha referência não fosse só para uma das colegas, ou seja, estavam as duas a fazer o mesmo produto e eu já tinha feito uma introdução particular e específica para com a Maria, também o procurei fazer em relação à Sofia. Não faço a mínima ideia se isso me saiu 5 minutos antes, meia hora antes... não sei.

Isso leva-me a perguntar-te outra coisa. A tua capacidade de improviso, tu és dos pivôs que mais improvisa. Mesmo quando tens teleponto, às vezes tens um pivô escrito no teleponto e não lês nada do que lá está e não parece, parece que aquilo está a ser lido.

Como é que tu consegues explicar isso?

Vem da rádio.

Mas é natural?

É. É-me natural no sentido em que já me aconteceu de tudo. Do risco total, de aconteceu alguma coisa, desligou-se o computador, ficaste sem teleponto, estás sem comunicações, estás cheio de dúvidas por onde vai seguir o alinhamento porque houve um problema qualquer de comunicação... E é o risco total. E estou a abordar um assunto sem a certeza absoluta se é aquele caminho, se vou para direto, se vou para reportagem, se vou para intervalo, qualquer coisa... Se bem que eu acho que não era bem nesse aspeto que tu te estavas a referir, era mais na análise em termos de conteúdo...

Mas isso também faz parte do improviso...

Sim, mas não há ali técnica. Ali há capacidade.

Ou seja, tu não sentes necessidade de improvisar?

Não, eu não faço isso por norma. Não faço isso enquanto desafio, do género “bora lá divertir-me e bora lá arriscar e tentar ler este pivô, ser só criativo”. Não, eu leio os pivôs todos do jornal. Quando eu digo todos, leio 97%. Em 60 há 3, 4 no máximo que eu não li. E se calhar já é muito. Porque eu faço questão de os ler. E é isso que me permite, também, num determinado momento ser capaz de improvisar, podes-lhe chamar ter uma abordagem diferente à notícia, porque tens uma noção do assunto sobre o qual estás a falar. Portanto, não é técnica, não é criatividade. Não é técnica porque eu não faço aquilo porque tenho que fazer ou porque me apetece fazer. Faço porque se justifica naquele momento, porque falhou qualquer coisa, porque aconteceu algo que me obrigue a reformular a introdução de determinada notícia que vem a seguir porque o alinhamento mudou e porque tenho que fazer determinada ponte. Não é técnica, é obrigação. Não é criatividade, é capacidade. É improviso, um improviso consciente. Não é um improviso às cegas. É um improviso com bases. Bases que advêm da forma como me preparei para o jornal.

Achas que essa tua capacidade de improviso foi o que levou a direção de informação a apostar em ti para as manifestações, para a Grécia, para os incêndios...?

Acho que sim.

Sempre que há alguma coisa mais de rua, mas que tem alguma movimentação, tem algum significado, recorrem muito ao Zé Carlos.

Não, não é o Zé Carlos. Há muitos outros que vão. Mas acho que sim. Acho que é a noção ou é a dose de certeza que têm de que, felizmente, em cenários diferentes, eu consigo lidar com uma série de variáveis que são mais ou menos previsíveis. E houve situações dessas onde eu estive, nomeadamente na Assembleia da República, quando houve aquela o apedrejamento aos polícias com as pedras da calçada, inclusivamente a Patrícia Matos foi atingida por uma pedra. Aquilo foi um momento de alguma agitação. Eu confesso que acabei escondido atrás de um leão, com o Miguel Bretiano, ele com a câmara de fora, eu a agarrá-lo. Ele filmava e eu via quando é que as pedras vinham na nossa direção e puxava-o para trás. Portanto, foi um momento de alguma tensão. Momento também de tensão na descrição do que estava a acontecer. E, para mim, mais relevante é ouvir depois as opiniões sobre isso. Mais relevante do que estar ali em cenários de perigo como aconteceu ali, ou como aconteceu na Grécia, porque aí eu estou a trabalhar e a tentar lidar com o assunto, já vou ali ao caso da Grécia para te falar de uma variável ali que por um segundo me deixou a pensar, ou por vários segundos separados ao longo do tempo. Mas o que me interessa a mim é perceber que os outros ficaram satisfeitos com a narração, a descrição e com o relato do que estava a acontecer. E houve esse retorno quando aconteceu isso na manifestação da Assembleia da República. Os outros que trabalham contigo vão descobrindo as tuas capacidades à medida que tu também as vais revelando... E, independentemente de todos os trabalhos que eu já tivesse feito, é verdade que também fiz alguns que terão revelado algumas das minhas capacidades e qualidades para desempenhar funções em determinado tipo de cenário. Isso aconteceu com alguma assiduidade na fase inicial da Troika. Colecionei imensas manifestações, desfiles, concentrações e reportagens, quer com políticos, quer com cidadãos ou organizações. O que aconteceu na Grécia: há ali uns segundos separados, não são uns segundos juntos, são segundos individuais, em que estás num momento de tensão e de agitação à tua volta, de algum descontrolo.

Algum descontrolo é dizer pouco...

Sim, e que há quando tu és atingido fisicamente. Quando tu, a meio da narração vês um tipo de pé apontado para cima de ti e a partir o visor da câmara ou quando me atiram

com uma garrafa de água... Por um segundo olhas para ti próprio e ficas a pensar “é água ou é ácido sulfúrico?”. E é água, e segues com a reportagem. Ou quando tu vais a pé a desfilas e vês uma série de indivíduos com um porte físico extraordinário e ficas na dúvida se são autoridades ou vêm partir isto tudo...

Já para não falar do gás pimenta...

Sim, já nem me lembrava desse episódio. Mas aí és afetado nas tuas capacidades físicas para aquilo que estavas a fazer. Estás num país estranho, com uma língua impercetível, num momento de tensão social, económica, política no seu expoente máximo. Estás num território que te é desconhecido. E estás à noite e, como tal, há ali uma série de variáveis que tu não dominas. Independentemente das referências de atiraram-te uma garrafa, viste-te em dificuldades por causa do gás pimenta e tiveste que sair a correr ou a câmara desligou-se porque deram um pontapé naquilo e partiram-te aquilo tudo, o que me interessa, o que retenho e o mais relevante para mim é o facto de as pessoas terem ficado, espero eu, satisfeitas com a narração que eu fiz daquilo que estava a acontecer. Isso é claramente o mais relevante.

A Judite dizia-me no outro dia que achava que os pivôs deviam ser como nos Estados Unidos, o pivô à americana, que quando acontece alguma coisa excepcional ou extraordinária, vão para o local.

Temos feito isso. A TVI tem feito isso.

Sim, e tu inclusive és uma dessas pessoas.

Sim, claro.

Portanto, tu concordas com essa personalização da informação?

Sim, não só porque os pivôs são as caras da informação, como também dão um determinado peso à forma como a estação se está a envolver na cobertura de determinado acontecimento. Portanto, sim, estou completamente de acordo desde que o pivô tenha qualidades para isso.

E também vai conferir alguma credibilidade àquilo que está a acontecer?

Já não vou por esse lado. Não retiro credibilidade aos meus colegas que estão a trabalhar no terreno, não faço essa análise. Não me julgo a mim melhor que os que fazem os diretos no meio do fogo, nem pouco mais ou menos. Aliás, há vários que serão muito melhores que eu a fazer esse tipo de trabalho. E eu serei mais indicado para fazer outro tipo de trabalho. É normal, é como tudo na vida. Diria que, fazendo um pouco de autoavaliação, eu acho que sou um profissional com várias valências, equilibradas, para dar garantias que sou capaz de ter um desempenho minimamente aceitável, credível, em diferentes cenários e em determinados contextos.

Qual é a principal característica que tu destacas num pivô, ou as principais, e o que é que é preciso para se ser um bom pivô?

Eu acho que para se ser um bom pivô é preciso teres uma boa capacidade de foco na notícia que tu estás a apresentar. Porque, em qualquer momento, podes ser chamado ao lançamento de um direto ou a teres uma entrevista. Eu foco-me claramente na notícia e no contexto da notícia. Gosto de estar minimamente à vontade. Não tenho a ousadia de dizer que domino da mesma forma todos os assuntos que passam pelo jornal. Mas foi um dos desafios que a TVI24 trouxe foi o pivô do jornal ser “obrigado” a ter uma noção, no mínimo mediana, sobre quase todos os assuntos porque no mesmo dia somos chamados a falar sobre política internacional ou sobre saúde ou sobre desporto, política nacional, fiscalidade, economia... A paleta é muito variada. E isso foi um dos desafios mais estimulantes com a passagem para a TVI24 e que no meu caso também me ajudou a ter outra bagagem. Portanto, o meu principal foco é no contexto da notícia e na notícia, no assunto e estar preparado para abordá-la para além da reportagem que estamos a fazer.

Disseste que para seres um bom pivô precisas desse foco por causa dos lançamentos de diretos, é preciso fazer isto, é preciso ir aqui... Mas só te referes ao foco? Que mais é preciso para se ser um bom pivô?

Boa voz, boa dicção, uma apresentação estética equilibrada ou em termos de expressão corporal equilibrada... O que eu acho que faz a diferença no pivô é quando o pivô não está no papel de pivô, ou seja, quando sai para o exterior e quando é capaz de fazer no

exterior aquilo que faz em estúdio com as variáveis quase todas controladas. Quando tem o teleponto, quando tem as luzes aqui, quando sabe que pessoas estão ali... No exterior há ruídos, não são as mesmas condições de trabalho... Por acaso, nos últimos dois ou três jornais, já havia teleponto, mas muitas vezes trabalhamos sem teleponto ou, pelo menos, eu trabalhei.

Como em Pedrógão, por exemplo?

Em Pedrógão, sim, tive teleponto, mas aquilo acabava por ser meramente indicativo porque havia peças que entravam pelo meio. Acho que há essas características técnicas para se ser um bom pivô. Agora, não quer dizer que um bom pivô que seja “só” um bom pivô de estúdio não seja um bom pivô. Mas, a mim, o que me dá gozo é ver que um bom pivô de estúdio, onde eu sei que tem a maioria das variáveis controladas, é capaz de ter um desempenho ao mesmo nível no exterior. Isso, para mim, é que acho que é a mais-valia.

Se estivesses noutra canal de televisão alterarias os pivôs da mesma forma como hoje fazes?

Creio que sim, não tenho qualquer tipo de razão para não pensar nesse sentido. Agora, confesso-te que é um universo que eu desconheço. Estive sempre na TVI.

Ou seja, a linha editorial da estação de televisão não influencia a forma como tu...

Bom, isso obrigar-me-ia a ter um conhecimento relativamente profundo da linha editorial das outras estações para além da perceção que eu tenho para além de telespectador.

Ou pelo menos a audiência e o público da TVI, que tu conheces...

Eu não nego que os pivôs precisam de ter impacto para agarrar o telespectador, mas não é aquele impacto com aquela nuvem de sensacionalismo. Isso não me move quando eu começo a construir a primeira frase do pivô. Não é algo que me preocupe, que eu analiso ou pondero. Portanto, se me dizes se teria outra técnica noutra estação? Não creio. Faço uma abordagem muito pragmática ou até dogmática, pelo menos na perspetiva com que analiso a apresentação, não faço malabarismos. Não sei porque é

que noutra canal deveria fazer diferente. Mas é um universo que desconheço. Dou esta resposta obviamente com esse distanciamento.

Entrando agora na relação com o editor, e tendo em conta que ainda hoje fazes de editor de jornais, como é que tu vês a relação entre pivô e editor? Ou seja, na TVI é o editor que decide o alinhamento, mas eu também já reparei que os editores mudam a sua forma de trabalhar. Por exemplo, quando é o Zé Alberto, os editores não ordenam. Perguntam, pedem, aconselham... Como é que tu vês a relação entre pivô e editor? O pivô tem que ter alguma coisa a dizer sobre o alinhamento do jornal?

Eu acho que tem. O pivô está a dar a cara e é o intérprete. E incute um cunho, claramente, na forma como apresenta ou como gere o jornal e, portanto, acho que a opinião do pivô é claramente relevante. Enquanto editor, se me vais perguntar “alguma vez tomaste uma decisão sem consultar o pivô e só o informaste?”, a minha resposta é sim, já, nomeadamente na TVI24. O ritmo por vezes é alucinante, não dá. É um risco que tu assumes. Agora, eu tenho confiança suficiente com os meus colegas para o meu colega pivô por em causa ou por em questão ou por em consideração (utiliza a palavra que quiseres) essa opção. E eu estou lá para ouvir e decidimos, ou decido eu, em última instância quando estou na régie. Decido eu enquanto editor e assumo a responsabilidade. Mas há esse espaço e confiança pessoal e profissional, no meu caso, para o meu colega pivô que está do outro lado me dizer “mas olha lá, não será melhor fazer isto?”, “mas, não valerá a pena fazer de outra forma?”, e eu estou perfeitamente disponível para ouvir isso. Como tu também percebes, há uma série de decisões que são ali tomadas. Se calhar são tomadas 20 decisões num jornal. Se eu já tiver mudado “N” das minhas opções ou pensei de uma maneira e depois acabei por executar de outra porque o pivô teve uma outra ideia, porque teve um ângulo de abordagem e me fez ponderar? Sim, já mudei algumas vezes.

Falaste no ritmo alucinante e eu lembrei-me desta questão: os pivôs não veem as peças antes de irem para o ar. Consideras que isso é um problema?

É. Mas, também como sabes por experiência de redação, há muitas peças que estão prontas no dia em cima do jornal. Eu gostava de ver as peças sem ser no ar. Gostava, não com ar de censor, mas gostava de saber claramente aquilo que vou apresentar. Até

porque, às vezes, dava jeito perceberes o tom de abordagem e às vezes não sabes. Quer dizer, tens uma noção pelo pivô, pelo texto da peça, mas ainda assim era melhor vermos a peça. Mas não é viável.

Que características é que tu achas que tens como pivô que te possam diferenciar de outros? Seja na própria TVI ou com a concorrência...

Isso é uma pergunta para a qual eu não tenho resposta, porque também não é algo que me preocupe. Eu não tenho preocupação em diferenciar-me e em ser diferente, eu tenho preocupação em fazer bem, em fazer como eu quero fazer, sabendo que esse como eu quero é suficiente para agradar ao espetador e agradar aos meus superiores hierárquicos, ao editor de jornal... Este agradar não é um agradar de estar a fazer um favor; é ter um desempenho aceitável. Portanto, eu não tenho essa preocupação de me diferenciar.

Mas tens uma avaliação de ti enquanto pivô?

Claramente, o que me pode diferenciar é a ambição que eu tenho para avaliar um pivô como sendo um bom pivô, que é ser capaz do imprevisto, da gestão menos formal da apresentação das notícias, de estar fora do estúdio ou de fazer transições em estúdio ou abordagem a diretos ou reportagens ou a peças sem estar agarrado ao texto do teleponto.

Achas que a tua voz também não é uma característica que te diferencia?

Boas vozes há muitas. Acho que tenho uma boa voz mas daí até ser uma marca distintiva... Sim, já algumas pessoas me reconheceram pela voz. Um dos episódios que me fica do meu percurso profissional é quando, em 2002/03 eu estou no Brasil e encontro alguém... 2002/03 porque já tinha participado em programas de exposição massiva, onde já tinha trabalhado num universo de milhões, Big Brother. E há uma pessoa, já não me lembro quem, que fala comigo e me diz “José Carlos Araújo, muito prazer em conhecê-lo, gosto muito do seu trabalho e é ótimo fazer-me companhia durante a manhã na Rádio Capital”. Isso aconteceu e ele fez uma alusão específica ao meu trabalho, já não me lembro qual, na rádio. E isso já tinha acontecido também quando fazia reportagens na rua, já no universo de *reality shows* e de audiências muito

significativas. De quando em vez, aparecia alguém que me dizia “gosto muito de ouvi-lo na rádio”. Isto para te dizer que, na rádio, a capacidade ou a possibilidade que se abre de tu apresentares características distintivas é um desafio muito mais estimulante porque só estás a trabalhar com a voz, enquanto na televisão estás a trabalhar também com a expressão corporal e com a estética.

E tens um reconhecimento automático porque veem a tua cara...

Claro, enquanto na rádio vais cativando as pessoas pelo teu tom de voz. Só pelo tom, pela entoação, pela forma como dizes as coisas, como apresentas as notícias, o entretenimento, o trânsito e a meteorologia. É por aí. É um desafio muito mais estimulante. E quando aparece esse reconhecimento, valorizo isso cem vezes mais que o facto de aparecer na televisão, que é uma aparição imediata à frente das pessoas e quando te podem abordar porque tu és bonito, porque és feio, porque és loiro, porque és moreno, porque és alto ou magro...

Mas tu lidas bem com esse mediatismo automático?

Eu cheguei à televisão com 30 anos, com um filho e casado. Ou seja, eu já não cheguei em fase de deslumbre, se é que alguma vez na vida passei por uma fase de deslumbre,... E já lá chego com 13 anos de rádio. Metade, se tu quiseres, de forma meio amadora, outra metade já com um cunho claramente profissional. Como se costuma dizer, já chego batido no meio.

Imagina que eras diretor da informação e precisavam de alguém para pivô. Em que é que tu irias pensar ou como é que tu tomarias uma decisão para determinar e apostar na pessoa? O que é que tu procuravas?

Procuro alguém com boa capacidade oral, boa dicção, boa entoação, boa imagem de base. Procuro alguém que seja capaz de fazer boas entrevistas, que seja minimamente perspicaz nas entrevistas, ainda que muitas vezes as entrevistas sejam tão curtas que, enfim, são aquelas 3/4 perguntas que se impõem a fazer. Alguém que seja esperto para aquilo que lhe estão a dizer. Porque, repara, eu já testemunhei momentos em que o interlocutor está a dizer coisas relevantes e, se calhar, o entrevistador já está com a próxima pergunta engatilhada e está a ignorar completamente o que o interlocutor lhe

está a dizer, independentemente da relevância que isso tenha. Estás a deixar escapar alguma coisa. Para além disso, e por defeito profissional, eu gosto muito de perceber, é como estavas a dizer há pouco, a capacidade de improviso, ou seja, quando te falta o tapete e tens que ser tu a aguentar uma emissão.

E isso só se ganha com a experiência...

É um defeito profissional que eu trago da rádio onde não há teleponto, onde há um guião mínimo de encaminhamento da emissão, claro, e onde há uma gestão, ali, em direto. É um desafio muito estimulante e é uma perspetiva que eu gosto de perceber.

O jornalismo mudou, digamos nos 10 últimos anos, de uma forma completamente transcendente. Hoje em dia, quando já ninguém vê um jornal do princípio ao fim, já ninguém se senta para olhar a televisão como antes era, não sei se partilhas dessa opinião mas acho que sim...

Sim, claro que sim.

Portanto, a pessoa está a ver televisão, tem o *smartphone* na mão e está a receber as notificações, ao mesmo tempo. Depois, é também o próprio “ruído” que aparece no ecrã, no rodapé, o *lead*, quando há os “duplex”, “triplex”... O pivô quase que entra numa competição para captar a atenção do espectador.

É verdade.

E como é que tu tentas ganhar essa atenção?

Eu acho que isso é muito subjetivo porque, como eu tento ganhar umas pessoas, pode não funcionar para outras... É muito subjetivo.

Mas não tens isso em conta?

Não, não consigo ter.

É uma luta desigual?

Não, vamos lá ver uma coisa: tu estás a falar de ferramentas que eu considero que são relevantes. O *ticker* com a atualização das principais notícias do dia, para mim, é

relevante. Porque eu posso chegar a um canal de notícias, ver os primeiros 10 minutos do noticiário, perceber quais são as notícias que estão em destaque, ver no *ticker* as outras que não estão em destaque e ficar com uma noção mínima do que está a acontecer e do que também é relevante. Primeiro aspeto, portanto, acho o *ticker* uma ferramenta fundamental. Dir-te-ia até que, se algum dia fosse diretor da informação, ponderaria que o *ticker* também existisse no canal generalista. Segundo aspeto: em relação às questões dos “duplex” e “triplex”, eu encaro isso com alguma naturalidade. Encaro isso como um resultado dessa voracidade a que as pessoas se entregam de receber informação, por vezes, em volume significativo em conteúdo mínimo. Mas é muito por aí que também se caminha, não quer dizer que nós o tenhamos de fazer, mas o caminho é muito arriscado nesse sentido. Ou seja, uma abordagem, não diria superficial, não estou a dizer isso, também não quero dizer minimalista, mas uma abordagem mínima ao assunto, que depois é desenvolvido nos canais de cabo, nos debates, nas entrevistas, nas discussões, nos canais temáticos, seja um canal de economia, seja um canal de desporto, ou de entretenimento. Mas hoje em dia as pessoas sabem das notícias pelos tópicos, pelos *feeds* das redes sociais...

Mas isso é uma ilusão de que a pessoa está informada? A pessoa não está completamente informada...

Está minimamente informada. Sabe das coisas. Depois se sabe o porquê das coisas ou as consequências das coisas, aí, tenho algumas dúvidas. Agora, sabe das coisas. Mas digo-te que isso é bom. Eu tenho que me por na pele de espetador para perceber também a maneira como os que nos veem se comportam. Nós vamos chegar à parte em que, num telejornal, o espetador vai ver o que quer. Hoje em dia, já quase que o pode fazer porque pode andar com algum *delay*. Se estiver a ver em diferido o jornal, pode andar para trás e para a frente na *box*. Vamos chegar ao ponto em que o telespetador vai ter o alinhamento disponível *a posteriori*, entenda-se, não vais chegar às 8h da noite e tens o alinhamento do jornal e das peças e vais carregar em cada peça. À medida que as peças vão estando disponíveis, ou depois em diferido, já nem vai andar para a frente na *box*, vai escolher, vai ao menu. E vai lá ver “greve no hospital”, “roubo de cofre” ou “assalto a Tancos” ou “incêndio a norte”, vai lá, clica e vai ver aquela reportagem e vai ver aquele pivô.

Mas isso pode ser negativo... Porque cria uma segmentação da informação.

É o que vai acontecer. Não é, como se costuma dizer, um pau de dois bicos. É uma série deles, porque primeiro sim, vai segmentar. Segundo, o jornal, assim como os canais, já não são produto único, já não é a noite da TVI. Qual noite na TVI? A noite é ver a novela, vêes o episódio do dia anterior, vêes a novela em diferido, vêes o jornal em diferido ou vêes o programa de entretenimento.

Eu nisso consigo fazer uma analogia com o futebol: é a mesma coisa que eu ser do Benfica e só querer ver os jogos do Benfica e os resultados do Benfica e não querer ver o Porto ou o Sporting...

O telespetador tem essa liberdade. O telespetador tem a liberdade, volto a dizer, *a posteriori*. O jornal é emitido e, a partir do momento em que a notícia é emitida, fica disponível. Portanto, tu chegas a casa às 20:20h, ligas no jornal da TVI e tu é que escolhes as peças que vais querer ver das 20h às 20:20h e dali para a frente. Não vais estar a ver o antes do jornal, nem vais estar a andar para a frente na *box* para saltar uma outra notícia. Vais lá ao menu e escolhes as notícias que queres ver. Isso tem o problema da segmentação, mas tem outro problema ou outra variável que são as audiências. Já o transmitem de determinada maneira, já se consegue perceber ao minuto como é que os telespetadores vão evoluir. Mas, aqui, é diferente porque as audiências vão mostrando que o espetador está a ver e depois não gosta ou não se sente atraído por aquela reportagem ou por aquela notícia e pode mudar de canal. Isso vai ser muito diferente, vamos perceber quais são as notícias que os espetadores escolhem para ver.

Isso pode influenciar a maneira como depois se fazem...

Pode, mas repara, isso não é nada que já não exista nas redes sociais nem na coluna “mais vistas”. Está lá o alinhamento.

Mas hoje vocês já conseguem ver quais foram as peças mais vistas e a audiência do dia...

Sim, mas o que eu te estou a dizer é que aqui há algo muito mais direto. Vais lá e clicas. Queres ver aquela reportagem, aquela peça. Nas audiências, temos que dar ali um desconto de tempo para flutuar em que o espetador não se interessa muito pela

primeira notícia, ainda fica, não se interessa por duas notícias seguidas, muda de canal. Há algumas oscilações. Ali não, é direto. Dá para perceber que carregou para ver aquela notícia. Portanto, isso vai ser um dado relevante. Volto a dizer, é o que já acontece na coluna das “mais vistas” *online*. Isso já acontece. Depois, na minha perspectiva, a televisão vai ter que viver cada vez mais da qualidade de imagem e da capacidade de contar histórias. Porque a notícia da atualidade, a notícia do dia-a-dia, isso vai seguir pelos *feeds*. O telespetador não vai precisar do jornal generalista para saber disso. Já vai ver nos *smartphones* ou coisas assim. Quando te estava a dizer aquilo da imagem é por uma razão, porque a qualidade da imagem dos televisores está a evoluir bastante e, portanto, esse é outro fator que vai cativar o espetador: a qualidade de imagem.

E a TVI está atrasada porque ainda não transmite em alta definição...

Exato. É a qualidade de imagem, é a qualidade de emissão, é a qualidade da imagem em termos da qualidade estética da imagem, a forma como é filmado... Porque, para veres *talking heads* [cabeças falantes], vês no *smartphone*; para veres um ministro a dizer algo sobre qualquer coisa, vês no *smartphone*, não precisas de uma televisão. Não precisas. Não precisas de ver aquilo num ecrã, não tem relevância. Se for uma notícia sobre um conselho de ministros não tem relevância. Se for uma reportagem sobre cheias, sobre incêndios, sobre uma história, sobre um determinado tipo de enquadramento, isso pode ser relevante veres num televisor de metro e meio de largura com uma qualidade de imagem muito significativa. E é para aí que eu acho que a televisão vai evoluir. Só pode. Vamos lá ver uma coisa, tu podes ver no *smartphone* uma expedição ao Alaska, podes ver uma reportagem de minuto e meio. Mas não vais ver uma coisa de 20 minutos ou de 10 minutos de uma expedição ao Alaska, não vais. Isso faz sentido ver na televisão. E, aí, podes dizer “mas nas notícias do dia-a-dia são muito poucas aquelas que vão requisitar uma qualidade de imagem extraordinária”. Bom, mas já vamos tentando diferenciar, não é, com os *drones*, com as *GoPros*, sempre que se justifica, claro. Não vou fazer uma reunião do Primeiro-ministro com o Presidente da República com uma *GoPro* ou um *drone* a ver a saída da reunião.

Se calhar para o Marcelo um *drone* não é mal pensado...

Um não, vários. Portanto, o que eu te quero dizer é: a televisão vai ter que tentar cativar o espetador por outro lado. Não é por acaso, repara, que há regras claramente definidas e que se impõem para o registo de reportagens de *smartphones*. Porque quando estás a fazer uma gravação em *smartphone*, não podes estar a filmar daqui, nem podes estar a filmar com grande enquadramento, tens que filmar a tua cara porque é a tua cara que vai aparecer aqui em primeiro plano... Não faz sentido. Enquanto numa reportagem para uma televisão, posso-te por aqui a 4 ou 5 metros e filmo daqui, “olha o enquadramento, olha a árvore, olha o sol...” Para o *smartphone*, esquece isso. A tua cara não pode estar aqui a 5 metros da câmara ou a 10 metros. Portanto, claramente, vai-se começar a diferenciar a forma como se aborda a notícia. É aliás, e só por atalho de foice e só para juntar mais uma outra ao meu currículo, ainda que de uma forma ainda algo televisiva, nós, TVI24 e TVI, nos concertos já estamos a fazer transmissões para as redes sociais. Já fizemos isso no NOS Primavera Sound, vamos fazer agora no Vodafone Paredes de Coura... E fui que eu fiz. Chegámos a ter períodos de audiências de 60 mil, há muitos programas no cabo que não têm audiência de 60 mil. E passaram por lá 60 mil tipos a ver-nos a lançarmos entrevistas das bandas, nós a lançarmos duas ou três músicas e eu no *plateau* e a entrevistar... Portanto isto está para mudar, vai ser a democracia levada ao extremo e o espetador vai escolher aquilo que quer ver.

O NY Times chegou à conclusão que as pessoas não se importam de pagar pela informação desde que ela seja boa informação. As grandes reportagens do NY Times eram as mais vistas.

Sim, e eu acho que é por aí que a televisão vai ter que se fazer.

O facto de não seres licenciado em jornalismo alguma vez influenciou alguma coisa, achas que isso te faz diferença?

Eu fui acumulando experiência em cima de experiência.

E experiência muitas vezes vale mais que uma licenciatura...

Se me dizes, hoje em dia “se calhar estás arrependido”. Eu sou um tipo de arrependimentos mínimos e, portanto, não estou arrependido de nada. Naquela altura

na minha vida, achei que era uma boa possibilidade avançar pela gestão de empresas. Correu melhor a parte da rádio e eu decidi ir para a rádio. E resolvi ir para a rádio sem estar a pensar na televisão, atenção. Eu resolvo apostar na rádio em 97 e vou a um programa da RTP “O Assalto à Televisão” porque me inscreveram, atenção. E a primeira coisa que disse quando me telefonaram a dizer que eu tinha sido um dos selecionados foi: “nesse dia não me dá jeito nenhum, eu acho que não vai dar”, porque tinha uma entrevista para fazer na rádio. “Então e se vier cá noutro dia de gravação?”, “está bem” e lá fui. Na altura, virou piada entre os meus amigos que eu tinha sido o gajo que tinha ganho o maior concurso público (aquilo ainda foram uns bons milhares a candidatarem-se). Se calhar, hoje, já se candidatam mais para o *The Voice* ou o *Got Talent* ou qualquer coisa assim desse género. Mas, naquela altura, foram muitos milhares de norte a sul do país e acabou por ser engraçado. Voltando à pergunta, basicamente fui acumulando experiência. Se valia a pena ter estudado? Acho que sim, não se perdia nada, mas fui acumulando experiência, fui observando, fui vendo e, ainda hoje, vejo e observo e interiorizo.

Já passaste por vários slots horários, por vários blocos noticiosos. Há algum com que te identifies mais? Porque apresentar o Diário da Manhã não é a mesma coisa que apresentar o Jornal das 8.

Eu identifico-me mais com o Diário da Manhã.

A questão é o bloco de notícias porque o Jornal das 8 é o Jornal das 8.

Pronto, mas isso é o jornal *premium* da estação.

Por isso mesmo é que eu estou a perguntar, até porque tu já apresentaste o Jornal das 8 várias vezes.

Se me pões a pergunta “qual o jornal com que mais te identifies” eu dir-te-ia que é o Diário da Manhã porque tem uma velocidade, tem o senão da repetição, mas quando aquilo está a arrancar nas primeiras horas tem a velocidade de apresentação das notícias e a chamar para aquilo que aconteceu durante a noite ou que está para acontecer ou quando há alguns diretos ou quando há entrevistas em estúdio sobre a defesa do consumidor ou sobre a saúde ou sobre a política ou sobre a economia ou sobre

desporto... Aquilo é tudo uma vasta pantalha de assuntos que é desafiante. É extremamente estimulante e extremamente desafiante. Tem o senão do horário que é tramado. É um despertar muito cedo. Mas eu sou uma pessoa que desperta bem mesmo com poucas horas de sono. E era uma coisa que causava até alguns nervos, no sentido positivo da palavra, com o pessoal com quem eu trabalhava no Diário da Manhã... O ritmo com que eu lá chegava, e chegava lá às 4h ou 4:30h, e ‘tá a andar. Ainda alguns estavam “calma, calma, calma”. Tenho essa capacidade. Portanto, se me perguntas qual é o desafio mais estimulante, é o Diário da Manhã. Acontece de tudo. É meteorologia, é trânsito, é entrevistas, é diretos, é apresentação regular de noticiários, é a passagem para a economia.

Mas não ambicionas o Jornal das 8, num bom sentido?

Eu ambiciono fazer o trabalho o melhor que possa. Em termos de ambicionar chegar à apresentação do Jornal das 8, acho que isso, a acontecer, será uma consequência natural.

Isso é um objetivo?

Não, não tenho esse objetivo. Até porque eu acho que há muitas pessoas na TVI que estão muito bem preparadas e fazem-no com muita qualidade. Portanto, acho que está muito bem entregue o Jornal das 8. E não estou aqui a ser politicamente correto. Acho que a Cristina Reyna apresenta muito bem, a Rita Rodrigues apresenta muito bem, a Lurdes Baeta apresenta muito bem, o Paulo Salvador ao seu estilo... Atenção, que ele tem um estilo muito diferente de nós todos, com uma parte mais personalizada.

Sim, é um pivô à americana.

Sim, o “ao seu estilo” não é depreciativo. É porque ele tem de facto um estilo próprio de apresentação de jornais e até de reportagens. E portanto, voltando um bocadinho atrás, acho o formato do Diário da Manhã estimulante, como o formato da TVI24 por causa disto, dos diretos, das entrevistas, do imprevisto. Eu gosto dessa adrenalina. E digo: quem estiver pronto e for capaz de apresentar o Diário da Manhã bem, é capaz de apresentar qualquer um dos outros jornais da TVI. Não tenho dúvidas nenhuma disso.

